

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

RAFAEL HERCULANO DE ANDRADE

NEGACIONISMO NO *YOUTUBE*:

Um “Brasil Paralelo” a serviço das novas direitas.

Guarulhos

2022

RAFAEL HERCULANO DE ANDRADE

NEGACIONISMO NO *YOUTUBE*:

Um “Brasil Paralelo” a serviço das novas direitas.

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), como parte dos requisitos necessários à obtenção da Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Franzini

Guarulhos

2022

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Andrade, Rafael.

Negacionismo no *YouTube*: Um “Brasil Paralelo” a serviço das novas direi-
tas. / Rafael Herculano de Andrade. – 2022. – 224 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História). – Guarulhos :
Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Franzini.

Negationism on YouTube: A “Brasil Paralelo” at the service of the new
rights.

1. Brasil Paralelo. 2. Novas Direitas. 3. Negacionismo. 4. Neoliberalismo. 5.
Olavismo. 6. *Think Tank*. 7. *YouTube*. I. Franzini, Fábio, orient. II. Título.

RAFAEL HERCULANO DE ANDRADE

NEGACIONISMO NO *YOUTUBE*:

Um “Brasil Paralelo” a serviço das novas direitas.

Monografia submetida ao corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), como parte dos requisitos necessários à obtenção da Licenciatura em História.

Aprovação em: 16 de fevereiro de 2022.

Orientador Prof. Dr. Fábio Franzini
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Prof. Dr. Fernando Seliprandy Fernandes
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Tula e Ronaldo, por terem apoiado os meus estudos do início ao fim. Sem esse apoio eu sequer entraria para a Universidade e conseqüentemente este trabalho não seria possível. Sou um dos raros membros da minha família que teve a oportunidade de ingressar e terminar o ensino superior. Relato este triste fato não para me vangloriar, já que este feito nada tem a ver com meritocracia, mas para ressaltar o peso da desigualdade estrutural que ainda impera neste país. Nesse sentido, também sou grato aos governos Lula e Dilma pois, ainda que eu possa ter críticas – à esquerda – a esses governos, seria injusto de minha parte não reconhecer a expansão do acesso ao ensino superior que esses presidentes realizaram no Brasil, expansão essa igualmente fundamental para o meu ingresso na universidade.

À minha irmã Michele e à minha sobrinha Helena, por também terem me apoiado como puderam e compreendido o motivo das minhas frequentes ausências em reuniões de família.

À minha madrinha Lucilene, por ter sido fundamental na minha criação, sobretudo quando eu ainda estava no ensino fundamental e médio.

À minha amiga Acsa pela longa amizade desde o ensino médio e por gentilmente ter ajudado a revisar as traduções deste trabalho.

Às amigas feitas na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). No final das contas, para além dos motivos supracitados, o que segura o estudante na Universidade são as relações estabelecidas nesse ambiente. Por isso sou grato à Ana Beatriz, Fabiana, Mariana, Paula e Tainara pela parceria e por terem tornado a minha experiência universitária mais agradável nesses anos todos.

À Unifesp, pelo acolhimento e me possibilitado uma formação enriquecedora. Aos professores do Departamento de História do Campus Guarulhos, especialmente ao meu orientador, o professor Fábio Franzini, pela parceria em todo o processo de pesquisa, sempre muito paciente, gentil e por todas as sugestões ao longo desse processo. Por mais que este tema de pesquisa tenha me acompanhado em toda a minha trajetória acadêmica, eu sequer seria capaz de chegar neste recorte não fosse a orientação. Saber escolher o orientador no projeto de pesquisa é fundamental.

Também às professoras Andréa Slemian, cujas críticas construtivas na disciplina Monografia I foram fundamentais para que este trabalho tomasse o formato que adquiriu; e

Mariana Villaça, por ter ofertado a disciplina História e Cinema, igualmente importante para a realização deste trabalho.

Por fim, mas não menos relevante, à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), por ter me aberto as portas do ensino superior e ter sido igualmente vital na minha formação. Agradeço as amizades feitas no Campus Carreiros, Carol, Flávio, Gilberto, João Vitor, Mayeli e Ricardo, bem como os professores do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI), em especial José Vicente de Freitas, cujas aulas de Teoria da História mudaram radicalmente minha percepção sobre História e ciência; e Odilon Caldeira Neto, que eu tive o prazer de conhecer pouco antes de realizar minha transferência para a Unifesp. Os seus artigos constituem parte das principais referências bibliográficas desta monografia.

*Se expande la miseria
Por todo el planeta
Y hay muchos caretas
Que piensan que la meta*

*Capitalista que todos
Podamos tener algún día
La camioneta...
Que cabeza mas concheta*

*Tienen plena confianza en esta mierda
Y se piensan que esa paz
Esa paz que te da el poder de explotar
Esa paz que te da el poder de emplear
Se expande en el planeta
Todos sabemos que la meta es la plata
La merca, las armas y la cometa
Todos sabemos que te están saqueando
Al primer mundo están emparchando*

*Lo que realmente se expande por el mundo
Es la muerte de este sistema inmundo
Se expande en el planeta
La resistencia a este sistema y es un enema
¡Salta la bronca y es un bochorno!
Quien no saben que son todos chorros*

*Si te enteraste hoy serás de Capital
Si queda un puesto de laburo
Seguro que esta acá por comer un da mas
Me puedo concentrar y no pensar...
Descansar el balero
Esa es la enema para el obrero*

*Organización internacional
Revolucionaria contra el capital
Contra los burócratas
Contra la patronal
Contra el Fondo Monetario Internacional*

Hernán "El Cabra" Carlos de Vega

História não é opinião, história não é para aventureiros. História é profissão.

Fábio Franzini

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade compreender o negacionismo produzido por grupos de direita na internet tendo em vista os interesses políticos e ideológicos por trás dessas produções. Para tal, foi feito um recorte, onde a análise se concentrou em torno da empresa Brasil Paralelo e no seu produto audiovisual *1964 – O Brasil entre armas e livros*, publicado em seu respectivo canal do *YouTube*. Apesar de seu caráter empresarial, esta produtora de filmes-documentários negacionistas foi aqui concebida como um *think tank* neoliberal-olavista, a julgar por sua conexão com uma rede de outras organizações desta mesma natureza, bem como com Olavo de Carvalho, notório autor de teorias da conspiração. Deste modo, a reconstituição do processo histórico que condicionou a formação dessa rede foi aqui contemplado. Também se objetiva aprofundar o debate acerca do conceito de negacionismo histórico, dando luz às suas especificidades teóricas e históricas.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; Novas Direitas; Negacionismo; Neoliberalismo; Olavismo; *Think Tank*; *YouTube*.

ABSTRACT

This work is aimed at understanding the negationism produced by right-wing groups on the internet considering the political and ideological interests behind these productions. In order to do so, a selection was made, where the analysis was focused around the Brasil Paralelo company and its audiovisual product *1964 – Brazil between weapons and books*, published in its respective YouTube channel. Despite its corporate nature, this producer of denialist documentary films was conceived here as a neoliberal-olavist think tank, judging by its connection with a network of other organizations of the same nature, as well as with Olavo de Carvalho, notorious author of conspiracy theories. Therefore, the reconstitution of the historical process that conditioned the formation of this network was contemplated here. It is also aimed to deepen the debate about the concept of historical negationism, giving light to its theoretical and historical specificities.

Keywords: Brasil Paralelo; New Right; Negationism; Neoliberalism; Olavismo; Think Tank; YouTube.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico acerca do crescimento da Brasil Paralelo (2016-2020).....	75
Figura 2 - Captura de tela do <i>YouTube</i>	88
Figura 3 - Núcleo duro da Brasil Paralelo.....	91
Figura 4 - Manifestantes pró e contra golpe entram em confronto na Paulista.....	147
Figura 5 - Eduardo Bolsonaro presta homenagem à torturador da ditadura militar.....	153
Figura 6 - Logo Brasil: A última cruzada (1).....	159
Figura 7 - Logo Brasil: A última cruzada (2).....	159
Figura 8 - Logo Brasil: A última cruzada (3).....	159
Figura 9 – Olavo de Carvalho.....	171
Figura 10 - O Globo noticiando o golpe (1).....	177
Figura 11 - O Globo noticiando o golpe (2).....	177
Figura 12 – Paulo Freire.....	186

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1. Novas direitas? Junho de 2013 e os <i>think tanks</i> neoliberais.....	19
1.1. As jornadas de junho de 2013 provocaram a ascensão das “novas” direitas no Brasil?.....	19
1.2. Neoliberalismo: origens históricas e hegemonia.....	34
1.3. Formação dos <i>think tanks</i> neoliberais.....	45
1.4. Olavo de Carvalho e os “novos” <i>think tanks</i> neoliberais.....	54
Capítulo 2. Um “Brasil Paralelo” a serviço das novas direitas.....	68
2.1. Brasil Paralelo: <i>think tank</i> neoliberal-olavista.....	68
2.2. <i>YouTube</i> como <i>modus operandi</i> : a nova direita por excelência.....	83
Capítulo 3. Neoliberalismo: uma ideologia negacionista? Revisão historiográfica, revisionismo e negacionismo histórico: usos históricos e diferenças conceituais.....	102
3.1. Revisão historiográfica.....	102
3.2. Revisionismo histórico.....	109
3.3. Negacionismo histórico.....	114
3.4. Negacionismo histórico neoliberal.....	119
3.5. Marxismo Cultural: uma teoria da conspiração da ideologia dominante?.....	130
Capítulo 4. Negacionismo ou revisionismo? 1964 – O Brasil entre armas e livros.....	146
4.1. 1964: Memórias em disputa sob à luz da Guerra Cultural Olavista.....	146
4.2. Análise fílmica: o documentário como objeto.....	155
4.3. Guerra Fria.....	159
4.4. 1964: Golpe ou Revolução?.....	166
4.5. A luta armada e a hegemonia cultural das esquerdas.....	182
4.6. Seção de comentários do documentário no <i>YouTube</i>	189
Conclusão.....	192
Fontes e Referências Bibliográficas.....	196

INTRODUÇÃO

Seria injusto começar este trabalho sem destacar a data cuja qual o mesmo certamente não existiria. Refiro-me a junho de 2013, fato esse que é um marco para a nossa história do tempo presente, haja vista que as “jornadas de junho”, como ficariam conhecidas, mudariam a sociedade brasileira de tal maneira que ainda hoje tentamos compreender o processo histórico iniciado por esse fenômeno.

Entretanto, no que se refere a esta monografia, a importância que essa data possui se dá antes no nível individual do que no social. Isso porque em 2013, após deixar o ensino médio, eu decidi que queria virar historiador.

Engana-se quem pensa que essa motivação se deu por conta do período em que passei na escola ou por algum interesse pessoal prévio. Pelo contrário, até 2012, data que terminei o 3º ano, o interesse que eu tinha por essa disciplina era insignificante. Quando entrei no cursinho pré-vestibular no ano seguinte, o objetivo era passar em alguma universidade pública para cursar Ciência da Computação ou me formar em alguma área correlata¹.

O processo de estudar para o vestibular te obriga a se interessar por todas as disciplinas do ensino médio. A partir daí, comecei a me importar até mesmo com aquelas disciplinas cujas quais eu apreciava menos do que a História, como as pertencentes à categoria das chamadas ciências da natureza.

Todavia, a curiosidade pela História, ao ponto de querer prestar vestibular para o curso e trabalhar com essa ciência, emergiu e se consolidou em consequência das jornadas de junho. A partir daí, eu passei a enxergar esta ciência como um meio de compreender a realidade social no qual eu estava inserido. Era como se eu tivesse “despertado” como agente histórico, tomado consciência.

As manifestações que lotaram as ruas do país após o dia 6 daquele mês impactaram imediatamente aqueles que estavam no Brasil naquele momento. Seja daqueles que queriam fazer parte do movimento do “gigante que havia acordado” ou daqueles que queriam compreender o fenômeno em ascensão. Eu me encontrava no meio desta encruzilhada. Queria participar, mas antes entender o que estava acontecendo.

¹ Possivelmente estaria hoje mais endinheirado e mais saudável do ponto de vista da saúde mental, mas honestamente não possuo arrependimentos. Há certas coisas na vida que são inegociáveis, o compromisso com a consciência e a luta de classes é uma delas.

Em poucas semanas, os protestos que haviam se iniciado devido ao aumento do preço da passagem no transporte público, deixariam de ser “apenas pelos 20 centavos”, mas contra o sistema político como um todo. Com a saída do Movimento Passe Livre (MPL), que até então organizava esses atos, abriu-se um vácuo nas ruas, de modo que o movimento em ascensão seria disputado pelas esquerdas e pelas direitas.

À época, eu sequer sabia o que significava ser de esquerda ou de direita. Antes de entrar para o curso de História em 2015 na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o meio que eu utilizava para estudar esses conceitos e o fenômeno em questão, se deu através da internet, sobretudo mediante canais do *YouTube*. Fato esse que me causou mais dúvidas do que esclarecimentos, haja vista que à época os canais de divulgação científica nesta plataforma eram um tanto escassos e a polarização política já se fazia acirrada, o que me possibilitou conhecer algumas das figuras controversas que aparecem nesta monografia.

Deste modo, quando finalmente consegui ingressar na universidade pública em 2015, eu não fazia nem de longe o perfil esperado de um estudante de História, isto é, politizado e à esquerda, embora eu já tivesse uma predisposição ideológica mais alinhada a esta forma de pensamento, devido ao fato de ser ateu e desde cedo me posicionar de modo contrário ao conservadorismo.

Entretanto, quando decidi que queria estudar esta ciência, me comprometi a deixar o preconceito de lado para dar lugar à dúvida. Estava genuinamente disposto a compreender o que era a direita, mesmo já possuindo algumas ressalvas. No ano do meu ingresso, Dilma Rousseff iniciava seu segundo mandato presidencial. Naquele momento, as manifestações “apartidárias” promovidas pelas jornadas de junho, já haviam sido cooptadas pelas direitas. A pauta do movimento havia passado a ser o *impeachment* da presidente reeleita. Sendo coerente com a postura que eu vinha adotando desde 2013, continuei acompanhando canais mais voltados para a direita, como o dos *youtubers* Luis Fernando Moura (Nando Moura), Arthur do Val (Mamãe Falei), Olavo de Carvalho, Rodrigo Constantino e dentre outros.

No entanto, não tardou para que as minhas dúvidas a esse respeito sanassem. Não só por conta das pautas geralmente associadas às direitas serem contrárias a interesses e valores que defendo e acredito, mas sobretudo pela forma como essas figuras da internet defendiam suas ideias, se valendo de argumentos rasos e desonestos intelectualmente, por vezes se furtando do debate intelectual para fazer ataques de cunho pessoal aos seus adversários, quase sempre recheados de discurso de ódio.

Uma das coisas que mais me incomodavam nessa “onda conservadora” em nítida ascensão, era notar que essas figuras cresciam cada vez mais através das redes sociais, se tornando relevantes para a opinião pública. Figuras essas que cresceram atacando e descredibilizando, entre outras coisas, a ciência e a profissão que eu havia decidido trilhar.

Além disso, como se sabe, pessoas conhecidas na internet frequentemente se tornam famosas em âmbito nacional, sendo vistas como figuras de maior credibilidade quando expressam suas opiniões sobre os mais variados assuntos do que os especialistas nesses mesmos assuntos. Nesse sentido, me revoltava – e ainda revolta – ver a ciência cuja qual eu e meus colegas de profissão dedicamos as nossas vidas em estudo, sendo distorcida por charlatões para fins políticos, ideológicos e comerciais, como se nós fossemos os falsários.

Não obstante, se em 2015 eu já me queixava dessas questões, a ascensão das novas direitas não havia chegado ainda ao seu ápice. Além do golpe que tiraria a presidente Dilma do poder em 16, dois anos depois deste fato, precisamente o candidato idolatrado por essas figuras de direita da internet, o “mito”, Jair Messias Bolsonaro, seria eleito.

Quando este último ganhou a eleição no dia 28 de outubro de 2018, a maior parte dos analistas políticos trataram a sua vitória como um fato surpreendente. Para quem acompanhava os grupos que o apoiaram ao longo da década passada, não foi nenhuma surpresa. Era algo bastante aguardado, embora nem por isso menos preocupante e deprimente.

O que eu não esperava era que, como se não bastasse, em 2020 o mundo entraria em pandemia, e justamente o presidente eleito pelos grupos que passaram os últimos anos atacando não só a História, mas igualmente as outras ciências, seria o nosso governante em um contexto como esse, em que o conhecimento científico se faz tão necessário.

No ano anterior, no dia 26 de abril de 2019, o então ministro da educação do governo Bolsonaro, Abraham Weintraub, usando a Filosofia como exemplo, sugeriu acabar com este e os demais cursos de ciências humanas, como a História, uma vez que as humanidades supostamente não gerariam “retorno” tal qual os cursos voltados para a área da saúde e tecnologia². Foi precisamente este fato o estopim que faltava para transformar a minha revolta diante do que estava acontecendo em pesquisa: 24 horas depois deste fato, procurei o professor Fábio Franzini, que havia ministrado a disciplina Teoria da História II em 2018, para ser o meu orientador, manifestando a vontade de pesquisar algo cuja temática se desse em torno das novas

2 MINISTRO da educação: “Pode estudar Filosofia? Pode. Com dinheiro próprio”. **Fórum**, [S.I.], 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/ministro-da-educacao-pode-estudar-filosofia-pode-com-dinheiro-proprio/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

direitas e do negacionismo histórico. Nessa época eu já havia feito a minha transferência para a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

O leitor que não me conhece deve estar se perguntando o motivo dessa dupla migração Rio Grande do Sul-São Paulo e vice-versa. Explico: nasci no estado paulista, mas como é sabido, o processo seletivo do vestibular costuma ser bastante concorrido e conseqüentemente excludente, especialmente na região sudeste do país. Mesmo após a evidente expansão do acesso ao ensino superior promovida pelos governos Lula e Dilma, este processo permanece muito limitado no que tange ao número de vagas, não contemplando a todos.

Tivesse eu esperado pela chamada “lista de espera” daquele ano, possivelmente teria ingressado na Unifesp em 2015, mas optei por não correr o risco de ficar outro ano estudando para o Enem e demais vestibulares. Nesse sentido, aproveitando que uma amiga de São Paulo estudava psicologia na cidade de Rio Grande, optei por concorrer a uma vaga do curso de História da FURG e por lá iniciei minha graduação.

Apesar dessas idas e vindas³, não possuo nenhum arrependimento nessa “escolha”⁴. Foi muito enriquecedor academicamente e individualmente estudar em duas universidades, em estados diferentes, com culturas diversas e conhecer pessoas como eu, que também vieram de outras regiões do país. Guardo boas lembranças desse período.

Mas, retomando à pesquisa propriamente dita: por diferentes razões, esta só se iniciou de fato a partir de 2020, quando eu e o professor Franzini definimos qual seria o meu objeto de pesquisa. Embora já estivesse familiarizado com os principais canais de direita do *YouTube*, até então eu só conhecia a Brasil Paralelo por nome. A sugestão de pesquisar a produtora de filmes-documentários negacionistas acerca da História do Brasil – cujos quais são “vendidos” sob a propaganda de revelar uma suposta “verdade” escondida pelos professores de história, todos apresentados de forma generalizada como seres abjetos que realizam lavagem cerebral nos estudantes – se deu através do meu orientador, a quem sou muito grato pois, por meio da pesquisa a respeito deste objeto, pude compreender melhor o fenômeno que me motivou a virar historiador, o qual se relaciona diretamente com a história deste objeto.

Entretanto, não é só de motivação pessoal que se faz pesquisa científica. Em conformidade com o postulado da tradição historiográfica dos *Annales*, uma das características constituintes do ofício do historiador é responder aos problemas do seu tempo. Nesse sentido,

3 A transferência para a Unifesp se deu em 2017.

4 Ao contrário do que o discurso meritocrático neoliberal prega, quando as “escolhas” são calcadas em necessidades materiais concretas, não é possível falar precisamente em escolha, de modo genuíno.

os diferentes negacionismos científicos que assolam o nosso contexto histórico se apresenta como a principal justificativa acadêmica para a produção desta monografia. Vivemos em um período onde consensos científicos básicos passaram a ser motivo de contestação. Deste modo, teses sem nenhum respaldo da ciência passaram a ser normalizadas como alternativas válidas aos consensos, ao ponto de parecer razoável sugerir que a terra é plana, que o aquecimento global não existe, que o nazismo é de esquerda, que em 64 não houve um golpe civil-militar no Brasil, que o racismo não existe, que vacinas não funcionam e dentre outros exemplos igualmente absurdos.

Tudo passou a ser tratado como mera “questão de opinião”, ao ponto de haver nos dias atuais aqueles que defendem o “direito” de ir e vir dos grupos antivacinas, como se esses últimos estivessem com as suas liberdades individuais sendo restringidas – desconsiderando que, precisamente a “liberdade de ser negacionista”, neste caso, tem colocado a saúde pública em risco, ferindo as liberdades de outrem, oferecendo perigo comprovado à vida de terceiros. Argumentar a favor do óbvio, passou a ser necessário.

No que tange ao negacionismo histórico propriamente dito, ao tomar a *Brasil Paralelo* e o seu filme negacionista sobre o golpe de 64 como objeto de estudo, o objetivo desta pesquisa se concentrou em explicar as especificidades deste negacionismo, procurando identificar os interesses políticos e ideológicos por trás desta produção.

Após assistir *1964 – o Brasil entre armas e livros* (2019), bem como outros documentários desta produtora, pude verificar que alguns entrevistados apareciam frequentemente nessas produções. Dentre eles, o escritor de livros de teoria da conspiração de extrema direita, Olavo de Carvalho. Mas também representantes de setores dos mais variados das novas direitas, congregando desde figuras como Luiz Philippe de Orléans e Bragança, deputado que se apresenta como descendente da família imperial, assim como Hélio Marcos Coutinho Beltrão e Lucas Berlanza, respectivamente membros dos *think tanks* neoliberais Instituto Mises Brasil e Instituto Liberal.

Como em toda pesquisa recortes são necessários, decidi concentrar a minha análise no alinhamento ideológico da *Brasil Paralelo* com essas organizações e Olavo de Carvalho. Alinhamento esse que se deu de tal modo que, a despeito desta produtora ser antes uma empresa, nesta pesquisa a mesma foi pensada como um *think tank*.

A relação entre esses agentes das novas direitas se faz perceptível no âmbito do discurso e na trajetória. Nesse sentido, no que concerne à epistemologia da História enquanto ciência, sabemos que as ideias não podem ser desvinculadas das estruturas históricas que as

condicionam. Sendo assim, no primeiro capítulo desta monografia, busquei reconstituir e problematizar o processo histórico que viabilizou a existência desses agentes históricos, sem o qual suas ideias se fazem incompreensíveis.

Em seguida, no segundo capítulo concentro a análise no agente histórico que é o objeto de estudo deste trabalho, a Brasil Paralelo, explicando suas particularidades internas, os seus interesses políticos e ideológicos, bem como sua forma de atuação. Assim, tendo em vista que esta última se dá sobretudo através do *YouTube*, também nesse capítulo há uma análise desta plataforma, explicando o *modus operandi* desta produtora no *ciberespaço*.

Após reconstituir o processo histórico material que condicionou a existência das novas direitas e conseqüentemente as suas ideias, no terceiro capítulo, me concentro nessas últimas, fazendo jus ao caráter pretensiosamente dialético que orienta este trabalho, onde realizo uma análise teórica e histórica acerca dos conceitos de revisionismo e negacionismo histórico, esclarecendo as suas diferenças e explicitando a especificidade do que chamo de negacionismo histórico neoliberal. Este último, como se verá, é aqui concebido de modo associado à teoria da conspiração do marxismo cultural, pensada como um dos produtos desta forma específica de negacionismo.

No quarto e último capítulo, a análise do trabalho se direciona a um dos produtos da Brasil Paralelo, o supracitado *1964 – o Brasil entre armas e livros*, problematizando o seu discurso histórico. Para tal, parti do pressuposto epistemológico de que: para tipos diferentes de fontes, se requer diferentes abordagens metodológicas. Deste modo, comecei pela singularidade do objeto em questão, ou seja, o documentário enquanto gênero fílmico. Além do mais, em se tratando de um filme que se pretende “historiográfico”, a tal ponto de propor uma “revisão” sobre o golpe e a ditadura militar de 64, o mesmo foi confrontado com a historiografia acadêmica acerca do tema, com a finalidade de expor a fragilidade de seu “método” pretensamente “historiográfico”, isto é, o seu anticientificismo; para finalmente, mas não menos importante, situá-lo no debate feito no capítulo anterior, referente ao revisionismo e ao negacionismo histórico.

O referencial teórico utilizado nesses três capítulos será devidamente apresentado no decorrer dos mesmos, sendo desnecessário cansar o leitor de imediato.

Por fim, quero concluir esta introdução retomando 2013. Há uma perspectiva pejorativa sobre as jornadas de junho que limita este fato à sua posterior cooptação pelas direitas, enxergando-o como um evento acabado após o golpe de 2016 e as eleições de 2018. Em se tratando de história do tempo presente, análises assertivas estão fadadas à equívocos dos mais

variados, entretanto, sob a ótica deste que é um dos contemporâneos e se reconhece como um produto deste processo histórico, este não só me parece permanecer em curso, mas em disputa.

Além do mais, apesar de todos os retrocessos políticos e históricos cujos quais nos afligem, 2013 também trouxe consequências positivas. Modéstia à parte, não fui o único a tomar consciência histórica naquele ano. Se as direitas venceram, isto se deve ao fato de estarem mais organizadas politicamente, e claro, desigualmente emponderadas economicamente. No entanto, a despeito desta hegemonia, a resistência existe e é significativa.

Esta visão derrotista sobre o evento em questão me parece contraproducente. Se desconsidera as enriquecedoras possibilidades que o mesmo trouxe, cujas quais permanecem em jogo. Uma nova esquerda revolucionária está emergindo. Sua hegemonia há de ser conquistada. A luta de classes urge!

CAPÍTULO 1.

NOVAS DIREITAS? JUNHO DE 2013 E OS *THINK TANKS* NEOLIBERAIS.

Este capítulo tem como finalidade explicar o processo histórico que condicionou a existência do objeto de estudos desse trabalho, a Brasil Paralelo (BP). Este mesmo processo suscita questões como: existe uma nova direita no Brasil? O que caracteriza e o que objetiva esta direita?

1.1. As jornadas de junho de 2013 provocaram a ascensão das “novas” direitas no Brasil?

A segunda década do século XXI foi marcada pela ascensão de políticos de direita e de extrema direita mundo afora⁵. Nesse sentido, destacaram-se Donald Trump (Estados Unidos), Marine Le Pen (França), Emmanuel Macron (França), Viktor Orbán (Hungria), Matteo Salvini (Itália), Jarosław Kaczyński (Polônia), Mauricio Macri (Argentina), Sebastián Piñera (Chile), Mario Abdo (Paraguai), Jeanine Áñez (Bolívia).

No Brasil, para além do golpe de Estado iniciado no dia 12 de maio de 2016⁶ e concretizado no dia 31 de agosto daquele ano⁷ que tirou do poder a presidente democraticamente eleita, Dilma Rousseff (PT), tivemos a eleição em 28 de outubro de 2018⁸ do político de extrema direita, defensor do golpe de 64⁹, da tortura¹⁰, da morte de adversários

5 ANDERSON, Perry. **Brasil à parte: 1964-2019**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. p. 121; FOLHAPRESS. A Ascensão da direita é um fenômeno de escala planetária. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/ascensao-da-direita-e-um-fenomeno-de-escala-planetaria-8tl2st19dwn8ngh4itkaaswz7/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

6 BENITES, Afonso; BEDINELLI, Talita. Senado afasta Dilma Rousseff do poder. **El País**, São Paulo, 12 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463009295_743361.html> Acesso em: 3 dez. 2021.

7 RUFFATO, Luiz. O golpe contra Dilma Rousseff. **El País**, São Paulo, 1 set. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html> Acesso em: 3 dez. 2021.

8 MAZUI, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. **G1**, Brasília, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

9 VEJA 10 frases polêmicas de Bolsonaro sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/veja-10-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-o-golpe-de-1964-e-a-ditadura-militar.shtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

10 Ibidem.

políticos¹¹, que é abertamente machista¹², LGBTQIA+fóbico¹³, racista¹⁴, anticomunista¹⁵, contrário ao Estado laico¹⁶, à ciência, ao ponto de ter se negado a comprar vacinas contra o coronavírus (covid-19)¹⁷ durante a pandemia que se iniciou em 2020¹⁸, fato este que contribuiu diretamente para com a morte de mais de 600 mil brasileiros no momento em que este texto está sendo redigido¹⁹, bem como na propagação de *fake news*²⁰, teorias da conspiração²¹, e que além de tudo abrigou em seu governo pessoas que fizeram apologia ao nazismo²², Jair Messias Bolsonaro (sem partido)²³.

11 Ibidem; PODER360. **No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela - 1º.set.2018.** Brasília: [s. n.], 3 set. 2018. 1 vídeo (37 seg). Publicado pelo canal Poder360. Disponível em: <<https://youtu.be/p0eMLhCcbyQ>> Acesso em: 3 dez. 2021.

12 REVISTAISTOÉ. **"Não estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário.** São Paulo: [s.n.], 9 dez. 2014. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal revistaISTOÉ. Disponível em: <<https://youtu.be/LD8-b4wvIjc>> Acesso em: 3 dez. 2021.

13 "TER filho gay é falta de porrada", diz Bolsonaro. **Portal Geledés**, 7 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

14 OPERA MUNDI. **Afrodescendentes de quilombos 'não servem nem para procriar', diz Bolsonaro na Hebraica do Rio.** São Paulo: [s. n.], 5 abr. 2017. 1 vídeo (53 seg). Publicado pelo canal Opera Mundi. Disponível em: <<https://youtu.be/lcXJNGhUQy8>> Acesso em: 3 dez. 2021.

15 SOARES, Ingrid. Bolsonaro no Maranhão: "Vamos mandar embora o comunismo do Brasil". **Correio Brasileiro**, Brasília, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/politica/2020/10/4885472-bolsonaro-no-maranhao-vamos-mandar-em-bora-o-comunismo-do-brasil.html>> Acesso em: 3 dez. 2021.

16 JORNAL DA GAZETA. **Bolsonaro diz que quer ministro "terrivelmente evangélico" no Supremo.** São Paulo: [s.n.], 10 jul. 2019. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Jornal da Gazeta. Disponível em: <<https://youtu.be/HhkPCLTs57c>> Acesso em: 3 dez. 2021.

17 GUEDES, Octavio. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. **Blog do Octavio Guedes**, Rio de Janeiro, 27 abr. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>> Acesso em: 5 dez. 2021; GOVERNO Bolsonaro recusou vacina a 50% do valor pago por EUA e Europa. **Poder360**, Brasília, 7 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/governo-bolsonaro-recusou-vacina-a-50-do-valor-pago-por-eua-e-europa/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

18 MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

19 SILVA, Camila Rodrigues et al. Brasil atinge 600 mil mortes por Covid com pandemia em desaceleração. **G1**, 8 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/08/brasil-atinge-600-mil-mortes-por-covid-com-pandemia-em-desaceleracao.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

20 AOS FATOS. Em 1066 dias como presidente, Bolsonaro deu 4490 declarações falsas ou distorcidas. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/todas-as-declaracoes-de-bolsonaro/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

21 CARBONI, Nivaldo. Bolsonaro diz que vai apresentar projeto para proibir "ideologia de gênero". **Poder360**, Brasília, 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-vai-apresentar-projeto-para-proibir-ideologia-de-genero/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

22 GÓES, B. ARAGÃO, H; SOARES, J. Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa onda de indignação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jan. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>> Acesso em: 3 dez. 2021; FILIPE Martins, assessor de Bolsonaro, vira réu por racismo após gesto supremacista. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/23/filipe-martins-assessor-de-bolsonaro-vira-reu-por-racismo-apos-gesto-supremacista>> Acesso em: 3 dez. 2021.

23 Disputou as eleições como candidato do PSL.

Tais fatos tiveram expressivo apoio popular nas ruas e na internet – embora seja importante lembrar que em 2018 o candidato que aparecia em primeiro nas pesquisas para as eleições presidenciais daquele ano, Luiz Inácio Lula da Silva (PT)²⁴, foi preso injustamente²⁵, o que contribuiu de forma decisiva para a eleição de Bolsonaro –, resultado de uma conjuntura de crise política e econômica, que a nível nacional teve como marco inicial as chamadas jornadas de junho de 2013 pelo passe livre em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas que rapidamente se expandiriam para uma série de outras reivindicações pelos outros estados do país, de modo que meses depois as manifestações seriam cooptadas pelas direitas para se opor ao governo Dilma, sobretudo no ano seguinte com a realização da Copa do Mundo no Brasil, bem como para o seu *impeachment* após a sua vitória eleitoral em 2014, conforme observou o historiador Perry Anderson: “Três meses depois, ao menos 2 milhões de pessoas lotaram as ruas das principais cidades do país, em grandes manifestações que exigiam sua saída. [...] o PSDB de Aécio Neves e seus aliados tomaram medidas no Congresso para promover um *impeachment*”²⁶.

Essas manifestações ficaram marcadas por um sentimento de “antipolítica” por parte significativa da população brasileira – sobretudo no setor da classe média, destacando-se profissionais liberais e estudantes universitários –, isto é, não no sentido de que as pessoas perderam o interesse pela política, haja vista que o processo iniciado pelas jornadas bateria recordes históricos no que diz respeito a quantidade de manifestantes²⁷ e que temas vinculados à esfera política tomariam conta do debate público através das redes sociais, mas no sentido de demonizar tudo o que significa esta esfera uma vez que parte da população não se sentia mais representada pelo *establishment*, dando lugar a valores privados, empresariais e correlacionados, tais como o empreendedorismo, a gestão, o individualismo e a meritocracia: a

24 SEM Lula, Bolsonaro lidera e disputa por vaga no segundo turno se acirra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jan. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1954606-sem-lula-disputa-por-vaga-no-segundo-turno-se-acirra.shtml>> Acesso em: 6 dez. 2021.

25 Em 2021, Lula recuperou seus direitos políticos, e o juiz que o condenou, Sergio Moro, declarado como suspeito: OLIVEIRA, R. Fachin anula condenações de Lula na Lava Jato de Curitiba e ex-presidente recupera direitos políticos. **El País**, São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-08/fachin-anula-condenacoes-de-lula-na-13-vara-federal-de-curitiba-e-ex-presidente-recupera-direitos-politicos.html>> Acesso em: 3 dez. 2021; MARIZ, A. Maioria vota a favor da decisão que considerou Moro suspeito para julgar Lula. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/maioria-vota-favor-da-decisao-que-considerou-moro-suspeito-para-julgar-lula-24983037>> Acesso em: 3 dez. 2021.

26 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 92.

27 PROTESTOS de domingo (13) foram o maior ato político da história do Brasil. **Bom dia Brasil**, São Paulo, 14 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/03/protestos-de-domingo-13-foram-o-maior-ato-politico-da-historia-do-brasil.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

exemplo disso foram as vitórias eleitorais para prefeito (2016) e governador (2018) da cidade e do estado de São Paulo, do empresário e ex-apresentador do *reality show O Aprendiz*, João Doria (PSDB).

Por sua vez, a falta de representatividade para com a política não se deu por acaso, levando-se em conta os escândalos de corrupção como o “mensalão” e aqueles denunciados pela Operação Lava-Jato, potencializados e manipulados de forma sensacionalista pela chamada mídia tradicional, de modo que esta antipolítica frequentemente fosse direcionada quase que exclusivamente ao Partido dos Trabalhadores, assumindo a forma de um antipetismo:

Após semanas de vazamentos que expunham o PT, a revista [*Veja*] publicou uma reportagem de capa poucas horas antes da votação presidencial de 2014, estampando os rostos de Lula e Dilma envoltos por uma penumbra macabra em tons de preto e vermelho. Junto com a imagem vinham os dizeres: “Eles sabiam de tudo!”, alertando os eleitores de que aqueles eram as cabeças do esquema do Petrolão²⁸.

Além dos escândalos de corrupção, outro fator que contribuiu para com esta falta de representatividade de parte da população com os governos petistas, foi o afastamento desses governos das bases dos movimentos sociais, contrariando deste modo justamente uma das características históricas do partido. Nesse sentido observou a historiadora Céli Regina Jardim Pinto: “O PT, partido de grande militância, havia sido capaz de articular as demandas populares democráticas do país por um longo período. [...] incorporava setores populares e largas faixas das camadas médias da população”²⁹. Entretanto, após chegar ao poder:

Eles apostaram em políticas públicas sociais que provocaram mudanças significativas na vida das classes populares, mas não incluíram politicamente essas classes. [...] o eleitor deixou de ter uma relação política com a política e isso foi marcante quando não se via nas manifestações nenhuma posição explícita de apoio ao governo e/ou ao partido³⁰.

Todavia, a insatisfação popular não se deu somente com os partidos e as instituições políticas, mas também por conta da piora nas condições materiais de existência devido à crise na economia. A nível internacional, essa crise se iniciou em 2008 nos Estados Unidos,

28 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 104-105.

29 PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Ed.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. Expressão Popular, 2019. p. 39.

30 Ibidem. p. 40.

caracterizada pela quebra do mercado imobiliário daquele país, gerando um “efeito dominó” que viria afetar o mundo todo. Esse processo viria a ficar conhecido como “crise dos *subprimes*”³¹. O mesmo só passaria a afetar o Brasil de modo significativo no final do primeiro mandato do governo Dilma. À época, o então presidente Lula classificou a crise como uma “marolinha”: “Lá (nos EUA), ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esqui”³².

A despeito de o país ter passado por dois trimestres consecutivos de queda no PIB³³, no último ano do governo Lula, o Brasil chegou a crescer 7,5%³⁴. De acordo com Anderson³⁵ e a economista Laura Carvalho³⁶, os chamados ciclo das *commodities* e o *boom* do consumo foram os principais fatores responsáveis pelo crescimento da economia brasileira nos dois governos do mencionado ex-presidente. Esta economista também observou que esses fatores, aliados as políticas econômicas implementadas temporariamente para combater a crise, como a expansão de linhas de créditos com juros subsidiados, a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para automóveis em 2008 e a sua conseguinte extensão em 2009 “[...] para outros bens de consumo duráveis (linha branca), móveis, materiais de construção, bens de capital e alguns alimentos”³⁷, evitaram o colapso do sistema financeiro e recuperaram rapidamente a economia brasileira³⁸.

Todavia, a partir de 2011 o ciclo das *commodities* entraria em colapso, de modo que o minério de ferro cairia de 180 para 55 dólares a tonelada, a soja abaixaria de 40 para 18 dólares a saca, o petróleo bruto despencaria de 140 para 50 dólares o barril, afetando diretamente o consumo interno³⁹. Nesse sentido, em diálogo com o economista Marc Morgan, Laura Carvalho aponta que foi precisamente a classe média a parcela da população mais afetada pela crise econômica, uma vez que ao contrário dos mais pobres e mais ricos, que aumentaram sua participação na renda total de 11% para 12% e 25% para 28% respectivamente entre 2001 e

31 MOTA, Leonardo de Araújo e. Capitalismo contemporâneo, desigualdades sociais e a crise de 2008. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 1, n. 1, p. 051-064, 2013. p. 056.

32 GALHARDO, Ricardo. Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será ‘marolinha’. **O Globo**, São Bernardo do Campo, 4 out. 2008. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/lula-crise-tsunami-nos-eua-se-chegar-ao-brasil-sera-marolinha-3827410>> Acesso em: 10 dez. 2021.

33 CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Editora Todavia SA, 2018. p. 31.

34 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 92.

35 Ibidem. p. 93-94.

36 CARVALHO, Laura. op. cit. passim.

37 Ibidem. p. 32.

38 Ibidem. p. 33.

39 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 94.

2015, esta classe teve uma redução de 34% para 32% nesse período⁴⁰: “É importante ressaltar que esse miolo da distribuição de renda no Brasil tem padrão de vida muito inferior à classe média de países ricos. [...] Em termos comparados, a nossa classe média é, na verdade, pobre”⁴¹.

Em paralelo à crise, a despeito das políticas dos governos petistas em combate às desigualdades sociais como o Bolsa Família, o Fome Zero, o Minha Casa Minha Vida, a Lei de Cotas etc., Anderson nos lembra que nesses governos, mais precisamente entre 2005 e 2014, o crédito para a especulação imobiliária e para a construção civil aumentaria vinte vezes: “Em vez de ele próprio aumentar a oferta de casas populares, o governo contratou empreiteiras privadas para construir condomínios em áreas periféricas mediante um belíssimo lucro, cobrando aluguéis muito acima do que os mais pobres poderiam pagar [...]”⁴². Não por acaso nesse período viria a crescer movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)⁴³.

No que diz respeito ao *boom* do consumo, de acordo com Anderson, a política de incentivo ao consumo interno criou pouco senso de solidariedade, gerando um consumismo deteriorado: “Enquanto a compra de eletrônicos, produtos de linha branca e veículos era estimulada (no caso dos automóveis, por via fiscal), água potável, asfalto, ônibus mais eficientes, saneamento básico aceitável, escolas e hospitais decentes foram negligenciados”⁴⁴. Ao encontro da análise deste autor, é a posição de uma das lideranças do MTST, Guilherme Boulos, que em entrevista concedida à jornalista Andrea Dip, da *Agência Pública*, afirmou:

Eu me lembro de uma autocrítica e de uma análise do Pepe Mujica sobre o ciclo de governos progressistas da América Latina, incluindo o dele. Ele dizia: “Nós formamos consumidores, mas não formamos cidadãos”. Ao dizer isso, o que o Mujica expressou? Olha, é claro, é fundamental melhorar o padrão de consumo das pessoas, tirar milhões de pessoas da pobreza, ter programas como o Bolsa Família, ter programas para ampliar o acesso à educação superior, isso é o ponto de partida em um país e em um continente tão desiguais como os nossos. Mas nós não podemos descuidar da disputa de valores, porque se não essas vitórias são facilmente revertidas depois, senão a pessoa que foi beneficiária do Prouni, do Bolsa Família, depois vai votar no Bolsonaro, como aconteceu aqui no Brasil⁴⁵.

40 CARVALHO, Laura. op. cit. p. 44.

41 Ibidem. p. 44.

42 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 97.

43 Ibidem. p. 97; MATTOS, Marcelo Badaró. Junho e nós: das jornadas de 2013 ao quadro atual. **Blog Junho**, 2015. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/tag/revolucaodeoutubro/>> Acesso em: 3 dez. 2021. p. 2-3.

44 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 96.

45 DIP, Andrea. Guilherme Boulos: “A unidade da esquerda é importante mas sozinha não garante a vitória. É preciso se reconectar com o povo”. **Agência Pública**, São Paulo, 10 dez. 2020. Disponível em:

Em outras palavras, por trás de todos esses fatores aqui mencionados, havia se iniciado uma crise de hegemonia no sentido gramsciano do conceito, conforme definido pelo sociólogo Alvaro Bianchi: “Quando Gramsci fala de crise de hegemonia, ele está pensando fundamentalmente em uma crise de representação. Ou seja, em um distanciamento cada vez maior entre representantes e representados”⁴⁶.

Esta crise de hegemonia inclui os fatores políticos e os econômicos, uma vez que na concepção do marxista italiano, segundo Bianchi: “[...] esta relação entre crise econômica e crise política não é direta ou exclusiva para Gramsci. [...] Este é, provavelmente, o tipo de crise atual. Uma crise na qual a sua forma política se encontrou com a sua forma econômica”⁴⁷.

Portanto, apesar de surpreendentes à época, haja vista as proporções que viriam a tomar, as manifestações que explodiram pelo país a partir do dia 6 de junho de 2013 não se deram à toa. Inicialmente, foram protagonizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), que protestava contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus em São Paulo⁴⁸. Rapidamente a pauta ganharia forte adesão popular. De acordo com o jornal *Folha de S. Paulo*, em duas semanas os manifestantes passariam de 2 mil para mais de 1 milhão nas ruas⁴⁹.

Tamanho havia sido o impacto das manifestações, que já no dia 19 de junho o preço das passagens em São Paulo e no Rio de Janeiro seriam congelados⁵⁰, fato este que fez com que o MPL se retirasse das manifestações. De acordo com Pinto, com a saída deste movimento social, houve um “notório vazio discursivo”⁵¹ nas ruas, abrindo espaço para uma diversidade de pautas alinhadas a um discurso antipolítico contrário à corrupção: “‘o povo unido não precisa de partido’; ‘ou para a roubalheira ou paramos o Brasil’; ‘meu partido é meu país’; ‘saímos do Facebook’; ‘desculpe o transtorno, estamos mudando o Brasil’; ‘o gigante acordou’; ‘ato médico’; ‘cura gay’; ‘mensalão na cadeia’, ‘voto aberto’”⁵².

<<https://apublica.org/2020/12/guilherme-boulos-a-unidade-da-esquerda-e-importante-mas-sozinha-nao-garante-a-vitoria-e-preciso-se-reconectar-com-o-povo/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

46 BIANCHI, Alvaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Outubro**, v. 28, p. 27-35, 2017. p. 33.

47 Ibidem. p. 44-45.

48 PINTO, Céli Regina Jardim. op. cit. p. 33.

49 PROTESTOS de junho de 2013 atraíram 1 milhão no auge. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

50 ODILLA, Fernanda. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? **BBC News Brasil**, Londres, 9 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>> Acesso em: 3 dez. 2021.

51 PINTO, Céli Regina Jardim. op. cit. p. 29.

52 Ibidem. p. 33.

No ano seguinte, com a realização da Copa do Mundo no Brasil, as manifestações contrárias à corrupção passariam a ter como alvo o evento em questão e à presidente Dilma, tendo em vista os gastos na construção dos estádios de futebol, bem como na realização da Copa como um todo, o que levantava as suspeitas de superfaturamento acerca deste evento⁵³. O jogo de abertura entre Brasil e Croácia, ficaria marcado pelas vaias recebidas pela presidente em questão⁵⁴.

A despeito do antipetismo, que a esta altura já se consolidava, o ano de 2014 também ficaria marcado pela eleição presidencial que levaria a candidata do PT a se reeleger, ainda que por uma pequena diferença de votos⁵⁵, contra o candidato do PSDB, Aécio Neves. Precisamente o fato de a vitória nas urnas ter sido apertada fez com que o tucano e os seus apoiadores suspeitassem do resultado das eleições e começassem a campanha pelo *impeachment* da presidente, que tomariam as ruas em março de 2015⁵⁶.

Cabe pontuar que a despeito do caráter inicialmente espontâneo, heterogêneo, e dos rumos que essas manifestações viriam a tomar com a cooptação à direita meses depois, a princípio junho de 2013 teve um sentido de classe alinhado aos interesses da classe trabalhadora. A esse respeito observou o historiador Marcelo Badaró Mattos: “[...] a pauta que ficou de junho foi basicamente composta por: transporte público barato e digno; verbas para saúde e educação; repúdio à violência policial [...], além de uma salutar desconfiança em relação à produção de informação pelos meios empresariais de comunicação”⁵⁷.

Além das pautas, este sentido de classe também se deu na distinção do perfil socioeconômico dos manifestantes de junho de 2013 e aqueles das manifestações de 2015, quando o objetivo dos protestos havia passado a ser o *impeachment* da então presidente Dilma, conforme comparou Mattos:

Embora heterogêneas do ponto de vista da composição social, como todas as grandes manifestações multitudinárias, as “jornadas de junho” representaram a ida às ruas de uma maioria de trabalhadores (jovens) com renda na faixa de um a cinco salários mínimos. [...] Já as manifestações de direita, como as de 15 de março, segundo as pesquisas de opinião, foram protagonizadas por uma

53 PEREIRA, Felipe. Após R\$ 3 bilhões em aditivos, nove estádios da Copa caíram na Lava Jato. UOL, São Paulo, 26 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/05/26/10-estadios-da-copa-cairam-lava-jato-politicos-e-empresarias-sob-suspeita.htm>> Acesso em: 5 dez. 2021.

54 PINTO, Céli Regina Jardim. op. cit. p. 41.

55 Ibidem. p. 44.

56 Ibidem. p. 45.

57 MATTOS, Marcelo Badaró. op. cit. p. 2.

maioria de assalariados médios e “empreendedores capitalistas” (nova denominação para a velha pequena burguesia) de uma faixa etária superior⁵⁸.

Ilustrativo nesse sentido foi o tratamento da mídia tradicional e da polícia nesses dois momentos distintos da conjuntura das manifestações. Se em 2013 os manifestantes eram tratados como “vândalos”⁵⁹, em 2015: “[...] foi impressionante ver o esforço da grande mídia empresarial em fomentar a participação nas manifestações de março e abril deste ano [2015], combinado ao apoio dos aparatos policiais, que [...] posarem para fotos com crianças no colo [...]”⁶⁰.

Entre os grupos pertencentes a classe média que ajudaram a cooptar à direita o movimento espontâneo iniciado pelas jornadas de junho de 2013 pelo MPL, destacaram-se o Vem pra Rua (VPR), o Revoltados On-Line (ROL) e o Movimento Brasil Livre (MBL): “O MBL chegou a deliberadamente escolher um nome que ecoava o acrônimo do MPL”⁶¹.

As manifestações realizadas por esses movimentos ficariam marcadas pela introdução do uso das redes sociais e dos aparelhos *smartphones* como tática para mobilizar a população para os seus atos nas ruas, o que à época se apresentava como uma novidade do ponto de vista das condições históricas materiais, isto é, tais manifestações só foram possíveis e com o êxito que obtiveram por conta destas tecnologias: “Essas organizações eram pequenas nos dois espectros políticos e dependiam de um uso intensivo da internet para mobilizar um número maior de pessoas”⁶².

A despeito de o objetivo principal das manifestações entre 2015 e 2016 ter sido o *impeachment* da então presidente Dilma, outras pautas começariam a ganhar espaço nas ruas e em outros espaços na sociedade brasileira entre as direitas, ainda que em menor escala e organicidade, tais como como: intervenção militar⁶³, escola sem partido⁶⁴, volta da

58 Ibidem. p. 1.

59 PINTO, Céli Regina Jardim. op. cit. p. 30.

60 MATTOS, Marcelo Badaró. op. cit. p. 1.

61 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 106.

62 Ibidem. p. 106.

63 BEDINELLI, T; MARTÍN, M. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. **El País**, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html> Acesso em: 4 dez. 2021; PROTESTOS contra governo e corrupção reúnem 2 milhões pelo Brasil, dizem PMs. **UOL**, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/15/protestos-contr-governo-e-corrupcao-reunem-mais-de-2-milhoes-pelo-brasil-dizem-pms.htm>> Acesso em: 4 dez. 2021.

64 VIEIRA, Isabela. Manifestação contra “ideologia de gênero” termina em agressão a estudante no Rio. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 1 out. 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2016-10/manifetacao-contr-ideologia-de-genero-termina-em-agressao-estudante-no-rio>> Acesso em: 4 dez. 2021.

monarquia⁶⁵, anticomunismo⁶⁶, flexibilização do porte de armas⁶⁷, estado mínimo⁶⁸, diminuição da maioria penal⁶⁹, movimento antiaborto⁷⁰ etc.

Além de ter sido útil para mobilizar parte da população para as manifestações, as redes sociais, destacando-se nesse sentido: o *Facebook*, o *Twitter*, o *WhatsApp* e o *Telegram*, além da plataforma *YouTube*, também tiveram papel importante no que se refere à produção e circulação de *fake news*, negacionismo científico e “*memes*”, tais como: kit *gay*⁷¹, mamadeira em formato de órgão genital⁷², ideologia de gênero⁷³, marxismo cultural⁷⁴, globalismo⁷⁵, nova ordem mundial⁷⁶, terraplanismo⁷⁷, nazismo de esquerda⁷⁸ etc. A esse respeito, observou o historiador Flávio Henrique Calheiros Casimiro:

65 SENRA, Ricardo. 'República está com dias contados', dizem monarquistas após protestos. **BBC News Brasil**, São Paulo, 17 ago. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150816_salasocial_monarquia_protestos_rs> Acesso em: 4 dez. 2021; VIZEU, Rodrigo. Família imperial quer usar clima de divisão para restaurar monarquia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 abr. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1764271-familia-imperial-quer-usar-clima-de-divisao-para-restaurar-monarquia.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

66 BARIFOUSE, Rafael. Criadores da 'dança do *impeachment*' rebatem críticas: 'Música une pessoas no combate a comunismo e corrupção'. **BBC News Brasil**, São Paulo, 11 mar. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160311_danca_impeachment_rb> Acesso em: 4 dez. 2021.

67 RIBEIRO, Márcio M; ORTELLADO, Pablo. Perfil digital dos manifestantes: o abismo aberto pela polarização. **El País**, São Paulo, 1 abr. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271_535467.html> Acesso em: 4 dez. 2021.

68 BEDINELLI, T; MARTÍN, M. op. cit.

69 RIBEIRO, Márcio M; ORTELLADO, Pablo. op. cit.

70 CRISTALDO, Heloísa. Marcha contra o aborto reúne ativistas e religiosos em Brasília. **Agência Brasil**, Brasília, 7 jun. 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-06/marcha-contra-o-aborto-reune-ativistas-e-religiosos-em-brasilia>> Acesso em: 4 dez. 2021.

71 É #FAKE que Haddad criou 'kit *gay*' para crianças de seis anos. **G1**, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

72 BORDALO, Júnior Moreira. #Verificamos: PT e Haddad não estão distribuindo mamadeira em formato de pênis para crianças. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/10/20/verificamos-haddad-mamadeira-penis/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

73 TOITIO, Rafael. “Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 80-108, abr./jun. 2020.

74 COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020. passim.

75 PENA, Lara. “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019. passim.

76 ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; DE VARGAS MARTINS, Victória Mariani. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 164-203, dez. 2018. passim.

77 ALVIM, Mariana. Quem são e o que pensam os brasileiros que acreditam que a Terra é plana. **BBC News Brasil**, 16 set. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41261724>> Acesso em: 4 dez. 2021.

78 BRASIL PARALELO. **COMUNISMO, FASCISMO E LIBERALISMO: ADVERSÁRIOS OU IRMÃOS?** São Paulo: Brasil Paralelo, 17 de abr. de 2020. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/IECP2VuGj4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

[...] podemos destacar uma espécie de “mimetização” da realidade, que reduz o espaço da defesa de ideias e propostas ao nível da superficialidade das mensagens curtas dos aplicativos móveis e das redes sociais, os chamados *memes*, “viralizando” informações rasas, acintosamente descontextualizadas, bem como notícias falsas (*fake news*), em um vertiginoso e contínuo processo de renovação [...]”⁷⁹.

De acordo com Casimiro, a partir de 2016 essa produção e circulação de informações falsas seriam estruturadas cada vez mais profissionalmente, “em uma espécie de produção industrial”⁸⁰, o que segundo pesquisas recentes tem indicado⁸¹, teria contribuído para com as vitórias eleitorais de Trump nos Estados Unidos (2016) e Bolsonaro no Brasil (2018). Nesse sentido, ficaria famoso o caso da compra do serviço “disparo em massa” por empresários bolsonaristas nas eleições de 2018 através de grupos no *WhatsApp* contra o candidato do PT, Fernando Haddad⁸². Basicamente, a prática consistiu em disparar uma notificação falsa a respeito deste último, reproduzida centenas de milhões de vezes⁸³ para apoiadores do então candidato do PSL, em que se atribuía ao petista a distribuição de mamadeiras em formato de órgão genital em creches, como mostra a reportagem realizada pelo jornalista Júnior Moreira Bordalo publicada na *Agência Lupa*, plataforma de checagem de notícias falsas:

Olha aqui ó, vocês que votam no PT, essa aqui é a madeira distribuída na creche. Olha a marca aqui, ó. Distribuída na creche pra seu filho, com a desculpa de combater a homofobia. Olha o bico como é ó. Tá vendo? O PT e o Haddad prega isso para o seu filho. Seu filho de cinco, seis anos de idade vai beber mamadeira na creche com isso aqui, para combater a homofobia. Tem que votar em Bolsonaro rapaz, Bolsonaro que é pra fazer o filho da gente

79 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo**. Expressão Popular, 2020a. p. 25.

80 Ibidem. p. 25.

81 SILVA, Rodrigo Oliveira. **Um mapa da “direita” no You Tube do Brasil através dos métodos digitais**. 2018. 157 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018. p. 43; ENTENDA o uso do *WhatsApp* nas eleições e o que aconteceu desde que a Folha revelou o caso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/entenda-o-uso-do-whatsapp-nas-eleicoes-e-o-que-aconteceu-desde-que-a-folha-revelou-o-caso.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021; GHEDIN, Rodrigo. Cinco dos dez canais que explodiram no *ranking* do *youtube* durante as eleições são de extrema direita. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/?fbclid=IwAR3lnGE43mruScLF4O-K9fRsWfGmi9PuKpIEb81lqcdzyisMrEEeWRZ6Kkg>> Acesso em: 24 jan. 2021; CORDOVA, Yasodara. Como o *youtube* se tornou um celeiro da nova direita radical. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/01/09/youtube-direita/>> Acesso em: 24 jan. 2021.

82 MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

83 Ibidem.

homem e mulher. O PT, e Haddad, Lula, Dilma só quer isso aqui para os nossos filhos. Isso faz parte do kit gay. Invenção de Haddad, viu?!⁸⁴.

No período em questão explodiram canais de direita no *YouTube*. Essa plataforma, cuja qual se caracteriza pelo compartilhamento de vídeos, criada em 2005 pelos empresários Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, que um ano depois seria comprada pelo *Google*, viria a se consolidar como o segundo site mais acessado no mundo (ficando atrás somente do próprio *Google*)⁸⁵ e o Brasil se tornaria o seu segundo maior público (atrás somente dos Estados Unidos)⁸⁶. Dentre os canais de direita que explodiram destacaram-se: *Fabio Ostermann* (2006)⁸⁷, *Bernardo P Küster* (2006)⁸⁸, *Olavo de Carvalho* (2007)⁸⁹, *Mídia Sem Máscara* (2007)⁹⁰, *Rodrigo Constantino* (2007)⁹¹, *Daniel Fraga* (2009)⁹², *Kim Kataguiiri* (2009)⁹³, *Felipe Moura Brasil* (2010)⁹⁴, *Ocidente em Fúria – com Paulo Kogos* (2010)⁹⁵, *LiloVlog* (2010)⁹⁶, *Alexandre Porto* (2010)⁹⁷, *Lobão Oficial* (2011)⁹⁸, *TV Revolta* [2011?]⁹⁹, *Nando Moura*

84 BORDALO, Júnior Moreira. #Verificamos: PT e Haddad não estão distribuindo mamadeira em formato de pênis para crianças. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 20 out. 2021. Disponível em: Acesso em: 4 dez. 2021.

85 ALEXA. *The top 500 sites on the web*. **Alexa**, c1996-2021. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites>> Acesso em: 4 dez. 2021.

86 Idem. *Top Sites in Brazil*. **Alexa**, c1996-2021. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>> Acesso em: 4 dez. 2021.

87 OSTERMANN, Fábio. **YouTube**. Fabio Ostermann, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FabioOstermann30/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

88 KÜSTER, Bernardo. **YouTube**. Bernardo P Küster, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/starkerbar/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

89 CARVALHO, Olavo de. **YouTube**. Olavo de Carvalho, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/olavodeca/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

90 MÍDIA SEM MÁSCARA. **YouTube**. Mídia Sem Máscara, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalMSM/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

91 CONSTANTINO, Rodrigo. **YouTube**. Rodrigo Constantino, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/RodrigoConstantino1976/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

92 FRAGA, Daniel. **YouTube**. Daniel Fraga, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DanielFragaBR/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

93 KATAGUIRI, Kim. **YouTube**. Kim Kataguiiri, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/kimkataguiiri/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

94 MOURA BRASIL, Felipe. **YouTube**. Felipe Moura Brasil, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/FelipeMouraBrasil/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

95 KOGOS, Paulo. **YouTube**. Ocidente em Fúria - com Paulo Kogos, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/paulokogos/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

96 LILOVLOG. **YouTube**. LiloVLOG, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/LiloVLOG/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

97 PORTO, Alexandre. **YouTube**. Alexandre Porto, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/AlexandrePorto/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

98 WOERDENBAG FILHO, João Luiz. **YouTube**. Lobão Oficial, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Lob%C3%A3oOficialChannel/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

99 Foi excluído pelo *YouTube* após denúncias de usuários: VIANA, Natalia. A direita abraça a rede. **Agência Pública**, São Paulo, 22 jun. de 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>> Acesso em: 26 out. 2021

(2011)¹⁰⁰, *Canal do Otário* (2012)¹⁰¹, *Lobão Entrevista*” (2013)¹⁰², *O Antagonista* (2014)¹⁰³, *Terça Livre* (2014)¹⁰⁴, *MBL - Movimento Brasil Livre*” (2014)¹⁰⁵, *Ideias Radicais* (2014)¹⁰⁶, *Mamaefalei* (2015)¹⁰⁷, *Maro Schweder - espiritualidade e autoconhecimento* (2015)¹⁰⁸, *Luiz Felipe Pondé* (2015)¹⁰⁹, *Os Pingos nos Is* (2015)¹¹⁰ *Fernando Holiday* (2016)¹¹¹, *Folha Política*” (2016)¹¹², *Joice Hasselmann* (2016)¹¹³, *Diego Rox Oficial* (2016)¹¹⁴, *Senso Incomum*” (2017)¹¹⁵, *Buenas Ideias* (2017)¹¹⁶, *Sara Winter* [201-?]¹¹⁷; além daquele que faz parte do objeto de estudos deste trabalho, o canal *Brasil Paralelo* (2016)¹¹⁸.

-
- 100 MOURA, Luis Fernando. *YouTube*. Nando Moura, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 101 CANAL DO OTARIO. *YouTube*. Canal do Otário, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OtarioAnonymous/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 102 WOERDENBAG FILHO, João Luiz. *YouTube*. Lobão Entrevista, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Jo%C3%A3oLuizWoerdenbagFilho/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 103 O ANTAGONISTA. *YouTube*. O Antagonista, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OAntagonista/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 104 O canal foi deletado do *YouTube* no dia 15 de julho de 2021 por violar as regras da plataforma, sendo classificado como “organização criminosa violenta”: CONGRESSO em Foco. *YouTube* ganha na justiça direito a retirar canal “Terça Livre” do ar. **Congresso em Foco**, 15 ago. 2021. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/youtube-retira-canal-do-terca-ivre-do-ar/>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 105 MBL. *YouTube*. MBL – Movimento Brasil Livre, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MBLIVRE/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 106 LIMA, Raphaël. *YouTube*. Ideias Radicais, 2014. <<https://www.youtube.com/c/ideiasradicais/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 107 VAL, Arthur do. *YouTube*. Mamaefalei, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Mamaefalei/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 108 SCHWEDER, Maro. *YouTube*. *Maro Schweder - espiritualidade e autoconhecimento*, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MaroSchwederespiritualidadeeautoconhecimento/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 109 PONDÉ, Luiz Felipe. *YouTube*. Luiz Felipe Pondé, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/LuizFelipePond%C3%A9Oficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 110 OS PINGOS NOS IS. *YouTube*. Os Pingos nos Is, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ospingosnosis/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 111 HOLIDAY, Fernando. *YouTube*. Fernando Holiday, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FernandoHoliday/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 112 FOLHA POLÍTICA. *YouTube*. Folha Política, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FolhaPolíticaNoticias/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 113 HASSELMANN, Joice. *YouTube*. Joice Hasselmann, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/JoiceHasselmann/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 114 ROX, Diego. *YouTube*. Diego Rox Oficial, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DiegoRoxOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 115 MORGENSTERN, Flavio. *YouTube*. Senso Incomum, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/SensoIncomumOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 116 BUENO, Eduardo. *YouTube*. Buenas Ideias, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/BuenasIdeias/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 117 O canal foi deletado do *YouTube* em 2020 após violar as regras da plataforma: PODER360. YouTube derruba canal de Sara Winter. **Poder360**, Brasília, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/youtube-derruba-canal-de-sara-winter/>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- 118 BRASIL PARALELO. *YouTube*. Brasil Paralelo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

A explosão desses canais entre 2013¹¹⁹ e 2018 não se deu por acaso, haja vista que em 2010 o *YouTube* viria a implementar o seu sistema de inteligência artificial¹²⁰, os chamados *algoritmos*, caracterizados por, dentre outras coisas, recomendar determinados conteúdos para os seus usuários na sua plataforma. A esse respeito, a programadora Yasodara Córdova e o cientista de dados Rodrigo Oliveira Silva levantaram a hipótese de que o *algoritmo* da plataforma estaria favorecendo a recomendação de canais de direita para o seu público. Retomaremos a essa questão no segundo capítulo. No entanto, de antemão, o fato de canais direitistas terem recebido milhões em publicidade através da plataforma¹²¹, reforça o que esses pesquisadores defendem.

Poucas semanas após a sua vitória eleitoral em 2018, Bolsonaro recomendou através de suas redes sociais¹²² alguns dos canais aqui citados: *Bernardo P Küster*, *Olavo de Carvalho*, *Nando Moura*; além dos canais: *Tradutores de Direita* (2012) e *Embaixada da Resistência* (2013), todos eles classificados pelo presidente como: “[...] excelentes opções de canal de informação no *youtube*”¹²³ (grifo nosso) – o que reforça a importância do *YouTube* e das redes sociais para a eleição do político em questão, bem como para com a ascensão das “novas” direitas.

O processo histórico aqui narrado levou pesquisadores a questionar se estávamos diante da formação de uma nova direita no Brasil. Conforme observa o historiador Odilon Caldeira Neto, o campo das direitas no país trata-se de um fenômeno plural e complexo, abarcando categorias diversas e por vezes conflituosas entre si, como: monarquistas, liberais, conservadores, evangélicos, militaristas, armamentistas, neofascistas etc.¹²⁴

119 Alguns desses canais se encontram hoje no ostracismo, seja por não estarem mais em atividade ou por não possuírem mais a audiência de outrora, no entanto, no começo do período em questão estes eram o que havia de mais relevante entre os canais de direita do *YouTube*. O exemplo mais simbólico nesse sentido é o *youtuber* Daniel Fraga, frequentemente apontado como uma “lenda” pela direita “anarcocapitalista” da internet brasileira: ZANINI, Fábio. Onde está Dâniel Fraga, o Belchior ultraliberal que peitou o Estado e virou lenda? **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 9 ago. 2019a. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/08/09/onde-esta-daniel-fraga-o-belchior-liberal-que-peitou-o-estado/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

120 CORDOVA, Yasodara. op. cit.

121 DIAS, Tatiana. *Youtube* pagou R\$ 6,9 milhões em dois anos a canais bolsonaristas investigados no STF. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/08/youtube-paga-milhoes-canais-bolsonaristas-stf/>> Acesso em: 9 jun. 2021; SOBRINHO, Wanderley Preite. *YouTube* pagou R\$ 15 mi a canais acusados de *fake news*, estima levantamento. **UOL**, São Paulo, 05 set. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/05/fake-news-canais-bolsonaristas-tse-policia-federal-monetizacao-youtube.htm>> Acesso em: 2 nov. 2021.

122 BOLSONARO, Jair M. **Seguem algumas opções de excelentes canais de informação no *youtube*!** [S.I.], 12 nov. 2018. 12:33. *Twitter*: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896?lang=pt>> Acesso em: 4 dez. 2021.

123 Ibidem.

124 CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, Ceará, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 123.

Em vista disso, a utilização do termo “direita(s)” no plural se faz pertinente, de modo a respeitar a diversidade e as especificidades dos grupos vinculados a estas categorias, sobretudo daquele que faz parte do objeto de estudo deste trabalho, a Brasil Paralelo: “[...] pode-se afirmar que, a depender do foco de análise, há diversificadas novas direitas, não somente em relação ao ponto de partida, mas também aos elementos de unidade e identificação ideológica”¹²⁵.

Nesse sentido, a Brasil Paralelo congrega os interesses dessas diversas categorias, entretanto, se nota um alinhamento ideológico desta empresa com o neoliberalismo e com a concepção de um dos principais teóricos da extrema direita contemporânea, o autor de livros de teoria da conspiração, Olavo de Carvalho, conforme veremos ao longo deste trabalho.

Embora se defina como uma empresa, possuindo, portanto, fins lucrativos, neste trabalho a Brasil Paralelo está sendo pensada como um *think tank*. Expressão pouco utilizada no Brasil, o termo foi criado nos Estados Unidos a partir da década de 1950, podendo ser traduzido como “centro de pensamento”¹²⁶. Segundo a politóloga Camila Rocha, *think tanks* podem ser definidos como instituições que através da atuação a partir da sociedade civil, procuram informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que se refere à adoção de políticas públicas, podendo se tornar um “ativismo político orientado ideologicamente”:

Essas instituições, que podem ser independentes ou associadas a grupos de interesse específicos, costumam atuar como uma ponte entre a academia e demais comunidades epistêmicas e a esfera pública, na medida em que traduzem resultados de pesquisas especializadas para uma linguagem e um formato que sejam acessíveis para implementadores de políticas públicas e para a população em geral¹²⁷.

De acordo com a historiadora Kátia Gerab Baggio, essas instituições buscam transmitir uma imagem técnica, tentando afastar-se de uma identificação estritamente ideológica, “[...] mesmo que claramente defendam determinadas concepções política e ideologicamente orientadas”¹²⁸.

125 Ibidem. p. 123.

126 BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. **Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC**, p. 1-26, 2016. p. 22.

127 ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: CRUZ; KAYSEL; CODAS (Org.). **Direita, Volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 262.

128 BAGGIO, Kátia Gerab. op. cit. p. 22.

Em seu site, a Brasil Paralelo também se afirma como: “[...] uma iniciativa que atua na cultura do Brasil. Nossas produções já ensinaram história, política, economia e filosofia para mais de 14 milhões de brasileiros”¹²⁹.

No entanto, para compreendemos de modo aprofundado esta concepção da Brasil Paralelo como um *think tank* e responder às questões aqui colocadas, se faz necessário realizar um movimento de recuo no tempo para verificarmos até que ponto a direita aqui em questão é nova. Nas próximas seções deste capítulo, discutiremos como se formou uma das categorias das assim chamadas “novas” direitas no Brasil, os *think tanks* neoliberais.

1.2. Neoliberalismo: origens históricas e hegemonia.

A história das sociedades capitalistas é marcada por especificidades cujas quais o capitalismo enquanto um modo de produção adquiriu ao longo do tempo.

Este modo de produção, conforme nos advertiu o intelectual Karl Marx, possui como especificidade enquanto tal a produção de “mais-valor” (ou excedente): “é a lei absoluta desse modo de produção”¹³⁰.

Por outro lado, segundo a historiadora Virgínia Fontes, a reprodução do capitalismo não ocorre de forma linear, uma vez que as sociedades não permanecem idênticas, estas “[...] embutem tensões, deslocamentos, ampliações, modificações que, agregando novos elementos ao todo, são também por ele impulsionados condicionados e, por vezes, atrofiados, tendendo à manutenção da forma dominante da existência social”¹³¹.

Uma outra característica estruturante deste modo de produção é a de que este produz as suas próprias crises sistêmicas. Nesse sentido, conforme observou Marx, o verdadeiro obstáculo à produção capitalista seria o próprio capital¹³². Isto se daria precisamente por este ter como objetivo exclusivamente a produção de mais-valor em detrimento das necessidades daqueles que o produzem, a classe trabalhadora: “[...] o fato de que a produção é produção apenas para

129 BRASIL PARALELO. Como funciona a Brasil Paralelo? **Brasil Paralelo**, São Paulo, abr. 2021. Disponível em: <<https://brasilparalelo.zendesk.com/hc/pt-br/articles/360048963574-Como-funciona-a-Brasil-Paralelo-#:~:text=Somos%20uma%20iniciativa%20que%20atua,do%20Youtube%20e%20sites%20oficiais.>> Acesso em: 4 dez. 2021.

130 MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011. p. 841.

131 FONTES, Virgínia. Capitalismo, crises e conjuntura. **Serviço Social & Sociedade**, p. 409- 425, 2017. p. 409-410.

132 MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 3: O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo Editorial. 2017. p. 316.

o capital, em vez de, ao contrário, os meios de produção serem simples meios para um desenvolvimento cada vez mais amplo do processo vital, em benefício da sociedade dos produtores”¹³³.

Justamente pelo fato de o capital não beneficiar os seus produtores, que geralmente tem um acesso muito limitado às mercadorias produzidas nas sociedades capitalistas, ao ponto deste modo de produção não consumir tudo aquilo que produz, faz com que as suas crises tendencialmente ocorram sob a forma de superprodução:

Enquanto a taxa de valorização do capital total, taxa de lucro, é o agulhão da produção capitalista (assim como a valorização do capital é seu único objetivo), sua queda torna mais lenta a formação de novos capitais independentes e, assim, aparece como ameaça ao desenvolvimento do processo de produção capitalista; tal queda promove a superprodução, a especulação, as crises e o capital supérfluo, além da população supérflua¹³⁴.

Esta tendência do capitalismo produzir suas próprias crises ficaria conhecido como “crises cíclicas”. Em linhas gerais, conforme compreendeu o economista Rômulo André Lima, o capitalismo opera de modo que sua própria dinâmica interna o conduz a situações em que é temporariamente impossível continuar se reproduzindo de forma ampliada: “A momentânea desvalorização do capital é um antídoto contra a estagnação, que logo é superada por um novo ciclo de prosperidade, o qual contém em si a gestação de um novo período de crise”¹³⁵.

A julgar por isso, segundo Fontes, um modo de produção, especialmente este em particular, também é um pulsar de incessantes possibilidades “derivadas das contradições que nele habitam”¹³⁶. Dentre as possibilidades históricas que o capitalismo adquiriu, destaca-se aquela cuja qual ainda vivemos nos dias atuais, a forma neoliberal.

O neoliberalismo trata-se de um conceito que foi interpretado de variadas formas, não havendo um consenso sobre sua definição. O economista Alfredo Saad Filho buscou sintetizá-lo como:

[...] um conjunto de ideias inspiradas nas escolas econômicas austríaca e de Chicago e no ordoliberalismo alemão, e elaboradas sob a égide da Sociedade do Mont Pèlerin; como um conjunto de políticas, práticas e instituições inspiradas e/ou validadas por essas ideias; como uma ofensiva de classe

133 Ibidem. p. 316.

134 Ibidem. p. 307.

135 LIMA, Rômulo André. A lei geral de acumulação capitalista e as crises cíclicas. XXXVII Encontro Nacional de Economia da ANPEC, Foz do Iguaçu, 2009. p. 95.

136 FONTES, Virgínia. op. cit. p. 410.

liderada pelo Estado contra os trabalhadores e os pobres, em nome da burguesia em geral ou das finanças em particular; e como uma estrutura material de reprodução econômica, social e política, implicando que o neoliberalismo é o modo de existência do capitalismo contemporâneo ou um sistema de acumulação¹³⁷.

Nesta seção contextualizamos historicamente esta síntese. Tal como ocorre com outros setores associados às direitas e com outras formas de pensamento, o neoliberalismo não pode ser visto como algo homogêneo, havendo diversas correntes dentro desta ideologia, como por exemplo: o libertarianismo (ou anarcocapitalismo)¹³⁸, o ordoliberalismo¹³⁹, o ultraliberalismo¹⁴⁰, o minarquismo¹⁴¹ e o objetivismo¹⁴². Ainda que haja uma série de convergências, essas correntes são conflitantes entre si, não sendo possível dentro dos limites deste trabalho analisar toda a história desta doutrina passando por todas as suas correntes internas. Nesse sentido, adotamos a noção mais genérica do conceito, o neoliberalismo.

Comumente, o neoliberalismo é associado ao pensamento dos autores das Escolas de Friburgo, Austríaca e de Chicago de economia, destacando-se dentre eles Alexander von Rüstow, Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Milton Friedman. Surgiu como uma reação ao Estado de bem-estar social e ao socialismo – ambos classificados pelos neoliberais como “coletivistas” – e em defesa ao chamado “livre mercado”¹⁴³, tendo se popularizado através da obra de Hayek intitulada *O Caminho da Servidão*, publicada em 1944. De acordo com Anderson: “A mensagem de Hayek é drástica: ‘Apesar de suas boas intenções, a socialdemocracia moderada inglesa conduz ao mesmo desastre que o nazismo alemão – uma servidão moderna’”¹⁴⁴.

137 SAAD FILHO, Alfredo. Neoliberalismo: Uma análise marxista. **Marx e o Marxismo**, Niterói, v. 3, n. 4, p. 58- 72, jan./jun. 2015. p. 59.

138 MELO, Demian Bezerra de. As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea: notas de pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO 2017 – DE O CAPITAL À REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (1867-1917), 2017, Niterói, RJ. **Anais**, Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2017. Disponível em: <<https://www.nieparmx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc454.pdf>> Acesso em: 4 dez. 2021. p. 13.

139 Ibidem. p. 13.

140 ROCHA, Camila. “**Menos Marx, Mais Mises**”: Uma Gênese da Nova Direita Brasileira (2006-2018). 2018. 232 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 48.

141 Ibidem. p. 48.

142 Ibidem. p. 48.

143 MELO, Demian Bezerra de. op. cit. p. 16.

144 HAYEK, [20-], np. apud. ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [recurso digital], 1995. p. 1.

Geralmente se atribuí a origem histórica do neoliberalismo ao *Colóquio Walter Lippmann*. Evento este realizado em Paris em 1938, organizado pelo filósofo Louis Rougier, que teve como objetivo promover a obra *Uma investigação sobre os princípios da Grande Sociedade* do autor que levava o nome do evento em questão. Nesse sentido, observaram o filósofo Pierre Dardot e o sociólogo Christian Laval:

O livro é apresentado pelo organizador do colóquio como um manifesto de reconstrução do liberalismo, em torno do qual podem reunir-se espíritos diferentes trabalhando na mesma direção. A ideia que anima Rougier é bastante simples: não haverá “retorno do liberalismo” se não houver uma refundação teórica da doutrina liberal e se dela não se deduzir uma política liberal ativa, que evite os efeitos negativos da crença metafísica no *laissez-faire*¹⁴⁵.

De acordo com os supracitados autores, em seu discurso de abertura no evento em questão, Rougier teria afirmado que esse esforço de refundação do liberalismo ainda não possuía “um nome oficial: deve-se falar em ‘liberalismo construtor’, ‘neocapitalismo’ ou ‘neoliberalismo’, termo que, segundo ele, parece prevalecer no uso corrente [...]”¹⁴⁶.

Esse colóquio reuniu 26 economistas, filósofos e funcionários do alto escalão de vários países como Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke, além dos citados Mises, Hayek e Rüstow¹⁴⁷:

O Colóquio Walter Lippmann é a primeira tentativa de criação de uma “internacional” neoliberal que se prolongou em outros organismos, entre os quais, nas últimas décadas, a Comissão Trilateral e o Fórum Econômico Mundial de Davos. [...] A reconstrução da doutrina liberal vai beneficiar meios acadêmicos bem financiados e de prestígio, começando nos anos 1930 pelo Institut Universitaire des Hautes Études Internationales [Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais], fundado em 1927, em Genebra, pela London School of Economics e pela Universidade de Chicago, para mencionarmos apenas os mais famosos, e destilando-se em seguida em algumas centenas de *think tanks* que difundirão a doutrina ao redor do mundo¹⁴⁸.

Este evento ficaria dividido entre aqueles que entendiam que o liberalismo deveria ser renovado e aqueles que defendiam sua refundação:

145 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. p. 74.

146 Ibidem. p. 74.

147 Ibidem. p. 71.

148 Ibidem. p. 72.

Para os primeiros, os fatores principais do caos devem ser buscados na traição progressiva dos princípios do liberalismo clássico (Robbins, Rueff, Hayek, Von Mises); para os segundos, as causas da crise são encontradas no próprio liberalismo clássico (Rougier, Lippmann e os teóricos alemães do ordoliberalismo)¹⁴⁹.

Quase uma década depois, este evento se desdobraria na criação da *Sociedade Mont-Pélerin* realizada em 1947 na Suíça: “[...] uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos”¹⁵⁰. Contou com a presença dos intelectuais: Karl Popper, Lionel Robbins, Walter Eupken, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, além dos citados Lippmann, Mises, Hayek, Friedman e dentre outros.¹⁵¹

Segundo o geógrafo David Harvey a concepção desses intelectuais pode ser sintetizada da seguinte forma:

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas¹⁵².

Essa necessidade de renovação ou refundação do liberalismo, de acordo com seus teóricos, se deu em razão de o capitalismo ter passado por uma das suas crises cíclicas em 1929 que impactou fortemente as potências capitalistas do período. Tal necessidade se acentuaria após a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo entrou na chamada Guerra Fria e ficaria dividido ideologicamente entre capitalistas e comunistas.

O bloco capitalista representado pelos Estados Unidos e por parte dos países da Europa ocidental e setentrional realizaram uma reestruturação em seus governos adotando o regime de acumulação fordista alinhado às políticas do mencionado Estado de bem-estar social:

O que havia de especial em Ford [...] era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e

149 Ibidem. p. 76.

150 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 1.

151 Ibidem. p. 1.

152 HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 12.

gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista¹⁵³.

O Estado de bem-estar social, por seu turno, trata-se da materialização da doutrina de economia política concebida pelo economista John Maynard Keynes, o chamado keynesianismo, que havia se tornado hegemônico nos países em questão. Esta concepção se caracteriza por defender uma maior intervenção do Estado na economia promovendo um aumento no consumo com o objetivo de evitar a crise de superprodução. Tal intervenção se expressaria através de políticas de pleno emprego, investimento público em saúde, educação, segurança, infraestrutura etc.: “Além disso, o poder estatal era exercido direta ou indiretamente sobre os acordos salariais e os direitos dos trabalhadores na produção”¹⁵⁴.

Este rearranjo das relações sociais promovidas pelo fordismo e pelo keynesianismo impulsionou a economia capitalista de forma sem precedentes até então. Isto se deu a tal ponto que este modo de produção teria o seu crescimento mais rápido de sua história entre as décadas de 1950 e 1960¹⁵⁵. Não por acaso, o período em questão seria chamado pelo historiador Eric Hobsbawm de “era de ouro”:

A economia mundial, portanto, crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houvera algo assim. A produção mundial de manufaturas quadruplicou entre o início da década de 1950 e o início da década de 1970, e, o que é ainda mais impressionante, o comércio mundial de produtos manufaturados aumentou dez vezes¹⁵⁶.

No que tange ao consumo, segundo este autor, bens e serviços outrora restritos a minorias passaram a ser produzidos para um mercado de massa: “O que antes era um luxo tornou-se o padrão do conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automática, o telefone. [...] Em suma, era agora possível o cidadão médio desses países viver como só os muito ricos tinham vivido no tempo de seus pais”¹⁵⁷.

Todavia, entre 1965 e 1973 o capitalismo voltaria a entrar em crise econômica. Segundo Harvey, precisamente o rearranjo que havia permitido este modo de produção sair da grande depressão de 1929 o colocaria em um novo ciclo de crise: “Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em

153 HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 121.

154 Ibidem. p. 129.

155 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 1.

156 HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995. p. 257.

157 Ibidem. p. 259.

massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes”¹⁵⁸. Nesse sentido, os Estados passaram a imprimir moedas para manter a economia estável, o que acarretou em uma “onda inflacionária que acabaria por afundar a expansão do pós-guerra”¹⁵⁹.

Correlato a isso, tamanho havia sido o desenvolvimento tecnológico efetuado pelo regime de acumulação fordista, que a força de trabalho humano se precarizaria, se tornando menos necessária, dando lugar ao maquinário automotivo mais eficiente: “A tendência geral da industrialização foi substituir a capacidade humana pela capacidade das máquinas, o trabalho humano por forças mecânicas, jogando com isso pessoas para fora dos empregos”¹⁶⁰. Desse modo, houve uma promoção de desemprego em massa nos anos seguintes à crise: “O crescente desemprego dessas décadas não foi simplesmente cíclico, mas estrutural. Os empregos perdidos nos maus tempos não retornariam quando os tempos melhoravam: não voltariam jamais”¹⁶¹.

Para além da crise estrutural do capitalismo, em outubro de 1973 ocorreria a chamada Guerra do Yom Kippur, que terminaria com os países árabes membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEB) decidindo aumentar os preços do petróleo para os países do ocidente que haviam apoiado o Estado de Israel na guerra¹⁶²:

Isso (1) mudou o custo relativo dos insumos de energia de maneira dramática, levando todos os segmentos da economia a buscarem modos de economizar energia através da mudança tecnológica e organizacional, e (2) levou ao problema da reciclagem dos petrodólares excedentes, problema que exacerbou a já forte instabilidade dos mercados financeiros mundiais. A forte deflação de 1973-1975 indicou que as finanças do Estado estavam muito além dos recursos, criando uma profunda crise fiscal e de legitimação¹⁶³.

Em resposta à crise, as décadas de 1970 e 1980 seriam marcadas por nova reestruturação nas relações sociais do modo de produção capitalista. Como resultado dessa reestruturação surgiriam o regime de acumulação flexível em consoante com o neoliberalismo, que passaria a ser a ideologia dominante dos Estados capitalistas. Este novo regime de acumulação, segundo conceituou Harvey:

158 HARVEY, David. op. cit. p. 135.

159 Ibidem. p. 136.

160 HOBBSAWM, Eric. op. cit. p. 402.

161 Ibidem. p. 403.

162 HARVEY, David. op. cit. p. 136.

163 Ibidem. p. 136-137.

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas (tais como a “Terceira Itália”, Flandres, os vários vales e gargantas do silício, para não falar da vasta profusão de atividades dos países recém-industrializados)¹⁶⁴.

Expressões deste regime de acumulação flexível foram o que se convencionaram chamar de financeirização e globalização. De acordo com Saad Filho, a financeirização tem sido descrita de maneiras diferentes: “mas em essência ela expressa o controle do capital portador de juros (CPJ) sobre a alocação de recursos sociais e a reprodução social de maneira mais geral, através de distintas formas de capital fictício”¹⁶⁵. Tamanho seria este controle que a mesma também reestrutura: “o capital, o trabalho, a sociedade e o Estado em conformidade com sua posição dominante e seus interesses específicos. Como tal, *as finanças tornaram-se o modo de existência do capital em geral no capitalismo neoliberal*”¹⁶⁶.

A globalização, por sua vez, se caracterizou por criar “novas cadeias produtivas globais conectadas através de padrões transnacionais de propriedade, financiamento, emprego e distribuição do produto”¹⁶⁷. Ao passo que reformulou a integração da economia internacional no que se refere aos Estados nacionais, facilitando a introdução de novas tecnologias e processos de trabalho.¹⁶⁸

O mercado financeiro e a globalização também se materializaram em instituições supraestatais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que regulam as finanças e o comércio global¹⁶⁹. Essas instituições ficariam caracterizadas por incentivar os países mais pobres a privatizarem todos os seus bens públicos para pagarem as suas dívidas:

164 Ibidem. p. 140.

165 SAAD FILHO, Alfredo. op. cit. p. 65.

166 Ibidem. p. 66.

167 Ibidem. p. 66.

168 Ibidem. p. 66.

169 HARVEY, David. 2008. p. 13.

[...] a globalização é geralmente apresentada como um processo benevolente de aumento da concorrência, das trocas e da democracia, levando à elevação contínua dos níveis de bem-estar ao redor do mundo. Na realidade, porém, a globalização é a forma do imperialismo e da reprodução global do capital na época neoliberal¹⁷⁰.

Se nos anos anteriores à crise o neoliberalismo sofreu resistência no bloco capitalista em virtude do crescimento econômico propiciado pelas políticas keynesianas: “Por esta razão, não pareciam muito verossímeis os avisos neoliberais dos perigos que representavam qualquer regulação do mercado por parte do Estado. [...] Esta mensagem permaneceu na teoria por mais ou menos 20 anos”¹⁷¹. A partir da década de 1970, no entanto, esta ideologia encontraria um terreno fértil para a conquista de sua hegemonia: “A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa ‘natural’ de desemprego [...]”¹⁷².

Nesse sentido, o Chile viria a ser a primeira experiência dessa ideologia após o golpe militar de no dia 11 de setembro de 1973 que tiraria do poder e mataria o presidente democraticamente eleito, Salvador Allende¹⁷³. Este golpe imposto pelas forças armadas contou com o apoio de alguns setores da sociedade, incluindo empresários, banqueiros, clérigos e políticos de direita¹⁷⁴, além do apoio externo, promovido pelos Estados Unidos através de seu serviço de inteligência, a CIA: “O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos”¹⁷⁵.

Na década em questão o neoliberalismo viria a ganhar respeitabilidade acadêmica, quando dois dos seus principais teóricos, Hayek e Friedman, ganhariam o prêmio Nobel de economia em 1974 e 1976 respectivamente: “Esse prêmio específico, embora assumisse a aura

170 SAAD FILHO, Alfredo. op. cit. p. 66.

171 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 2.

172 Ibidem. p. 2.

173 É bem verdade que Allende se suicidou, mas este fato se deu em razão do golpe iminente após o bombardeio ao *Palacio La Moneda*: AFP. Suprema Corte encerra investigação por morte de Salvador Allende. **G1**, Rio de Janeiro, 7 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/suprema-corte-encerra-investigacao-por-morte-de-salvador-allende.html>> Acesso em: 10 dez. 2021; LA MONEDA bombardeada. **Museo de La Memoria y los Derechos Humanos**, Santiago, set. 2017. Disponível em: <<https://web.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/pieza-del-mes/la-moneda-bombardeada/>> Acesso em: 10 dez. 2021.

174 MONTEIRO, Tiago Francisco. As divisões políticas da primeira elite castrense da ditadura chilena (1973-1978): grupos políticos, alternativas institucionais e formação profissional. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, p. 397-429, jul./dez. 2013. p. 398.

175 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 9.

de um Nobel, não tinha nenhuma relação com os outros prêmios, estando como estava sob o estrito controle da elite bancária suíça”¹⁷⁶.

Quase 10 anos após o golpe militar no Chile, Hayek chegaria a declarar em jornal daquele país que a sua “[...] preferência pende a favor de uma ditadura liberal, não a um governo democrático em que não haja nenhum liberalismo”¹⁷⁷.

Entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, o projeto neoliberal de governo viria a ser adotado nas potências capitalistas do período, destacando-se dentre elas, os governos de Margaret Thatcher, eleita em 1979, no Reino Unido, e Ronald Reagan, eleito em 1980, nos Estados Unidos. De acordo com Anderson, o governo Thatcher (1979-1990) foi o mais coerente ao projeto, uma vez que dentre as medidas adotadas, estavam: a diminuição dos impostos sobre as grandes fortunas, a criação de níveis de desemprego massivos, repressão as greves, cortes a gastos sociais, privatizações e dentre outras medidas¹⁷⁸: “Esse pacote de medidas é o mais sistemático e ambicioso de todas as experiências neoliberais em países de capitalismo avançado”¹⁷⁹. Seguindo essa lógica, a primeira-ministra chegaria a declarar em entrevista para a revista *Woman’s Own* em 1987:

Acho que atravessamos um período no qual muitas crianças e pessoas foram levadas a acreditar que, se tenho um problema, é a missão do governo resolvê-lo ou que conseguirei uma subvenção para lidar com ele ou que, se sou um sem teto, o governo deve me dar moradia – de tal modo que essas pessoas estão arremessando seus problemas sobre a sociedade. Mas, o que é a sociedade? *Não existe essa coisa*. O que existe são homens e mulheres, indivíduos, e famílias [...] ¹⁸⁰ (grifo nosso).

O governo Reagan (1981-1989), por sua vez, também adotou algumas medidas políticas alinhadas ao neoliberalismo em seu programa interno ao diminuir impostos sobre as grandes fortunas e a elevação das taxas de juros¹⁸¹. Todavia, como observou Anderson, este governo se concentraria na competição militar com a União Soviética: “[...] concebida como uma estratégia para quebrar a economia soviética e, por esta via, derrubar o regime comunista na Rússia”¹⁸².

176 HARVEY, David. op. cit. p. 31.

177 HAYEK, 1981. apud. DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. op. cit. p. 182.

178 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 3.

179 Ibidem. p. 3.

180 MAGNOLI, Demétrio. ‘Essa coisa de sociedade não existe’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>> Acesso em: 10 dez. 2021.

181 ANDERSON, Perry. op. cit. p. 4.

182 Ibidem. p. 4.

A despeito desses e de outros governos que haviam aderido ao neoliberalismo, houve uma tentativa de resistência por parte dos adeptos do Estado de bem-estar social na região sul do continente europeu com a eleição de governos que se propunham de esquerda em países como França, Espanha, Portugal, Itália e Grécia: “Foi uma tentativa de criar um equivalente no sul da Europa do que havia sido a social-democracia do pós-guerra no norte do continente em seus anos de ouro”¹⁸³.

Contudo, a tentativa fracassou. De modo que alguns desses países se viram obrigados a reorientar suas políticas, alinhando-as ao projeto neoliberal: “[...] com prioridade para a estabilidade monetária, a contenção do orçamento, concessões fiscais aos detentores de capital e abandono do pleno emprego”¹⁸⁴.

Nesse sentido, segundo Anderson, essas experiências demonstravam a hegemonia alcançada pelo neoliberalismo como ideologia, visto que, se outrora somente governos de direita adotavam seu projeto político, posteriormente, os que se propunham como de esquerda também o fariam¹⁸⁵: “O neoliberalismo havia começado tomando a socialdemocracia como sua inimiga central, em países de capitalismo avançado, [...] Depois, os governos socialdemocratas se mostraram os mais resolutos em aplicar políticas neoliberais”¹⁸⁶.

Essa hegemonia se consolidaria a partir do final da década de 1980 com a queda do Muro de Berlim em 1989 e o colapso da União Soviética em 1991, marcando assim, o fim da Guerra Fria: “[...] a vitória do Ocidente na guerra fria, com o colapso de seu adversário comunista, não foi o triunfo de qualquer capitalismo, mas o do tipo específico liderado e simbolizado por Reagan e Thatcher nos anos 80”¹⁸⁷.

Tamanha seria essa hegemonia do neoliberalismo nesse período, que em 1989 o politólogo e filósofo Francis Fukuyama escreveria um artigo intitulado *O fim da história?*, que mais tarde, em 1992, viraria um livro, denominado como *O fim da história e o último homem*¹⁸⁸, onde o autor defendia que o capitalismo e a democracia liberal seriam o ápice da “civilização” humana¹⁸⁹. Em outras palavras, o autor proclamava a “morte das ideologias”, conforme

183 Ibidem. p. 4.

184 Ibidem. p. 4-5.

185 Ibidem. p. 5.

186 Ibidem. p. 5.

187 Ibidem. p. 8.

188 Obras essas cujas produções foram amparadas pela instituição conservadora estadunidense *Olin Foundation*: FONTANA, Josep. *La Historia de los Hombres*. 1. ed. Barcelona: Crítica, 2001. p. 310.

189 MELO, Demian Bezerra de. *A Miséria da Historiografia: O revisionismo historiográfico 40 anos depois do golpe de 1964*. 2005. 98 p. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. p. 5.

analisou a historiadora Luciana de Castro Soutelo: “[...] dessa forma, retira-se, cinicamente a condição de ideologia ao capitalismo, que se torna, então, uma obscura emanção naturalizada”¹⁹⁰.

Por fim, o desemprego estrutural criado pelo regime de acumulação flexível em consonância com o neoliberalismo viria a promover o trabalho informal em massa, interferindo diretamente no que a tradição marxista convencionou chamar de consciência de classe:

Nelas, a consciência de classe já não deriva da clara relação de classe entre capital e trabalho, passando para um terreno muito mais confuso dos conflitos interfamiliares e das lutas pelo poder num sistema de parentescos ou semelhantes a um clã que contenha relações sociais hierarquicamente ordenadas. A luta contra a exploração capitalista na fábrica é bem diferente da luta contra um pai ou tio que organiza o trabalho familiar num esquema de exploração altamente disciplinado e competitivo que atende às encomendas do capital multinacional¹⁹¹.

Deste modo, o neoliberalismo enquanto ideologia hegemônica interfere na totalidade das relações sociais, inclusive nas subjetividades, condicionando concepções individualistas e meritocráticas como a do chamado empreendedorismo e correlacionadas: “Essa dimensão prevalece sobre a capacidade calculadora e maximizadora da teoria econômica padrão. Todo indivíduo tem algo de empreendedorístico dentro dele, e é característica da economia de mercado liberar e estimular esse ‘empreendedorismo’ humano”¹⁹².

1.3. Formação dos *think tanks* neoliberais.

Sob à luz desse processo histórico de origem e hegemonia do neoliberalismo ao redor da maior parte do planeta, surgiriam os primeiros *think tanks* defensores desta ideologia. Uma década após a publicação de *O caminho da servidão*, seria criado pelo ex-piloto da Força Aérea Real Britânica, Antony Fisher, o *Institute of Economic Affairs* (IEA) em Londres. De acordo com Camila Rocha em diálogo com o historiador Richard Cockett, o ex-piloto teria ficado tão impactado com a obra em questão que, em 1947:

190 SOUTELO, Luciana de Castro. **A memória do 25 de Abril nos anos do cavaquismo**: o desenvolvimento do revisionismo histórico através da imprensa (1985-1995). Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Universidade do Porto, Porto, 2009. p. 96.

191 HARVEY, David. 1992. p. 145-146.

192 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. op. cit. p. 146.

resolveu ir pessoalmente ao seu encontro na *London School of Economics* onde Hayek era professor, para pedir conselhos a respeito de qual seria a melhor forma de divulgar suas ideias [...]. Porém, em vez de aconselhá-lo a se tornar um militante político ligado ao Partido Conservador, Hayek sustentou que a melhor forma de divulgar o pensamento neoliberal seria por meio da fundação de uma organização civil não partidária¹⁹³ (grifo nosso).

Segundo essa autora, este conselho teria se dado em virtude da conjuntura em que os neoliberais em questão se encontravam, isto é, o período do pós-guerra onde se vigorava o keynesianismo do chamado Estado de bem-estar social, de modo que a ideologia neoliberal à época sofria resistência. Nesse sentido, por meio de uma organização civil privada: “[...] seria possível divulgar o pensamento neoliberal em sua forma original, ‘pura’, sem a necessidade de se prender à lógica político-partidária de curto prazo [...]”¹⁹⁴ ao passo que Hayek visava a conquista da hegemonia no longo prazo por meio de uma vanguarda intelectual que agisse de forma estratégica, influenciando jornalistas, acadêmicos, escritores e professores: “Seriam estes que, por sua vez, poderiam difundir o ideário neoliberal junto à opinião pública por um logo período de tempo, possibilitando que pudesse se tornar um consenso no seio da sociedade”¹⁹⁵.

O IEA teria tamanho êxito em seus interesses políticos e ideológicos, que para além das publicações que objetivavam divulgar o neoliberalismo, conseguiria interferir diretamente no governo de Margaret Thatcher, por meio do fornecimento de quadros e assessores técnicos¹⁹⁶.

Ao longo dos anos 1970, Fisher seria convidado a ajudar na criação de inúmeros *think tanks* no contexto anglo-saxão, como o: *Fraser Institute* (1974), sediado em Vancouver; o *Center for Independent Studies* (1976), sediado em Sydney; o *Manhattan Institute for Policy Research* (1977), sediado em Nova York; o *Pacific Institute for Public Policy* (1979), sediado em São Francisco. Até que na década seguinte, com a finalidade de: “[...] fornecer uma espécie de central coordenadora para as organizações de direita que haviam sido criadas até então, e de fundar novas ‘filiais’ do IEA em países que não compartilhavam da tradição anglo-saxã”¹⁹⁷, o ex-piloto da Força Aérea Real Britânica fundaria em Washington a *Atlas Economic Research*

193 ROCHA, Camila. 2015. p. 267.

194 Ibidem. p. 267.

195 Ibidem. p. 267.

196 Ibidem. p. 268.

197 Ibidem. p. 269.

Foundation (1981) – em 2013 esta organização passaria a adotar o “nome fantasia” *Atlas Network*¹⁹⁸ –, que funcionaria como um “*meta-think tank*”¹⁹⁹.

Conforme aqui já mencionado, a relação do fundador da *Atlas* com a *Sociedade Mont-Pélerin*, que já era próxima desde os primórdios desta segunda, se estreitaria em 1987 após a associação deste *think tank* com o *Institute for Humane Studies* (IHS)²⁰⁰, criado pelo acadêmico e membro da *Sociedade*, F. A. Harper²⁰¹. De acordo com Camila Rocha, o vínculo da *Atlas* com a *Mont-Pélerin* foi fundamental para conseguir os seus objetivos, uma vez que nos encontros promovidos por esta última “[...] Fisher conseguia angariar quadros dirigentes, financiadores, doadores e demais apoiadores para a articuladora norte-americana”²⁰².

Dentre os doadores, destacam-se os bilionários Charles e David Koch²⁰³, conhecidos como “irmãos Koch”, que ficaram empatados no oitavo lugar da lista dos maiores bilionários do mundo em 2018 realizada pela revista *Forbes*²⁰⁴, com uma fortuna estimada em US\$ 60 bilhões cada um. Por sua vez, a *Koch Industries*, empresa que atua, entre outros setores, com petróleo e gás²⁰⁵, apareceu no primeiro lugar da lista das maiores empresas privadas dos Estados Unidos em 2020 realizada por essa mesma revista²⁰⁶.

Os objetivos que a *Atlas* visava foram conquistados de modo bastante satisfatórios em pouco tempo. Dez anos após a sua fundação, este *meta-think tank* já contava com uma rede composta por mais de 60 *think tanks*²⁰⁷, ao passo que atualmente esta organização conta com aproximadamente 473 satélites em mais de 100 países, sendo 172 na América do Norte, 121 na Europa, 35 na África, 35 na Ásia, 7 na Oceania e 100 na América Latina²⁰⁸.

198 BAGGIO, Kátia Gerab. op. cit. p. 20.

199 AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Agência Pública**, São Paulo, 23 jun. 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>> Acesso em: 4 dez. 2021; CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. op. cit. p. 46-47; MELO, Demian Bezerra de. 2017. p. 20.

200 Fundado em 1961 na Califórnia: ROCHA, Camila. 2015. p. 268-269.

201 Ibidem. p. 268-269.

202 Ibidem. p. 269.

203 Faleceu no dia 23 de agosto de 2019: MORRE aos 79 anos o bilionário David Koch. **Forbes**, São Paulo, 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://forbes.com.br/colunas/2019/08/morre-aos-79-anos-o-bilionario-david-koch/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

204 DOLAN, Kerry; KROLL, Luisa. 20 maiores bilionários do mundo em 2018. **Forbes**, São Paulo, 6 mar. 2018. Disponível em: <<https://forbes.com.br/escolhas-do-editor/2018/03/crece-numero-de-bilionarios-no-mundo-mas-ainda-ha-poucas-mulheres/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

205 BAGGIO, Kátia Gerab. op. cit. p. 2.

206 MURPHY, Andrea. As 25 maiores empresas privadas dos Estados Unidos em 2020. **Forbes**, São Paulo, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/listas/2020/11/as-25-maiores-empresas-privadas-dos-estados-unidos-em-2020/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

207 ROCHA, Camila. 2015. p. 269.

208 ATLAS NETWORK. *Over 500 partners in almost 100 countries around the globe*. **Atlas Network**, Washington, [201-]. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/partners>> Acesso em: 4 dez. 2021.

No que se refere aos recursos destinados aos seus satélites, de acordo com a reportagem realizada em 2015 pela jornalista Marina Amaral do *Agência Pública*, a receita da *Atlas* em 2013 foi de US\$ 11,459 milhões, sendo que desse valor, US\$ 6,1 milhões foram destinados para os seus satélites, US\$ 595 mil para os da América do Sul²⁰⁹.

Segundo o relatório realizado em 2020 pelo *The Think Tanks and Civil Societies Program* (TTCSP), espécie de grupo de pesquisa vinculado ao *Lauder Institute* da Universidade da Pensilvânia, que realiza estudos acerca dos *think tanks* mundo afora²¹⁰ – publicando anualmente relatórios nesse sentido, o *Global Go To Think Tank Index*²¹¹ –, o Brasil se encontra em nono lugar na posição da lista dos países cujos quais possuem o maior número de *think tanks* no mundo, possuindo 190 organizações desta natureza²¹², com destaque para a Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra no terceiro lugar dos *think tanks* mais importantes mundialmente.²¹³

Dentre os 190 *think tanks* presentes no Brasil, pelo menos 14 são satélites da *Atlas*²¹⁴, são eles: o Instituto Liberal (IL), fundado em 1983 no Rio de Janeiro; Instituto de Estudos Empresariais (IEE), fundado em 1984 em Porto Alegre; Instituto Liberal do RS – atualmente Instituto Liberdade – (IL – RS), fundado em 1986 em Porto Alegre; Instituto Millenium (IMIL), fundado em 2005 no Rio de Janeiro; Instituto Ludwig von Mises Brasil (IMB), fundado em 2007 em São Paulo²¹⁵; *Students for Liberty Brazil* (SFL), fundado em 2008 em Belo Horizonte; Instituto de Formação de Líderes de Belo Horizonte (IFL – BH), fundado em 2011; Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (IFL – SP), fundado em 2011; Instituto Líderes do Amanhã, fundado em 2011 em Vitória; Instituto Liberal de São Paulo (ILISP), fundado em 2014²¹⁶; Instituto Atlantos, fundado em 2015 em Porto Alegre; LIVRES, fundado em 2015 no Rio de

209 AMARAL, Marina. op. cit.

210 Não necessariamente neoliberais.

211 *THINK Tanks and Civil Societies Program. Global Go To Think Tank Index. Think Tanks and Civil Societies Program, Philadelphia*. [21--]. Disponível em: <<https://www.gotothinktank.com/global-goto-think-tank-index>> Acesso em: 4 dez. 2021.

212 *THINK Tanks and Civil Societies Program. Global Go To Think Tank Index Report 2020. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2020*. p. 44.

213 *Ibidem*. p. 64.

214 Essas informações não podem mais ser verificadas na página da *Atlas*, todavia, utilizando o site *Internet Archive*, caracterizado por manter um arquivo multimídia online após este ser retirado do ar de seu endereço eletrônico original, pode-se verificar os *think tanks* satélites da *Atlas* que apareciam em sua página em maio de 2020: *ATLAS NETWORK. Global Directory. Internet Archive, San Francisco, 25 mai. 2020*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200525200224/https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean>> Acesso em: 5 nov. de 2021.

215 Mais conhecido como Instituto Mises Brasil.

216 Não se confundindo com o Instituto Liberal de São Paulo (IL – SP), fundado em 1987: ROCHA, Camila. 2018. p. 79.

Janeiro; Instituto de Formação de Santa Catarina (IFL – SC), fundado em 2016; *Mackenzie Center for Economic Freedom*, fundado em São Paulo. Sem contar o Movimento Brasil Livre (MBL), fundado em 2014 em São Paulo, que até maio de 2016 aparecia na lista de satélites da *Atlas* em seu site²¹⁷.

Estes primeiros *think tanks* que surgiram no Brasil na década de 1980 também devem ser vistos como parte deste processo histórico de hegemonia do neoliberalismo. O continente sul americano seria classificado à época como o da “década perdida”²¹⁸, em virtude da crise econômica que o assolaria. De acordo com Camila Rocha, esta crise estaria para a América Latina como a crise de 1929 esteve para os países centrais do capitalismo daquele período²¹⁹.

Com o objetivo de conter a crise, seria criado o “receituário”²²⁰ que ficaria conhecido como “Consenso de Washington”, termo criado em 1989 pelo economista John Williamson, que compreendia a crise na América Latina como resultado de dois fatores, de acordo com o também economista Luiz Carlos Bresser-Pereira:

a) o excessivo controle do Estado, traduzido em protecionismo (o modelo de substituição de importações), excesso de regulação e empresas estatais ineficientes e em número excessivo; b) o populismo econômico, definido pela incapacidade de controlar o déficit público tanto do setor privado quanto do setor público²²¹.

Todavia, os processos históricos não podem ser vistos apenas como meros reflexos de causa e consequência entre potências e periferias do capitalismo. Para além dessa conjuntura internacional de efervescência neoliberal, o Brasil passaria pela chamada redemocratização do país, culminando no fim da ditadura militar que havia durado mais de 20 anos. A esse respeito, Caldeira Neto em concordância com o historiador Daniel Aarão Reis, observa que ao longo desse período e da Assembleia Nacional Constituinte, havia se criado um aparente “consenso democrático” e antiautoritário, que supostamente viria a ser a representação da sociedade brasileira: “Logo, a condição democrática era o efetivo resultante da maioria absoluta dos

217 “Nada, obviamente, é por acaso. Houve, provavelmente, uma deliberada decisão por ocultar o MBL da lista de partners no período de votação do *impeachment* da presidente Dilma no Senado”: BAGGIO. Kátia Gerab. op. cit. p. 7.

218 MIRANDA, João Elter Borges. Existe uma nova direita no Brasil contemporâneo? In: BALESTRO. Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020. p. 32.

219 ROCHA, Camila. 2015. p. 270.

220 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 32.

221 BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise da América Latina: Consenso de Washington ou crise fiscal? **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 21, n. 1, p. 3-23, 1991. p. 6.

cidadãos brasileiros, de modo que o apoio civil ao golpe e à continuidade do regime de exceção seria uma espécie de lapso, fruto de relações conturbadas, inclusive entre civis e militares”²²².

De acordo com Camila Rocha, isso se daria por conta, dentre outras coisas, do declínio do discurso anticomunista, que havia sido a tônica da ditadura militar, sobretudo no setor da direita mais conservadora, de modo que este discurso perderia o apelo de outrora por parte do Estado e dos empresários, que “passavam agora a ter outros interesses em detrimento do combate ao comunismo”²²³.

Ao encontro da análise de Caldeira Neto, Reis e Camila Rocha sobre esse suposto “consenso democrático” e declínio do discurso anticomunista, foi a análise do sociólogo Antônio Flávio Pierucci, que já no período em discussão questionava sobre o surgimento das “novas direitas” após o fim da ditadura: “Do comunismo como fantasma assustador, velho pânico das direitas de um modo geral, do sobressalto ante a revolução socialista ali ao dobrar da esquina, nem sombra. Anticomunismo, quando há, é dos chefes, não das bases [...]”²²⁴.

Todavia, a despeito das políticas neoliberais que seriam adotadas no Brasil e na América Latina no final do século XX, de acordo com Pierucci, esta ideologia não reverberava nas bases sociais naquele período: “[...] o pouco que se encontrou de neoliberalismo econômico provou-se minguante quanto mais longe das cúpulas das máquinas eleitorais ou partidárias se achava o entrevistado”²²⁵.

A esse respeito, o historiador João Elter Borges Miranda aponta que não existe ideologia dominante sem a atuação dos chamados aparelhos privados de hegemonia, os quais conceituamos neste trabalho como *think tanks*²²⁶. Nesse sentido, a burguesia nacional, classe esta que havia perdido espaço político ao longo da ditadura militar, sobretudo durante o governo do general Ernesto Geisel (1974-1979)²²⁷ – a despeito de paradoxalmente ter sido protagonista no golpe que culminaria na ditadura, ao ponto de haver na historiografia autores que denominem este fato como “golpe empresarial-militar”²²⁸ –, necessitava reconstruir a sua hegemonia no rearranjo político que havia se iniciado com a redemocratização: “[...] com

222 CALDEIRA NETO, Odilon. op. cit. p. 126.

223 ROCHA, Camila. 2018. p. 43.

224 PIERUCCI, Antonio Flávio. As bases da Nova Direita. **Novos Estudos (CEBRAP)**, São Paulo, vol. 3, n. 19, dez. 1987. p. 27.

225 Ibidem. p. 27.

226 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 38.

227 ROCHA, Camila. op. cit. p. 42, 68, 69.

228 Nesse sentido, ver: DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

intuito de atualizar e de redefinir suas bases de dominação e atuação, adequando-se às novas maneiras de se relacionar com o Estado em processo de redemocratização”²²⁹.

Em meio a esta conjuntura, surgiram os primeiros *think tanks* neoliberais brasileiros, destacando-se dentre eles, os já mencionados Instituto Liberal (IL) e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). O IL foi fundado pelo empresário brasileiro, de origem canadense, Donald Stewart Jr, “um dos homens mais ricos do Rio de Janeiro na época e dono da ECISA, uma empresa do ramo da construção civil que construía obras na África financiadas pelo Banco Mundial [...]”²³⁰, e que era sócio da *Sociedade Mont-Pèlerin* e dos *think tanks Atlas, CATO Institute, Heritage Foundation, Fraser Institute, Liberty Fund e Institute of Economic Affairs*.
231

A fundação do IL também contou com a colaboração do ex-editor da *Revista Visão* (1952-1993)²³², principal tradutor das obras de Hayek no Brasil, José Stelle, que foi o primeiro coordenador deste *think tank*, permanecendo no mesmo até 1985. Nesse sentido, de acordo com a socióloga Denise Barbosa Gros, precisamente a tradução e a publicação de obras de pensadores neoliberais seria a principal atividade do Instituto Liberal em seus primeiros anos de funcionamento, destacando-se nesse sentido as obras dos neoliberais da Escola Austríaca de Economia, dentre elas: “*A Teoria da Exploração do Socialismo Comunismo*” (E. Bohm-Bawerk); “*O Caminho da Servidão*”; “*Direito, Legislação e Liberdade*”; “*Desemprego e Política Monetária*”; “*Desestatização do Dinheiro*” (Friedrich Hayek); “*As seis lições*”; “*Uma crítica ao intervencionismo*”; “*A mentalidade anticapitalista*”; “*Liberalismo*”; “*Ação Humana*” (Ludwig Von Mises)²³³.

Visando a circulação dessas obras, seriam criadas filiais do Instituto Liberal pelos outros estados do Brasil a partir de 1986²³⁴, totalizando nove institutos contando com o IL-RJ. Além

229 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 33-34.

230 ROCHA, Camila. op. cit. p. 73.

231 REGINA, Cláudia. Donald Stewart Jr. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA)**, São Paulo, 17 out. 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoad/donald-stewart-jr>> Acesso em: 4 dez. 2021.

232 Revista esta, que a partir de 1974 passou a ser propriedade do empresário Henry Maksoud, caracterizada por divulgar ensaios e entrevistas de autores neoliberais como Hayek, Friedman e Murray Rothbard: ROCHA, Camila. op. cit. p. 68.

233 GROS, Denise Barbosa. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. 2003. p. 127. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, 2003. p. 127-128.

234 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. op. cit. p. 42.

da sede no Rio, as filiais se encontravam em Pernambuco, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Brasília, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul²³⁵.

Com os mesmos objetivos do Instituto Liberal, um ano após a formação deste último, seria fundado no Rio Grande do Sul o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) pelos empresários da família Ling, donos da *Holding Petropar* (renomeada como *Évora* a partir de 2013)²³⁶, que é a segunda maior fabricante mundial de mantas de polipropileno para descartáveis higiênicos e médico-hospitalares. No Brasil, esta empresa é a segunda maior fábrica de latas de alumínio para bebida²³⁷.

Entretanto, para além da colaboração na circulação das obras de teóricos do neoliberalismo, a grande marca do IEE se daria na criação do chamado Fórum da Liberdade, evento este que ocorre anualmente desde 1988²³⁸ reunindo organizações, intelectuais, jornalistas, empresários, políticos e ativistas das direitas brasileira e internacional, ao ponto de tradicionalmente ser o “[...] palco para o lançamento público de alguns dos principais aparelhos da nova direita brasileira”²³⁹.

Nesse sentido, afora ter reunido desde a sua criação aos dias atuais personalidades²⁴⁰ como: Gustavo Franco (presidente do Banco Central do Brasil entre 1993 a 1999, fundador da *Rio Bravo Investimentos*, um dos fundadores do *think tank* IMIL), Jorge Gerdau Johannpeter (empresário ligado ao *Grupo GERDAU*, membro dos *think tanks* IL, IEE e um dos fundadores do IMIL), Paulo Guedes (doutor em economia pela Escola de Chicago, atual ministro da economia do governo Bolsonaro, um dos fundadores do IMIL), Rodrigo Constantino (escritor com passagem pelas revistas *Veja*, *Valor Econômico*, *O Globo*, *IstoÉ*, atualmente comentarista

235 ROCHA, Camila. op. cit. p. 79.

236 Ibidem. p. 75.

237 PETROPAR passa a se chamar Évora. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/petropar-passa-a-se-chamar-evora-4122703.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

238 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. Fórum da Liberdade: o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil. In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020b. p. 88.

239 Ibidem. p. 88.

240 Sobre a participação das personalidades citadas no *Fórum*, consultar: CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. op. cit. p. 91-92; AZEREDO, André. Fórum da Liberdade discute política e impostos em Porto Alegre. *Jornal da Globo*, Porto Alegre, 8 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/04/forum-da-liberdade-discute-politica-e-impostos-em-porto-alegre.html>> Acesso em: 4 dez. 2021; FÓRUM DA LIBERDADE. **#ForumEmCasa: Liberdade em tempos de crise com Pedro Bial, Fernando Schuler e João Pereira Coutinho**. Porto Alegre: Fórum da Liberdade, 15 abr. 2020. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal *forumdaliberdade*. Disponível em: <<https://youtu.be/VbUdIUuWauM>> Acesso em: 4 dez. 2021; AO VIVO: assista às palestras do Fórum da Liberdade 2021. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 abr. 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2021/04/ao-vivo-assista-as-palestras-do-forum-da-liberdade-2021-ckneqtm1001b0198q0kw85o9.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

político no programa *Os Pingos nos Is* da *Jovem Pan*, um dos fundadores do IMIL e desde 2013 presidente do IL), David Friedman (economista e filho de Milton Friedman da Escola de Chicago), Hélio Marcos Coutinho Beltrão (empresário ligado ao Grupo Ultra, um dos fundadores do IMIL e do IMB), Luiz Felipe Pondé (filósofo, colunista da *Folha de S. Paulo*, *youtuber*), Michel Temer (presidente da república entre 2016 e 2019), João Roberto Marinho (filho de Roberto Marinho, vice-presidente das *Organizações Globo*, um dos fundadores do IMIL), Pedro Bial (jornalista e apresentador de *talk-show* da *Rede Globo*, um dos fundadores do IMIL), Olavo de Carvalho (autor de livros de teorias da conspiração como “*O Imbecil Coletivo*” (1997)), o evento em questão foi responsável pelo “lançamento” dos já mencionados *think tanks*: Instituto Millenium (IMIL) em 2006²⁴¹, Instituto Mises Brasil (IMB) em 2010²⁴², *Students for Libery Brazil* (SFL) em 2012²⁴³, Brasil Paralelo (BP) em 2017.²⁴⁴

Em vista disso, não foi forçosa a classificação dada ao evento pela *Forbes*, que em 2019 o definiria como sendo “o maior evento de debates da América Latina”²⁴⁵.

De acordo com Camila Rocha, esses *think tanks* fundados na década de 1980 viveriam seu auge até o final do século XX. Em adição à publicação de livros e expansão por meio de filiais, o IL também passaria a promover eventos, premiações, cursos, intercâmbio de acadêmicos etc.,²⁴⁶ de modo que até 1993 esta organização “foi capaz de atrair 200 mantenedores do meio empresarial e promover mais de 500 eventos no país com 169 palestrantes ligados ao Instituto, sendo que no ano de 1993 foi realizada no Rio de Janeiro a reunião anual da *Sociedade de Mont Pèlerin*”²⁴⁷ (grifo nosso).

Deste modo, o Instituto Liberal e o Instituto de Estudos Empresariais, em conjunto com outros parceiros, como a *Atlas*, formariam no final do século XX uma verdadeira rede de promoção do neoliberalismo no Brasil. Uma possível distinção entre ambos, é a de que enquanto o IL teria como público-alvo “a ser influenciado” os políticos, mas não se restringindo à eles: “É possível dizer que [o] Instituto Liberal influenciou de forma importante na formação de vários quadros de elite acadêmica, professores e pesquisadores, principalmente da área de economia [...]”²⁴⁸; o IEE por outro lado se dedicaria à formação de jovens empresários²⁴⁹, sendo

241 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a, p. 73.

242 Ibidem. p. 73.

243 Ibidem. p. 73.

244 Ibidem. p. 76.

245 FÓRUM DA LIBERDADE. apud. CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020b, p. 87.

246 ROCHA, Camila. op. cit. p. 88.

247 CASIMIRO, 2010. n.p. apud. ROCHA, Camila, op. cit. p. 89.

248 ROCHA, Camila. op. cit. p. 91.

249 Ibidem. p. 91

um *think tank* mais restrito. Característica essa que permaneceu no século XXI: “Para ser aceito, deve ter entre 20 e 32 anos e [...] estar envolvido com o risco inerente ao capital, isto é, estar à frente ou na linha de sucessão de empresa de qualquer ramo de atividade”²⁵⁰.

Todavia, após as vitórias eleitorais de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) para a presidência do país (1995-2003), paradoxalmente ao fato do tucano ter seguido o receituário do Consenso de Washington em seus governos viria a contribuir para que os *think tanks* neoliberais entrassem em declínio, ao ponto de as filiais do IL-RJ serem fechadas, conforme atestou Camila Rocha:

À medida em que o Plano Real atingia sua meta de reduzir os altos índices inflacionários vigentes até então, privatizações eram realizadas e os mercados para educação e saúde privadas se expandiam, muitos dos empresários que colaboravam financeiramente com os Institutos Liberais passaram a compreender que o ideário pró-mercado teria penetrado de fato no governo, e que, portanto, os *think tanks* já haviam logrado êxito e não necessitavam mais de um aporte contínuo de recursos²⁵¹ (grifo nosso).

A autora também aponta que a morte do fundador do Instituto Liberal, Donald Stewart Jr. em 1998, teve um impacto importante para este declínio, uma vez que este empresário ajudava a manter o IL com seus próprios recursos. Além disso, boa parte dos contatos que este *think tank* possuía com instituições estrangeiras se daria de modo mais pessoal, por meio do falecido empresário²⁵².

1.4. Olavo de Carvalho e os “novos” *think tanks* neoliberais.

Em paralelo ao declínio dos primeiros *think tanks* neoliberais brasileiros, o supracitado autor de livros de teorias da conspiração, que viria a ser um dos principais teóricos das direitas brasileiras no século XXI, Olavo de Carvalho, começava a sua atuação na internet por meio do blog “*Sapientiam autem non vincit malitia*” (“*A sabedoria não é vencida pela malícia*”) em 1998²⁵³.

Inicialmente denominada *Arpanet* pela agência *Advanced Research Projects Agency* (ARPA)²⁵⁴ do Departamento de Defesa dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria, a

250 GROS, Denise Barbosa. op. cit. p. 190.

251 ROCHA, Camila. op. cit. p. 96.

252 Ibidem p. 99.

253 Ibidem. p. 101.

254 Atualmente denominado *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA).

Internet, segundo observou o sociólogo Manuel Castells, seria criada em 1969 com o objetivo de: “[...] alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética na esteira do lançamento do primeiro *Sputnik* em 1957”²⁵⁵ (grifo nosso), só se popularizando ao redor do mundo na década de 1990.

De acordo com a historiadora Karine Rodrigues Firmino, essa tecnologia chegaria ao Brasil em 1988 por iniciativa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), vindo a se tornar um dos principais meios de comunicação no país nos dias atuais²⁵⁶.

Isto se deu especialmente porque no início dos anos 90 a *World Wide Web* (WWW) seria criada²⁵⁷ e se tornaria domínio público em 1993.²⁵⁸ Esta tecnologia estava sendo desenvolvida desde 1980 no *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire* (CERN) em Genebra pelo físico Timothy Berners-Lee e pelo engenheiro Robert Cailliau, com base no *software de hipertextos Enquire* (1980).²⁵⁹ Nesse sentido, conforme definiu o sociólogo Guilherme Paiva de Carvalho, a *Web* trata-se de: “um sistema de *hipertexto* no qual informações poderiam ser acrescentadas pelos usuários e acessadas por computadores que estivessem conectados à rede”²⁶⁰ (grifo nosso).

Este *hipertexto*, por sua vez, de acordo com o filósofo Pierre Lévy, é constituído por: “nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’ indicando a passagem de um nó a outro”²⁶¹.

Desde então, o uso destas tecnologias cresceria vertiginosamente ao redor do mundo, passando a atingir os usuários domésticos. Segundo o historiador Fábio Chang de Almeida,

255 CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15.

256 FIRMINO, Karine Rodrigues. Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política e simbólica da (s) direita (s) recente (s). In: Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020. p. 167.

257 CASTELLS, Manuel. op. cit. p. 15-16.

258 CERN. *The birth of the Web*. CERN, Genebra, [201-]. Disponível em: <<https://home.cern/science/computing/birth-web>> Acesso em: 4 dez. 2021.

259 CASTELLS, Manuel. op. cit. 19.

260 CARVALHO, Guilherme Paiva de. Uma reflexão sobre a rede mundial de computadores. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 2, p. 549-554, 2006. p. 550.

261 LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 56.

diante de tamanho crescimento, criou-se um novo espaço de sociabilidade: *o ciberespaço*²⁶². Conceito este formulado por Lévy, que o definiu como:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo²⁶³.

Tão rápido seria este crescimento que, uma década e meia após o surgimento da *web*, esta passaria por transformações significativas em sua concepção. Embora não haja consenso no que refere às supostas rupturas na história da internet após a criação da *web* – se houveram e quando ocorrem –, se nota pelo menos dois²⁶⁴ momentos distintos neste processo de acordo com os pesquisadores deste campo: o desenvolvimento da *web 1.0 para a web 2.0*.

O termo *web 2.0* seria popularizado em 2004 por Tim O’Reilly através do evento *Web 2.0 Conference*. De acordo com este empresário, a principal diferença entre a *web 1.0* e a *2.0*, é que a partir desta segunda, a internet passaria a se tornar uma plataforma²⁶⁵, isto é: “em vez de apenas um complemento para o PC, você pode criar aplicativos que aproveitem os efeitos de rede, para que se tornem melhores quanto mais pessoas os usarem. Usei a frase ‘aproveitando a inteligência coletiva’ para enquadrar esse fenômeno”²⁶⁶ (tradução nossa).

De acordo com os defensores da dita *web 2.0*, seria precisamente a partir da “ruptura” provocada por esta com a sua “plataformização” da rede e o seu incentivo a uma maior interatividade entre os usuários, é que teriam surgido inúmeros blogs²⁶⁷, bem como as primeiras redes sociais (à época, além do *Facebook* e do *Twitter*, destacavam-se o *Orkut* e o *MySpace*)²⁶⁸ e “sites de compartilhamento”²⁶⁹ de multimídia, também conhecidas como “plataformas”, destacando-se nesse sentido a plataforma de vídeos *YouTube*.

262 ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Revista Aedos*, v. 3, n. 8, 2011. p. 12.

263 LÉVY, Pierre. op. cit. p. 17.

264 Há quem fale em *web 3.0* (e mesmo de uma *web 4.0*), no entanto, foge da alçada deste trabalho entrar neste debate.

265 O’REILLY, Tim. *Harnessing Collective Intelligence*. *O’Reilly Radar*, Sebastopol, 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://radar.oreilly.com/archives/2006/11/harnessing-coll.html>> Acesso em: 4 dez. 2021; FUCHS, Christian. *Web 2.0, prosumption, and surveillance*. *Surveillance & Society*, v. 8, n. 3, 2011, p. 288-309.

266 O’REILLY, Tim. op. cit.

267 ALMEIDA, Fábio Chang de. op. cit. p. 14.

268 Ibidem. p. 15.

269 Ibidem. p. 15-16.

A esse respeito observava no começo do século XXI a pesquisadora Ana Amélia Carvalho: “Qualquer pessoa pode publicar na *Web*, talvez por esse motivo, ela tem crescido tanto e de tudo se pode encontrar. Diversidade e qualidade (com qualidade e sem qualidade) são duas características da informação disponível na *web*”²⁷⁰.

Nesse sentido, o historiador Juan Andrés Bresciano aponta que a internet gerou uma “desterritorialização acelerada” das interações sociais: “[...] *ya que Internet permite que los internautas entablen cualquier clase de vínculo, con prescindencia de su emplazamiento físico*”²⁷¹. Ao ponto de algumas correntes interpretativas, segundo este historiador, sugerirem que “novas formas de agência histórica coletiva” teriam emergido: “[...] *que ya no requieren de una organización centralizada ni de una capacidad de movilización física de sus adherentes, en razón de que se reducen los costos materiales y personales que demanda la acción conjunta presencial*”²⁷².

Esta aparente democratização e acessibilidade que a internet supostamente traria, entusiasmaria intelectuais como Lévy, que na virada do milênio chegaria a comparar a popularização do *ciberespaço* com a “[...] realização do objetivo marxista de apropriação dos meios de produção pelos próprios produtores”²⁷³.

No entanto, no curso da história recente após quase um quartel de século XXI o que se notou foi um verdadeiro monopólio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) concentrado nas chamadas “*big five*”: *Apple, Google, Microsoft, Facebook e Amazon*, conforme observaram os pesquisadores Henrique Parra et al: “Em 2017, essas empresas passaram a ocupar as cinco primeiras posições no ranking das companhias mais valiosas do mundo [...] se tornaram as maiores da história do capitalismo global [...]”²⁷⁴.

Segundo esses autores, empresas como o *Google* e o *Facebook* oferecem “gratuitamente” suas plataformas e redes sociais para os usuários em troca de seus dados pessoais: padrão de leitura, pesquisa, gostos, interesses, motivações²⁷⁵; mas também de seus padrões de interação e comportamento: “dados dos perfis das pessoas com quem nos

270 CARVALHO, Ana Amélia. A World Wide Web e o Ensino da História. In: BARCA, Isabel (Orgs.). **Para uma educação histórica de qualidade**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004. p. 235.

271 BRESCIANO, Juan Andrés. *Clio en red*. El acontecer histórico en contextos virtuales. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2015. p. 16.

272 Ibidem. p. 67.

273 LÉVY, Pierre. op. cit. p. 245.

274 PARRA, Henrique et al. Infraestruturas, economia e política informacional: o caso do *Google Suite for Education*. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 63-99, jan./jun. 2018. p. 66.

275 Ibidem. p. 177.

comunicamos por e-mail, as listas de discussão em que participamos e os locais que visitamos, graças ao georreferenciamento permanente”²⁷⁶. Estes por sua vez, formam o chamado *big data*, vendido por essas empresas que detém o seu monopólio para as empresas de publicidade, que se utilizam desses dados para atrair os usuários da rede, seus consumidores: “Através de aplicações para uso de *big data*, tais empresas são capazes de prever tendências e, por meio de *algoritmos* complexos, influenciar processos de tomada de decisão, sem que o usuário tenha a menor ideia de que isto esteja acontecendo”²⁷⁷ (grifos nossos).

Além disso, essa suposta democratização que a internet traria continua sendo contraditória com a realidade material em países com desigualdade social estrutural como o Brasil, haja vista que em pleno 2020, segundo a pesquisa realizada pelo *Comitê Gestor da Internet do Brasil*, a despeito de 81% da população com mais de 10 anos ter acesso à internet, apenas 64% da população das chamadas classes D e E possuem acesso à internet no país, sendo que este acesso entre as classes mais baixas (em 90% dos casos), se dá exclusivamente através do aparelho celular, limitando consideravelmente o uso e as possibilidades dessa parcela da população na rede.²⁷⁸

Entretanto, a despeito dessas contradições que a envolvem, é inegável os impactos gerados por esta tecnologia nas sociedades do século XXI. Nesse sentido, sobretudo no que diz respeito ao seu caráter desterritorializado e a sua possibilidade de condicionar a emergência de novos agentes históricos coletivos apontados por Bresciano, a internet daria voz a figuras como o mencionado escritor Olavo de Carvalho. Este por sua vez, além do seu supracitado blog, criaria em 2002 o site *Mídia Sem Máscara*: “no qual eram veiculados textos de vários autores e autoras sobre política, economia e filosofia [...]”²⁷⁹. Dentre esses autores, estaria o também já aqui citado, Rodrigo Constantino²⁸⁰.

Em 2007 o *Mídia Sem Máscara* ganharia um canal no *YouTube* que atingiria a marca dos 56,6 mil inscritos, possuindo atualmente 143 publicações²⁸¹ e 4.492.762 visualizações

276 Ibidem. p. 77.

277 Ibidem. p. 78.

278 LEÓN, Lucas. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. **Agência Brasil**, Brasília, 23 ago. 2021. Disponível em: <[279 ROCHA, Camila. 2018. p. 103.](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet#:~:text=Pesquisa%20promovida%20pelo%20Comit%C3%AA%20Gestor,anos%20t%C3%AAm%20internet%20em%20casa.> https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet#:~:text=Pesquisa%20promovida%20pelo%20Comit%C3%AA%20Gestor,anos%20t%C3%AAm%20internet%20em%20casa.> Acesso em: 4 dez. 2021.</p></div><div data-bbox=)

280 Ibidem. p. 134.

281 O último vídeo publicado no canal data de 2014. Em 2007, Carvalho também criaria outro canal, este intitulado com o seu nome “Olavo de Carvalho”, com mais de 1 milhão de inscritos, 69.517.153 visualizações e 368

segundo a métrica da plataforma. Seu conteúdo contempla desde entrevistas com políticos e empresários²⁸² ao armazenamento em formato em vídeo do programa de rádio *True OutSpeak* (2006-2013)²⁸³, em que Carvalho respondia *e-mails* e telefonemas de seus seguidores²⁸⁴.

Antes da fama de “guru” do presidente Jair Bolsonaro²⁸⁵ e de sua influência sobre as direitas brasileiras, incluindo a dita extrema direita e os *think tanks* neoliberais através da internet, Carvalho, que a despeito de não ter concluído o curso de Filosofia no Conjunto de Pesquisa Filosófica da PUC do Rio de Janeiro [19--], não possuindo, portanto, formação acadêmica formal, criaria em 1989 o chamado *Seminários de filosofia*, curso de filosofia no qual o autor passaria a lecionar²⁸⁶.

Na década de 1990, Carvalho publicaria inúmeros livros, destacando-se entre as publicações: *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1994), *O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil* (1995), *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras* (1996). Pretensiosamente filosófica, esta trilogia ficaria marcada por popularizar a teoria da conspiração do “marxismo cultural” no Brasil²⁸⁷.

De acordo com o historiador Lucas Patschiki, as publicações desses livros nos anos 90 ganhariam certa expressão, de modo que ajudariam Carvalho a “consolidar-se como colunista político ‘de direita’”²⁸⁸. Nesse sentido, o editor do livro *O Exército na história do Brasil* (1998), trabalharia como colunista dos jornais *O Globo* (2000-2005), *Zero Hora* (2002-2005), *Diário do Comércio* (2005-2016), *Jornal do Brasil* [2005-201-?]²⁸⁹.

publicações. Este canal se encontra em atividade nos dias atuais – se encontra *linkado* na nota de rodapé 58 deste trabalho.

282 Como o empresário e político filiado ao Partido Social Democrata (PSD), Guilherme Afif Domingos, que atualmente ocupa o cargo de assessor especial do ministro da economia, Paulo Guedes: MÍDIA SEM MÁSCARA. **Mídia Sem Máscara ENTREVISTA Guilherme Afif Domingos**. [S.I.]: Mídia Sem Máscara. 2 dez. 2007. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Mídia Sem Máscara. Disponível em: <<https://youtu.be/GwGpTy-qpAw>> Acesso em: 4 dez. 2021.

283 “*Sinceridade de fato*” – criado em 2006 através da tecnologia de *streaming*. Podendo ser acessado em: *TRUE OUTSPEAK*. [Locução de]: Olavo de Carvalho. [S.I.]: *True OutSpeak*, dez. 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3nsMmbKanv0lsk7npi8Rvb>> Acesso em: 4 dez. 2021.

284 PATSCHIKI, Lucas. Olavo de Carvalho: uma biografia. In: BALESTRO. Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil**. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020. p. 262.

285 TAVARES, Flávia. Olavo de Carvalho, o guru da direita que rejeita o que dizem seus fãs. *Época*, Rio de Janeiro, 23 nov. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/olavo-de-carvalho-guru-da-direita-que-rejeita-que-dizem-seus-fas-23254692>> Acesso em: 4 dez. 2021.

286 PATSCHIKI, Lucas. op. cit. p. 240.

287 Teoria essa analisada no segundo capítulo deste trabalho.

288 PATSCHIKI, Lucas. op. cit. p. 241.

289 Ibidem. p. 251.

Todavia, a consolidação como um dos principais teóricos das direitas brasileiras contemporâneas se daria sobretudo por meio de sua atuação na internet. Além da atuação na rede mundial de computadores por meio dos já citados blog, site, canais e *streaming*, Carvalho se popularizaria na extinta rede social *Orkut* (2004-2014) por meio das chamadas “comunidades” – espécie de fórum de discussão onde os usuários desta rede social discutiam sobre assuntos de temas em comum: “Assim, quando a rede social *Orkut* foi criada, no ano de 2004, já era possível encontrar duas comunidades formadas por leitores e admiradores da obra de Olavo de Carvalho: ‘Olavo de Carvalho’ e ‘A Filosofia de Olavo de Carvalho’ [...]”²⁹⁰ (grifo nosso).

Justamente no período em questão, Carvalho faria praticamente todas as suas participações no Fórum da Liberdade. Das 6 participações deste escritor no evento, 5 seriam nesse período. Participou das edições do *Fórum* de 2000, 2001, 2002, 2004, 2005.²⁹¹

O advento da internet também seria condicionante para a formação dos “novos” *think tanks* neoliberais que surgiram no Brasil a partir da segunda metade dos anos 2000. Conforme foi demonstrado na seção anterior deste capítulo, um dos motivos do declínio dos *think tanks* formados no país na década de 1980 se deu pela falta de recursos que haviam diminuído durante os governos FHC. Nesse sentido, precisamente o caráter “desterritorializado” da rede e o seu baixo custo para os usuários²⁹², permitiria a emergência de novas organizações desta natureza. Assim sendo, em 2006 seria criada no *Orkut* a comunidade *Liberalismo (verdadeiro)* pelo supracitado empresário do Grupo Ultra, Hélio Beltrão: “[...] com a intenção de buscar pessoas para fundar um novo *think tank* inspirado no *Mises Institute* norte-americano”²⁹³. No ano seguinte seria fundado o já citado Instituto Mises Brasil.

De acordo com Camila Rocha, o filho do ministro das pastas de Planejamento e Desburocratização da ditadura militar (Hélio Marcos Pena Beltrão)²⁹⁴, que já tinha ajudado a fundar em 2005 o Instituto Millenium em conjunto a outros empresários e jornalistas²⁹⁵, viria a fundar²⁹⁶ o Instituto Mises Brasil no intuito de atender os anseios de um público que defendia

290 ROCHA, Camila. op. cit. p. 121.

291 Após este período, voltaria a participar somente em 2019: CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a, p. 75; Idem. 2020b. p. 101.

292 Sobretudo para os setores mais altos da classe média e para as elites.

293 ROCHA, Camila. op. cit. p. 138.

294 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a, p. 50.

295 Ibidem. p. 50.

296 Com o apoio dos irmãos Cristiano e Fernando Chiocca – que em 2016 viriam a romper com o IMB apontando incoerências na atuação política de Beltrão à frente do *think tank*. Diante disso, formaram uma nova organização, o Instituto Rothbard: VARGAS, Neide César. Negacionismo histórico e neoliberalismo à brasileira. **Sociedade Brasileira de Economia Política**. Rio de Janeiro, [2021?]. p. 21.

o neoliberalismo de modo mais radical²⁹⁷. Nesse sentido, conforme observou Casimiro, no site do IMB há publicações como as do economista adepto da Escola Austríaca, Walter Block, que defende, entre outras coisas, um livre mercado para “venda de órgãos do corpo”.²⁹⁸

Entretanto, além da influência ideológica de intelectuais da Escola Austríaca e da Escola de Chicago, esses *think tanks* também seriam influenciados por Olavo de Carvalho. Isso se daria a tal ponto que, Hélio Beltrão, em entrevista concedida aos jornalistas João Filho e Alexandre Andrada do *The Intercept Brasil*, afirmaria “ter orgulho” em: “[...] dizer que foi, junto de Olavo de Carvalho, um dos primeiros a confrontar o ‘marxismo cultural’ no Brasil”²⁹⁹.

Apesar dos impactos que a internet traria para as sociedades contemporâneas, esta tecnologia não pode ser vista como algo alheio às realidades sociais nas quais ela está inserida, isto é, a rede também é condicionada socialmente e historicamente. Nesse sentido, na primeira década do século XXI a América Latina ficaria marcada pela eleição de inúmeros presidentes associados às esquerdas no continente³⁰⁰: Hugo Chávez (1999-2013), na Venezuela; Ricardo Lagos (2000-2006), Michelle Bachelet (2006-2010), no Chile; Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), no Brasil; Néstor Kirchner (2003-2007), Cristina Kirchner (2007-2015) na Argentina; Rafael Correa (2007-2017), no Equador; Tabaré Vázquez (2005-2010), no Uruguai; Alan García Pérez (2006-2011), no Peru; Fernando Lugo (2008-2012), no Paraguai.

A despeito de uma das principais críticas entre setores das esquerdas – sobretudo dos marxistas – aos governos Lula (2003-2010) ser precisamente a chamada conciliação de classes³⁰¹, política essa que seria um dos marcos dos seus mandatos como presidente da república; e apesar do petista ser até hoje um fenômeno de popularidade no país³⁰²; o fato é que este angariaria forte oposição das direitas, sobretudo após um escândalo relacionado à compra de votos de parlamentares envolvendo o seu partido, o “mensalão”³⁰³.

De acordo com Camila Rocha, apesar de tamanho escândalo, Lula seria reeleito no ano seguinte e a popularidade de seu governo cresceria ainda mais³⁰⁴. Diante de tais fatos, a ideia

297 ROCHA, Camila. op. cit. p. 138.

298 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. op. cit. p. 55.

299 FILHO, João; ANDRADA, Alexandre. Até Anarcocapitalistas ganham espaço no governo Bolsonaro. E na Folha de S. Paulo também. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 5 mai. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/05/05/anarcocapitalismo-bolsonaro-folha-ancaps/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

300 ROCHA, Camila. 2015. p. 273; FOLHAPRESS. op. cit.

301 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 40; ROCHA, Camila. 2018. p. 113-115; PATU, Gustavo. Com Palocci, mercado deixou de ver PT como ameaça. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 mar. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2803200620.htm>> Acesso em: 6 dez. 2021.

302 Não se trata de juízo de valor, mas de constatação, gostemos ou não: ANDERSON, op. cit. p. 55.

303 ROCHA, Camila. op. cit. p. 111.

304 Ibidem. p. 111.

de que haveria uma hegemonia esquerdista tomando conta da cultura do país, que conforme mencionado, já vinha sendo popularizada desde a década de 1990 no Brasil através das publicações, por meio de livros e da internet, do escritor Olavo de Carvalho, se fortaleceria. O discurso de Fábio Ostermann, um dos fundadores do *think tank* Movimento Brasil Livre, em entrevista à esta politóloga, vai ao encontro disso:

As pessoas que hoje estão engajadas na difusão de ideias libertárias não tem ideia de como a opinião pública era anos atrás. Eu percebi que era um libertário entre 2004 e 2005, e eu me lembro muito bem de como me sentia na época. A taxa de aprovação de Lula era algo como 90%, mesmo depois do “mensalão” ele tinha conseguido se reeleger³⁰⁵.

Esta normalização da teoria da conspiração do marxismo cultural não se daria somente em espaços de nicho como as comunidades do *Orkut* ou de outros fóruns da *web 2.0*, geralmente mais propícios para a circulação desse tipo de teoria³⁰⁶, mas também através de espaços que atingem o grande público, como a mídia tradicional³⁰⁷. Ilustrativo nesse sentido foram as publicações do jornalista Reinaldo Azevedo, famoso por ter criado o termo “petralha”, que em seu antigo blog na revista *Veja* realizaria publicações³⁰⁸ denunciando a suposta doutrinação

305 OSTERMANN, 2016. apud. Ibidem. p. 119.

306 Destacou-se nesse sentido o *Metapédia*, inspirado na *Wikipédia*, este site se notabilizaria por publicar verbetes negacionistas: PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 863-902, set./dez. 2015. p. 871-872; ALMEIDA, Fábio Chang de. op. cit. p. 15.

307 PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. *Teoria e Cultura*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 12, p. 40-54, dez. 2018. passim; CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. 39º Encontro Anual da ANPOCS, 2015, São Paulo. passim; Cabe lembrar que a despeito de Olavo de Carvalho rechaçar seu passado como jornalista, esta profissão fez parte de sua trajetória e naturalmente o permitiu circular na mídia tradicional. Em 1996 seria entrevistado pelo jornalista Pedro Bial para falar de seus livros: PEDRO Bial entrevista Olavo de Carvalho (Década de 90). *Sapientiam autem non vincit malitia*, [S.I.: 21--]. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/pedro-bial-entrevista-olavo-de-carvalho-decada-de-90/>> Acesso em: 6 dez. 2021; Mais de 20 anos depois, Carvalho voltaria a ser entrevistado por Bial em seu *talk-show*, o “*Conversa com Bial*”, sendo classificado pelo entrevistador como um “novo e brilhante pensador da direita brasileira”: EM ENTREVISTA a Pedro Bial, Olavo de Carvalho sugere que Bolsonaro dê um ministério para cada filho. *Gshow*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/em-entrevista-a-pedro-bial-olavo-de-carvalho-sugere-que-bolsonaro-de-um-ministerio-para-cada-filho.ghtml>> Acesso em: 7 nov. 2021; Este jornalista, que também é o biógrafo oficial do empresário Roberto Marinho, anos antes em participação no extinto *talk-show* “*Programa do Jô*” da Rede Globo, viria a relativizar o golpe de 64, chamando este fato histórico de “contragolpe”: VÍDEO mostra Bial dizendo que não ocorreu golpe em 64 e a invertida que tomou de Jô Soares. *Brasil 247*, São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/tanostrends/video-mostra-bial-dizendo-que-nao-ocorreu-golpe-em-64-e-a-invertida-que-tomou-de-jo-soares-video>> Acesso em: 7 nov. 2021.

308 AZEVEDO, Reinaldo. Gramsci e a “ca-as do Pedrrri-nho”. *Veja*, São Paulo, 17 mai. 2007. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/veja-5-gramsci-e-a-8220-ca-sa-do-pe-drrri-nho/>> Acesso em: 6 dez. 2021; Idem. Direito Achado na Rua: gramscianos, “gramsciados” e reclamações. *Veja*, São Paulo, 26 ago. 2008a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/direito-achado-na-rua-gramscianos-gramsciados-e-reclamacoes/>> Acesso em: 6 dez; Idem. Do Direito Achado na Rua ao Direito jogado no lixo. *Veja*, São Paulo, 28 mar. 2008b. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/do-direito-achado-na-rua-ao-direito-jogado->

gramsciana na sociedade brasileira: “É possível ser, digamos, ‘gramsciado’ sem jamais ter lido Gramsci. Aliás, o ‘gramsciado’-modelo não sabe que foi vítima de um gramsciano, hehe. É um perfeito idiota. Isso é parte da teoria”³⁰⁹.

Em resposta à essa “onda vermelha”, o *meta-think tank Atlas Network*, que desde a sua fundação nos EUA na década de 1980 já atuava na América Latina dando suporte na formação de *think tanks* locais, ampliaria a sua rede de satélites na região. Em 2005 existiam 35 satélites da *Atlas* no continente³¹⁰. Atualmente há 100³¹¹.

Dentre os *think tanks* formados pela *Atlas* no continente sul-americano nesse período, destaca-se o já citado *Students for Liberty Brazil*, versão brasileira do SFL estadunidense fundado em Washington em 2008. Esta organização se caracteriza sobretudo por seu ativismo político e pelo recrutamento de jovens universitários³¹². De acordo com Casimiro: “Partem da premissa de que em todas as universidades brasileiras, partidos políticos controlam os organismos estudantis e a difusão do pensamento, fomentando o monopólio do pensamento de ‘esquerda’ no ambiente acadêmico”³¹³.

Dos membros fundadores do SFL no Brasil, destacam-se Anthony Ling (filho de Willian Ling, um dos fundadores do IEE), Fábio Ostermann e Juliano Torres. Este último, assim como Ostermann, é um dos fundadores do Movimento Brasil Livre, que viria a ser uma das organizações protagonistas nas manifestações que explodiriam no país a partir de 2013, conforme relata o próprio em entrevista concedida à Amaral:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a *Atlas* e a *Students for Liberty*, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil *likes* na página,

no-lixo/> Acesso em: 6 dez. 2021; Idem. De tontos e vigaristas – hoje e em 2005. Ou: É Gramsci, idiota! **Veja**, São Paulo, 18 dez. 2009. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/de-tontos-e-vigaristas-hoje-e-em-2005-ou-e-gramsci-idiota/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

309 Idem. 2008b.

310 ROCHA, Camila. 2015. p. 274.

311 *ATLAS NETWORK*. op. cit.

312 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a. p. 65-66; Idem. 2020b. p. 95-96.

313 Idem. 2020a. p. 65.

panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguirí] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também³¹⁴ (grifos nossos).

Afora o protagonismo nas manifestações que contribuiriam para que a ex-presidente Dilma sofresse um golpe de Estado em 2016 e na eleição de Bolsonaro em 2018, o MBL viria a eleger alguns de seus membros à cargos legislativos nas eleições de 2018³¹⁵. Como deputados federais, foram eleitos Kim Kataguirí (DEM), Paulo Eduardo Martins (PSC), Jerônimo Georgen (PP); para deputado estadual, em São Paulo, Arthur Moledo do Val, mais conhecido como “Mamãe Falei” (DEM);³¹⁶ e, na capital paulista, o vereador Fernando Holiday (DEM).

O SFL e o MBL não seriam os únicos *think tanks* que o gaúcho Fábio Ostermann ajudaria a formar. Antes de passar a se definir a partir de 2018 como uma “[...] associação civil sem fins lucrativos que atua como um movimento político suprapartidário em defesa do liberalismo”³¹⁷, que viria a aparecer na rede de satélites da *Atlas*³¹⁸, o LIVRES havia sido fundado em 2015 como uma tendência interna do Partido Social Liberal (PSL). Isso se daria até 2018, quando Bolsonaro se filiou ao partido para disputar as eleições presidenciais daquele ano, de modo que a então tendência, romperia com o PSL³¹⁹. Nesse mesmo ano, Ostermann seria eleito para o cargo de deputado estadual pelo Partido Novo (NOVO)³²⁰.

Por fim, o Rio Grande do Sul, estado onde foi fundado o segundo *think tank* neoliberal brasileiro, o já mencionado IEE, e que também sedia o principal evento neoliberal da América Latina, o também citado Fórum da Liberdade, também seria o local de origem daquele que faz parte do objeto de estudos deste trabalho, o *think tank* Brasil Paralelo (BP), fundado em 2016.

Portanto, este é o processo histórico que condicionou a existência desta organização. A BP, assim sendo, é um produto deste processo, sendo este fundamental para compreendermos a sua formação.

314 AMARAL, Marina. op. cit.

315 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a. p. 69-70.

316 Mamãe Falei protagonizaria uma confusão ocupando o cargo de deputado estadual na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), ao convidar deputados do PT e do PSOL para as “vias de fato”: UOL. **DEPUTADOS PARTEM PARA AGRESSÃO, E SESSÃO TERMINA EM CONFUSÃO EM SP**. São Paulo: UOL, 4 dez. 2019. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVU1ij-SITE>> Acesso em: 4 dez. 2021.

317 LIVRES. O que é o Livres? **Livres**, São Paulo. Disponível em: <<https://www.eusoulivres.org/sobre-o-livres/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

318 *ATLAS NETWORK*. op. cit.

319 LIVRES. op. cit.

320 ROCHA, Camila. 2018. p. 207.

Todavia, antes de prosseguirmos para o próximo capítulo, onde o foco da análise passará a ser a Brasil Paralelo em si, responderemos parcialmente às questões postas no início deste capítulo, isto é: existe uma nova direita no Brasil? O que caracteriza e o que objetiva esta direita?

Conforme discutido na primeira seção deste capítulo, é equivocado falar de “direita” no singular, em vista da diversidade e complexidade das categorias associadas às direita(s), não sendo o objetivo deste trabalho analisar todas essas categorias. No que tange à direita neoliberal, categoria da qual a Brasil Paralelo e os demais *think tanks* aqui mencionados fazem parte, concordamos com a existência de uma “nova” direita, no entanto, esta novidade precisa ser vista com ressalvas, de modo problematizado.

Uma ressalva a ser feita se deve à falta de consenso acadêmico sobre o tema, ainda mais se levarmos em consideração que o problema em discussão diz respeito a um processo histórico cujo qual não foi concluído, isto é, “[...] se trata de uma história viva, [...] em movimento, em processo [...]”³²¹ e em disputa³²².

E por falar em falta de consenso acerca do tema, discordamos das teses que identificam a origem desta nova direita neoliberal como uma mera consequência da conjuntura iniciada pelas jornadas de junho de 2013 mencionada na primeira seção deste capítulo, uma vez que conforme foi aqui demonstrado, os neoliberais brasileiros, em aliança com a burguesia internacional, vinham se reorganizando desde à redemocratização do país e do advento da chamada Nova República nos anos 1980 por meio de suas organizações civis privadas, os citados *think tanks*.

Entretanto, a despeito da existência destas organizações no Brasil desde o último quartel do século passado, das semelhanças e continuidades, sobretudo do ponto de vista ideológico, “como no que tange aos laços com organizações, redes internacionais e financiadores atuantes [...]”³²³, desses primeiros *think tanks* com os que surgiram a partir da metade do século XXI, diferenças significativas entre ambos devem ser levadas em conta.

A primeira delas diz respeito às novas condições históricas materiais postas pelo advento da internet, sobretudo após a criação da *web 2.0* e das chamadas redes sociais, que permitiram a esses *think tanks* se organizarem e propagarem suas ideologias de modo mais eficaz, atingindo um público muito maior do que outrora, para além da elite burguesa, burocrata

321 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 45.

322 Ibidem. p. 45.

323 ROCHA, Camila. op. cit. p. 43.

e intelectual. Ainda que estas tecnologias, conforme aqui problematizado, não seja acessível para todos, sobretudo em um país desigual como o Brasil, elas potencializaram a publicação, a tradução e a circulação de obras de teóricos do neoliberalismo para um público que dificilmente teria acesso a essas obras fora dessas condições. Sem contar os fóruns virtuais, dentre eles os existentes no extinto *Orkut*, que foram fundamentais para a formação de alguns desses novos *think tanks*, como o IMB.

Entre esses novos públicos que passaram a circular nesses novos *think tanks* formados no século XXI, destaca-se a chamada classe média, isto é, estudantes universitários e profissionais liberais. Estes não se limitaram a ser um dos públicos alvos da propaganda ideológica neoliberal, uma vez que formaram também as suas próprias organizações desta natureza, sendo esta uma segunda diferença significativa para com os *think tanks* do século passado, conforme observou Miranda:

Em nossa hipótese, existem dois conjuntos/tipos de aparelhos da nova direita: aqueles criados e protagonizados pela burguesia, como o Instituto Liberal; e aqueles criados e protagonizados por sujeitos não oriundos da burguesia, mas que agem a serviço do capital, como é o caso do Movimento Brasil Livre³²⁴.

Um terceiro elemento que contrasta os *think tanks* neoliberais do século XX com os do XXI, se dá com a influência do escritor Olavo de Carvalho sobre os segundos em detrimento dos primeiros. Essa influência não se dá de modo unilateral e homogêneo entre todas as novas organizações, no entanto, os impactos das produções de Carvalho por meio de livros e da internet sobre a nova direita neoliberal brasileira é inegável. Se outrora este autor não era bem quisto no IL, conforme revelou Márcia Xavier de Brito, uma das representantes da *Atlas* no Brasil, em entrevista concedida à Camila Rocha:

Ele se aproximou do IL e foi lá fazer um projeto, (...) e o Og (Leme) falou para o Alex (Catharino): “Vai lá e assiste. E eu quero saber tua opinião se a gente deve ou não botar esse cara dentro do nosso meio”. Aí o Alex foi (...) e achou que ele foi desrespeitoso com o oponente ideológico. Você pode discordar (...) ? Claro que pode, (...) mas ultrapassou a linha do respeito, não falava de ideias³²⁵.

324 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 40.

325 BRITO, 2018. apud. ROCHA, Camila. op cit. p. 102.

Hoje, por outro lado, Carvalho figura ao lado dos citados teóricos do neoliberalismo, Hayek, Mises e Friedman, como um dos principais teóricos desta nova direita neoliberal no Brasil, afora a influência que este autor adquiriu sobre a extrema direita e setores da direita conservadora brasileira³²⁶. Não por acaso, conforme já aqui apontado, as 6 participações deste autor no Fórum da Liberdade se deram no século atual.

No entanto, se a nova direita neoliberal apresenta características que a difere da “velha”, o objetivo permanece rigorosamente o mesmo: a hegemonia da ideologia neoliberal através do Estado, isto é, a universalização dos interesses da classe burguesa como se fossem interesses de toda a sociedade por meio do aparelho estatal: “Ao mesmo tempo que criticam o Estado e defendem a agenda regressiva ultraliberal, os aparelhos analisados ampliam-no imbricando-se a ele, promovendo, assim, uma espécie de reprivatização ‘não-oficial’ do mesmo [...]”³²⁷.

Entretanto, no que tange aos objetivos da Brasil Paralelo, para além da hegemonia neoliberal, uma das especificidades deste *think tank* se dá na objetivação de uma espécie de hegemonia olavista, conforme abordaremos no próximo capítulo.

326 Eu acrescentaria também a direita militarista. A despeito de haver um aparente conflito de interesses entre a ala militarista e olavista do governo Bolsonaro, ao ponto de se tornar fato noticiado na mídia tradicional: ERNESTO, Marcelo. Entenda a briga entre olavistas e militares no governo Bolsonaro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7 mai. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/07/interna_politica,1051683/entenda-a-briga-entre-olavistas-e-militares-no-governo-bolsonaro.shtml> Acesso em: 6 dez. 2021; É no mínimo curioso que o ex-diretor de texto da Biblioteca do Exército, que conforme mencionado, chegaria a editar o livro *O Exército na História do Brasil*, tenha se tornado referencial teórico de trabalhos de conclusão de curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em trabalhos que defendem a teoria da conspiração do “globalismo”: SILVA, Mateus Fernandes Brum da. **O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro**. 2019. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019; TREINTA, Alexandre Borges Villa. **O globalismo e seu aparato Ideológico: impactos na sociedade brasileira**. 2019. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

327 MIRANDA, João Elter Borges. op. cit. p. 36.

CAPÍTULO 2.

UM “BRASIL PARALELO” A SERVIÇO DAS NOVAS DIREITAS.

Após reconstituir o processo histórico no qual o objeto de estudos deste trabalho está inserido, neste capítulo será explicado como os seus agentes principais o formaram, ressaltando suas particularidades internas, os seus interesses políticos e ideológicos, bem como sua forma de atuação.

2.1. Brasil Paralelo: *think tank* neoliberal-olavista.

Fundada em 2016 no Rio Grande do Sul pelos ex-estudantes de Administração da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de Porto Alegre, Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem³²⁸, a Brasil Paralelo trata-se de uma empresa privada do ramo audiovisual, desde 2018 sediada em São Paulo³²⁹, que produz filmes, documentários, palestras, entrevistas, cursos, *e-books*, artigos e *podcasts* sobre história, política, filosofia, economia, educação, arte e atualidades. Atualmente esta produtora emprega aproximadamente 100 funcionários³³⁰.

Sua atuação se dá quase que exclusivamente através da internet por meio de seu site; de seu canal na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*; das redes sociais *Facebook*³³¹ e *Telegram*³³²; e de sua própria plataforma de *streaming* criada no dia 27 de setembro de 2021, inspirada em outros serviços desta natureza como a *Netflix*, a denominada *BP Select*.

É através dessa atuação na internet a fonte de renda da Brasil Paralelo. Em seu site a produtora oferece os serviços: *Conteúdo gratuito s/ anúncios*, *Originais BP estendidos e entrevistas* (1); *Filmes e Análises* (2); *Cursos Sociedade do Livro* (3); *Cursos Clube da Música*

328 Segundo consta no site da Brasil Paralelo, além do trio, outras duas pessoas teriam fundado a produtora, no entanto, somente os três se mantiveram no projeto desde então: BRASIL PARALELO. A Brasil Paralelo é uma farsa? A descrição na *Wikipédia* diz que sim. **Brasil Paralelo**, São Paulo, c2021. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>> Acesso em: 4 dez. 2021.

329 Outrora a Brasil Paralelo era sediada em Porto Alegre: BALESTRO, Mayara; PEREIRA, Eduardo. In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020. p. 353.

330 ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser '*Netflix* da direita'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

331 BRASIL PARALELO. **BRASIL PARALELO**. São Paulo, [201-]. Facebook: @brasilparalelo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/brasilparalelo>> Acesso em: 15 dez. 2021.

332 BARBOSA, Bernardo et al. Pressionados por redes sociais, bolsonaristas levam desinformação ao *Telegram* e quintuplicam audiência no app em um mês. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/pressionados-por-redes-sociais-bolsonaristas-levam-desinformacao-ao-telegram-e-quintuplicam-audiencia-no-app-em-um-mes/>> Acesso em: 15 dez. 2021.

(4); *Cursos Escola da Família* (5); *Cursos Núcleo de Formação* (6); respectivamente inclusos nos planos de assinatura mensal: *Patriota* (R\$ 10,00 mês), onde é oferecido o serviço (1); *BP Select* (R\$ 19,00 mês), onde são oferecidos os serviços (1) e (2); *Sociedade do Livro* (R\$ 19,00 mês), onde são oferecidos os serviços (1) e (3); *Clube da Música* (R\$ 29,00 mês), onde são oferecidos os serviços (1) e (4); *Escola da Família* (R\$ 39,00 mês), onde são oferecidos os serviços (1) e (5); *Núcleo de Formação* (R\$ 49,00 mês), onde são oferecidos os serviços (1) e (6); além do plano *Acesso Total* (R\$ 99,00 mês), que inclui todos esses serviços³³³.

Esses serviços são chamados de “membrosia”³³⁴, uma espécie de *crowdfunding*, termo criado em 2006 para designar o financiamento coletivo de projetos/empresas³³⁵. Segundo a Brasil Paralelo, suas produções audiovisuais publicadas em seu canal do *YouTube* só são possíveis por conta deste financiamento. A série *Brasil: A última cruzada* (2017-2019) por exemplo, conseguiu arrecadar R\$ 400.000,00 para a sua produção³³⁶. Atualmente a BP possui aproximadamente 200 mil assinantes.³³⁷

Apesar de ter sido fundada somente em 2016, a motivação da criação da Brasil Paralelo se deu entre 2013 e 2014, em meio a conjuntura iniciada pelas manifestações das jornadas de junho, conforme afirmou aquele que é o “rosto” da produtora, visto que este aparece como narrador e apresentador em todas as suas produções audiovisuais³³⁸, Filipe Valerim, em entrevista concedida ao *Boletim da Liberdade*, jornal cujos editores Gabriel Menegale, Lucas Berlanza e Pedro Rafael Azevedo, são membros dos *think tanks* Instituto Liberal e Instituto Millenium:

A história começou com um grupo de jovens empreendedores, hoje sócios do projeto, que entendiam que o país estava passando por um momento novo. Diante do cenário político de 2014, com a reeleição de Dilma Rousseff, um

333 Cabe pontuar que esses planos e serviços variaram ao longo do tempo e continuam variando, tanto no que se refere às produções, formatos, nomenclaturas, bem como no que se refere aos preços. Estes datam do dia 26 de outubro de 2021: BRASIL PARALELO. Uma Brasil Paralelo para cada momento de sua vida. *Internet Archive* San Francisco, 26 out. 2021. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20211026003249/https://www.brasilparalelo.com.br/assine>> Acesso em: 4 dez. 2021.

334 FIRMINO, Karine Rodrigues. op. cit. p. 174

335 SEBRAE. Entenda o que é crowdfunding. *Sebrae*, Maceió, 17 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artigos/home/entenda-o-que-e-crowdfunding,8a733374edc2f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 4 dez. 2021.

336 PAULO, Diego Martins Doria. Os mitos da Brasil Paralelo - uma face da extrema-direita brasileira (2016-2020). *Rebela*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan./abr. 2020. p. 104.

337 ZANINI, Fábio. op. cit.

338 FIRMINO, Karine Rodrigues. op. cit. p. 172.

despertar de consciência política ganhava cada vez mais força a partir do sentimento de revolta da maioria da população³³⁹.

Ao encontro da afirmação de Valerim, foi a explicação de Lucas Ferrugem sobre as origens da produtora em entrevista concedida ao jornalista Fábio Zanini da *Folha de S. Paulo*, que ficou gravada no canal da Brasil Paralelo:

O que a gente percebeu durante todo aquele processo foi um *gap* muito grande de desinformação sobre o que embasavam determinadas pautas. [...] tava faltando um conteúdo mais profundo que desse origem para todas aquelas movimentações políticas que estavam acontecendo e que permitisse as pessoas identificarem padrões em diferentes políticos em diferentes *players* do Estado. Então a gente tentou reunir pessoas com esse pensamento não exposto no que nós chamávamos e chamamos de grande mídia no momento, e queríamos dar voz a eles com qualidade técnica e coloca-los de forma mais organizada e gratuita na internet. Então foi essa a origem³⁴⁰.

Seguindo a mesma explicação dos outros fundadores, em entrevista para o jornalista Claudio Dirani da revista *Esmeril*, Henrique Viana destaca que as principais referências para o trio foram o *think tank* Instituto Mises Brasil e o escritor Olavo de Carvalho:

Em 2013, digo por mim – e acho que também posso falar pelos meus sócios, Lucas e Felipe – foi quando realmente começamos a estudar. Ficamos naquela sensação de querer saber o que estava acontecendo e percebemos o quanto éramos ignorantes da situação. Lembro que as primeiras referências foram a do Instituto Mises Brasil (organização ultraliberal fundada por Fernando Fiori Chiocca, Cristiano Fiori Chiocca e Hélio Coutinho Beltrão), baseadas nas ideias liberais austríacas. Eles tinham muitos artigos sobre economia e filosofia, fáceis de se absorver – e vendíamos livros, também. Aprendemos muito com eles para sair um pouco da *matrix*. Outra fonte principal foi o COF, e os vídeos do (autor e filósofo) Olavo de Carvalho no *YouTube*³⁴¹ (grifos nossos).

339 BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva. Conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. **Boletim da Liberdade**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/#>> Acesso em: 17 dez. 2021.

340 BRASIL PARALELO. **Entrevista com Jornalista da Folha de São Paulo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 6 fev. 2019. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/p265bGtPv-4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

341 DIRANI, Claudio. Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo. **Esmeril**, São Vicente, 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

De acordo com Valerim, a escolha pelo nome Brasil Paralelo se daria precisamente por conta desta falta de “informação organizada” diante do que estava acontecendo no país naquele momento. Inspirado na produção audiovisual *Interestelar* (2014) do cineasta Christopher Nolan, classificado por este fundador da BP como um “ídolo dos sócios”, onde o protagonista do filme em questão “precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo ‘paralelo’ que salvaria a espécie humana”³⁴². Assim sendo: “O logo da empresa tem o formato de um buraco de minhoca justamente para dar a ideia de que a marca é a conexão com uma realidade paralela. No caso, paralela ao que as pessoas estavam acostumadas a ver na grande mídia”³⁴³.

Todavia, a escolha pela nomenclatura atual não se deu de imediato: “[...] o projeto mudava de nome toda semana, passando por Brado (palavra presente no hino do Brasil), Paralelo 15 (paralelo que passa por cima de Brasília), e outros que não me recordo”³⁴⁴.

Também não seria imediata a decisão pelo atual formato de atuação da Brasil Paralelo. As pessoas “com pensamento não exposto na chamada grande mídia”, as quais Ferrugem se refere, sendo esta última, corrompida por uma suposta “hegemonia cultural de esquerda”³⁴⁵, seriam precisamente aquelas que resistiam à esta hegemonia, conforme observou Valerim: “[...] ainda restavam alguns ‘sobreviventes’: professores, políticos, escritores, historiadores, filósofos, pesquisadores, profissionais que eram referência em suas áreas e que tinham como contribuir de forma mais lúcida ou racional com essa análise [...]”³⁴⁶. Nesse sentido, a ideia inicial seria entrevistar esses “sobreviventes” e disponibilizar essas entrevistas em um evento ao vivo, online e gratuito. Ao passo que para “[...] aqueles que quisessem assistir posteriormente, seria cobrada uma taxa que daria direito ao acesso às gravações: dessa forma que a empresa se financiaria”³⁴⁷.

No entanto, segundo Valerim, após a realização das primeiras entrevistas com esses profissionais que eram “referência” e resistiam à “hegemonia cultural esquerdista”, a Brasil Paralelo compreendeu que este primeiro formato não funcionaria, uma vez que “os entrevistados abordavam diferentes pautas que não necessariamente se conectavam. Além

342 BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva. Conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. **Boletim da Liberdade**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/#>> Acesso em: 17 dez. 2021.

343 Ibidem.

344 Ibidem.

345 Ibidem.

346 Ibidem.

347 Ibidem.

disso, muitas entrevistas duravam mais de duas horas e poderiam ficar maçantes ao telespectador”³⁴⁸. Foi a partir desta percepção que surgiria o formato atual que viria a ser o “carro chefe” da produtora, isto é, os filmes-documentários organizados em séries temáticas sobre os variados campos das chamadas ciências humanas e sociais, com ênfase na História, sobretudo a do Brasil.

Da fundação da produtora em 2016 aos dias atuais, a Brasil Paralelo produziu 11 séries de filmes-documentários³⁴⁹: *Congresso Brasil Paralelo* (2016-2017)³⁵⁰; *Brasil: A última cruzada* (2017-2019)³⁵¹; *O Teatro das Tesouras* (2018)³⁵²; *Pátria Educadora* (2020)³⁵³; *Fim das Nações* (2020)³⁵⁴; *As Grandes Minorias* (2020)³⁵⁵; *Os Donos da Verdade* (2020)³⁵⁶; *A Queda Argentina* (2021)³⁵⁷; *A Primeira Arte* (2021)³⁵⁸; *Cortina de Fumaça* (2021)³⁵⁹; *A Sétima Arte* (2021)³⁶⁰; todos com mais de 1 milhão de visualizações de acordo com as métricas da plataforma do *YouTube*. À título de ilustração, a produção *1964 – O Brasil entre armas e livros*

348 Ibidem.

349 No total são mais de 50 filmes-documentários somadas todas essas séries.

350 BRASIL PARALELO. **Congresso Brasil Paralelo | Episódios**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 2016-2017. 6 vídeos (370 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP> Acesso em: 4 dez. 2021.

351 Idem. **Brasil - A Última Cruzada | Episódios**. Rio Grande do Sul, São Paulo: Brasil Paralelo, 2017-2019. 7 vídeos (782 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmyrk9j>> Acesso em: 5 dez. 2021.

352 Idem. **O Teatro das Tesouras | Episódios**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2018. 7 vídeos (163 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySXVtQEJyqHGNnn_9m7XkEq> Acesso em: 5 dez. 2021.

353 Idem. **Trilogia completa: Pátria Educadora | Produção Brasil Paralelo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 3 vídeos (320 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyT5hrAH4kMyT40RECjOtyN_> Acesso em: 5 dez. 2021.

354 Idem. **Fim das nações**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 3 vídeos (144 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySqagfCv11IGyN8sJk5VjNt>> Acesso em: 5 dez. 2021.

355 Idem. **As grandes minorias**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 4 vídeos (337 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXySSah0KMh2s2MZUtbmhJDjw>> Acesso em: 5 dez. 2021.

356 Idem. **Os donos da verdade**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 12 vídeos (369 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyTHSvJRZWkThi3kaHoGZh03>> Acesso em: 5 dez. 2021.

357 Idem. **A queda Argentina**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 3 vídeos (112 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyTJjinyHasMWtc0NegBnMAg>> Acesso em: 5 dez. 2021.

358 Idem. **A Primeira Arte**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 3 vídeos (372 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyTWjQqjR2SRkiU3OnhHI_7I> Acesso em: 5 dez. 2021.

359 Idem. **Cortina de fumaça**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 2 vídeos (293 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyTdfJWvC2EySbBP0glsRZ8C>> Acesso em: 5 dez. 2021.

360 Idem. **A Sétima Arte**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 7 vídeos (244 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7IiXyR7_nH_0WCN5RQ6p-ryqkQC> Acesso em: 5 dez. 2021.

(2019), da série *A última cruzada*, analisada no quarto capítulo deste trabalho, possui mais de 9 milhões de visualizações³⁶¹.

Apesar das suas produções serem um sucesso do ponto de vista comercial, haja vista a sua expressiva audiência, no início, a produtora criada pelos “jovens empreendedores” era bem mais modesta segundo eles: “Tínhamos uma câmera emprestada – na verdade eram duas *T5I Canon* –, uma sala de seis metros quadrados e algum dinheiro, emprestado a juros, para pagar as viagens e o aluguel da pequena sala”³⁶² (grifo nosso).

Esse discurso em prol do empreendedorismo, típico da ideologia neoliberal, se faz constante em suas produções audiovisuais, sobretudo nos anúncios que comumente aparecem no início e no final destas, onde a produtora, por meio de seu já mencionado porta-voz Filipe Valerim, tenta convencer o público a assinar os seus já mencionados planos de assinatura mensal com o objetivo de financiar a Brasil Paralelo. A esse respeito, analisou Firmino: “Em todas as produções é dado ênfase ao fato de que a produtora não recebe dinheiro público, e, portanto, seria ‘mais confiável’, diante de intelectuais e das universidades, que recebem o financiamento estatal”³⁶³. Abaixo, um trecho retirado do filme-documentário *O Fim da História* (2020) da citada série *Pátria Educadora*, é ilustrativo nesse sentido:

[...] absolutamente tudo o que produzimos e oferecemos de graça, só é possível por conta do financiamento dos nossos membros assinantes. São eles os responsáveis por já termos levado ideias, valores e sentimentos para a casa de pelo menos 10 milhões de brasileiros. E agora é você quem vai decidir se estamos no início ou no final desta jornada. [...] Nós precisamos de 20 mil novos assinantes ativos para financiar as novas produções desse ano que abordarão temas urgentes para o Brasil. [...] Dessa vez, se você não nos apoiar, corremos o risco de não poder continuar. Não é jogada de *marketing*, estamos apenas sendo totalmente francos com você. [...] Nós chegamos no preço mínimo que poderíamos chegar, para que todos que gostam da Brasil Paralelo possam, com apenas R\$ 10,00, se tornarem membros assinantes. Esse é o valor que você precisa investir para aderir ao novo plano de *membresia* da Brasil Paralelo, o plano Patriota. [...] Você sabe que com R\$ 10,00 não podemos comprar muita coisa, mas com a Brasil Paralelo, com R\$ 10,00, podemos *mudar a cultura do Brasil*. Nós arriscamos todo o dinheiro que tínhamos para colocar para colocarmos o filme de graça, mesmo diante das conjunturas

361 Idem. **1964 – O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2 abr. 2019. 1 vídeo (207 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/yTenWQHRPIg>> Acesso em: 4 dez. 2021.

362 BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva. Conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. **Boletim da Liberdade**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/#>> Acesso em: 17 dez. 2021.

363 FIRMINO, Karine Rodrigues. op. cit. p. 175.

atuais. E por quê? Porque confiamos que você vai tomar a decisão de virar membro e financiar a Brasil Paralelo³⁶⁴ (grifos nossos).

Entretanto, conforme observou o historiador Diego Martins Dória Paulo, um olhar mais atento mostra que as coisas não são bem assim: “Em 2016, no ano de seu lançamento, o site da produtora anuncia a venda de 68 palestras por 360 reais à vista ou 12 x de 36,14”³⁶⁵. Além disso, à época, entre os profissionais entrevistados tidos por Valerim como “referência”, estavam Olavo de Carvalho, Beatriz Kicis, Hélio Beltrão, Alexandre Borges, Thomas Giulliano, Percival Puggina, Luiz Felipe Pondé, Luiz Philippe de Orléans e Bragança, Lucas Berlanza, Joseita Brilhante Ustra, Renor Oliver, Laudelino Lima, Flávio Morgenstern, Ícaro de Carvalho, Marcus Boeira, Silvio Grimaldo, Carlos Marchi, Antônio Paim, Rodrigo Constantino, Paulo Cruz, Janaína Paschoal, Joice Hasselmann, Eduardo Bolsonaro, Jair Bolsonaro, Lobão, Adriano Gianturco, Rodrigo Gurgel, Jorge Caldeira, Leandro Narloch, Carlos Andreazza, Diego Casagrande, Felipe Moura Brasil, Flávio Gordon, Olavo Mendonça, Gilmar Mendes, Hélio Bicudo, Leandro Ruschel, Claudio Castro, Miguel Reale, Igor Morais, Rico Ferrari, José Mendonça Filho e dentre outros³⁶⁶: “Deixando de lado juízo de valores sobre o gosto peculiar da audiência, há de se reconhecer a capacidade de alcançar figuras relativamente importantes, como deputados, senadores e três ministros – personalidades pouco acessíveis a pessoas comuns”³⁶⁷.

Um ano após a fundação da produtora, o sexto filme-documentário produzido pela Brasil Paralelo, intitulado *Impeachment: do Apogeu à Queda* (2017), referente à sua primeira série de documentários, a citada *Congresso Brasil Paralelo*, seria lançado em salas de cinema da rede *Cinemark* de Porto Alegre: “No que talvez tenha sido o maior *case* de sucesso da história, a produtora dos jovens empreendedores teria alcançado os cinemas – e não qualquer sala, mas o grande circuito – em apenas 12 meses [...] alguém achou a galinha dos ovos de ouro”³⁶⁸.

A despeito de todas as contradições presentes no discurso do empreendedorismo, que prega, dentre outras coisas, a possibilidade de enriquecer por meio do mérito individual para

³⁶⁴ BRASIL PARALELO. **O FIM DA HISTÓRIA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 1 | FILME COMPLETO**. Brasil Paralelo, São Paulo, 31 mar. 2020. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/EU5sAWPKgMc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

³⁶⁵ PAULO, Diego Martins Doria. op. cit. p. 103.

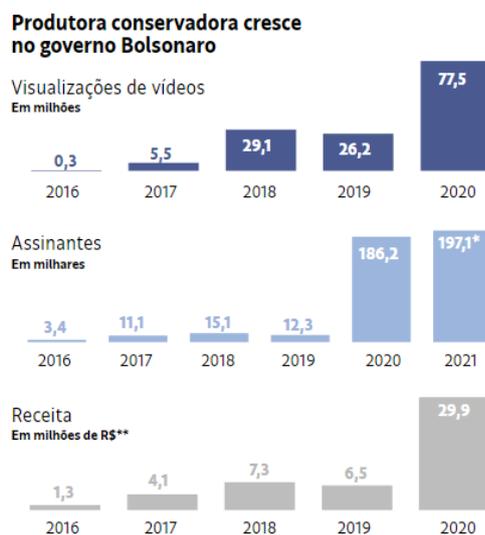
³⁶⁶ Idem. A Brasil Paralelo é uma farsa? A descrição na *Wikipédia* diz que sim. **Brasil Paralelo**, São Paulo, c2021. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>> Acesso em: 4 dez. 2021.

³⁶⁷ PAULO, Diego Martins Doria. op. cit. p. 103.

³⁶⁸ Ibidem. p. 104.

aqueles que mais se esforçam na realização de seus objetivos, uma vez que, sabidamente, nas sociedades estruturadas pelo modo de produção capitalista, esse discurso não se materializa na realidade concreta, sendo uma completa falácia da ideologia neoliberal, o fato é que apesar deste discurso falacioso, o crescimento da Brasil Paralelo em 5 anos de existência é inegável. Desde 2018 sediada em um edifício empresarial na Avenida Paulista, uma das regiões mais caras da cidade de São Paulo, em 2021 a produtora alugaria um segundo andar inteiro neste mesmo local³⁶⁹. Ilustrativo nesse sentido é o gráfico retirado da reportagem realizada por Zanini na *Folha de S. Paulo* que mostra a receita da BP atingindo aproximadamente R\$ 30 milhões em 2020:

Figura 1 – Gráfico acerca do crescimento da Brasil Paralelo (2016-2020).



Fonte: Fábio Zanini da Folha de S. Paulo (2021).³⁷⁰

Este título do gráfico acima (Figura 1) não se faz forçoso. O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL), que já havia participado como entrevistado da série de filmes-documentários *Congresso Brasil Paralelo* em 2016, três anos depois, no primeiro do governo de seu pai como presidente da república (Jair Bolsonaro), quando tentava assumir o cargo de diplomata em Washington nos Estados Unidos, afirmaria em seu *Twitter* estar estudando para a sabatina que enfrentaria no Senado Federal por meio da série *A última cruzada*: “Tenho estudado para a sabatina e isso inclui estudar a história nacional. Assim, tenho revisto episódios do

369 ZANINI, Fábio. op. cit.

370 Ibidem.

@brasilparalelo sobre a história do Brasil, como o episódio que trata da nossa independência passando por Leopoldina, Bonifácio e Princesa Isabel”³⁷¹.

Um ano antes, o mesmo Eduardo Bolsonaro teria um vídeo seu viralizado, gravado em um cursinho de Cascavel, no Paraná³⁷², em que o deputado federal ameaçava fechar o Supremo Tribunal Federal (STF): “Cara, se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Você não manda nem um *jipe*. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo, não”³⁷³ (grifo nosso).

Todavia, conforme mencionado no capítulo anterior, apesar de a Brasil Paralelo ser uma empresa, o que faz desta uma organização com fins lucrativos, neste trabalho a BP está sendo pensada como um *think tank*. Também foi aqui mencionado que em 2017, ano da primeira estreia de uma produção da produtora na rede *Cinemark*³⁷⁴, este *think tank* seria “lançado” na 30ª edição do Fórum da Liberdade, espaço onde tradicionalmente organizações desta natureza são “promovidas ao público”, cujo tema da edição ironicamente era *O Futuro da Democracia*³⁷⁵: “Procuramos sempre estar em contato com *think tanks* [sic] que promovam ideias de liberdade. O Fórum da Liberdade, [...] concentra pessoas interessadas em debater esse tema e isso, conseqüentemente, acaba atraindo muitas pessoas que acompanham o nosso conteúdo”³⁷⁶ (grifo nosso).

O contato com outros *think tanks* neoliberais não se daria somente nesta participação da Brasil Paralelo no Fórum da Liberdade. Em suas produções audiovisuais, frequentemente representantes dos *think tanks* citados neste trabalho aparecem como entrevistados, destacando-

371 BOLSONARO, Eduardo. **Tenho estudado para a sabatina e isso inclui estudar a história nacional. Assim, tenho revisto episódios do @brasilparalelo sobre a história do Brasil, como o episódio que trata da nossa independência passando por Leopoldina, Bonifácio e Princesa Isabel.**: [S.I], 25 ago. 2019. 11:14. Twitter. @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://twitter.com/bolsonarosp/status/1165809702581735424>> Acesso em: 17 dez. 2021.

372 BASTAM um soldado e um cabo para fechar STF, disse filho de Bolsonaro em vídeo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

373 Ibidem.

374 Outras produções da Brasil Paralelo seriam estreadas no *Cinemark*, como o filme-documentário lançado no dia 31 de março de 2019: “1964 – O Brasil entre armas e livros”. ZANINI, Fábio. Filme sobre o golpe de 64 diz que militares perderam a batalha das ideias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 abr. 2019b. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/01/filme-sobre-o-golpe-de-64-diz-que-a-direita-perdeu-a-batalha-das-ideias/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

375 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a. p. 76; Idem. 2020b. p. 98.

376 BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva. Conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. **Boletim da Liberdade**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/#>> Acesso em: 17 dez. 2021.

se dentre eles Rodrigo Constantino (IMIL e IL), Lucas Berlanza (IL) e Hélio Beltrão (IMIL e IMB). Este último, conforme aqui mencionado, foi uma das inspirações da criação da BP.

Retomando à concepção acerca do conceito de *think tank* a qual está sendo adotada neste trabalho, segundo definiu Camila Rocha *think tanks* podem ser definidos como instituições que através da atuação a partir da sociedade civil, procuram informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que se refere à adoção de políticas públicas, podendo se tornar um “ativismo político orientado ideologicamente”³⁷⁷.

Na acepção de Baggio essas instituições buscam transmitir uma imagem técnica, tentando afastar-se de uma identificação estritamente ideológica, “[...] mesmo que claramente defendam determinadas concepções política e ideologicamente orientadas”³⁷⁸.

Nesse sentido, em seu site e em suas produções audiovisuais, a Brasil Paralelo recorrentemente se define como “uma iniciativa que atua na cultura do Brasil”³⁷⁹: “Nossas produções já ensinaram história, política, economia e filosofia para mais de 14 milhões de brasileiros”³⁸⁰. Essa atuação na cultura do país teria por objetivo resgatar o que eles entendem por “bons” valores, ideias e sentimentos “no coração de todos os brasileiros”³⁸¹ que por muito tempo teriam sido negados por professores, sobretudo os de história e das demais ciências humanas e sociais, majoritariamente adeptos do marxismo cultural.

No que diz respeito ao aspecto político e ideológico, este *think tank* nega possuir ideologia: “Nossa orientação é sempre a busca pela verdade histórica, ancorada na realidade dos fatos, e somos contrários a qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo”³⁸². Esta suposta neutralidade diante da realidade social e da história, é um discurso que também é típico da ideologia neoliberal, conforme analisamos no terceiro capítulo deste trabalho. Entretanto, quando perguntado sobre seu posicionamento, na citada entrevista de Lucas Ferrugem com Zanini, este fundador da Brasil Paralelo se definiu “indiscutivelmente” como um “conservador-liberal”:

377 ROCHA, Camila. 2015. p. 262.

378 BAGGIO, Kátia Gerab. op. cit. p. 22.

379 BRASIL PARALELO. Como funciona a Brasil Paralelo? **Brasil Paralelo**, São Paulo, abr. 2021. Disponível em: <<https://brasilparalelo.zendesk.com/hc/pt-br/articles/360048963574-Como-funciona-a-Brasil-Paralelo-#:~:text=Somos%20uma%20iniciativa%20que%20atua,do%20Youtube%20e%20sites%20oficiais.>> Acesso em: 4 dez. 2021.

380 Ibidem.

381 Idem. A Brasil Paralelo. **Brasil Paralelo**, São Paulo, c2021. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>> Acesso em: 4 dez. 2021.

382 Ibidem.

[...] O conservadorismo é a tradição dos nossos valores e o capitalismo nada mais é do que um produto desse conservadorismo. Sem o conservadorismo nós não teríamos uma tradição de conseguir conquista, geração após geração, implementar evoluções como foi a revolução industrial e todo o resto, né. Então, liberal economicamente, não tenho nem como discutir com isso, sou um empresário, e conservador nos costumes [...] ³⁸³.

Este liberal-conservadorismo partilhado por Ferrugem e entre os demais fundadores da Brasil Paralelo se faz presente de modo bastante explícito nas produções deste *think tank*, o que torna no mínimo curiosa esta negação de algo que já é de conhecimento público desde 2016. E por falar em “negação”, nos mais variados sentidos que o termo carrega, esta é uma prática bastante comum desta organização, conforme abordaremos adiante neste trabalho.

Uma característica comum entre os *think tanks* neoliberais que citamos ao longo do capítulo anterior, é a de que estes oferecem treinamento, uma espécie de formação para os seus “ativistas” em prol dos seus interesses políticos e ideológicos. Neste sentido destacou-se a também citada *Students for Liberty Brazil*. Por sua vez, a Brasil Paralelo partilha desta característica. A despeito de enfatizar sua suposta preocupação com a educação dos brasileiros, a “formação” oferecida por este *think tank*, por meio dos seus citados planos mensais de assinatura, está muito mais próxima à que as organizações desta natureza oferecem do que as que são oferecidas por instituições voltadas para a educação.

Por falar em semelhança, uma organização que não havia sido mencionada neste trabalho até agora, o Instituto Olavo de Carvalho (IOC), fundado em 2009 na cidade de Curitiba, e que aparentemente fechou as portas ³⁸⁴, oferecia uma formação nos mesmos moldes da que a Brasil Paralelo oferece hoje, conforme estudou à época Patschiki:

O IOC oferece uma série de atividades pagas, divididos entre grupos de estudo, cursos, atendimentos individuais, palestras e eventos. Oferece três modalidades de associação, além dos cursos individuais. Os custos para associar-se são os seguintes (em valores mensais): associado tipo um de cento e dez reais (permite acesso a todo o site, exceto cursos online de idiomas); associado tipo dois de duzentos reais (permite acesso global ao site); associado tipo três de trezentos reais (permite acesso global a todas as atividades e financia bolsas de estudos para outros alunos) ³⁸⁵.

383 BRASIL PARALELO. **Entrevista com Jornalista da Folha de São Paulo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 6 fev. 2019. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/p265bGtPv-4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

384 Uma vez que a sua página na internet se encontra fora do ar: INSTITUTO Olavo de Carvalho. Disponível em: <<http://www.institutoolavodecarvalho.com/>> Acesso em: 4 dez. 2021; e que as últimas informações a respeito do mesmo datam de 2012: PATSCHIKI, Lucas. op. cit. p. 231.

385 PATSCHIKI, Lucas. op. cit. p. 264.

Ao que tudo indica, a Brasil Paralelo se inspirou inclusive na publicidade do IOC, haja vista que são praticamente idênticas: “o Instituto é uma entidade sem fins lucrativos, não recebe nem jamais receberá qualquer forma de financiamento estatal, e se mantém exclusivamente das doações e do trabalho dos seus membros”³⁸⁶; “Nunca aceitamos um centavo do dinheiro público, e, também, não ganhamos dinheiro com *YouTube*. Tudo, absolutamente tudo que oferecemos de graça, só é possível com o financiamento dos membros assinantes [...]”³⁸⁷ (grifo nosso).

Apesar de congrega os interesses políticos e ideológicos das diversas direitas presentes no país, uma vez que a produtora deu voz a representantes dos setores monarquista³⁸⁸, lavajatista³⁸⁹, conservador, armamentista, militarista e bolsonarista, se nota um alinhamento ideológico mais estreito com o neoliberalismo e o olavismo – o que faz da Brasil Paralelo, portanto, um *think tank* neoliberal-olavista.

Esse “olavismo”, termo utilizado para denominar a concepção do escritor Olavo de Carvalho, se dá não somente pelo fato deste autor ter sido uma das inspirações que levaram este *think tank* a ser fundado, ao ponto do mesmo ser uma das “estrelas” das produções audiovisuais da Brasil Paralelo, sendo o grande protagonista das mesmas, mas sobretudo por conta da BP ter como uma das suas principais bases teóricas a teoria da conspiração do marxismo cultural, cujo principal teórico no Brasil, é o mencionado autor.

Analisamos de modo mais aprofundado o marxismo cultural no segundo capítulo deste trabalho. Em resumo, esta teoria da conspiração afirma que as esquerdas brasileiras, após terem perdido na chamada luta armada na ditadura militar, teriam, supostamente inspiradas no marxista italiano Antonio Gramsci, se infiltrado na esfera cultural do país por meio das universidades e da mídia, se tornando hegemônicas, especialmente após os períodos da redemocratização e das eleições dos governos petistas no século XXI. Desde então, o Brasil passaria a viver sob uma espécie de ditadura desta hegemonia cultural das esquerdas. Não por acaso essa teoria aparece de modo mais escancarado justamente no filme-documentário que a Brasil Paralelo produziu sobre o período militar, o citado *1964 – O Brasil entre armas e livros*.

386 INSTITUTO Olavo de Carvalho. op. cit. apud. Ibidem. p. 264.

387 BRASIL PARALELO, 2020. apud. FIRMINO, Karine Rodrigues. op. cit. p. 176.

388 Explícito nesse sentido é o fato do deputado federal Luiz Philippe de Orléans e Bragança ser uma das figuras que mais aparecem em suas produções audiovisuais.

389 Sobretudo através da figura da deputada estadual pelo Estado de São Paulo, Janaina Paschoal, presente na capa e uma das entrevistadas da série *Congresso Brasil Paralelo*.

A produção audiovisual em discussão é a sétima da também mencionada série *A última cruzada*, em que a Brasil Paralelo objetiva “reescrever a história” do Brasil. Não à toa nessa tentativa de reescrita, se narra temas “fundantes” da história do país, partindo da invasão dos portugueses no território que pertencia aos povos originários, compreendendo os períodos colonial, imperial, republicano e a chamada Era Vargas. Os filmes-documentários desta série, *A Cruz e a Espada* (2017), *A Vila Rica* (2017), *A Guilhotina da Igualdade* (2017), *Independência ou Morte* (2017), *O Último Reinado* (2018), *Era Vargas: O Crepúsculo de um Ídolo* (2018), são caracterizados por ter o que a historiografia oitocentista tinha de pior, isto é, o resgate dos “grandes personagens” e dos “grandes feitos” da história do Estado brasileiro, onde a mesma era vista sob a concepção da “civilização”, excluindo-se os povos originários e a população negra, justificando-se questões como o genocídio e a escravidão.

No entanto, justiça seja feita com a escrita da história dos oitocentos. Guardadas as devidas proporções, apesar de seu eurocentrismo ser algo reprovável, esta tinha um método que de fato era científico para os padrões do período, rigorosamente ancorado em fontes sérias e verificáveis. Ao contrário da Brasil Paralelo que, por sua vez, nega o desenvolvimento que a historiografia teve do século XIX até os dias atuais para “reescrever” a história do país sob a concepção neoliberal-olavista através de um “método” negacionista, sendo este a sua “marca registrada”, haja vista que este *think tank* se utiliza de teorias da conspiração e distorções acerca do passado em suas produções³⁹⁰.

Nesse sentido, os “grandes personagens” da história brasileira são vistos como “empreendedores” – uma noção completamente anacrônica, típica do nosso tempo, dominado pelo neoliberalismo – que se arriscavam na busca dos seus objetivos, destacando-se o mérito individual nas suas ações. A título de exemplo, no primeiro filme-documentário da série em questão, *A Cruz e a Espada*, essa concepção aparece através do discurso do entrevistado Percival Puggina³⁹¹, no plano-sequência que vai do minuto 40:27 ao 41:08 desta produção, quando este jornalista se referia aos “descobridores” portugueses:

Mas eu não aceito, não concordo que se despreze o imenso valor que este país tem por ter nascido do *esforço* político e técnico de um povo, de um pequeno território, que foi a primeira nação organizada da Europa, localizada num

390 Abordamos de modo mais aprofundado o que compreendemos por negacionismo no segundo capítulo deste trabalho.

391 BRASIL PARALELO. **Capítulo 1 – A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 20 set. 2017. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/TkOIAKE7xqY>> Acesso em: 4 dez. 2021.

canto da Península Ibérica, e que em uma determinada época de sua trajetória, dividiu o mundo em duas partes, uma era dela e a outra era da Espanha. Tinha poder, tinha cacife político para isso. E conseguiu isso através do *empenho* do seu povo³⁹² (grifos nossos).

Com relação à “civilização ocidental”, esta é definida pelo presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Rafael Nogueira, como o “ponto mais alto que a humanidade chegou até agora”³⁹³ no filme-documentário *A Vila Rica*. Neste mesmo filme, o racismo característico desta concepção se faz explícito através do discurso do escritor Olavo de Carvalho, que ao se referir aos povos originários, desdenhou da ausência da escrita em suas culturas, conforme aparece no plano-sequência que vai do minuto 30:10 ao 30:40:

Veja, uma sociedade que tem este costume, bom, não é um primor de moralidade evidentemente. Eles vão dizer ‘Ah, mas isso julgado pelo parâmetro ocidental’. Sim, só que uma hora você vai ter que escolher um parâmetro ou outro meu filho, não é isto? Além do que, o parâmetro ocidental é racionalmente indefensável [sic]. Você tem dois milênios de tradição, de argumento, exame, análise, etc., etc., etc. E esta cultura indígena, ah, não tem sequer alfabeto³⁹⁴.

Ainda que de modo menos explícito, o racismo contra a população negra também se faz presente no supracitado filme-documentário, aparecendo de modo mais “velado”, típico do racismo estrutural brasileiro. Além do fato desta produção, que possui mais de 1 hora de duração (01:09:28), abordar a escravidão em escassos minutos de exposição³⁹⁵, esta tem seu caráter étnico negado com o objetivo de combater questões do tempo presente como as políticas afirmativas. Isto aparece no discurso do historiador Flávio Alencar, no plano-sequência que vai do minuto 34:25 ao 34:57: “[...] se fala muito de reparação histórica com relação à raça e à etnia, mas o fundamento da escravidão nunca foi a origem étnica, no Brasil nunca foi”³⁹⁶. Nesse sentido, também é velado o seu negacionismo histórico, segundo analisou o historiador Arthur

392 Ibidem.

393 Plano sequência 30:40 ao 30:47: Idem. **Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 18 out. 2017. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/svViHH8IBVg>> Acesso em: 5 dez. 2021.

394 Ibidem.

395 AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 42, p. 161-184, 2021. p. 167.

396 BRASIL PARALELO. **Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 18 out. 2017. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/svViHH8IBVg>> Acesso em: 5 dez. 2021.

Lima de Avila: “Suas operações devem, nesse momento, dar-se no nível de uma representação que *falseia* a história sem, porém, negar os acontecimentos aos quais se refere”³⁹⁷.

O seu anticientificismo não está atrelado somente ao seu negacionismo, mas também por meio de sua fragilidade documental. De acordo o historiador Rodrigo Turin, chama atenção a capacidade da Brasil Paralelo em reconstituir fatos impossíveis de o serem do ponto de vista das fontes: “Diálogos e cenas são repetidamente narrados pelos comentaristas do documentário sem que eles pudessem ter documentos em relação a esses eventos, muito menos referi-los”³⁹⁸, como por exemplo no filme-documentário *Independência ou Morte*, em que o biógrafo de D. Pedro e Leopoldina, Paulo Rezzutti, no plano-sequência que vai do minuto 07:47 ao 08:15, descreve com detalhes o primeiro encontro dos monarcas, ao ponto de a sua descrição estar mais próxima do gênero textual das chamadas *fanfics* do que de um trabalho que se pretenda historiográfico: “[...] e aí é bonitinho ver o encontro dos dois. É dois jovens, totalmente tímidos, sabe? Um olhando pro pé um do outro, e aí dá uma olhadinha assim de rabo de olho pra ver como que é a pessoa. Isso logo quando eles se encontram no navio que trouxe ela”³⁹⁹.

Fazendo jus ao seu eurocentrismo, o título que a série carrega *Brasil: A última cruzada* não se dá por acaso, remetendo a ideia de uma formação brasileira cristã-medieval de um lado, patriota de outro. Para além do discurso dos entrevistados, isso se faz notar por meio da estética da série, conforme analisou o historiador Fernando Nicolazzi:

[...] um relato centrado na figura de indivíduos que são heroicizados pela narrativa (Leopoldina, Bonifácio, Pedro); o destaque ao fervor patriótico da locução *in off* que conduz toda a narrativa por meio de um jogo de imagens, sons e textos (como na leitura da carta de Bonifácio a Pedro); o uso de uma trilha sonora que confere ao relato um toque de dramaticidade e um caráter épico, composta desde a abertura por um hino cristão medieval (*Da pacem domine*) até o final do vídeo, com a Sonata ao Luar, de Beethoven⁴⁰⁰

Apesar do anacronismo e do anticientificismo das produções audiovisuais da Brasil Paralelo, não há contradição entre as ideologias que este *think tank* congrega – ao menos não no modo como este último os mobiliza –. Isto ficará mais claro no terceiro capítulo deste

397 AVILA, Arthur Lima de. op. cit. p. 167.

398 TURIN, Rodrigo. Os tempos da Independência: entre a História disciplinar e a História como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, p. 1-39. 2020. p. 28.

399 BRASIL PARALELO. **Capítulo 4 – Independência ou Morte | Brasil - A última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 21 dez. 2017. 1 vídeo (114 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/YpjDmTdsJac>> Acesso em: 5 dez. 2021.

400 NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia**. 2021. p. 17.

trabalho, onde analisamos, entre outras coisas, a concepção de um dos principais teóricos do neoliberalismo, o já aqui citado Friedrich Hayek, onde mostramos que a linha que separa neoliberalismo, conservadorismo e olavismo, é mais tênue do que parece.

Ironicamente, são precisamente produções como as dos exemplos acima que a Brasil Paralelo vende como superiores à historiografia produzida pelos historiadores profissionais. Não se limitando a fazer propaganda enganosa do seu produto⁴⁰¹, este *think tank* ataca os professores de história das escolas e universidades, uma vez que estes, em sua maioria, seriam adeptos da já mencionada teoria da conspiração do marxismo cultural.

2.2. *YouTube* como modus operandi: a nova direita por excelência.

Essa tentativa de desqualificar a historiografia e atacar os historiadores não são novidades na história do campo da chamada *Public History* no país. Conforme observou o historiador Jurandir Malerba, os jornalistas Eduardo Bueno (também conhecido como “Peninha”)⁴⁰² e Leandro Narloch⁴⁰³ já o faziam por meio de seus respectivos livros pretensiosamente de “história” publicados entre o final das décadas de 1990 e 2000. Por sua vez, esses livros se assemelham à concepção da Brasil Paralelo no que tange ao caráter

401 Idem. 2019 – O Brasil Paralelo entre o passado histórico e a picanha de papelão (por Fernando Nicolazzi). **Sul21**, Porto Alegre, 7 abr. 2019. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opiniao/2019/04/2019-o-brasil-paralelo-entre-o-passado-historico-e-a-picanha-de-papelao-por-fernando-nicolazzi/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

402 Peninha escreveu a coleção “*Terra Brasilis*” composta pelos livros: “*A viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral*” (1998); “*Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil*” (1998); “*Capitães do Brasil: a verdadeira história da expedição de Cabral*” (1999); “*A coroa, a cruz e a espada: lei, ordem e corrupção no Brasil Colônia, 1548-1558*” (2006).

403 Narloch ficaria famoso por escrever os chamados “Guias Politicamente Incorretos”: *da História do Brasil* (2009); *América Latina* (2011) – este em co-autoria com o jornalista Duda Teixeira; *da História do Mundo* (2013); *da Economia Brasileira* (2015). Além dos livros: *Politicamente Incorreto: o Guia dos Guias* (2015); *Achados & Perdidos da História: Escravos* (2017). O primeiro desses livros foi adaptado para um programa de televisão no *History Channel*. A primeira temporada foi lançada em 2017 e apresentada pelo *youtuber* Felipe Castanhari; OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, v. 39, p. 37-59, 2019. A segunda temporada por sua vez seria lançada em 2020, dessa vez apresentada pelo mencionado Peninha: GUARALDO, Luciano. Após irritar historiadores, Guia Politicamente Incorreto volta de cara nova. **Notícias da TV**, São Paulo, 6 nov. 2020. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-irritar-historiadores-guia-politicamente-incorreto-volta-de-cara-nova-45258>> Acesso em: 17 dez. 2021. No dia 29 de setembro de 2021, este jornalista publicaria em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, onde ele daria a entender que teria sido possível a certos escravizados triunfar por mérito e esforço próprios no Brasil do século XIX: NARLOCH, Leandro. Luxo e riqueza das 'sinhas pretas' precisam inspirar o movimento negro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 set. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>> Acesso em 5 dez. 2021. Coluna esta que provocaria forte reação por parte de historiadores, como no texto publicado no dia 4 de outubro de 2021 neste mesmo jornal: FRANCISCO, Gilberto da Silva; ARAGÃO, Rodrigo Nagem de; SALVIATTI, Ana Paula; ALMEIDA, Dennis. Negacionismo da casa-grande. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 out. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/10/negacionismo-da-casa-grande.shtml>> Acesso em: 4 out. 2021.

eurocêntrico, anacrônico e anticientífico, mas sobretudo na propaganda que essas produções carregam, isto é, “contar a história que os professores de história não contam”: “Será que os historiadores brasileiros não se envergonham perante o que o Eduardo Bueno e o Jorge Caldeira fizeram? Porque toda minha obra é fruto da vergonha que eu sentia por conhecer tão pouco da história do meu país”⁴⁰⁴. Não à toa, Narloch viria a aparecer nos já citados filmes-documentários *A Vila Rica e O Último Reinado*.

Os livros desses jornalistas chegariam a virar *best-sellers*⁴⁰⁵. A esse respeito, Malerba chamou a atenção para a demanda social por história em espaços fora das universidades e o seu consequente nicho de mercado lucrativo:

[...] constata-se uma sensível demanda social por história nos mais diversos espaços de formação de opinião fora das universidades, novos lugares de exercício da profissão, uma demanda crescente de consumo popular de história, verificável no aparecimento de revistas especializadas de divulgação com grandes tiragens e, por outro lado, uma agressiva produção “historiográfica” que insiste em se autopromover como uma “nova história” – não acadêmica, diferente e superior àquela. [...] Hoje o passado significa “negócios” e, não menos importante, “poder”!⁴⁰⁶.

Na mesma linha deste autor, Turin observa que o setor de serviços promoveu a educação como um de seus mais rentáveis produtos globais: “Em um relatório de 2017, analistas da Merrill Lynch (*Bank of America*) avaliaram o setor em cerca de US\$ 4,5 a 5 trilhões, e com perspectivas de crescimento para US\$ 6 ou 8 trilhões em apenas um ano, mais do que cinco vezes o PIB brasileiro de então”⁴⁰⁷ (grifo nosso).

Portanto, este interesse em instrumentalizar a História não se dá por acaso, seja para fins políticos, seja para fins comerciais.

Nesse sentido, a Brasil Paralelo também atua em uma espécie de espaço público fora das universidades, isto é, no chamado *ciberespaço*, por meio de seu canal no *YouTube*, plataforma em que suas produções audiovisuais são publicadas, sendo esta a sua principal forma de atuação. Vimos ao longo desses dois primeiros capítulos a importância que o advento da

404 NUNES, Augusto. Eduardo Bueno, jornalista, tradutor e historiador. Entrevista com Eduardo Bueno. **Veja**, 20 fev. 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/videos-veja-entrevista/eduardo-buenojornalista-tradutor-e-historiador>> Acesso em: 28 mar. 2013. p. 13-134. apud. MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos 24 debates sobre *Public History*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27-50, mai. 2014. p. 36.

405 MALERBA, Jurandir. op. cit. passim.

406 Ibidem. p. 31-32.

407 TURIN, Rodrigo. op. cit. p. 22.

internet e o seu posterior desenvolvimento tiveram para a formação dos novos *think tanks* neoliberais brasileiros e para a ascensão do escritor Olavo de Carvalho. Sendo a BP um produto deste processo histórico, sua atuação na mencionada plataforma faz deste *think tank* “a nova direita por excelência”.

Também abordamos neste trabalho a importância que as redes sociais tiveram na produção e circulação em “escala industrial”⁴⁰⁸ de *fake news*, negacionismo científico e *memes*. Assim como constatamos a relação da implementação do sistema de inteligência artificial (*algoritmo*) pelo *YouTube* em 2010 com a ascensão de canais de direita que viriam a explodir na plataforma na segunda década do século XXI, sendo a Brasil Paralelo igualmente parte deste processo. Assim sendo, sua atuação no segundo site mais acessado na internet mundial⁴⁰⁹ e que tem o Brasil como o seu segundo maior público no planeta⁴¹⁰ não se dá por acaso, fazendo da citada plataforma um meio propício para os seus objetivos enquanto empresa e *think tank*.

A despeito de a Brasil Paralelo recorrentemente negar receber dinheiro com seu canal do *YouTube*⁴¹¹, esta viria a admitir por meio de direito de resposta⁴¹² no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* que, na realidade, esta plataforma também faz parte de sua fonte de renda:

A Brasil Paralelo se financia unicamente a partir de recursos privados seus, quais sejam: (i) a monetização do conteúdo disponibilizado no Youtube, (ii) a venda de cursos na modalidade online em seu portal (iii) a assinatura da modalidade premium com acesso a conteúdos exclusivos também no website da empresa, além de outros meios menores e privados de fomento econômico empregados pela empresa no fito de promover a efetivação de seu objeto social⁴¹³ (grifos nossos).

Seu canal possui mais de 2 milhões de inscritos e mais de 154.881.380 visualizações. Apesar dos vídeos publicados nos canais do *YouTube* serem gratuitos para quem os assiste, no mesmo há um sistema de monetização – o chamado *Google AdSense*⁴¹⁴ – que paga os usuários

408 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a. p. 25.

409 ALEXA. op. cit.

410 Idem. op. cit.

411 Cincamente esta negação geralmente ocorre nos anúncios que a produtora realiza em seus vídeos, onde tenta convencer sua audiência a assinar os planos mensais da Brasil Paralelo, como no anúncio colocado no início do primeiro capítulo da série “*Pátria Educadora*” (2020): BRASIL PARALELO. **O FIM DA HISTÓRIA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 1 | FILME COMPLETO**. Brasil Paralelo, São Paulo, 31 mar. 2020. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/EU5sAWPKgMc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

412 DIREITO de resposta da Brasil Paralelo. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/direito-de-resposta-da-brasil-paralelo/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

413 Ibidem.

414 COMO funciona o *Google AdSense*. **Google**, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/6242051?hl=pt-BR>> Acesso em: 5 dez. 2021.

que através dos seus respectivos canais, produzem e publicam vídeos nesta plataforma. Isto se dá mediante as publicidades que aparecem ao longo dos vídeos, de modo que quanto maior a audiência de um canal, maior sua monetização. Além disso, cabe pontuar que quanto mais tempo a audiência passa em um vídeo do *YouTube*, maior também é a monetização e a “recomendação” que este vídeo recebe. Neste sentido, produções mais longas costumam ser favorecidas pelo *algoritmo* desta plataforma, conforme observou o cientista de dados Rodrigo Oliveira Silva:

Diferentemente de como funcionava anteriormente – baseado no número de cliques “*play*” no vídeo – o *algoritmo* considera o que é visto pelos utilizadores, o tempo médio de visualização de um determinado vídeo, o tempo médio da sessão, *likes* e *dislikes* [...] Pois os canais com vídeos que possuem tempo de visualizações mais altos provavelmente aparecerão na barra de pesquisa e nas recomendações⁴¹⁵ (grifos nossos).

De acordo com a programadora Yasodara Córdova, em última instância, o *algoritmo* visa, literalmente, prender e viciar as pessoas⁴¹⁶.

Esses pesquisadores levantaram a hipótese de que o *algoritmo* da plataforma estaria favorecendo a recomendação de canais de direita para o seu público. Nesse sentido, a programadora realizou um experimento:

Com um navegador recém instalado, abri o *YouTube* e cliquei em um vídeo sobre as máquinas de forjamento de martelo mais rápidas e pesadas que existem. Deixei o sistema rodar mais 13 vídeos na sequência, assistindo aos vídeos, sem deixar *likes* ou fazer *login*. A ideia era ver quais eram as sugestões que o *YouTube* recomendava depois do primeiro. Após passar por vídeos de halterofilismo, corte de árvores e muitos anúncios de ferramentas pesadas, equipamentos e carne para churrasco e outros, o *YouTube* me recomendou um vídeo sobre como fazer munição para uma arma semi-automática. As recomendações e os anúncios, voltados para quem exalta o estilo de vida do Rambo, mostram que os algoritmos entenderam que, porque eu cliquei em um único vídeo de máquinas pesadas, eu sou homem e gosto de armas e churrasco⁴¹⁷ (grifos nossos).

Experiência semelhante à de Córdova foi a de Silva que, ao pesquisar sobre música no *YouTube*, se deparou com o canal do *youtuber* de extrema direita Nando Moura: “Não procurava por qualquer conteúdo político quando entrei no canal de Nando Moura. Este,

415 SILVA, Rodrigo Oliveira. op. cit. p. 52.

416 CÓRDOVA, Yasodara. op. cit.

417 Ibidem.

aparentemente, falava substancialmente de música no seu canal e, por conta disso, me inscrevi”⁴¹⁸.

Ainda que a hipótese levantada por esses pesquisadores possa estar equivocada ou datada⁴¹⁹, o fato é que o *YouTube* não se trata de uma plataforma neutra, devendo este fato ser problematizado e levado em consideração em trabalhos como este cujo objeto está inserido neste *ciberespaço*. Nesse sentido, ao buscar por “história do brasil” na barra de pesquisas da plataforma, o primeiro vídeo que aparece é justamente o primeiro episódio da série *Brasil: A última cruzada* da Brasil Paralelo⁴²⁰. No entanto, cabe pontuar que este vídeo não é o primeiro a aparecer por conta do *algoritmo* da plataforma em si⁴²¹, mas sobretudo por se tratar de um vídeo que foi pago para aparecer no topo da lista quando os usuários buscam pela palavra-chave “história do brasil” ou correlatas na plataforma. Este procedimento é padrão no *YouTube*, trata-se de um anúncio da categoria *vídeo in-feed*⁴²² (ou *vídeo discovery*):

Os anúncios de *vídeo in-feed* colocam a sua marca, produto ou serviço junto a conteúdo do *YouTube* que é provável que seja visto pelo seu público-alvo. Os anúncios de *vídeo in-feed* aparecem nos resultados da pesquisa do *YouTube*, no módulo O que ver a seguir do *YouTube* e no *feed* da Página inicial da *app YouTube*⁴²³ (grifos nossos).

Essa busca foi realizada através de um novo perfil de usuário, criado precisamente para realizar este experimento. De acordo com Parra et al. os dados fornecidos pelos usuários nas plataformas produzidas por empresas como o *Google*, geram perfis de usuários: “Um perfil é um conjunto agregado de disposições potenciais, que no mercado da atenção (tempo cognitivo disponível para a publicidade) e da modelização do desejo/interesse, são muito valiosas”⁴²⁴, de modo que os resultados das buscas realizadas por diferentes perfis de usuários, se diferem⁴²⁵, conforme observou o pesquisador Daniel Felipe Emergente Loiola: “Essas informações então

418 SILVA, Rodrigo Oliveira. op. cit. p. 4.

419 Haja vista que neste campo as transformações ocorrem de modo demasiadamente acelerado.

420 Deve-se ressaltar que esta busca foi realizada no dia 2 de dezembro de 2021. O que implica dizer que se a busca fosse realizada em outra data, o resultado poderia não ter sido o mesmo.

421 Neste caso o vídeo aparece como a 20ª recomendação da lista.

422 ANÚNCIOS de vídeo *in-feed*. *Google*, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/google-ads/answer/6227733?hl=pt>> Acesso em: 5 dez. 2021.

423 Ibidem.

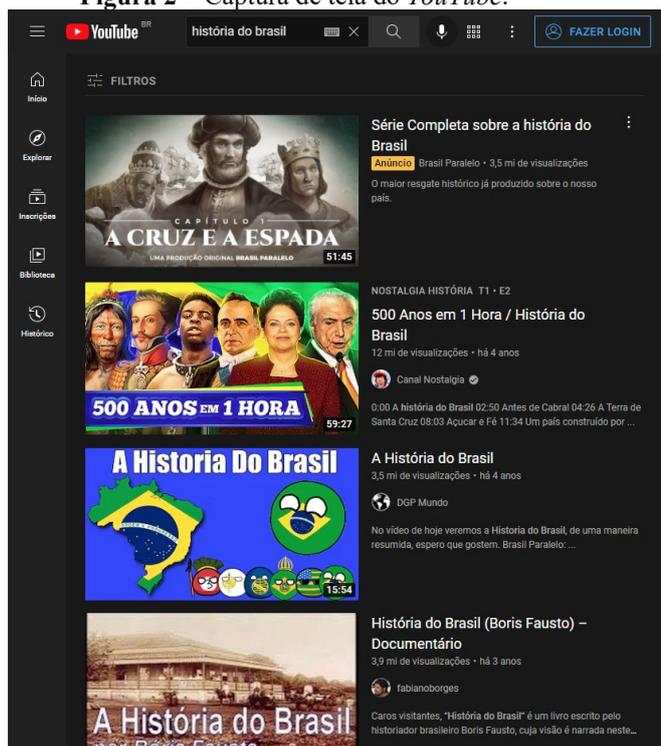
424 PARRA, Henrique et al. op. cit. p. 76-77.

425 No caso do meu perfil de usuário principal por exemplo, a série *A última cruzada* aparece como 3ª recomendação da lista personalizada pelo *algoritmo*.

são utilizadas para adaptar a interface, de acordo com o gosto de cada um [...] e também para gerar dados sobre cada vídeo”⁴²⁶.

Este mesmo experimento foi realizado por uma “guia anônima” do navegador do computador sem a realização de um *login* e o resultado foi o mesmo, conforme a captura de tela abaixo ilustra:

Figura 2 – Captura de tela do YouTube.



Fonte: YouTube (2021).

Em ambos os casos, ao clicar no vídeo do anúncio, este é aberto por padrão com o recurso “reprodução automática”: “O recurso de reprodução automática no YouTube facilita na hora de decidir o que assistir em seguida. Quando ele está ativado, outro vídeo relacionado é reproduzido automaticamente após o término do conteúdo atual”⁴²⁷ (grifo nosso). Nesse sentido, ao terminar a exibição de *A Cruz e a Espada*, a plataforma inicia automaticamente outras produções da série *A última cruzada*, bem como outras produções da Brasil Paralelo e

426 LOIOLA, Daniel Felipe Emergente. **Recomendado Para Você:** o impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas. 2018. 165 p. (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. p. 60.

427 REPRODUÇÃO automática de vídeos. **Google**, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/6327615?hl=pt-BR>> Acesso em: 5 dez. 2021.

de outros canais que o *algoritmo* julga o conteúdo semelhante, em uma espécie de *looping* infinito.

Os perfis de usuário que se inscrevem em um determinado canal do *YouTube* recebem notificação das últimas publicações do mesmo. Estas notificações podem se dar por meio do navegador do computador e do celular.⁴²⁸ Nesse sentido, no que tange especificamente à Brasil Paralelo, de acordo com Turin: “O objetivo, portanto, não é um produto massivo, produzindo uma sincronização da totalidade da população, mas antes garantir uma parcela de consumo fiel”⁴²⁹.

Além disso, através do recurso “velocidade de reprodução”⁴³⁰, os usuários do *YouTube* podem assistir em velocidade duas vezes mais rápida produções de 1h30 a 2h, que é a média dos filmes-documentários da Brasil Paralelo⁴³¹. Nestes, por seu turno: “O que conta [...] é a velocidade e o efeito do impacto da representação, jogando com predisposições já mapeadas e assentadas, e não o tempo lento da crítica e da dúvida”⁴³².

Portanto, este experimento realizado nos mostra que toda vez que um usuário logado em seu perfil ou através da guia anônima do navegador busca por “história do brasil” ou palavras-chaves correlatas na barra de pesquisas do *YouTube*, a plataforma possivelmente indicará como primeira opção um filme-documentário da Brasil Paralelo sobre esse tema. Como já pontuamos, não se trata de algo permanente, haja vista que os anúncios são temporários. Entretanto, também não se refere a uma prática isolada, não só por ser algo permitido, mas incentivado pelo *YouTube*. Ademais, é natural que a Brasil Paralelo enquanto empresa, pague para anunciar seus produtos. Na rede social *Facebook*, por exemplo, a BP chegou a gastar mais de R\$ 5 milhões de reais em propaganda⁴³³.

428 INSCREVER-SE em canais. Idem. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/4489286?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DAndroid&oco=0>> Acesso em: 5 dez. 2021.

429 TURIN, Rodrigo. op. cit. p. 30.

430 Implementado em 2018 pela plataforma: NO seu ritmo: *YouTube* agora permite acelerar vídeos em uma nova velocidade. **Tudo Celular**. [S.I.], 17 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.tudocelular.com/android/noticias/n135128/no-seu-ritmo-youtube-agora-permite-acelerar-videos-em-uma-nova-velocidade.html>> Acesso em: 5 dez. 2021.

431 ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtorabrasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

432 TURIN, Rodrigo. op. cit. p. 29.

433 DIAS, Tatiana. *Facebook* lucrou com anúncio da Brasil Paralelo que associa Simone de Beauvoir à pedofilia. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/12/18/facebook-lucrou-anuncio-brasil-paralelo-associa-simone-de-beauvoir-a-pedofilia/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

Por outro lado, deve-se chamar a atenção para um outro aspecto que faltou ser considerado nesta análise. O terceiro vídeo que aparece na captura de tela acima (Figura 2), intitulado *A História do Brasil* – este por recomendação do *algoritmo* do *YouTube*, não se tratando de um anúncio pago –, uma produção de aproximadamente 15 minutos, produzido pelo canal *DGP Mundo*, assistida 3.614.477 vezes segundo as métricas da plataforma, a partir de seu minuto 12:50, indica a série *A última cruzada* da Brasil Paralelo como fonte para “quem quiser ter um entendimento maior sobre o Brasil e entender o porquê dele estar assim hoje”⁴³⁴, seguido de um *trailer* da mesma.⁴³⁵ Deste modo, o alcance da BP nesta plataforma, é potencializado.

Mesmo porque, este também não se trata de um fato isolado. Uma característica comum entre os *think tanks* cuja qual já destacamos, é o fato destas organizações geralmente formarem redes⁴³⁶. Além de estar conectada à rede de *think tanks* que frequentam o Fórum da Liberdade, a Brasil Paralelo estabeleceria parcerias⁴³⁷ com canais de direita do *YouTube*. Exemplo disso foi o “*networking*” (jargão utilizado pelos *youtubers*) com o canal *Nando Moura*, cujo qual possui mais de 3 milhões de inscritos e 677.126.794 visualizações, que em novembro de 2017 publicaria um vídeo divulgando o livro *1964: o elo perdido - O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista (2017)*⁴³⁸, apresentado quase dois anos depois em *1964 – O Brasil entre armas e livros* como a principal fonte do filme-documentário. Este canal também viria a divulgar o filme em questão⁴³⁹, realizando uma espécie de “cobertura jornalística” a respeito do mesmo em sua estreia no dia 31 de março de 2019 no *Cinemark* em São Paulo:

[...] participe sim, do Brasil Paralelo, é muito importante para que esse projeto possa continuar. [...] O filme completo está na descrição. [...] se você decidir participar do Brasil Paralelo, você inscrito aqui do canal, você tem 5% de desconto, você não vai ter esse desconto mais em lugar nenhum, porque nós fomos os pioneiros a divulgar o trabalho do Brasil Paralelo e porque nós somos os líderes de venda. Portanto, o cupom é “NANDOMOURA5”. Ele está aqui na descrição e participe sim, porque é com a tua ajuda que nós estamos mudando o rumo deste país. Essa é a única esperança que nós temos.

434 DGP Mundo. **A História do Brasil**. [S.I.: s.n.], 6 ago. 2017. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal DGP Mundo. Disponível em: <<https://youtu.be/fq2CtqUXZeI>> Acesso em: 6 dez. 2021.

435 Ibidem.

436 ROCHA, Camila. 2015. *passim*; Idem. 2018.

437 Não necessariamente formais.

438 MOURA, Luis Fernando. **A VERDADE sobre a DITADURA BRASILEIRA**. São Paulo: Nando Moura, 27 nov. 2017. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Nando Moura. Disponível em: <<https://youtu.be/mrnrgVtk9zA>> Acesso em: 5 dez. 2021.

439 O vídeo foi apagado do canal, mas pode ser visto através do canal “*Nando Moura Clássicos*”: **1964 Filme COMPLETO para assistir AGORA!** [S.I.]: Nando Moura, 16 mar. 2020. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal Nando Moura Clássicos. Disponível em: <<https://youtu.be/d4aM1Vu3nYc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

Se você acha caro pagar por conhecimento, é porque você ainda não parou para considerar o preço que você paga por permanecer na ignorância⁴⁴⁰.

Além da divulgação dos filmes-documentários da Brasil Paralelo, alguns desses *youtubers* vinculados a canais de direita também participaram destas produções, como por exemplo, Lobão (*Lobão Oficial; Lobão Entrevista*)⁴⁴¹, Arthur do Val (*Mamaefalei*)⁴⁴², Raphaël Lima (*Ideias Radicais*), Felipe Moura Brasil (*Felipe Moura Brasil*), entrevistados na série *Congresso Brasil Paralelo*; Bernardo Küster (*Bernardo P Küster*), entrevistado em *A última cruzada*; Luiz Felipe Pondé (*Luiz Felipe Pondé*)⁴⁴³, Flavio Morgenstern (*Senso Incomum*) – estes dois últimos foram entrevistados na maior parte das 50 produções audiovisuais da BP, se tornando figuras carimbadas da mesma.

Tamanha seria a presença de algumas figuras nas produções da Brasil Paralelo, que a historiadora Mayara Balestro identificou uma espécie de “núcleo duro”⁴⁴⁴ na composição deste *think tank*, conforme mostra a imagem abaixo, retirada da matéria realizada pela jornalista Juliana Sayuri do *The Intercept Brasil*:

Figura 3 – Núcleo duro da Brasil Paralelo.

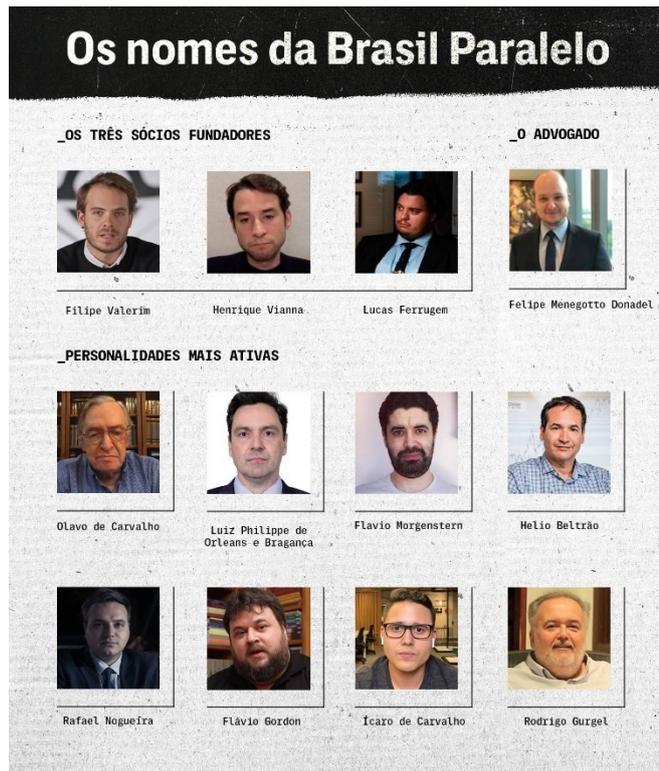
440 Ibidem.

441 João Luiz Woerdenbag Filho, mais conhecido como Lobão, se notabilizaria pela sua carreira como músico, no entanto, sua trajetória como *youtuber* não é irrelevante, haja vista que este realizou diversas *lives* em seus canais do *YouTube* com Olavo de Carvalho e outras figuras das direitas brasileiras no início da conjuntura das manifestações de 2013 e 2014, intituladas inicialmente como “*Lobão e Olavo, Olavo e Lobão*” (2013): WOERDENBAG FILHO, João Luiz. **Estréia do novo programa mensal: Lobão e Olavo, Olavo e Lobão**. Rio de Janeiro: Lobão Entrevista, 21 nov. 2013. 1 vídeo (128 min). Publicado pelo canal Lobão Entrevista. Disponível em: <<https://youtu.be/7UWSwla8yag>> Acesso em: 5 dez. 2021.

442 Tal como Nando Moura, Mamae Falei divulgaria em seu canal uma das produções da Brasil Paralelo, no caso, a série *Teatro das Tesouras*: VAL, Arthur do. **Teatro das Tesouras ASSISTA!!!** São Paulo: Mamaefalei, 14 ago. 2018. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Mamaefalei. Disponível em: <<https://youtu.be/I1PrLTDHQIo>> Acesso em: 12 dez. 2021.

443 Assim como Lobão, Pondé se notabilizaria mais pela sua trajetória como filósofo do que como *youtuber*, no entanto, seu canal criado em 2015 possui relevância, facilitando seu *networking* com outros canais da plataforma. Atualmente seu canal possui 917 mil inscritos, com 78.072.932 visualizações – se encontra *linkado* na nota de rodapé 77 deste trabalho.

444 SAYURI, Juliana. Justiça Paralela. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 9 dez. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/12/09/brasil-paralelo-lanca-ofensiva-judicial-para-calar-criticos-e-reescrever-a-propria-historia/>> Acesso em: 17 dez. 2021.



Fonte: Juliana Sayuri, *The Intercept Brasil* (2021)⁴⁴⁵.

Com relação aos impactos gerados por produções pretensiosamente “históricas” como as da Brasil Paralelo em *ciberespaços* como o *YouTube*, chama atenção, para além da expressiva audiência de seu canal, o modo como o seu público recebe às suas publicações. Isto é possível notar por meio do sistema de comentários do canal em questão, marcados pela emotividade que lhe são característicos, conforme observou Nicolazzi: “Lindo, espetacular, emocionante, beleza, prazer, comoção, lágrimas, choro são termos e expressões recorrentes nos comentários”⁴⁴⁶.

De acordo com este mesmo historiador, trata-se de uma via de mão dupla, isto é, a reação do público em certa medida é condicionada pelos produtos oferecidos pelo supracitado *think tank*. Esses produtos são concebidos com vistas a, ao mesmo tempo, atender e gerar expectativas em sua “clientela”: “[...] num jogo de retroalimentação em que a noção de público equivale ao mesmo tempo ao sujeito de uma demanda existente e ao objeto produzido por novas demandas criadas”⁴⁴⁷. Nesse sentido, analisou Turin: “Antes de tudo, é uma narrativa que

445 Ibidem.

446 NICOLAZZI, Fernando. 2021. p. 17.

447 Ibidem. p. 14-15.

procura agradar e afetar o seu consumidor. Como um produto, o documentário é trabalhado em função de cativar uma audiência, assim como de fidelizar esse consumo”⁴⁴⁸.

Esta “forma planejada de mobilização de afetos”⁴⁴⁹ se dá sobretudo por meio da já mencionada estética das produções da Brasil Paralelo, carregada de dramaticidade: “O recurso a elementos de linguagens contemporâneas, como séries televisivas e videogames, não passa despercebido pelo consumidor, sendo um de seus atrativos”⁴⁵⁰.

Entre os afetos mobilizados pela Brasil Paralelo constatados por esses historiadores, destaca-se o ódio aos adversários políticos e ideológicos deste *think tank*. O alvo privilegiado? Os professores. Especialmente os de história:

O usuário Arthur Bernardo extravasou isso ao publicar o seguinte comentário: “sinto ódio de todos os meus professores, por terem me negado a verdade por tanto tempo” [...] enquanto o usuário Scooby Motos esbravejava sua “vontade de vomitar na cara dos meus professores e dos professores dos meus filhos, por nos negarem a verdade”⁴⁵¹.

Não por acaso na mencionada série *Pátria Educadora*, a Brasil Paralelo se dedica a criticar aquele que é considerado o Patrono da Educação Brasileira⁴⁵², o professor Paulo Freire. Segundo Balestro e o historiador Eduardo Pereira, isso se dá: “[...] por reconhecê-lo como a principal referência ideológica para a organização de um sistema público de educação conduzido pelo Estado na contemporaneidade, levado às últimas consequências pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil”⁴⁵³.

Este ódio mobilizado pela Brasil Paralelo contra os professores de história não se dá somente no âmbito do discurso por meio de suas produções audiovisuais e da sua relação comercial com o seu público, mas também através de práticas mais concretas. Exemplo disso foram as intimidações por meio de ameaças extrajudiciais contra historiadores que escreveram sobre o *think tank*. Dentre eles, destacam-se alguns dos autores⁴⁵⁴ da obra *Nova Direita*,

448 TURIN, Rodrigo. op. cit. p. 27.

449 NICOLAZZI, Fernando. op. cit. p. 14.

450 TURIN, Rodrigo. op. cit. p. 28.

451 NICOLAZZI, Fernando. op. cit. p. 18.

452 MINISTÉRIO da Educação. Paulo Freire é declarado o patrono da educação brasileira. **Ministério da Educação**, Brasília, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/17681-paulo-freire-e-declarado-o-patrono-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 5 dez. 2021.

453 BALESTRO, Mayara; PEREIRA, Eduardo. op. cit. p. 346.

454 Cujos quais eu manifesto a minha mais profunda solidariedade diante desses ataques. Além deles, igualmente me solidarizo com outros pesquisadores que também foram ameaçados: DIREITO de resposta da Brasil Paralelo. op. cit.; OLIVEIRA, Geovana. Professor de história e aluna de mestrado são ameaçados com processo por ‘Netflix da Direita’. **Metrol**, Salvador, 20 ago. 2021. Disponível em:

bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil (2020), cuja qual é uma das principais referências bibliográficas deste trabalho sobre as novas direitas brasileiras. Os autores tiveram que ceder um direito de resposta à BP na obra em questão⁴⁵⁵.

De acordo com a Brasil Paralelo, este direito de resposta se daria por conta de os autores terem supostamente os difamado. Segundo o artigo 139 do código penal, o crime de difamação significa imputar a alguém fato ofensivo à sua reputação⁴⁵⁶. Os fatos que este *think tank* julga ofensivos? Sua associação à Jair Bolsonaro, Olavo de Carvalho e outras figuras relacionadas às direitas. Além disso, esta organização julga difamatória sua classificação como organização de “direita” (ou a outras categorias afins), seu “revisonismo histórico”, bem como sua parcialidade. Supostas “difamações” essas que não são caluniosas, uma vez que se tratam de fatos de conhecimento público, alguns deles admitidos explicitamente pelos próprios fundadores da BP⁴⁵⁷, conforme demonstramos ao longo deste trabalho.

Por outro lado, esses ataques sob o pretexto de “difamação” na prática trata-se de censura, ferindo deste modo o princípio de liberdade de cátedra relacionado à liberdade de expressão. Esta última é assegurada pela Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 5º, sobretudo o inciso IX, que afirma ser: “[...] livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”⁴⁵⁸; e do artigo 206, destacando-se os incisos II e III, cujos quais asseguram, respectivamente, a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber”⁴⁵⁹; bem como o “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino”⁴⁶⁰. Nesse sentido, analisou o filósofo Alexandre Meyer Luz:

Atacar a liberdade de cátedra não é só uma *ação política*, é também uma *ação anticientífica*. Liberdade de cátedra estabelece as condições mínimas para que o professor possa em sala de aula por exemplo, se posicionar contra uma teoria dominante em uma determinada área, nas humanidades, nas tecnológicas, nas científicas, para que ele possa ter um tempo adequado para articular suas ideias entre os alunos. *Sem liberdade de cátedra, a gente não tem como fazer*

<<https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/110877,professor-de-historia-e-aluna-de-mestrado-sao-ameacadas-com-processo-por-netflix-da-direita>> Acesso em: 6 dez. 2021; SAYURI, Juliana. *Justiça Paralela*. op. cit.

455 BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). op. cit. p. 463-472.

456 BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--?]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm> Acesso em: 5 dez. 2021.

457 DIRANI, Claudio. op. cit.

458 BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2017. p. 11.

459 Ibidem. p. 11.

460 Ibidem. p. 11.

*ciência. [...] Atacar a liberdade de cátedra é um dos ataques mais severos que um professor pode receber [...]*⁴⁶¹ (grifos nossos).

Esses ataques à liberdade de expressão e de cátedra é a principal bandeira de um dos movimentos cuja ascensão nacional se deu concomitantemente à fundação da Brasil Paralelo, o movimento Escola Sem Partido. De acordo com Casimiro, o discurso é o mesmo, além de se dizerem neutros e “apartidários”: “[...] a perseguição e o comportamento violento de alunos e membros da comunidade, ao representar os professores como corruptores da juventude e defender que eles não tenham liberdade de expressão no exercício da sua atividade profissional”⁴⁶².

No que tange à Brasil Paralelo, chega a ser irônico uma organização que outrora explicitava seu apreço pelo neoliberalismo⁴⁶³, negar este posicionamento político e ir de encontro justamente a um dos valores defendidos por esta ideologia: a liberdade de expressão. Igualmente irônico é o fato de a BP, que nega sua relação com o bolsonarismo, adotar uma das práticas mais características de Jair Bolsonaro: negar seus próprios atos – este último seria “premiado” pela empresa de checagem de notícias falsas *Aos Fatos*, que criou uma base de dados registrando e contabilizando todas as suas declarações mentirosas desde a sua posse como presidente da república. No dia que escrevo este parágrafo, foram contabilizadas 4490 declarações falsas em 1066 dias de seu governo⁴⁶⁴.

Também deve-se destacar que este *modus operandi* de tentar censurar professores e pesquisadores é uma prática comum precisamente entre aqueles que a Brasil Paralelo mais rechaça fazer parte: os negacionistas. Nesse sentido, ficaria famoso o *Julgamento de David Irving* (2000), em que este historiador britânico, notadamente conhecido por negar o holocausto, processaria por difamação a historiadora estadunidense Deborah Lipstadt por tê-lo classificado como negacionista⁴⁶⁵.

461 UFSC. **UFSC Explica - Liberdade de Cátedra**. Florianópolis: UFSC, 1 nov. 2018. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal UFSC. Disponível em: <<https://youtu.be/UpjoY6cWL8s>> Acesso em: 5 dez. 2021.

462 ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. “Entrevista com Fernando de Araújo Penna – Escola sem partido” (Série Conquistas em Risco). Anped, 20 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/entrevista-com-fernando-de-araujo--penna-escola-sem-partido-serie-conquistas-em-risco>> Acesso em: 21 out. 2019. apud. CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. 2020a. p. 84-85.

463 BRASIL PARALELO. **Entrevista com Jornalista da Folha de São Paulo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 6 fev. 2019. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/p265bGtPv-4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

464 AOS FATOS. op. cit.

465 MORAES, Luís Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011. p. 2.

Ao contrário do que possa parecer, este ódio em discussão não se trata de algo espontâneo que se dá somente por meio das tensões cotidianas da luta política, mas sobretudo de algo teorizado por Olavo de Carvalho, uma das maiores inspirações deste *think tank* segundo um dos seus fundadores Henrique Viana, conforme já destacamos⁴⁶⁶. A respeito do ódio teorizado por Carvalho, analisou o historiador João Cezar de Castro Rocha, naquilo que seria conceituado por este autor como “retórica do ódio”: “Tal como ensinada na pregação de Olavo de Carvalho nas últimas duas décadas, [...] é uma técnica discursiva que pretende reduzir o outro ao papel de inimigo a ser eliminado. Trata-se de uma técnica – e esse aspecto deve ser sublinhado. Por isso, pode ser ensinada e transmitida”⁴⁶⁷.

Ainda de acordo com João Cezar de Castro Rocha, esta técnica possui elementos próprios. Para os fins que interessam a este trabalho, destaca-se o elemento que este autor denominou como “desqualificação nulificadora”. Por sua vez, este elemento possui níveis, isto é, a desqualificação do outro varia, podendo variar da “estigmatização que converte o outro numa mera caricatura, estimulando o seu sacrifício simbólico – pelo menos numa fase inicial”⁴⁶⁸ à “estigmatização desumanizadora”: “a consequência lógica desse processo é sua *eliminação*; pelo menos, inicialmente, simbólica”⁴⁶⁹ (grifo nosso).

Este primeiro nível da desqualificação nulificadora da retórica do ódio pode ser identificada por meio de uma postagem de Carvalho no *Facebook*⁴⁷⁰, intitulada *O USO DO PALAVRÃO* (2015), uma citação de um dos seus vídeos⁴⁷¹ de seu canal *Mídia Sem Máscara* no *YouTube*:

O USO DO PALAVRÃO

Eu uso esses palavrões porque são NECESSÁRIOS.

São necessários no contexto brasileiro para demolir essa linguagem polida que é uma camisa-de-força que prende as pessoas, obrigando-as a respeitar o que não merece respeito.

Então, às vezes, quando você discorda de um sujeito, mas discorda respeitosamente, você está dando mais força pra ele do que se concordasse.

Porque você está indo contra a ideia dele, mas você está reforçando a autoridade dele. A autoridade é a respeitabilidade.

466 Se fazendo pertinente repetir, haja vista o hábito da Brasil Paralelo em negar suas próprias declarações: DIRANI, Claudio. op. cit.

467 ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminho, 2021. p. 157.

468 Ibidem. p. 161.

469 Ibidem. p. 166.

470 CARVALHO, Olavo. **O USO DO PALAVRÃO**. [S.I.], 25 ago. 2015. Facebook: carvalho.olavo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/535327239952688/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

471 Vídeo este deletado do canal.

O problema dessas pessoas, desses bandidos de que eu estou falando, não são as ideias. É justamente o fato de que são canalhas.
São canalhas, são bandidos, são ladrões.
V-Ã-O T-O-D-O-S T-O-M-A-R N-O C-U!
(Mídia Sem Máscara - 02 SETEMBRO 2013)⁴⁷²

Ilustrativo do segundo nível é o vídeo intitulado *NÃO RESPEITE COMUNISTAS, DESTRUA-OS!!!* (2016), que, assim como o vídeo referente à citação acima, também foi deletado de seu canal *Mídia Sem Máscara*, mas que foi compartilhado por uma conta de usuário do *YouTube* que armazena alguns vídeos de Carvalho em seu canal⁴⁷³, onde o autor afirma:

O painelço deixa as pessoas tão constrangidas que [...], o único resultado efetivo dos movimentos populares foi que o PT tirou a Dilma e o Lula na sua propaganda, tão envergonhados ficou. Isso é obra do painelço. E quando eu falo painelço, não é só o painelço formalmente, também esse negócio de *cercar as pessoas* no aeroporto, no restaurante, *vaiar, xingar a tudo quanto é palavra que existe* na língua portuguesa e mais alguns em latim, se você quiser, tá entendendo? Em latim, em alemão, em himalaio, chinês, *vale tudo* [...] Não se trata de destruir ideias, mas de *destruir a carreira e o poder de pessoas. Sem respeito, isso é muito importante* [...]⁴⁷⁴ (grifos nossos).

Esta retórica do ódio faz parte do cerne do olavismo, isto é, daquilo que Carvalho denomina como “guerra cultural”, cuja qual, compreendemos neste trabalho como uma espécie de “hegemonia olavista”⁴⁷⁵. A esse respeito, observaram Balestro e Pereira em diálogo com o historiador Gilberto Calil:

Paradoxalmente, o sucesso de Olavo de Carvalho baseia-se em um conjunto de ferramentas de comunicação análogo às que Gramsci propunha aos comunistas para conduzir a “guerra de posições”, ou seja, a batalha de ideias. Fazendo isso, participou de uma forma de revolução cultural da direita, facilitando a eleição de Bolsonaro, cujo governo reflete suas posições essenciais: anticomunismo, negação das questões climáticas, questionamento

472 CARVALHO, Olavo. op. cit.

473 WALACHESKI, Gabriel. **NÃO RESPEITE COMUNISTAS, DESTRUA-OS!!!** [S.I.: s.n.], 8 nov. 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Gabriel Walacheski. Disponível em: <<https://youtu.be/2dIXgHL7Nl0>> Acesso em: 5 dez. 2021.

474 WALACHESKI, Gabriel. **NÃO RESPEITE COMUNISTAS, DESTRUA-OS!!!** [S.I.: s.n.], 8 nov. 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Gabriel Walacheski. Disponível em: <<https://youtu.be/2dIXgHL7Nl0>> Acesso em: 5 dez. 2021.

475 O historiador Rodrigo Patto Sá Motta denomina como “gramscismo de direita”: ANPUH-Brasil. **História e negacionismo: e agora ANPUH?** Brasil: ANPUH-Brasil, 2 jul. 2020. 1 vídeo (133 min). Publicado pelo canal Associação Nacional de História - Anpuh Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/f2bB6aiGaEY>> Acesso em: 26 jan. 2021.

dos direitos humanos, ataques contra as mulheres, negros e minorias sexuais⁴⁷⁶.

Apesar das teorias da conspiração produzidos pela concepção olavista, bem como suas consequentes mentiras, haja vista que se tratam de teorias que falsificam a realidade, o seu teórico não esconde os seus interesses políticos e ideológicos. Em entrevista concedida à jornalista Letícia Duarte em episódio do *podcast Retrato Narrado* da revista *Piauí*, Carvalho é bastante claro no que tange à guerra cultural:

A minha influência sobre os meus alunos, sobre a cultura brasileira, é infinitamente mais vasta do que tudo o que o governo tá fazendo. *Eu estou mudando o curso da história cultural do Brasil*. E isto é muito mais importante do que qualquer governo. Governos passam, a *cultura fica*. Daqui cem anos os meus livros serão lidos. Ninguém se lembrará de quem foi o presidente nessa época⁴⁷⁷ (grifos nossos).

Diante de todos esses aspectos aqui elencados, se justifica, portanto, a classificação que atribuímos à Brasil Paralelo, isto é, trata-se de um *think tank* neoliberal-olavista. O seu objetivo é precisamente o que esta organização acusa as esquerdas de terem feito: a conquista da hegemonia das suas ideologias por meio do aparelho de Estado na sociedade brasileira.

Objetivo esse bem sucedido, haja vista que, o bolsonarismo, em certa medida, é expressão do neoliberalismo e do olavismo⁴⁷⁸. Não por acaso o atual ministro da economia do governo Bolsonaro, é Paulo Guedes, doutor em economia pela Escola de Chicago e um dos fundadores do *think tank* IMIL; bem como todos os ministros que passaram pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC)⁴⁷⁹ deste governo são olavistas. O primeiro deles, Ricardo Vélez Rodríguez, em seu discurso de posse afirmaria:

476 CALIL, Gilberto. O astrólogo que inspira Jair Bolsonaro. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 31 jan. 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/>> Acesso em: 27 jan. 2022. apud. BALESTRO; PEREIRA. op. cit. 337.

477 RETRATO NARRADO #Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. [Locução de]: Letícia Duarte. [S.l.]: Revista Piauí e *Spotify Studios*, 18 nov. 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=VU7nzLZ-QDGYKRqh3iqqw>. Acesso em: 23 jan. 2021.

478 Não se limitando a estes, tendo em vista seu alinhamento com o militarismo e outros setores do conservadorismo, sobretudo o evangélico.

479 E também de outros ministérios, como o ex-ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo: BRASIL PARALELO. **Ernesto Araújo explica quem são os agentes do Globalismo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 1 dez. 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/Qe33n1slIFw>> Acesso em: 5 dez. 2021.

O *marxismo cultural* é uma coisa que faz mal para a saúde. A saúde da mente, do corpo e da alma. Porque secciona o ser humano, o torna massa, o torna coisa. Então, é uma tentativa de buscar uma abordagem cultural que lê a pessoa na sua integralidade, integridade, inteligência e individualidade. Antes de mais nada somos pessoas individualizadas. O *marxismo cultural* passa a borracha em cima disso e nos considera massa. Nós não somos massa, somos indivíduos⁴⁸⁰ (grifos nossos).

Conforme mencionamos, estamos em acordo com Casimiro e Miranda quando estes afirmam que os *think tanks* neoliberais ampliam e, ao mesmo tempo, imbricam-se ao Estado, promovendo uma espécie de reprivatização “não oficial” do mesmo⁴⁸¹. Nesse sentido, igualmente no primeiro ano do governo Bolsonaro, a Brasil Paralelo teria sua série *A última cruzada* transmitida na íntegra pela *TV Escola*⁴⁸². Esta por sua vez, até o fim deste mesmo ano recebia verbas públicas do MEC, até que não teve o seu contrato renovado pelo então ministro da educação Abraham Weintraub⁴⁸³. À época, o *youtuber* Allan dos Santos – que teria dois anos depois o seu canal *Terça Livre* removido pelo *YouTube* por violar as regras da plataforma, sendo classificado como “organização criminosa violenta”⁴⁸⁴, e que atualmente se encontra foragido após ter sua prisão determinada pelo ministro do STF Alexandre de Moraes –, postaria em seu *Twitter*: “Teremos Brasil Paralelo na TV Escola. Teremos Olavo de Carvalho na TV aberta. Grande dia”⁴⁸⁵.

Com vistas a conquista desta hegemonia, a Brasil Paralelo realiza uma espécie de guerra de posição no *ciberespaço* por meio da plataforma do *YouTube*. Esta última, por sua vez, trata-se de seu *modos operandi*, juntamente com a retórica do ódio olavista instrumentalizada implícita e explicitamente em suas produções audiovisuais, cujas quais tem como sua principal vítima a História enquanto ciência, falsificada pelo seu negacionismo – sendo esta ciência, por seu turno, o instrumento central da BP em sua guerra cultural contra as esquerdas e às ciências.

480 SAMPAIO, Dida. Novo ministro critica "marxismo cultural" nas escolas: "faz mal à saúde". **UOL**, São Paulo, 2 jan. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/02/ministro-da-educacao-cita-deus-e-critica-marxismo-cultural-nas-escolas.htm>> Acesso em: 5 dez. 2021.

481 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros; 2020a. *passim*; MIRANDA, João Elter Borges. *op. cit.* p. 36.

482 BALESTRO, Mayara; PEREIRA, Eduardo. *op. cit.* p. 332-333.

483 BONIN, Robson. Depois de 20 anos no ar, TV Escola vai acabar por obra de Weintraub. **Veja**, São Paulo, 12 dez. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/depois-de-20-anos-no-ar-tv-escola-vai-acabar-por-obra-de-weintraub/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

484 CONGRESSO em Foco. *op. cit.*

485 Cujá conta foi suspensa pela plataforma: *TWITTER* suspende nova conta do bolsonarista Allan dos Santos. **CartaCapital**, São Paulo, 5 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/twitter-suspende-nova-conta-do-bolsonarista-allan-dos-santos/>> Acesso em: 5 dez. 2021; No entanto seu *tweet* pode ser visto em: BOLSONARO inicia doutrinação ideológica com programa de Olavo de Carvalho na TV Escola. **Fórum**, [S.I.], 9 dez. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-inicia-doutrinao-ideologica-com-programa-de-olavo-de-carvalho-na-tv-escola/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

Vimos ao longo deste capítulo a importância que o advento e o posterior desenvolvimento da internet teve, ainda que não exclusivamente, para a ascensão das novas direitas, não sendo, portanto, uma tecnologia que deva ser desprezada. Assim sendo, se faz urgente que nós enquanto historiadores e esquerda(s) ocupemos cada vez mais estes *ciberespaços* tendo em vista todos os ataques sofridos pela ciência e pela educação, aos quais fomos e continuamos submetidos enquanto categoria profissional e classe social.

Por fim, a título de informação, cabe destacar que no dia 27 de setembro de 2021, a Brasil Paralelo lançou sua mencionada plataforma de *streaming BP Select*. Plataforma essa nos mesmos moldes da *Netflix*, em que a BP disponibiliza outras produções audiovisuais para além das suas. Neste serviço é disponibilizado uma espécie de “curadoria”, onde os “especialistas” contratados pela Brasil Paralelo analisam as produções do catálogo da plataforma. Em trechos dessa curadoria, disponibilizada no vídeo de lançamento do serviço em questão⁴⁸⁶, se nota que os “especialistas” procuram dar uma explicação moral alinhada a valores conservadores e neoliberais às produções. Em entrevista concedida à Zanini, Henrique Viana comentou a respeito:

“Um filme como *Coração Valente*, por exemplo, fala de liberdade e patriotismo, é um exemplo de produção que podemos exibir e depois servir de base para pequenos documentários nossos”, afirma Viana, em referência ao sucesso de Mel Gibson de 1995, sobre a luta pela independência da Escócia⁴⁸⁷.

Além disso, neste lançamento a Brasil Paralelo anunciou uma espécie de reformulação em seu canal no *YouTube*. Desde então, em adição aos filmes-documentários, a BP tem produzido entrevistas em formato de *podcasts* e programas voltados para o “entretenimento”. Ao que parece, o *think tank* estaria se adequando às novas demandas da plataforma, haja vista a explosão de *podcasts* que surgiram na mesma desde o início da pandemia do coronavírus em 2020⁴⁸⁸.

486 BRASIL PARALELO. A Nova Brasil Paralelo | Evento de Lançamento |  CONHEÇA A BP SELECT. São Paulo: Brasil Paralelo, 27 set. 2021. (119 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/8P7sXXzUmKo>> Acesso em: 5 dez. 2021.

487 ZANINI, Fábio. op. cit.

488 Explosão essa iniciada pelo canal *Flow Podcast*, dos *youtubers* Bruno Alub (mais conhecido como “Monark”) e Igor Coelho (“Igor 3K”), pioneiro neste processo. Monark se notabiliza por ser um dos *youtubers* libertários mais famosos da plataforma: MELLO, João. A onda dos *podcasts*: Por que o formato tem feito tanto sucesso? *Uai E+*, Belo Horizonte, 12 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/comportamento/2021/02/12/interna-comportamento,268167/a-onda-dos-podcasts-por-que-o-formato-tem-feito-tanto-sucesso.shtml>> Acesso em: 6 dez. 2021; *YOUTUBE* vê explosão da

Há quem diga que isto seria uma tentativa de se descolar das figuras de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho⁴⁸⁹, desgastados após quase 4 anos de governo e das mais de 600 mil mortes em virtude da mencionada pandemia, estando o primeiro em iminente derrota eleitoral segundo pesquisas como as do *Datafolha*⁴⁹⁰ do dia 12 de maio de 2021 e a do *Ipec*⁴⁹¹ do dia 22 de setembro deste mesmo ano. No entanto, tal descolamento não condiz com a realidade das produções mais recentes da produtora, tendo em vista que a série *Cortina de Fumaça*, lançada no dia 14 de junho deste ano apresenta: “uma visão crítica sobre a atuação de ambientalistas, ONGs e potência estrangeiras nas áreas de meio ambiente e povos indígenas”⁴⁹². Além do mais, em junho do ano passado, a Brasil Paralelo produziu um filme-documentário criticando a quarentena, medida sanitária baseada na ciência no combate à covid-19⁴⁹³, intitulado *7 denúncias: as consequências do caso cov1)-19* (2020).

produção de conteúdo. **IstoÉ**, São Paulo, 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/youtube-ve-explosao-da-producao-de-conteudo-2/>> Acesso em: 5 dez. 2021. 489 ZANINI, Fábio. op. cit.

490 Idem. Datafolha: Lula lidera corrida eleitoral de 2022 e marca 55% contra 32% de Bolsonaro no 2º turno. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mai. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/datafolha-lula-lidera-corrída-eleitoral-de-2022-e-marca-55-contra-32-de-bolsonaro-no-2o-turno.shtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

491 IPEC: Lula aparece na liderança nos dois cenários e corrida eleitoral para Presidência permanece estável. **G1**, Rio de Janeiro, 22 set. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/22/ipcc-lula-aparece-na-lideranca-nos-dois-cenarios-e-corrída-eleitoral-para-presidencia-permanece-estavel.ghtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

492 ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtorabrasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

493 Este ano a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 determinou a quebra de sigilo telefônico e telemático da Brasil Paralelo: SESTREM, Gabriel. CPI da Covid: Gilmar Mendes reduz extensão de quebras de sigilo da Brasil Paralelo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 3 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cpi-da-covid-gilmar-mendes-restringe-quebras-sigilo-brasil-paralelo/>> Acesso em: 5 dez. 2021; Em resposta, este *think tank* citou o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, precisamente o mesmo que eles ferem ao atacar os pesquisadores que escrevem sobre a BP: “A gente [...] viu que isso feria vários preceitos constitucionais, né? Da liberdade de imprensa, da liberdade de expressão e da manifestação artística, os três onde a Brasil Paralelo se enquadra. E o artigo 5º da Constituição, que é o que defende essas três coisas que eu falei, ele não só fala que isso é irrestrito e só pode ser quebrado em Estado de sítio, em guerra. [...] Esse mesmo artigo foi colocado lá de forma imutável, é o artigo provavelmente mais consagrado e imutável da Constituição brasileira pelo trauma com a Ditadura Militar [...]”. BRASIL PARALELO. **CPI DA PANDEMIA - ENTENDA O QUE ESTÁ EM JOGO**. São Paulo: Brasil Paralelo, 11 ago. 2021. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/OHMYBJkxHHI>> Acesso em: 5 dez. 2021.

CAPÍTULO 3.

NEOLIBERALISMO: UMA IDEOLOGIA NEGACIONISTA? REVISÃO HISTORIOGRÁFICA, REVISIONISMO E NEGACIONISMO HISTÓRICO: USOS HISTÓRICOS E DIFERENÇAS CONCEITUAIS.

Anteriormente, apresentamos parte do objeto de estudos deste trabalho, o *think tank* Brasil Paralelo. Identificamos neste objeto, dentre outras coisas, o seu alinhamento ideológico com o neoliberalismo. Também foi identificado que essa organização produz filmes-documentários negacionistas acerca da história. Nesse sentido, uma das hipóteses levantadas na pesquisa que resultou no trabalho em questão é a de que a ideologia neoliberal produz a seu modo uma forma específica de negacionismo histórico.

No presente capítulo, aprofundamos essa discussão tendo como objetivo verificar esta hipótese. Em vista disso, se faz necessário explicar o conceito de negacionismo histórico, para posteriormente explicar a sua suposta relação com esta ideologia. Entretanto, é preciso antes diferenciar este conceito de uma noção, a “revisão historiográfica”; mas também de um outro conceito, o “revisionismo histórico”. Isto se dá porque esses três últimos elementos citados são comumente confundidos, sendo tratados como equivalentes, sem o necessário rigor teórico.

Esta confusão, por sua vez, é contraproducente, favorecendo o anticientificismo negacionista, conforme será demonstrado. Assim sendo, sejamos específicos.

3.1. Revisão historiográfica.

Como se sabe, a História se trata de um conhecimento milenar cuja origem se deu na antiguidade através da produção intelectual do historiador Heródoto de Halicarnasso (485 a.C. – a.C. 425) e que a partir da modernidade no século XIX passou a ser concebido como uma ciência⁴⁹⁴.

Por se tratar de uma ciência, possui necessariamente alguns elementos que lhe constituem como tal. Dentre esses elementos, pelo menos três são estruturantes para um conhecimento que se pretenda científico, isto é, a definição de um objeto, de uma teoria e de um método de estudo.

494 BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, vol. I: Princípios e conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2013a. passim.

Por sua vez, esses três elementos variaram ao longo do tempo, uma vez que a História, tal como as demais ciências, não se trata de algo estático no tempo, mas de uma disciplina que está em permanente transformação na medida que a produção do conhecimento avança e este campo disciplinar se renova.

Começemos pelo segundo desses elementos estruturantes. Uma teoria, conforme definiu o historiador José D'Assunção Barros, é uma “visão de mundo”: “É através de teorias que os cientistas e os estudiosos de qualquer área de saber conseguem enxergar a realidade, ou os seus objetos de estudo, de formas específicas, seja qual for o seu campo de conhecimento ou de atuação”⁴⁹⁵.

Ainda segundo este historiador, este termo possui diversos sentidos. Para os fins que aqui interessam, destaca-se: “aquele que considera a Teoria como forma específica de apreender a realidade e de enxergar o mundo”⁴⁹⁶.

Este sentido, por sua vez, necessariamente difere-se de outros sentidos possíveis que este termo pode vir a carregar: “a Teoria se contrapõe ao agir intuitivo, ao comportamento emotivo, ao impulso instintivo, à recepção mística da ‘palavra revelada’, e a outros tantos modos de conhecer ou de se movimentar no mundo”⁴⁹⁷. De acordo com Barros, isso se dá uma vez que, ao contrário da teoria no sentido “científico” da acepção aqui em análise, esses outros sentidos que o termo carrega não precisam de um método para afirmarem suas respectivas “visões de mundo”: “O gesto de ‘demonstrar’ é inseparável de qualquer teoria, e este, aliás, é um ponto que cria uma interconexão fundamental entre a Teoria e o Método [...]”⁴⁹⁸. Em última instância: “A Teoria, associada ao Método, é a principal forma de obter conhecimento aceita pela Ciência”⁴⁹⁹.

É através da teoria, portanto, que uma ciência define os seus limites enquanto tal, especialmente no que tange ao seu objeto de estudo. Entretanto, ao contrário do que ocorre com a categoria das chamadas ciências da natureza, onde historicamente há uma tendência das suas teorias se tornarem hegemônicas dentro das disciplinas: “[...] caso de boa parte da história da Física que apresentou um grande paradigma dominante desde Newton e até a emergência de

495 Ibidem. p. 23-24.

496 Ibidem. p. 25.

497 Ibidem. p. 25.

498 Ibidem. p. 30.

499 Ibidem. p. 32.

novos paradigmas no século XX [...]”⁵⁰⁰, a História, por outro lado, assim como nas demais ciências humanas e sociais:

[...] há necessidade de maior ajuste ou adaptação desses vários conceitos, em primeiro lugar porque, como já ressaltamos no início deste ensaio, as diversas teorias tendem aqui a ser essencialmente concorrentes, bem como a se mostrar disponíveis para a comunidade historiográfica ou sociológica sem que se possa dizer que, em algum momento, haja predomínio de uma só perspectiva⁵⁰¹.

Assim sendo, no século XIX quando a História se tornou uma ciência esta tinha como objeto “contar os fatos do passado tal como eles ocorreram” segundo a definição canônica do historiador historicista da Escola Histórica Alemã, Leopold von Ranke. Definição essa que viraria uma tendência entre os historiadores das demais correntes historiográficas do período, como os positivistas e os metódicos. Este objeto seria possível mediante um método, sendo este caracterizado sobretudo pela utilização de vestígios do passado, as fontes, especialmente as fontes escritas. Estas por seu turno, seriam compreendidas como neutras, conferindo-lhes uma noção de verdade quase que absoluta. Nesse sentido, analisou Barros sobre o positivismo:

Todos os pilares fundamentais do Positivismo são reafirmados aqui: a busca de Leis Gerais, a objetividade metodológica aproximada à das Ciências Naturais, a Neutralidade de um historiador que devia se destacar do seu objeto de estudo e observá-lo distanciadamente, e mesmo o uso de uma linguagem tão formalizada quanto possível, avessa à narrativa⁵⁰².

Em última instância: “o historiador apenas precisa esperar de suas fontes que estas deixem falar os fatos por si mesmos”⁵⁰³.

Por outro lado, as correntes historiográficas do século XX, com destaque para os *Annales*⁵⁰⁴, confrontaram tal tendência, trazendo consigo a noção de problema, resignificando de forma paradigmática a noção de objeto e método na disciplina histórica, haja vista que o objeto passou a ser compreendido como aquele que estuda as ações humanas ao longo do tempo

500 Ibidem. p. 113.

501 Ibidem. p. 114.

502 Idem. **Teoria da História**, vol. II: Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 63.

503 Ibidem. p. 64.

504 O exemplo dos *Annales* talvez seja o mais emblemático e didático para os fins do que está aqui sendo discutido, contudo, outras correntes historiográficas que nasceram nesse período, como a Micro-História; ou mesmo o caso do Materialismo Histórico, que a despeito de ter surgido no século XIX, se manteve “atual” no século XX; ambos com importantes contribuições para essa mudança de paradigma na historiografia.

com o objetivo de responder às questões do tempo presente, conforme formulou o historiador Lucien Febvre: “Ciência dos homens, sim – mas dos homens no tempo [...] Da antítese destes dois atributos provém os grandes problemas da investigação histórica”⁵⁰⁵.

O próprio tempo passou a ser problematizado, uma vez que este está sempre em movimento, estando em permanente transformação, possuindo significados distintos para cada contexto histórico, o que implica dizer que o tempo histórico no qual o historiador está inserido – o tempo presente –, também condiciona o seu olhar sobre o passado e o conhecimento histórico produzido por ele. A esse respeito, observou o historiador Enzo Traverso:

A história escreve-se sempre no presente e o questionamento que orienta a nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória colectiva. Se a nossa visão da Revolução Francesa ou da Revolução Russa já não é a mesma de há cinquenta anos ou de há um século, tal não resulta apenas da descoberta de fontes inéditas, *mas de uma perspectiva histórica nova, própria da nossa época*⁵⁰⁶ (grifo nosso).

Nesse sentido, no que tange ao método, a “primazia das fontes” foi colocada em xeque, isto é: elas permaneceram imprescindíveis no trabalho do historiador, todavia, estas também passaram a ser problematizadas, uma vez que estas também são condicionadas pelo seu contexto histórico de produção, não havendo, portanto, neutralidade. Além do mais, a própria noção de fonte histórica foi ampliada, não se restringindo mais às fontes escritas, uma vez que uma das principais contribuições da corrente historiográfica dos *Annales* para a produção do conhecimento histórico foi o diálogo com outras ciências, dentre elas a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia etc. Nesse sentido, passariam a ser adotadas como fontes:

[...] desde os vestígios arqueológicos e outras fontes de cultura material – a arquitetura de um prédio, uma igreja, as ruas de uma cidade, monumentos, cerâmicas, utensílios da vida cotidiana – até representações pictóricas, entre outras fontes imagéticas, e as chamadas fontes da história oral (testemunhos colhidos ou provocados pelo historiador)⁵⁰⁷.

Outra diferença paradigmática importante entre as tendências historiográficas do século XIX e do século XX se deu nos campos de estudos e nos temas de pesquisa. As correntes

505 FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p. 247.

506 TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar**. História, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012. p. 156-157.

507 BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 10.

historiográficas do século XIX privilegiavam os estudos dos grandes personagens políticos vinculados aos Estados-nação, os chamados “eventos”. Enquanto que as correntes historiográficas do século XX desenvolveram estudos em outros campos de atuação, com destaque para os da História Social, Econômica e Cultural. Por sua vez, esses campos introduziram novos temas para a disciplina, como por exemplo, a da chamada “história vista de baixo”⁵⁰⁸, que deu voz dentro da historiografia a grupos outrora marginalizados, como os trabalhadores, os negros e as mulheres.

Feita esta brevíssima reconstituição da história da historiografia entre os séculos XIX e XX, que passa longe da pretensão de esgotar a discussão acerca desse campo de estudos – e que, portanto, o simplificou, se permitindo fazer generalizações⁵⁰⁹, haja vista os limites e objetivos deste trabalho – nos dirigimos agora ao título desta seção, a chamada revisão historiográfica.

Com a mudança de paradigma produzida pelas correntes historiográficas do século XX, a noção de revisão historiográfica passaria cada vez mais a ser normalizada como uma prática do ofício do historiador, visto que a tendência em adotar o pressuposto teórico de que o tempo histórico no qual este último está inserido condiciona o seu olhar sobre o passado, e uma vez que, conforme novas fontes sejam descobertas e novos tipos de fontes tenham sido admitidas na historiografia, estas possibilitam conhecer novos fatos acerca do passado e (tal como o tempo) também condicionam novos olhares acerca do mesmo.

Todavia, a despeito de todas as diferenças epistemológicas entre as correntes historiográficas do século XIX e do século XX, uma permanência fundamental para a História concebida como uma ciência se manteve: a de que esta disciplina se baseia em fatos históricos concretos.

A etimologia da palavra “fato” deriva do latim *factum*⁵¹⁰. Segundo o dicionário *Michaelis* de língua portuguesa, esta palavra possui os seguintes significados:

508 SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. passim.

509 Me refiro ao método aqui adotado em dividir as correntes historiográficas do século XIX e XX em dois grandes grupos pois, a despeito das semelhanças, existem particularidades e diferenças significativas, tanto entre as correntes historiográficas do século XIX – geralmente rotuladas equivocadamente como todas sendo “positivistas” –, como entre as do século XX e o Materialismo Histórico.

510 FATO. In: *Michaelis*, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, c2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=pAxp>> Acesso em: 10 dez. 2021.

1 Evento de cuja ocorrência se tem conhecimento, ou coisa cuja existência não se põe em dúvida: Seus temores não têm por base quaisquer fatos. Difícil dizer quanto há nessa história de fato e de ficção.

2 Tudo aquilo que acontece por ação do homem ou em decorrência de eventos exteriores ou naturais, que independem da vontade humana; acontecido, acontecimento, ocorrência, sucedido, sucesso.

3 Algo cuja existência é inquestionável; realidade, verdade.

4 Aquilo que é ou acontece, e que, portanto, pode ser tomado como um dado real da experiência, ocupando um lugar limitado no tempo e/ou no espaço.

5 Aquilo que, por ser dotado de possibilidade objetiva de verificação, independe de opiniões, juízos e valorizações que não sejam aqueles intrínsecos aos meios e instrumentos capazes de proceder a tal verificação.

6 Algo sobre cuja existência há consenso geral, por ter sido confirmado reiteradamente e por muitos observadores independentes e de competência inquestionável⁵¹¹.

Assim sendo, o “fato” carrega consigo a noção de “verdade” consigo. A ideia de “verdade histórica” foi tema de intensos debates ao longo da história da historiografia, sobretudo ao final do século XX. Fontes contribuiu com o mesmo problematizando esta “verdade”. De acordo com a historiadora, esta noção deve ser separada em dois níveis, o universal e o absoluto:

Consideraremos como universal tudo aquilo que pode ser partilhado por homens (em princípio, pois, demonstrável), independentemente de sua origem, crença, filiação. A enunciação da lei da gravidade, por exemplo, é universal, tanto em sua aplicabilidade quanto pela possibilidade dada a qualquer indivíduo, detentor de conhecimentos (uma forma de linguagem), aceder à sua formulação e, eventualmente, contestá-la a partir de seus próprios pressupostos⁵¹².

O nível absoluto por sua vez, diz respeito a aquilo que não é passível de discussão, se encerrando nele próprio, sem alterações. Em síntese, seria: “Toda e qualquer forma de manifestação do pensamento cujo núcleo não possa ser explicado, dependendo pois de uma adesão incondicional (crença, não passível de discussão) [...]”⁵¹³. Nesse sentido, a autora dá o exemplo da divindade: “Ela não é explicável (está acima da capacidade humana); não é transformável nem passível de um processo histórico. A difusão desse tipo de ideal ocorre pela adesão (com graus de liberdade variados), em geral através da crença”⁵¹⁴.

511 Ibidem.

512 FONTES, Virgínia. História e verdade. **Revista Ciências & Letras**, Porto Alegre, v. 2, n. 18, p. 167-189, 1997. p. 1.

513 Ibidem. p. 2.

514 Ibidem. p. 2.

Ainda segundo esta autora, no que concerne à História, deve-se descartar este nível absoluto atrelado à verdade, sendo este segundo nível tão problemático quanto o seu oposto: “a suposição de que não existe nenhuma verdade”⁵¹⁵.

Ao encontro do posicionamento de Fontes, é o do historiador Luís Edmundo de Souza Moraes: “O traço mais geral do tipo de escrita sobre o passado que é o escrito historiográfico, é a idéia de que as proposições nele contidas sejam verificáveis”⁵¹⁶. Ainda que a noção do que seja a “verdade” possa gerar inúmeros debates em todas as ciências humanas e sociais, de modo que seja consensual afirmar que não exista uma “verdade absoluta”, e que no que diga respeito a historiografia propriamente dita, diferentes caminhos para se chegar até ela tenham sido percorridos pelas diferentes correntes historiográficas ao longo do tempo, produzindo interpretações distintas acerca do passado: “[...] mesmo que existam idéias distintas sobre como realizar o processo de demonstração de proposições, a idéia de que as proposições precisam ser demonstradas, é uma idéia naturalizada no campo”⁵¹⁷.

Dito de outra forma, mesmo que a tendência da “história problema” tenha se tornado dominante na historiografia do século XX – isto é, estudar o passado para responder aos problemas do tempo presente –, passando a ser mais privilegiada do que a tendência do século anterior de “apenas” “contar os fatos do passado tal como eles ocorreram”; ainda que a subjetividade do historiador tenha sido colocada em evidência, impossibilitando um conhecimento “neutro” acerca da história; o pressuposto do Historicismo de que há um passado realmente existente, continuou presente na historiografia: “[...] o relato histórico é uma reconstrução dos acontecimentos do passado ‘tal como verdadeiramente aconteceu’, segundo a fórmula canônica de Ranke (*wie es eigentlich gewesen*) – definição certamente simplificadora mas nem por isso falsa [...]”⁵¹⁸.

A permanência da “verdade histórica” – no sentido aqui formulado – na prática da revisão historiográfica se trata, portanto, de algo inegociável, fazendo parte do que podemos chamar de ética profissional do historiador. Nesse sentido, observou a historiadora Verena Alberti:

O que quero dizer é que, assim como um bom médico tem de ter cuidado científico na interpretação dos exames, o bom historiador não está autorizado a afirmar qualquer coisa sobre o passado. Ele também precisa ter rigor

515 Ibidem. p. 2.

516 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. 8.

517 Ibidem. p. 8.

518 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 156.

científico. Ocorre que muitas vezes a história é vista como nada além de versões igualmente válidas – o que implica evidentemente dizer que nenhuma delas é válida⁵¹⁹.

Trata-se, portanto, de algo compartilhado pela comunidade acadêmica desta ciência e de sua “matriz disciplinar”, perpassando todas as correntes e movimentos historiográficos. De acordo com Barros, a matriz disciplinar de uma ciência corresponde “[...] antes de mais nada, a um universo mais amplo de valores que dificilmente seriam colocados em questionamento pela ampla maioria dos historiadores – tais como a necessidade de uma referência à base documental (fontes históricas)”⁵²⁰.

Esta noção, por sua vez, está diretamente relacionada à noção de comunidade acadêmica (ou “comunidade de historiadores”), formulada por este autor com base na obra “*A produção historiográfica*” do historiador Michel de Certeau:

[...] o Lugar de Produção – o lugar de onde se produz esta forma de conhecimento específica que é a História – relaciona-se diretamente à Comunidade de Historiadores. Todos os historiadores, com tudo o que até hoje já se produziu em termos de conhecimento histórico e de discursos historiográficos, influenciam de alguma maneira, ainda que de maneira indelével na maior parte dos casos, o trabalho de cada historiador em particular⁵²¹.

Assim sendo, a noção de revisão historiográfica compreendida tal como foi aqui exposta, isto é: como uma prática do ofício do historiador, que constitui uma das etapas de seu método científico; sendo este caracterizado por basear-se em fontes verificáveis acerca do passado; partindo do pressuposto de que fatos históricos existem, equivalendo admitir a existência de uma verdade (ainda que não absoluta); sendo a sua problematização⁵²² ancorada neste método um dos princípios que orientam a pesquisa historiográfica e a ética do historiador; não se confunde, portanto, com os conceitos de revisionismo e negacionismo histórico, conforme veremos nas próximas seções deste capítulo.

3.2. Revisionismo histórico.

519 ALBERTI, Verena. “A ética no trabalho do historiador”. Trabalho apresentado à mesa redonda durante a “Jornada da Anpuh: história e ética”, 2014, Rio de Janeiro, RJ. p. 3.

520 BARROS, José D'Assunção. 2013a. p. 119.

521 Idem. 2013b. p. 36.

522 Ou sua “reconstituição” “tal como esta ocorreu” seguindo a concepção da historiografia oitocentista.

De acordo com Traverso, revisionismo é uma palavra camaleônica⁵²³ que foi apropriada para diferentes usos e significados, por vezes contraditórios, ao longo do século XX. Tal característica propiciou que o revisionismo histórico, compreendido aqui como um conceito, por vezes seja confundido com a já mencionada revisão historiográfica e com o negacionismo histórico.

Segundo esse autor, a história do revisionismo poderia ser reduzida em três momentos principais: “uma controvérsia marxista, um cisma no interior do mundo comunista e também, no sentido mais lato, uma série de debates historiográficos posteriores à Segunda Guerra Mundial”⁵²⁴. Contextualizemos abaixo esses momentos para melhor compreender as especificidades e usos adquiridos por este conceito.

O primeiro momento teria se originado no debate introduzido por Eduard Bernstein no Partido Social-Democrata da Alemanha e na Internacional Socialista entre o final do século XIX e início do XX⁵²⁵, em que este ex-secretário de Friedrich Engels teria proposto: “‘revisar’ certas concepções de Marx, como a que diz respeito à polarização crescente entre as classes na sociedade burguesa ou, ainda, a tendência para o colapso do capitalismo devido às suas crises internas”⁵²⁶, com o intuito de mudar a orientação revolucionária do partido para abraçar uma política entendida como reformista⁵²⁷.

Com a formação da União Soviética, segundo Traverso, o marxismo foi transformado em ideologia de Estado, de modo que a teoria social marxista apropriada no contexto soviético e do movimento comunista internacional ao longo do século XX, sobretudo no período stalinista, ganharia uma conotação dogmática. Nesse sentido, o termo revisionismo seria utilizado como sinônimo de traição⁵²⁸. A esse respeito, observou o historiador Demian Bezerra de Melo: “Nesses casos, carregava forte carga pejorativa, justificador de dissensos, cisões e perseguições no interior do movimento socialista”⁵²⁹. A exemplo disso teria sido o chamado “cisma jugoslavo” ocorrido em 1948, marcado pelo rompimento da Iugoslávia com a URSS⁵³⁰.

Nesses dois primeiros momentos dessa história dos usos do conceito de revisionismo histórico, estes se deram no âmbito das relações políticas. Seu uso só passaria a ser adotado na

523 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 149.

524 Ibidem. p. 151.

525 MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo**, Niterói, v. 1, n. 1, jul./dez. 2013. p. 50.

526 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 152.

527 Ibidem. p. 152.

528 MELO, Demian Bezerra de. op. cit. p. 50.

529 Ibidem. p. 50.

530 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 153.

historiografia propriamente dita após o período da Segunda Guerra Mundial: “[...] em alguns casos para afirmar o caráter renovador de abordagens [...]”⁵³¹ – ou seja, no sentido exposto na seção anterior deste trabalho, como “revisão historiográfica”, uma prática do ofício do historiador – “[...] em outros, em tom mais crítico, viradas ético-políticas informadas pela disputa ideológica do presente [...]”⁵³², isto é, com uma conotação negativa, no sentido “revisionista” do conceito.

Esta conotação negativa se daria pois, conforme observou Soutelo, em suas releituras acerca do passado, os revisionistas desconsideram as especificidades e os contextos históricos de modo a favorecer determinados posicionamentos ideológicos do presente: “muitas vezes em total negligência da lógica histórica do período estudado”⁵³³. Não à toa, essas releituras privilegiam acontecimentos tidos como “fundacionais”: “a Revolução Francesa, a Revolução Russa, o fascismo, o nazismo, a guerra israelo-árabe de 1948, etc.”⁵³⁴.

Segundo esta autora, ao encontro dessa leitura partilhada por Traverso e Melo, um exemplo paradigmático⁵³⁵ do que seria esse revisionismo surgido no âmbito da historiografia com conotação negativa na concepção da própria, seria o caso do historiador alemão Ernst Nolte.

Em seu artigo *O passado que não quer passar* (1986) publicado no jornal conservador *Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ)*, e por meio de seu livro *Der europäische Bürgerkrieg 1917-1945* (1987), Nolte teria apresentado o holocausto como uma reação do que ele classificava como “barbárie asiática”⁵³⁶. Esta, por sua vez, teria sido introduzida pelos bolcheviques na Revolução Russa, de modo que “[...] o *Gulag* foi o modelo de *Auschwitz*, e o bolchevismo atuou tanto como exemplo quanto como ameaça – contra a qual Hitler teria reagido ‘excessivamente’”⁵³⁷.

Este autor também defendia que os crimes nazistas deveriam ser vistos conforme o contexto histórico do século XX, não divergindo assim de outros crimes como: “[...] os campos de prisioneiros de guerra nos Estados Unidos, os massacres de Pol Pot no Camboja ou os *gulags* soviéticos”⁵³⁸.

531 MELO, Demian Bezerra de. op. cit. p. 50.

532 Ibidem. p. 50.

533 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 100.

534 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 161.

535 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 99.

536 TRAVERSO, Enzo. op. cit. p. 158.

537 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 115.

538 Ibidem. p. 99.

Essa releitura revisionista acerca do nazismo feita por Nolte e outros historiadores contemporâneos a ele, como Michael Stürmer⁵³⁹, Andreas Hillgruber e Martin Broszat⁵⁴⁰, provocaria um debate na Alemanha que ficaria conhecido como *Historikerstreit* (*A querela dos historiadores*), onde o filósofo Jürgen Habermas, em artigo publicado no jornal *Die Zeit* em 1986, as classificariam como “tendências apologéticas”, uma vez que visavam resgatar a identidade nacional que havia sido abalada pela memória do período nazista: “Deste modo, em vez de ficarem com a eterna culpa face ao Holocausto, os alemães (ocidentais) deveriam ficar em ‘paz consigo mesmos’ e deixar o ‘passado passar’”⁵⁴¹.

Após esta sucinta reconstituição histórica dos usos do conceito de revisionismo histórico ao longo do século XX, nos concentraremos agora em sua análise enquanto um conceito, sobretudo a esse terceiro momento da história do revisionismo, quando o conceito passou a ser adotado na historiografia propriamente dita. Nesse sentido, cabe perguntar: o que difere o revisionismo histórico da revisão historiográfica?

Ora, se admitimos aqui que a noção de revisão historiográfica foi normalizada como uma prática do ofício do historiador ao longo do período em questão devido as mudanças paradigmáticas promovidas pelas correntes historiográficas que surgiram nesse contexto, sendo uma dessas mudanças a noção de que o tempo histórico – este, sempre em movimento, gerando transformações conforme o mesmo passa – no qual o historiador está inserido condiciona o seu olhar sobre o passado, implicando dizer que gerações diferentes de historiadores produzem olhares também diferentes para um mesmo passado, o que também pressupõe dizer que o historiador, portanto, não é neutro; além disso, ao passo que novas fontes surjam acerca do passado, novas interpretações se tornam possíveis; sendo assim, o que faz determinadas releituras do passado serem classificadas como “revisões historiográficas” e outras como “revisionistas”?

A linha que separa a revisão do revisionismo pode parecer tênue, mas ambos são radicalmente distintos. Admitir que o contexto histórico no qual o historiador está inserido condiciona o seu olhar sobre o passado, e que, portanto, o historiador não olha para o passado de maneira neutra, é diferente de distorcer esse passado para favorecer posições políticas e ideológicas do presente.

539 MELO, Demian Bezerra de. op. cit. p. 56.

540 VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988. p. 192.

541 MELO, Demian Bezerra de. op. cit. p. 55.

O mesmo vale para a discussão entre fato histórico e interpretação. Partir do pressuposto de que não existe uma verdade absoluta acerca do passado, possibilitando assim, mais de uma interpretação viável sobre um mesmo fato, é diferente de deturpar este último para favorecer uma determinada leitura. Além do mais, admitir mais de uma interpretação possível, é diferente de ignorar toda uma produção científica existente, sobretudo quando esta contradiz com evidências verificáveis ou com interpretações consagradas – devendo estas últimas serem criticadas ou levadas em consideração (exceto quando já foram “superadas”) ao se adotar uma nova interpretação – o que está sendo proposto na nova leitura acerca de um passado.

Todas essas diferenças aqui elencadas podem parecer sutis, mas são cruciais. Conforme observou Certeau, uma obra tida como historiográfica seria “menos cotada por seus compradores” do que pelos seus pares:

Existem as leis do meio. Elas circunscrevem possibilidades cujo conteúdo varia, mas cujas imposições permanecem as mesmas. Elas organizam uma “polícia” do trabalho. Não ‘recebido’ pelo grupo, o livro cairá na categoria de “vulgarização” que, considerada com maior ou menor simpatia, não poderia definir um estudo como “historiográfico”⁵⁴².

Voltando ao exemplo de Nolte, este teria praticado revisionismo histórico em detrimento da revisão historiográfica uma vez que a relação estabelecida por ele entre: “[...] o nazismo e sua política de extermínio como uma reação ao bolchevismo ignora o fato, ressaltado por muitos autores, de que os fundamentos originários desta política são bem anteriores à eclosão da Revolução Russa”⁵⁴³, de modo que sua leitura acerca do nazismo não leva em conta toda uma produção historiográfica já existente sobre o tema para favorecer propósitos políticos e ideológicos do tempo no qual ele estava inserido. No referido debate, Habermas constatou:

Os planejadores ideológicos querem criar consenso em torno de um renascimento da consciência nacional, mas ao mesmo tempo têm de eliminar as imagens de Estado nacional hostil no âmbito da Otan. A teoria de Nolte oferece uma grande vantagem para essa manipulação. Ela mata dois coelhos de uma só cajadada: os crimes nazistas perdem sua singularidade porque podem ser compreendidos, no mínimo, como respostas às ameaças de extermínio (que persistem até hoje) por parte dos bolcheviques. *Auschwitz* reduz-se ao formato de uma inovação técnica e explica-se a partir de uma

542 CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [recurso digital], 1982. p. 63.

543 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 100.

ameaça “asiática” de um inimigo que ainda continua à nossa porta⁵⁴⁴ (grifo nosso).

Todavia, ao contrário do que se possa supor, apesar de Nolte realizar uma leitura tendenciosa – “apologética” nos termos de Habermas – acerca do holocausto, essa leitura não poderia ser classificada como “negacionista” de acordo com Traverso, Melo, Soutelo pois, esta ainda estaria baseada em premissas verdadeiras, mesmo que “discutíveis”, de modo que sua leitura se aproximaria mais do revisionismo do que do negacionismo histórico propriamente dito.

3.3. Negacionismo histórico.

Se acima foi dito que a despeito de parecerem semelhantes, revisão historiográfica e revisionismo histórico são na realidade radicalmente distintos, o mesmo não se pode dizer entre o dito revisionismo e o negacionismo histórico. Neste caso, as diferenças existem, mas são sutis⁵⁴⁵.

As origens históricas do conceito de negacionismo histórico também remetem ao período do pós-guerra. Moraes definiu este conceito como um campo político-intelectual internacionalmente articulado e uma prática, atrelados a movimentos de extrema direita⁵⁴⁶ desse período que buscavam “[...] por meio de textos produzidos na maior parte dos casos com aparência de historiografia, negar que o extermínio planejado e executado durante o Terceiro Reich tenha existido”⁵⁴⁷.

Este autor também aponta que os seus primeiros porta-vozes surgiram na França e nos Estados Unidos ainda nos anos 40, mas que progressivamente encontraram adeptos em vários países da Europa, América Latina e Austrália.⁵⁴⁸

Entre esses porta-vozes, o caso mais emblemático seria o do escritor francês Paul Rassinier, que em 1948 publicou sua primeira obra de cunho negacionista acerca do holocausto. Em *La Passage de la ligne*, o autor admitia, a princípio, a existência das câmaras de gás sob a

544 HABERMAS, Jürgen. Tendências Apologéticas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 25, p. 16-27, 1989. p. 24-25.

545 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 100.

546 Muito embora o negacionismo não se restrinja apenas a extrema direita, conforme veremos mais adiante.

547 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 3.

548 Ibidem. p. 3.

justificativa de que não haviam tantas como se relatavam. Posteriormente, o mesmo passaria a negar a existência delas.⁵⁴⁹

Essa característica de relativizar um determinado fato histórico para depois negá-lo com o objetivo de justificá-lo, é uma prática bastante comum entre os negacionistas, conforme observou Caldeira Neto em diálogo com o historiador Pierre Vidal-Naquet:

O negacionismo, como aborda Vidal Naquet, não surge propriamente dito com o discurso de negação completa do Holocausto. Em um primeiro momento, o que ocorre é uma redução do número de vítimas, para uma conseguinte relativização do caráter nefasto do Holocausto para, daí sim, a defesa da idéia da inexistência das câmaras de gás, do uso de Zyklon-B ou mesmo do programa de eliminação de “indesejáveis” ao nazismo⁵⁵⁰.

De acordo com o historiador Stephen E. Atkins, a referida obra de Rassinier teria chamado a atenção do editor anarco-marxista, Pierre Guillaume e sua editora *La Vieille Taupe*, que o apoiariam na publicação de sua segunda obra em 1950, *Le Mensonge d' Ulysse*. Nesta obra, o autor defendia a ideia de que a Segunda Guerra Mundial havia sido armada por um complot judaico de dominação mundial.⁵⁵¹

Por sua vez, essa concepção de que haveria um governo secreto judaico com o objetivo de dominar o mundo não se tratava de uma criação de Rassinier, mas de uma teoria da conspiração produzida pela obra *Os Protocolos dos Sábios de Sião* publicada em 1903, conforme observou Caldeira Neto: “[...] uma espécie de bíblia do anti-semitismo, que influenciou uma gama variada de anti-semitas, desde o governo Czarista (que foi, aliás, quem encomendou esta fraude) até Adolf Hitler”⁵⁵².

Por falar em “teoria da conspiração”, esta seria uma das características estruturantes do conceito de negacionismo histórico, sendo o seu fio condutor. A esse respeito, analisou Moraes:

[...] o que caracteriza a prática e os textos dos negacionistas não são os resultados de seus trabalhos – as suas supostas “interpretações” sobre um tempo passado – mas sim os fundamentos e os propósitos mesmos de seus trabalhos, que determinam os procedimentos daí decorrentes e que não permitiriam que seus resultados fossem diferentes do que são (por exemplo: a afirmação de que em Auschwitz não existiam Câmaras de Gás)⁵⁵³.

549 ATKINS, Stephen E. *Holocaust denial as an international movement*. Westport: Praeger Publishers, 2009. p. 86.

550 CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. *Antíteses*, Londrina, v. 2, n. 4, p. 1097-1123. jul./dez. 2009. p. 1108.

551 Ibidem. p. 1108.

552 Ibidem. p. 1108.

553 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 3.

Nesse sentido, este autor aponta que o negacionismo pode ser definido também como uma “fraude” pois, se por um lado “[...] trata-se de uma historiografia falsificada, ou seja, de um texto que falsifica de forma consciente suas referências de legitimidade [...] Por outro, trata-se de um passado falsificado, que também de forma consciente é produzido”⁵⁵⁴. Portanto, quando se fala de negacionismo, não se trata de apenas negar a existência de um determinado fato ou processo histórico, mas de uma produção que tem como pressuposto um passado conscientemente produzido de modo falsificado pelos seus autores.

A respeito desta característica do conceito de negacionismo destacada por este autor, o historiador Marcos Napolitano aponta que o objetivo dos negacionistas não é expandir a reflexão sobre um determinado tema, mas bloquear o debate por meio de sofismas, de modo a criar confusões acerca do mesmo⁵⁵⁵. Este historiador também afirma que os negacionistas fazem isso de duas formas: desacreditando as vítimas, atribuindo o testemunho destas a pura memória, subjetividade, invenção; e/ou a pesquisa histórica, acusando esta segunda de falta de provas empíricas suficientes, ao passo que quando os historiadores as apresentam, eles exigem outras provas, tirando as apresentadas de contexto para desqualificá-las. Em suma, trata-se de um debate sem fim⁵⁵⁶.

Em vista disso, no prefácio de sua obra clássica sobre o tema *Os assassinos da memória*, Vidal-Naquet afirma que não se deve discutir com os negacionistas, mas o negacionismo: “Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os ‘revisionistas’⁵⁵⁷, esse campo não existe”⁵⁵⁸.

Não à toa, uma outra característica bastante comum entre os negacionistas, como destacaram Vidal-Naquet, Traverso, Melo, Soutelo, Moraes, é a de se apresentarem como os porta-vozes de uma escola historiográfica “alternativa”, a chamada “Escola Histórica Revisionista”, oposta à escola que eles denominam pejorativamente como “exterminacionista”, ou seja, toda a historiografia que não nega o holocausto.

554 Ibidem. p. 15.

555 LEPCOM. **Live com Marcos Napolitano: o negacionismo na História**. Brasil: LEPCOM, 2021. 1 vídeo (59 min). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLppU_AnUhE/> Acesso em: 31 ago. 2021.

556 Ibidem.

557 Aqui cabe uma observação: embora Vidal-Naquet não faça essa diferenciação na nomenclatura dos conceitos de revisionismo e negacionismo histórico tal como estamos adotando aqui, essa distinção conceitual aparece na sua obra, uma vez que os revisionismos analisados por ele são vistos de modo qualitativamente diferentes – como por exemplo, nos casos dos autores aqui mencionados, Ernst Nolte e Paul Rassinier –, ainda que ele utilize o termo revisionismo para classificar a ambos.

558 VIDAL-NAQUET, Pierre. op. cit. p. 11.

Tal prática não se dá por acaso, uma vez que ao se postularem como historiadores de uma escola “alternativa”, os negacionistas se apropriam do conceito de “revisão” buscando dar legitimidade às suas “interpretações”. Conforme observou Moraes, eles buscam incorporar dois tipos particulares de legitimidade: “a legitimidade profissional associada à formação do historiador e a legitimidade de que goza a historiografia na construção social de imagens sobre o passado frente a outras escritas sobre o passado [...]”⁵⁵⁹.

Nesse sentido, a semióloga Valentina Pisanty, conforme apontado por Soutelo, alerta para não cair na armadilha de rotular os negacionistas como revisionistas, uma vez que isso seria o mesmo que admitir suas posições como legítimas⁵⁶⁰. Moraes vai mais além: “os negacionistas não são historiadores e nem revisionistas”⁵⁶¹.

Justamente por não serem historiadores, não possuem um dos fundamentos estruturantes da História enquanto uma ciência em suas produções: o método. Precisamente por isso, é preferível utilizar o termo “prática” ao descrever as produções negacionistas: “[...] nem os próprios negacionistas, quando confrontados, defendem [...] que seus métodos de trabalho se sustentam como método historiográfico”⁵⁶².

Todavia, a despeito do conceito de negacionismo ter surgido após o fim do holocausto e em relação a este último, seu uso não se restringe apenas a este fato, como veremos mais adiante. E mesmo no que se refere ao próprio holocausto, as motivações políticas e ideológicas dos negacionistas variam bastante, sendo muitas vezes contraditórias, segundo analisou Vidal-Naquet:

[...] o anti-semitismo de tipo nazista, o anticomunismo de extrema-direita, o anti-sionismo, o nacionalismo alemão, os vários países do Leste europeu, o pacifismo libertário, o marxismo de extrema-esquerda. Como é fácil prever, essas doutrinas aparecem ora em estado puro, ora e até na maioria das vezes, sob formas e combinações variadas⁵⁶³.

A exemplo disso foi o caso do mencionado escritor Paul Rassinier, que apesar de ter sido membro da Seção Francesa da Internacional Socialista (SFIO) e de ter sido prisioneiro nos campos de concentração de *Buchenwald e Dora-Nordhausen*⁵⁶⁴: “Afastou-se gradativamente

559 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 6.

560 PISANTY, Valentina. *L'irritante questione delle camere a gas. Logica del negazionismo*. Milão: RCS Libri, 1998. p. 6-7. apud. SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 99.

561 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 6.

562 Ibidem. p. 2.

563 VIDAL-NAQUET, Pierre. op. cit. p. 129-130.

564 CALDEIRA NETO, Odilon. op. cit. p. 1108.

das tendências esquerdistas, para se aliar a figuras da extrema-direita francesa (Vichistas e colaboracionistas, inclusive) e assumiu gradativamente um caráter fortemente anti-semita, antes mascarado como anti-sionista ou anti-imperialista”⁵⁶⁵.

Terminada esta exposição acerca das origens históricas do negacionismo histórico e de sua análise enquanto um conceito, voltamos a nos dirigir à pergunta posta nesta seção: o que o difere do revisionismo?

Sintetizando o que foi aqui exposto sobre os dois conceitos, estes se assemelham ao subverterem a premissa de que o tempo histórico condiciona o olhar do historiador sobre o passado, haja vista que os autores revisionistas e os negacionistas distorcem o passado para favorecer posições políticas e ideológicas do tempo presente no qual estão inseridos. Ambos, portanto, violam princípios éticos e metodológicos⁵⁶⁶ do ofício do historiador.

Entretanto, por mais “discutíveis” e tendenciosas que possam ser as interpretações revisionistas, estas ainda partem de fatos e processos históricos concretos. Ao contrário dos negacionistas, que partem de um passado falsificado – uma teoria da conspiração –, conscientemente produzido por eles, sendo este o fio condutor de suas obras:

[...] muitas interpretações revisionistas violam princípios metodológicos da historiografia em nome de propósitos ideológicos – talvez o façam, no entanto, de forma mais sutil do que os negacionistas, através de subterfúgios e confusões interpretativas que acabam por conferir-lhes uma fachada de maior respeitabilidade teórica. Todavia, a distinção entre revisionismo e negacionismo é pertinente e deve ser salientada⁵⁶⁷.

Para ilustrar, retomemos pontualmente os exemplos aqui mencionados: enquanto Nolte, em *O passado que não quer passar* e em *Der europäische Bürgerkrieg 1917-1945*, relativizava os crimes nazistas ao compará-los a outros crimes cometidos por regimes políticos contemporâneos ao nazismo⁵⁶⁸, conferindo, deste modo, um caráter tendencioso em suas obras, uma vez que ignoram a produção historiográfica existente que a contradizem para legitimar os seus posicionamentos políticos e ideológicos. Estas obras, ainda assim, tem como pressuposto a realidade concreta, haja vista que os processos históricos que o autor menciona para comparar com o nazismo, existiram. Trata-se, portanto, de produções revisionistas.

565 Ibidem. p. 1108.

566 SOUTELO, Luciana de Castro. op. cit. p. 100.

567 Ibidem. p. 100.

568 Ibidem. p. 99.

Por sua vez, Rassinier, em *Le Mensonge d' Ulysse*, criou de forma consciente uma teoria da conspiração, portanto falsa, onde os judeus tramavam um complô de dominação mundial.⁵⁶⁹ Esta teoria sem respaldo na realidade concreta é o ponto de partida e ao mesmo tempo o fio condutor que orienta sua obra. Logo, se trata de uma produção negacionista.

Assim sendo, a despeito das diferenças entre os dois conceitos serem sutis, de modo que ambos sejam recorrentemente confundidos, elas existem⁵⁷⁰ e devem ser aqui consideradas. Tratar ambos como equivalentes, conforme foi demonstrado, se faz contraproducente, favorecendo o negacionismo.

3.4. Negacionismo histórico neoliberal.

Ao longo deste capítulo foram expostos alguns exemplos de usos dos conceitos de revisionismo e negacionismo histórico produzidos no decorrer do século XX. Nesses exemplos, privilegiamos o revisionismo e o negacionismo acerca do holocausto por conta das relações históricas já demonstradas que os usos dos mesmos possuem com este processo histórico, havendo uma tendência quase que “natural” em associá-los – sobretudo o negacionismo – com o genocídio judeu nos campos de concentração nazista.

Por conta disso, a seleção desses exemplos se deu principalmente com o objetivo de contrastar com uma outra forma de negacionismo histórico produzido nesse período, de modo a ressaltar a especificidade desta última, sendo esta, uma parte do objeto de estudos deste trabalho. A essa forma, denominamos como “negacionismo histórico neoliberal”.

Foi demonstrado também que revisionistas e negacionistas possuem como finalidade em suas produções que se pretendem historiográficas, favorecer posicionamentos políticos e ideológicos do tempo presente no qual estão inseridos. É a respeito deste aspecto que concentramos a análise nesta seção. Para tal, se faz necessário explicar o que caracteriza essa ideologia e o que compreendemos como uma ideologia.

O conceito de ideologia foi apropriado de diversas formas desde que o termo em questão foi cunhado pela primeira vez em 1795 pelo filósofo Antoine Destutt de Tracy, não cabendo dentro da proposta e dos limites deste trabalho reconstituir historicamente todas essas

569 CALDEIRA NETO, Odilon. op. cit. p. 1109.

570 A maior parte dos autores aqui mencionados – Traverso, Melo, Soutelo, Moraes, Vidal-Naquet, Pisanty, Napolitano –, cada um ao seu modo, traça essa diferenciação.

apropriações⁵⁷¹. Dentre elas, nossa compreensão de ideologia se alinha com a que foi realizada pela tradição marxista a respeito desse conceito.

Na crítica à filosofia e ao capitalismo de seu período, Karl Marx e Friedrich Engels observaram em *A ideologia alemã* (1846) que em cada sociedade, quando uma classe social se torna dominante, as suas ideias também se tornam dominantes “[...] são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação”⁵⁷².

Segundo os autores, isso se daria uma vez que, para atingir seus fins, a classe que se pretende dominante, precisa apresentar os seus interesses particulares de classe como se fossem um interesse comum, isto é, como se correspondessem aos interesses de todos os membros de uma sociedade: “[...] é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas”⁵⁷³.

Essa universalização da ideologia da classe dominante no modo de produção capitalista se tornou possível mediante a um processo específico dessa estrutura social. Marx teorizou a respeito desse processo em *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), naquilo que viria a ficar conhecido como “teoria da alienação”. De acordo com essa teoria, o que caracterizaria o gênero humano seria o seu trabalho, entendido como uma “atividade vital”⁵⁷⁴. Isso se daria na medida que, por meio dessa atividade, o homem, entendido como um “ser genérico”⁵⁷⁵, “objetiva” tudo aquilo que lhe faz humano, visto que o homem se reconheceria na “objetivação”⁵⁷⁶ – no produto – do seu trabalho: “[...] na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma [...] como ser genérico. [...] Através dela a natureza aparece como a sua obra e a sua efetividade [...]”⁵⁷⁷.

Todavia, conforme essa teoria aponta, com a formação das sociedades capitalistas, esta “atividade vital” passaria a ter um outro significado, em razão de o produto do trabalho do homem enquanto “ser genérico”, enquanto alguém que trabalha, deixaria de pertencer a este

571 A esse respeito, consultar: EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Boitempo Editorial, 1997. passim.

572 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. p. 47.

573 Ibidem. p. 48.

574 MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010. p. 84.

575 Ibidem. p. 85.

576 Marx usa os termos “objetivação” e “efetivação” como equivalentes: “A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação”. Ibidem. p. 80.

577 Ibidem. p. 85.

último, mas a um outro homem, o capitalista⁵⁷⁸. Nesse sentido, o ser genérico não se reconhecera mais no seu trabalho enquanto “atividade vital” tampouco no produto desta atividade, na sua “objetivação”. De modo que ambos se tornariam algo alheio, estranhos a ele, chegando inclusive a voltar-se contra, assumindo assim, a forma de “alienação”: “Esta [...] desfetivação (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como estranhamento (*Entfremdung*), como alienação (*Entäusserung*)”⁵⁷⁹.

Conforme observou o filósofo Terry Eagleton, a apropriação marxiana a respeito do conceito de ideologia pode ser melhor compreendida nessas referidas obras de Marx e Engels, uma vez que a concepção de ideologia apresentada em *A ideologia alemã* diz respeito a essa lógica de estranhamento produzida pela alienação teorizada nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* pois, se os poderes e instituições humanas podem ser submetidos a esse processo, então a consciência também pode⁵⁸⁰: “A consciência está, na verdade, estreitamente vinculada à prática social; no entanto, para os filósofos idealistas alemães de que falam Marx e Engels, ela se torna dissociada dessas práticas, fetichizada a uma coisa-em-si [...]”⁵⁸¹.

Nesse sentido, de acordo com esse autor, o estranhamento produzido pela alienação provocaria uma “inversão”, onde as ideias são vistas como entidades autônomas, podendo ser erroneamente compreendidas como “a própria origem e fundamento da vida histórica”⁵⁸²: “Se as idéias são apreendidas como entidades autônomas, então isso ajuda a naturalizá-las e desistoricizá-las; e esse é, para o jovem Marx, o segredo de toda ideologia”⁵⁸³.

Isso se notaria de modo mais claro na obra em que a concepção marxiana apareceria em sua plenitude⁵⁸⁴: *O Capital. Crítica da Economia Política* (1867). Ao teorizar sobre o produto do trabalho humano no modo de produção capitalista, a “mercadoria”, segundo Marx:

578 Ibidem. p. 86.

579 Ibidem. p. 80.

580 EAGLETON, Terry. op. cit. p. 71.

581 Ibidem. p. 71.

582 Ibidem. p. 71.

583 Ibidem. p. 71.

584 Por vezes considerada como a obra de “maturidade” do autor em questão. Essa tentativa de traçar uma ruptura no pensamento marxiano entre o “jovem” e o “maduro” Marx seria consagrada pelo filósofo marxista Louis Althusser através da obra *Pour Marx* (1965). No entanto, neste trabalho preferimos evitar esta dicotomia por compreender que a despeito das diferenças serem significativas, aspectos fundamentais do materialismo histórico concebido por Marx já estavam presentes nos *Manuscritos* e em *Ideologia Alemã*. Nesse sentido, convergimos com a leitura realizada pelo sociólogo Michel Löwy, que vê na teoria da revolução comunista: “[...] o fio condutor que lhe permite articular os diferentes momentos dessa trajetória, que conduz do neo-hegelianismo de esquerda à ideia de autoemancipação do proletariado e sua síntese teórica em uma filosofia da práxis, passando pelo comunismo filosófico”. NASCIMENTO, Rodnei. Apresentação. In: LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. p. 16.

é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. *A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão.* Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção⁵⁸⁵ (grifos nossos).

Esta capacidade da mercadoria em satisfazer necessidades humanas de um tipo qualquer constituiria o seu chamado “valor de uso”. No entanto, de acordo com o autor, essa utilidade não flutuaria no ar, estaria antes condicionada pelas propriedades do corpo da mercadoria: “ela não existe sem esse corpo. Por isso, o próprio corpo da mercadoria, como ferro, trigo, diamante etc., é um valor de uso ou um bem”⁵⁸⁶.

Todavia, o autor em questão ressaltava que essas propriedades físicas da mercadoria “importam apenas na medida em que conferem utilidade às mercadorias, isto é, fazem delas valores de uso”⁵⁸⁷. Ao abstrair o valor de uso das mercadorias, restaria nelas uma única propriedade, a de serem produtos do trabalho:

Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato⁵⁸⁸.

Um outro aspecto do conceito de ideologia teorizado por Marx e Engels diz respeito ao que ambos denominaram como “divisão do trabalho”. De acordo com os autores, originalmente essa divisão referia-se ao trabalho no “ato sexual”, se desenvolvendo a outras divisões, como a que diz respeito à força corporal, só se tornando “realmente” divisão, quando surgiu a divisão entre trabalho espiritual e material⁵⁸⁹.

Esta última divisão, por sua vez, também se expressaria na classe dominante, uma vez que no interior dela, uma parte apareceria como “[...] os seus pensadores, como seus ideólogos

585 MARX, Karl. op. cit. p. 157.

586 Ibidem. p. 158.

587 Ibidem. p. 160.

588 Ibidem. p. 160-161.

589 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. op. cit. p. 35.

ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão dessa classe sobre si mesma o seu meio principal de subsistência [...]”⁵⁹⁰.

A outra parte, por seu turno, se comportaria de forma mais passiva no que seria relativo a este trabalho espiritual, visto que essa segunda seria composta pelos membros realmente ativos desta classe, de modo que esses teriam menos tempo para: “[...] formar ilusões e ideias sobre si próprios”⁵⁹¹.

Neste capítulo, nos interessa analisar essa primeira parte acerca do “trabalho espiritual” expresso na classe dominante, ou seja, os seus referidos “ideólogos ativos”.

No primeiro capítulo, contextualizamos brevemente as origens e a consolidação do neoliberalismo, quando este deixou de ser apenas uma teoria para se tornar a ideologia da classe dominante no capitalismo a partir da década de 1980. Todavia, até aqui nos concentramos apenas em reconstituir historicamente a materialidade do processo, isto é, no sentido de expor como a ideologia neoliberal foi adotada como plano de governo, enquanto política de Estado, no período de sua ascensão e como esta se relaciona diretamente com o regime de acumulação flexível do modo de produção capitalista. Não analisamos, portanto, a sua dimensão teórica propriamente dita.

Assim sendo, a análise será realizada nesse sentido a partir de agora. Dentre os ideólogos ativos do neoliberalismo, privilegiamos a concepção do citado autor Friedrich Hayek, uma vez que este foi um dos principais e mais influentes teóricos desta ideologia.

Em *Os fundamentos da Liberdade*, obra publicada em 1960, Hayek formulou sua concepção acerca do que seria a sociedade. De acordo com este autor, as formas mais avançadas do social, as quais ele denominava como “civilização”, resultariam de um processo evolutivo espontâneo, conduzido por normas de conduta cujas quais melhor se adaptassem a este processo. Estas por sua vez, seriam produzidas pela tradição, transmitidas entre os homens de uma geração para outra, sem que esses tivessem consciência a esse respeito: “Nossos hábitos e habilidades, nossas atitudes emocionais nossos implementos e nossas instituições são, neste sentido, adaptações à experiência passada que evoluíram pela eliminação seletiva da conduta menos adequada”⁵⁹².

Todavia, de acordo com Hayek, ainda que este processo em certa medida tenha sido produzido pela ação dos homens, isso não implicaria dizer que a civilização tenha sido o

590 Ibidem. p. 47-48.

591 Ibidem. p. 47-48.

592 HAYEK, Friedrich. **Os fundamentos da liberdade**. [S.I.: s.n], [recurso digital], 2014. p. 50.

produto de um projeto humano criado por sua mente⁵⁹³, uma vez que isto implicaria partir do pressuposto de que a civilização poderia ser reduzida à razão, e esta última, na concepção hayekiana, seria limitada, ao ponto de não só não ser capaz de compreender a complexidade do processo civilizatório e o seu caráter espontâneo, como também seria um produto deste processo:

A idéia de que o homem constrói conscientemente sua civilização provém de um intelectualismo errado, que considera a razão humana algo externo à natureza, com conhecimento e capacidade de raciocínio independentes da experiência. Mas a evolução da mente humana faz parte da evolução da civilização; é o nível de civilização em dado momento que determina a dimensão e as possibilidades dos objetivos e valores humanos. A mente nunca pode prever seu próprio avanço⁵⁹⁴.

Dentre as normas de conduta mais aptas, as mais importantes para a concepção hayekiana seriam as normas morais, uma vez que estas não só não seriam incompatíveis, mas vistas como condicionantes da existência da liberdade individual: “Por mais paradoxal que possa parecer, provavelmente, uma sociedade livre e bem-sucedida sempre será, em grande parte, uma sociedade ligada às tradições”⁵⁹⁵.

A liberdade individual, por seu turno, é compreendida como fundamental para que o espontâneo ocorra e conduza a evolução das sociedades: “A liberdade é essencial para que o imprevisível exista [...]”⁵⁹⁶.

Nesse sentido, Hayek se opunha radicalmente à tradição que ele considerava como racionalista⁵⁹⁷ do pensamento, visto que esta, ao não considerar os limites da razão humana, acabaria realizando uma coerção, impedindo assim que essa evolução espontânea conduzida pela liberdade individual ocorresse: “Não seria injusto afirmar que o enfoque racionalista, nesse caso, se opõe a quase tudo aquilo que é produto específico da liberdade e justifica o valor da liberdade”⁵⁹⁸. O autor chegaria ao ponto de comparar sua concepção anti-racionalista ao cristianismo, haja vista que ambos conceberiam o homem como “falível e pecador”⁵⁹⁹.

593 Ibidem. p. 47.

594 Ibidem. p. 48.

595 Ibidem. p. 94.

596 Ibidem. p. 54.

597 A esse respeito, cabe pontuar que Hayek não defende uma abdicação da razão, de modo que sua postura anti-racionalista: “[...] não deve ser confundida com irracionalismo e nem com qualquer apelo ao misticismo”. Ibidem. p. 104.

598 Ibidem. p. 94.

599 Ibidem. p. 93.

Deste modo, se todas as concepções acerca da sociedade que tivessem como pressuposto epistemológico o racionalismo seriam vistas como coercitivas para a concepção hayekiana, o mesmo valeria para as esferas que formam o social.

Com relação à esfera política, este autor se opunha a todas as sociedades que ele compreendia como sendo politicamente projetadas⁶⁰⁰, inclusive a Democracia Liberal. De acordo com a politóloga Wendy Brown, ao contrário de outros neoliberais que reduzem a democracia ao liberalismo⁶⁰¹, Hayek enxergava ambos como contraditórios, de modo que o único princípio compartilhado por eles seria o da igualdade perante a lei⁶⁰²: “O liberalismo, diz ele, está preocupado com ‘limitar os poderes coercitivos de todo o governo’, enquanto a democracia limita o governo apenas de acordo com a opinião da maioria”⁶⁰³. Ao passo que os dois teriam opostos radicalmente diferentes: “O oposto da democracia é o autoritarismo, poder político concentrado, mas não necessariamente ilimitado. O oposto do liberalismo é o totalitarismo, controle total de todos os aspectos da vida”⁶⁰⁴. Seguindo esta lógica, o liberalismo seria compatível com o autoritarismo, enquanto que a democracia com o totalitarismo:

[...] o totalitarismo pode ser engendrado e administrado por maiorias democráticas. Se tanto a democracia totalitária quanto o liberalismo autoritário são possibilidades lógicas e até mesmo históricas, torna-se razoável para Hayek unir-se aos seus companheiros neoliberais no aceite da legitimidade do autoritarismo na transição para o liberalismo, justificando assim um Pinochet ou Bremer e os golpes ou guerras que os empossaram⁶⁰⁵.

Nesse sentido, paradoxalmente à coerção produzida pelos pensadores racionalistas e pelos seus projetos de sociedade, quando esta coerção está alinhada as mencionadas normas de conduta morais que promovem a liberdade individual, esta coerção seria justificável na concepção hayekiana: “Em alguns casos, seria necessário, para o bom funcionamento da sociedade, garantir uma uniformidade semelhante por meio da coerção, sempre que tais convenções e regras não fossem obedecidas com a frequência adequada”⁶⁰⁶.

Todavia, apesar desta suposta contradição entre democracia e liberalismo, ambos não seriam necessariamente impossíveis de coexistir. Como observou Brown, o neoliberalismo

600 Ibidem. p. 93.

601 BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019. p. 87.

602 Ibidem. p. 87.

603 Ibidem. p. 88.

604 Ibidem. p. 88.

605 Ibidem. p. 88.

606 HAYEK, Friedrich. op. cit. p. 96.

hayekiano altera o significado de democracia, de modo a reduzi-la à eleição de novos governantes por meio do voto em detrimento da noção que a concebe como forma de governo⁶⁰⁷:

A versão excepcionalmente rarefeita da democracia que o neoliberalismo tolera é assim apartada da liberdade política, da igualdade política, do compartilhamento de poder entre cidadãos, da legislação voltada para o bem comum, das culturas de participação e de qualquer noção de interesse público que vá além da proteção às liberdades e à segurança individuais⁶⁰⁸.

Essa despolarização da sociedade e do Estado promovida pelo neoliberalismo hayekiano contribuiria para deslegitimar qualquer forma de “justiça social”, classificando-a como totalitária: “Enquanto a crença na ‘justiça social’ governar a ação política, esse processo deverá se aproximar mais e mais de um sistema totalitário”⁶⁰⁹. De acordo com Brown, seria precisamente a partir daí que surgiriam noções como a “ditadura do politicamente correto”:

Assim, hoje temos um liberalismo que repudia os poderes estruturais da dominação – “se as mulheres querem ser engenheiras e os latinos querem ser filósofos, nada nem ninguém os impedirá!” – e sublinha todos os esforços para gerar ambientes equitativos e inclusivos como distorções do funcionamento espontâneo do mercado e da moral. A consistência lógica assenta-se na suposição de que o poder é limitado à coerção e que a liberdade é equivalente à ausência de lei e de seus ditames⁶¹⁰.

Um exemplo nesse sentido seria a supracitada declaração da ex-primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, um dos governos mais simbólicos do neoliberalismo enquanto ideologia dominante, que chegaria ao ponto de dizer: “Mas, o que é a sociedade? Não existe essa coisa. O que existe são homens e mulheres, indivíduos, e famílias [...]”⁶¹¹. Assim sendo:

Quando a alegação de que “a sociedade não existe” se torna senso comum, ela torna invisíveis as normas e as desigualdades sociais geradas pelos legados da escravidão, do colonialismo e do patriarcado. Isso autoriza a privação efetiva de direitos (e não apenas o sofrimento) produzida pela falta de moradia, de

607 Ibidem. p. 76.

608 BROWN, Wendy. op. cit. p. 77.

609 HAYEK, Friedrich. **Direito, legislação e liberdade**: uma nova formulação dos princípios liberais de justiça e economia política. São Paulo: Visão, 1985. p. 68. apud. BROWN, Wendy. op. cit. p. 43.

610 BROWN, Wendy. op. cit. p. 54.

611 MAGNOLI, Demétrio. ‘Essa coisa de sociedade não existe’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>> Acesso em: 10 dez. 2021.

assistência médica e de educação. E permite ataques em nome da liberdade ao que quer que tenha sobrado do tecido social⁶¹².

Em contrapartida, Brown observa que a única forma de justiça válida para Hayek seria aquela atrelada ao mercado e à moral, uma vez que esta estaria preocupada exclusivamente com as já mencionadas normas de conduta, independentemente dos resultados⁶¹³: “A justiça se refere apenas a princípios corretos, aplicados universalmente, e não a condições ou ao estado das coisas”⁶¹⁴.

Assim sendo, de acordo com a supracitada autora, Hayek justificou a desigualdade social, vista por ele como essencial para a evolução da “civilização”: “A verdadeira justiça exige que as regras do jogo sejam conhecidas e aplicadas universalmente, mas todo jogo tem vencedores e perdedores, e a civilização não pode evoluir sem deixar para trás os efeitos da fraqueza e do fracasso, bem como o acaso”⁶¹⁵.

Diante dos pressupostos aqui demonstrados, ao colocar as normas morais e a liberdade individual – esta, expressada no mercado – como as normas de conduta mais importantes de uma sociedade “civilizada” e “livre”, Hayek criou uma justificativa que impede qualquer contestação ao *status quo* de uma sociedade cuja qual o neoliberalismo se torne a ideologia dominante:

Portanto, não temos outra escolha senão a submissão a normas cuja lógica freqüentemente não conhecemos; e devemos proceder assim conscientes ou não de que algo importante depende de sua observância no caso específico. As normas da moral são instrumentais no sentido de que contribuem principalmente para a realização de outros valores humanos; entretanto, como raramente podemos saber qual o resultado de sua observância em cada caso particular, seu cumprimento deve ser considerado um valor em si, uma espécie de fim intermediário que devemos perseguir sem questionar sua razão de ser em cada caso concreto⁶¹⁶.

Precisamente por isso, uma outra esfera da sociedade criticada por Hayek seria a ciência. Isso não se daria somente pelo caráter comum das ciências naturais, humanas e sociais em ter como um dos seus objetivos explicar a realidade em toda a sua complexidade, contrariando assim o anti-racionalismo da concepção hayekiana tal como a demonstramos aqui, mas também

612 BROWN, Wendy. op. cit. p. 55.

613 Ibidem. p. 45.

614 HAYEK, Friedrich. 1985. p. 31-36. apud. BROWN, Wendy. op. cit. p. 45.

615 BROWN, Wendy. op. cit. p. 47.

616 HAYEK, Friedrich. 2014. p. 101.

por conta da associação da ciência com as universidades e, em última instância, ao Estado: “Concentrar o planejamento e a orientação de toda a pesquisa nas mãos de um senado composto dos mais famosos cientistas e estudiosos é quase tão desaconselhável quanto centralizá-los nas mãos de autoridades menos ligadas à área”⁶¹⁷.

Ainda com relação a crítica de Hayek à ciência, este autor chamou a atenção para a questão da interferência externa que esta última sofreria, motivada por interesses políticos e/ou econômicos. Nesse sentido, no que diz respeito às ciências humanas e sociais, o autor argumentou que a “necessidade de vigilância” seria maior, visto que nesse caso, essas ciências estariam mais suscetíveis a essas interferências:

Embora a primeira grande investida em nome da planificação da ciência, feita sob forte influência marxista, na década de 30, tenha sido repelida com sucesso e os debates aos quais deu motivo hajam levado a uma ampla conscientização da importância da liberdade neste campo, parece provável que as tentativas de “organizar” o esforço científico e orientá-lo visando a certos objetivos voltem a aparecer sob outras formas⁶¹⁸.

Assim sendo, Hayek defendia o individualismo na pesquisa científica uma vez que isso a aproximaria da liberdade individual e do espontâneo, ambos essenciais para a evolução da “civilização” e do conhecimento na sua concepção: “[...] conforme ficou provado [...] a pesquisa tem sido fruto, em proporção muito maior do que se costuma pensar, de esforços individuais, freqüentemente a partir de um interesse amadorístico, ou de pessoas que foram levadas a realizá-la por acaso”⁶¹⁹. Este autor chegaria ao ponto de identificar uma suposta superioridade do cientista “europeu” em detrimento do “americano”:

[...] é possível que o maior individualismo do cientista europeu (em parte, pelo fato de o europeu estar menos acostumado a uma maciça ajuda econômica e, portanto, não depender tanto dela) o coloque em uma posição de vantagem em relação ao cientista americano, na esfera mais original da pesquisa pura⁶²⁰.

Deste modo, ainda que Hayek não fosse propriamente um “negacionista” da ciência, sua produção teórica deu base para um modo específico de anticientificismo⁶²¹ – o que inclui o negacionismo, portanto.

617 Ibidem. p. 466.

618 Ibidem. p. 468-469.

619 Ibidem. p. 469.

620 Ibidem. p. 469.

621 VARGAS, Neide César. op. cit. p. 10.

Nesse sentido, se o capitalismo em sua forma neoliberal seria “*o fim da história*” conforme apontou Fukuyama, se tornando assim o estágio mais evoluído da “civilização”; Evolução essa conduzida pelas normas de condutas mais aptas, sendo estas, incontestáveis de acordo com Hayek; Ao se tornar a ideologia da classe dominante e ao mesmo tempo atingir a hegemonia após o fim da Guerra Fria, o neoliberalismo contribuí assim para inviabilizar a História enquanto uma ciência: 1) seja porque esta possui como finalidade estudar as ações humanas ao longo do tempo – sendo algo impossível para os limites da razão humana de acordo com o referido autor; 2) seja por conta de uma das suas principais características enquanto conhecimento, isto é, a de desconstruir concepções vistas como naturais – o que contraria radicalmente a evolução espontânea e incontestável das normas de condutas mais aptas hayekianas; 3) seja também por este ser um conhecimento produzido socialmente, geralmente em universidades vinculadas ao Estado – o que para o autor em questão seria uma forma de coerção, em última instância, de totalitarismo, contrariando a liberdade individual.

Ainda referente a esta incompatibilidade entre ideologia neoliberal e História, cabe uma observação no que diz respeito à crítica realizada por Hayek ao que ele compreendia como tradição racionalista do pensamento. De acordo com a lógica empregada em sua concepção, autores de tradições teóricas e epistemológicas diferentes podem ser todos generalizados como sendo “racionalistas”. Nesse sentido, no que diz respeito a historiografia não seria diferente, de modo que, mesmo as correntes historiográficas estruturalistas por exemplo, poderiam ser classificadas como racionalistas de acordo com esta concepção pois, ainda que os estruturalistas tenham como pressuposto epistemológico a materialidade concreta, ao teorizarem a partir do material, fazem uso da razão com a pretensão de compreender e explicar a totalidade do social em toda a sua complexidade. Deste modo, o materialismo histórico ou o estruturalismo braudeliano, para citar apenas dois exemplos, poderiam ser vistos como racionalistas.

Ao naturalizar as normas de condutas mais aptas, o neoliberalismo enquanto ideologia dominante confere para si uma suposta neutralidade, de modo que qualquer concepção que o contrarie seja classificada como “ideológica”, o que inviabiliza não somente a História, mas qualquer forma de conhecimento, uma vez que sabidamente não existe conhecimento neutro, visto que todo conhecimento é produzido em sociedade e esta é composta por classes⁶²² com interesses dos mais diversos.

622 Por “classe” não me refiro – especificamente neste momento – necessariamente ao sentido teórico-conceitual formulado pelo Materialismo Histórico, mas antes em um sentido genérico, mais consensual, isto é, as variadas tradições das ciências humanas e sociais concordam que as sociedades não são homogêneas.

Somado a isso, ao desqualificar a produção científica nas universidades por estas estarem vinculadas ao Estado, de modo a favorecer o “individualismo” na produção do conhecimento, o neoliberalismo condiciona a noção de que uma “opinião” do senso comum seja uma alternativa válida em oposição à ciência.

Assim sendo, a ideologia neoliberal não só se opõe a pressupostos epistemológicos da História e de outras ciências, como dá base para uma forma específica de negacionismo científico que faz jus ao que essa ideologia defende. Eis, portanto, no que se refere propriamente à História, o que chamamos de negacionismo histórico neoliberal. Logo, a hipótese formulada neste capítulo, se faz válida.

Todavia, até aqui analisamos somente o aspecto ideológico desta forma de negacionismo. Como foi demonstrado ao longo da seção anterior deste trabalho, uma das principais características dos negacionistas da história, é a de que estes, mais do que distorcerem o passado para favorecer posições políticas e ideológicas do tempo presente como fazem os revisionistas, criam antes uma teoria falsificada (uma teoria da conspiração) acerca da realidade, de modo que a partir dessa teoria, favorecem suas posições, sendo este o seu fio condutor. Nesse sentido, não analisamos ainda um dos produtos desta forma específica de negacionismo histórico: a teoria da conspiração conhecida como “marxismo cultural”.

3.5. Marxismo Cultural: uma teoria da conspiração da ideologia dominante?

O marxismo cultural foi produzido e reproduzido de diversas formas e em contextos diferentes ao longo de sua história, não necessariamente sendo assim chamado em suas apropriações. Em sua forma mais básica e genérica, esta teoria da conspiração afirma que há uma conspiração marxista a nível mundial de dominação acerca da cultura da “civilização ocidental” com o objetivo de corrompê-la com as ideias marxistas para que o comunismo seja possível sem a necessidade de uma revolução. A esse respeito, observou a economista Neide César Vargas:

Instrumento útil para combater inimigos políticos de esquerda, a cosmovisão do ‘marxismo cultural’ passou a ser utilizada no mundo com diferentes ênfases e misturas, num *self service* de ideias que pode apresentar elementos de Marx, Lenin, Gramsci, autores da Escola de Frankfurt, autores pós-modernos e outros, todos eles classificados como marxistas⁶²³.

623 VARGAS, Neide César. op. cit. p. 7.

Não cabe dentro dos limites deste trabalho analisar todas essas formas, todavia, cabe pontuá-las para fins de contextualização e para compreendermos a especificidade de sua forma que aqui nos interessa, a que compreendemos como uma apropriação do neoliberalismo.

Segundo a filósofa Iná Camargo Costa, a origem dessa teoria da conspiração teria se dado através da obra *Mein Kampf*, publicada em 1925, produzida pelo líder nazista Adolf Hitler: “A certidão de nascimento do marxismo cultural foi [...] lavrada por Hitler neste livro lamentável e já na base da contradição. O livro é uma declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima que seria o bolchevismo”⁶²⁴. Segundo a autora, esta obra seria uma: “declaração de guerra ao marxismo e à sua expressão cultural máxima que seria o bolchevismo”⁶²⁵.

Uma das tantas apropriações desta teoria da conspiração se daria no Brasil, a princípio no final da Ditadura Militar. De acordo com o historiador Michel Goulart da Silva (2020), uma das primeiras obras a chamar a atenção para uma suposta conspiração marxista acerca da cultura brasileira teria sido *Ocidente traído*, publicada em 1980, produzida pelo colaborador da Escola Superior de Guerra e do Ministério da Educação, Jorge Boaventura, que teria feito “[...] uma longa análise sobre as mudanças táticas que vinham ocorrendo no debate realizado pelos comunistas, em especial a partir da influência do eurocomunismo, se referindo, por exemplo, a ‘planejada e pertinaz infiltração’ nos veículos de comunicação”⁶²⁶ (grifo nosso).

Nesse mesmo período seria produzida de forma clandestina a obra *Brasil: nunca mais*, capitaneada por Dom Paulo Evaristo Arns e que denunciava os crimes dos militares ao longo da ditadura, vindo a ser publicada somente em 1985, último ano do regime. Esta obra provocaria reações dentro do Exército brasileiro, de modo que poucos anos depois, seriam publicados *Brasil sempre*, em 1987, e *Orvil*, concluído em 1988, mas que só viria a público de fato em 2000, mantido em sigilo pelos militares por 19 anos⁶²⁷.

Em ambos os casos, mais do que uma reação ao livro de Arns, já se notavam elementos do marxismo cultural. De acordo com Silva, em *Brasil sempre*: “[...] aparece a ideia de

624 COSTA, Iná Camargo. op. cit. p. 16.

625 Ibidem. p. 16.

626 SILVA, Michel Goulart da. Reflexões sobre o “Marxismo Cultural”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 3, p. 77-82, 2020. p. 79.

627 ROCHA, João Cezar de Castro. op. cit. p. 246.

‘doutrinar’, entendida como ‘*incutir, na mente das massas*, os princípios da ideologia marxista, como se fosse a solução para todos os problemas do mundo’⁶²⁸ (grifos nossos).

Por seu turno, em *Orvil*, segundo João de Castro Rocha:

[...] em boa medida, a estrutura conspiratória do *cultural marxism* já se encontra no *Orvil*. Isto é: em lugar de tudo arriscar num golpe de força para a tomada do poder através da luta armada, a esquerda mudou de estratégia, passando a valorizar um lento trabalho de infiltração para seduzir corações e mentes, assim como se dedicou ao aparelhamento do espaço público, com ênfase nas áreas de educação e entretenimento⁶²⁹.

Todavia, a despeito dessas formas do marxismo cultural produzidas ao longo do século XX em contextos históricos diferentes, geralmente se atribuí a origem dessa teoria da conspiração tal como a conhecemos a partir da década de 1990 nos Estados Unidos. Segundo Costa: “Seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema-direita estadunidense”⁶³⁰.

Foi a partir desse contexto histórico que a expressão em questão passaria a ser utilizada e em seu sentido mais conhecido nos dias atuais, isto é, defendendo a tese de que essa suposta conspiração marxista acerca da cultura teria sido produzida pela Escola de Frankfurt com o objetivo de corromper a cultura ocidental com as chamadas questões indenitárias, como o feminismo, a luta antirracista, os direitos LGBTQIA+ e questões de outras naturezas, como o ambientalismo por exemplo⁶³¹. Para tal, os marxistas da cultura teriam se infiltrado nos meios de comunicação e nas universidades para doutrinar a população: “Os adeptos do marxismo cultural são acusados de ensinar sexo e homossexualismo às crianças, promover a destruição da família, controlar os meios de comunicação [...] esvaziar as igrejas e promover o consumo de bebidas”⁶³².

No contexto estadunidense essa teoria da conspiração foi apresentada através do artigo *The New Dark Age. The Frankfurt School and ‘Political Correctness*, escrito por Michael Minnicino, publicado em 1992 na revista *Fidelio*, vinculada ao *think tank Schiller Institute*. Por sua vez, esta organização está atrelada ao autor de teorias da conspiração de extrema-direita, Lyndon LaRouche Jr.: “O artigo consolidava o pensamento de LaRoche naquela altura,

628 GIORDANI, Marco Pollo. **Brasil**: sempre. Porto Alegre: Tchê!, 1986. p. 141. apud. SILVA, Michel Goulart da. op. cit. p. 79.

629 ROCHA, João Cezar de Castro. op. cit. p. 333.

630 COSTA, Iná Camargo. op. cit. p. 37-38.

631 Ibidem. p. 40.

632 Ibidem. p. 40.

repetindo a ideia da Escola de Frankfurt como destruidora da cultura judaico-cristã e defensora de uma nova era de barbarismo cultural”⁶³³.

Conforme observaram Costa e Vargas⁶³⁴, esta acusação sobre os frankfurtianos se daria pelo fato de os seus principais autores terem imigrado para os Estados Unidos nos anos 1930:

[...] a instituição precursora do marxismo cultural foi a Escola de Frankfurt pelas seguintes razões: imigrou para os Estados Unidos em sua fuga ao nazismo, é constituída por judeus, combinou as teorias dos judeus Marx e Freud e, sobretudo, promoveu a arte moderna (combatida pelos nazistas, como já vimos), contaminando o espírito da contracultura dos anos de 1960. Em suma, a Escola de Frankfurt seria uma instituição de fachada do comunismo⁶³⁵.

Feita esta breve contextualização acerca dos usos desta teoria da conspiração ao longo de sua história, nos concentramos agora na sua forma que interessa analisar neste trabalho, o marxismo cultural como produto do neoliberalismo. A apropriação da mencionada teoria conspiratória pelos neoliberais se deu também na década de 1990, entretanto, isso ocorreu no contexto brasileiro com as publicações dos livros do mencionado escritor Olavo de Carvalho, que viria a ser conhecido duas décadas depois como um dos principais teóricos das direitas no país.

A despeito de Carvalho não se considerar um neoliberal, sua trajetória e a concepção apresentada em suas obras se aproxima do neoliberalismo ideologicamente, tendo sido apropriada e defendida pelos neoliberais no Brasil a partir do século XXI, conforme demonstramos nos capítulos anteriores.

Ao contrário do contexto estadunidense, onde os principais alvos dos opositores do marxismo cultural foram os teóricos da Escola de Frankfurt, no Brasil a ênfase dos ataques recaiu sobre o filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, sobretudo por conta das anotações que este autor produziu enquanto esteve no cárcere fascista entre 1926 e 1934, que resultariam na obra póstuma *Cadernos do cárcere*, organizada e publicada pelo Partido Comunista Italiano entre 1947 e 1951⁶³⁶.

Entre as obras de Carvalho dedicadas a discutir o marxismo cultural, destacam-se as já mencionadas: *A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci* (1994), *O*

633 VARGAS, Neide César. op. cit. p. 5.

634 Ibidem. p. 5.

635 COSTA, Iná Camargo. op. cit. p. 38.

636 DIAS, Edmundo Fernandes. Sobre a leitura dos textos gramscianos. In: DIAS, Edmundo Fernandes et al. **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 108-109.

jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil (1995), *O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras* (1996). De acordo com o autor: “Cada um dos três livros pode ser compreendido sem os outros dois. O que não se pode é, por um só deles, captar o fundo do pensamento que orienta a trilogia inteira”⁶³⁷.

Neste trabalho selecionamos a primeira dessas obras para analisar, com o objetivo de demonstrar de que modo este autor se apropriou da concepção de Gramsci, bem como a relação da teoria da conspiração produzida por Olavo de Carvalho com a ideologia neoliberal.

Em diálogo com Perry Anderson, a socióloga Ana Rodrigues Cavalcanti Alves aponta que Gramsci estaria situado na tradição do marxismo ocidental. Esta tradição teria como problema central: “[...] responder por que a revolução proletária não aconteceu no Ocidente e quais as condições que favoreceram a eclosão de uma revolução na Rússia”⁶³⁸.

De acordo com o filósofo Carlos Nelson Coutinho, Gramsci respondeu a este problema por meio da chamada “teoria ampliada do Estado”. De acordo com essa teoria:

[...] esse fracasso ocorreu, supõe Gramsci, porque não se levou na devida conta a diferença estrutural que existe entre, por um lado, as formações sociais do “Oriente” (entre as quais se inclui a da Rússia czarista), caracterizadas pela debilidade da sociedade civil em contraste com o predomínio quase absoluto do Estado-coerção; e, por outro, as formações sociais do “Ocidente”, onde se dá uma relação mais equilibrada entre sociedade civil e sociedade política, ou seja, onde se realizou concretamente a “ampliação” do Estado⁶³⁹.

Ainda no que diz respeito a esta teoria, segundo Casimiro, a dita “sociedade civil” em Gramsci não pode ser vista de modo dissociado ao Estado:

[...] como nos mostra Gramsci, essas categorias são intrínsecas e, por isso, não podem ser dissociadas. Portanto, não concebemos a sociedade civil como algo que se opõe ao Estado, como se este fosse o espaço do poder político e da dominação enquanto a sociedade civil fosse o espaço da produção e da liberdade dos indivíduos – concepção muito característica de uma tradição do liberalismo. A sociedade civil e a sociedade política, para Gramsci, fundem-se na concepção de Estado ampliado ou Estado integral, em que a sociedade civil é o espaço no qual o Estado e, por sua vez, a dominação de classe, encontram seu sustentáculo fundamental⁶⁴⁰.

637 CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2016. p. 7.

638 ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 80, p. 71-96, 2010. p. 72.

639 COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 89.

640 CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. op. cit. p. 23-24.

Precisamente por isso para Gramsci, nas sociedades tidas como ocidentais, ao contrário do contexto russo, onde a revolução teria sido marcada pela “guerra de movimento” voltada diretamente para a conquista e conservação do Estado em sentido restrito, as batalhas deveriam ser travadas na mencionada sociedade civil: “[...] visando à conquista de posições e de espaços (‘guerra de posição’), da direção político-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder de Estado e para sua posterior conservação”⁶⁴¹.

Nesse sentido, ao longo dos *Cadernos*, Gramsci desenvolveu sua “*filosofia da práxis*”, que era, ao mesmo tempo, uma crítica ao “materialismo mecânico” que este autor identificava no marxismo, como no caso do teórico marxista Antonio Labriola, caracterizado por ser um materialismo que desvincularia a relação dialética entre teoria e prática, prevalecendo a determinação da estrutura (ou infraestrutura) sobre a superestrutura⁶⁴².

Em sua mencionada filosofia, este autor coloca como pressuposto a concepção de que todos os homens são filósofos, ainda que “a seu modo” e “inconscientemente”, isto é, o chamado “senso comum”, uma vez que: “[...] até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na ‘linguagem’, está contida uma determinada concepção do mundo”⁶⁴³.

Dessa forma, o autor sugeriria seguir para um segundo momento, o da “crítica” e da “consciência”, realizando o seguinte questionamento:

[...] é preferível ‘pensar’ sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, ‘participar’ de uma concepção do mundo ‘imposta’ mecanicamente [...] por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente [...] ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?⁶⁴⁴.

641 COUTINHO, Carlos Nelson. op. cit. p. 89.

642 GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. passim.

643 Ibidem. p. 93.

644 Ibidem. p. 93-94.

Fazendo jus ao materialismo histórico e à noção de luta de classes extraída dessa teoria, Gramsci identificava o proletariado no questionamento citado, isto é, como a classe que enxergava a realidade social de acordo com a ideologia dominante burguesa e que deveria elaborar a sua própria concepção de mundo. Nesse sentido, o autor elaborou o conceito de hegemonia, sintetizado pelo sociólogo Edmundo Fernandes Dias como:

A capacidade que uma classe fundamental (subalterna ou dominante) tenha de construir sua hegemonia, decorre da sua possibilidade de elaborar sua visão de mundo própria, autônoma. Esse processo de ‘construção da hegemonia’, que ocorre no cotidiano antagônico das classes, decorre da sua capacidade de elaborar sua visão de mundo autônoma e da centralidade das classes. Essa centralidade, tomada como ‘síntese de múltiplas determinações’, e não como um a priori lógico, como um ‘efeito da estrutura’, é determinante no exercício da hegemonia. Diferenciar-se, contrapor-se como visão de mundo às demais classes, afirmar-se como projeto para si e para a sociedade; ser direção das classes subalternas e dominadas na construção de uma nova forma civilizatória⁶⁴⁵.

Justamente por compreender que o proletariado não chegaria a sua concepção crítica e consciente de modo espontâneo⁶⁴⁶, a hegemonia deveria ser construída. Nesse sentido, Gramsci via como necessária a organização dessa classe social através da criação de uma elite de intelectuais:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “para si” sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica⁶⁴⁷.

Essa organização deveria prescindir também da criação de um partido, compreendido por Gramsci como o “moderno príncipe” em referência à Maquiavel. Todavia, este príncipe não poderia ser um indivíduo concreto, mas um organismo, um “elemento complexo da sociedade”:

645 DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: Edmundo Fernandes et al. op. cit. p. 10.

646 ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. op. cit. p. 76.

647 GRAMSCI, Antonio. op. cit. p. 104.

“no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais”⁶⁴⁸.

Entretanto, conforme observou Alves, embora o partido para Gramsci seja a expressão de uma única classe social, ele também deve exercer uma função de equilíbrio entre os interesses de sua classe e das demais: “ampliando a sua base social e fazendo com que o seu desenvolvimento se processe com o consentimento e o apoio dos grupos aliados, e até mesmo de grupos antagônicos”⁶⁴⁹.

Segundo esta autora, precisamente por isso, ao contrário do que se possa supor, a hegemonia não deve ser compreendida como sinônimo de mera “subordinação” à classe hegemônica, uma vez que: “[...] ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida”⁶⁵⁰.

Todavia, a despeito desse equilíbrio de interesses, a questão estrutural da luta de classes continuaria inegociável, contrariando assim, aqueles que reduziram Gramsci como teórico marxista da cultura ou da superestrutura: “Trata-se da transformação das condições de existência das classes subalternas. Esta reforma intelectual e moral deve, necessariamente, estar ligada a um programa de reforma econômica [...]”⁶⁵¹.

Após esta síntese acerca da concepção gramsciana, vejamos agora como Olavo de Carvalho se apropriou da mesma em *A nova era e a revolução cultural*. Este autor inicia a dita obra afirmando que o Brasil passava por uma “profunda crise de inteligência” por, supostamente, ter um contato superficial com a tradição filosófica ocidental, privilegiando as chamadas “ideologias”.

Em outras palavras, de acordo com esse autor, a partir do século XIX a filosofia teria deixado de ser concebida como atividade intelectual essencialmente individual para dar lugar as denominadas “retóricas coletivistas”, de modo que o dito autor classificou o período em questão como sendo o “século das ideologias”⁶⁵². Nesse sentido, o país teria entrado “no curso

648 GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 16.

649 ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. op. cit. p. 77.

650 Ibidem. p. 78.

651 DIAS, Edmundo Fernandes. op. cit. p. 10.

652 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 54.

espiritual do mundo” precisamente nesse período: “[...] recebemos maciçamente o impacto das novas ideologias, antes de termos podido vivenciar a tradição filosófica que as antecedeu”⁶⁵³.

Esta crise de inteligência, segundo ele, teria se agravado durante a ditadura militar. Isso supostamente teria se dado porque, após as esquerdas terem perdido na chamada luta armada, estas últimas teriam aderido aos “ensinamentos” de Gramsci, a quem o autor descreveu como o “o profeta da imbecilidade”⁶⁵⁴ – eis aqui um dos primeiros aspectos “metodológicos” empreendidos por Olavo de Carvalho em sua apropriação acerca da concepção gramsciana: a “crítica” intelectual vira sinônimo de ataque pessoal, as ideias do marxista italiano ficam em segundo plano. No entanto, este “método” não se trata de uma novidade para os leitores deste trabalho, trata-se antes de algo típico da concepção olavista. Aliás, conforme demonstramos, não se trata de um método propriamente dito, mas de uma técnica, a citada “desqualificação nulificadora” da “retórica do ódio”, isto é, a “estigmatização que converte o outro numa mera caricatura”⁶⁵⁵.

De acordo com o autor em questão, quando Gramsci produziu seus escritos no cárcere fascista, este “[...] estava particularmente impressionado com a violência das guerras que o governo revolucionário da Rússia tivera de empreender para submeter ao comunismo as massas recalcitrantes, apegadas aos valores e praxes de uma velha cultura”⁶⁵⁶. Os russos, um povo “arraigadamente religioso e conservador” segundo Olavo de Carvalho, teriam resistido a tal ponto quando os soviéticos estiveram no poder, que a chamada “ditadura do proletariado” teria ameaçado eternizar-se “barrando o caminho a toda evolução futura do comunismo [...]”⁶⁵⁷.

Nesse sentido, para “contornar” essa dificuldade, o marxista italiano teria elaborado sua concepção de hegemonia, “interpretada” por Olavo de Carvalho como “o domínio psicológico sobre a multidão”:

O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular – aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma *longa repetição* torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da

653 Qualquer semelhança com a defesa da “civilização ocidental” dos filmes-documentários da Brasil Paralelo, não são mera coincidência. Ibidem. p. 54.

654 Ibidem. p. 52.

655 ROCHA, João de Castro. op. cit. p. 161.

656 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 45.

657 Ibidem. p. 45.

crítica. [...] O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo⁶⁵⁸ (grifo nosso).

Como se pode notar, o autor mudou radicalmente o significado do conceito de hegemonia reduzindo-o a uma forma de lavagem cerebral.⁶⁵⁹ Esta última teria como objetivo: “Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem como membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão [...]”⁶⁶⁰.

Essa mudança de significado não se trata de uma “interpretação” equivocada a respeito da concepção gramsciana, mas de uma falsificação consciente a respeito da mesma⁶⁶¹ pois, tal como a citação já aqui exposta de Vidal-Naquet: “Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade”⁶⁶², ou seja, teríamos que partir do pressuposto de que o autor em questão estava fazendo uma apropriação intelectual honesta a respeito do pensamento de Gramsci quando escreveu a obra em análise.

Todavia, ao “criticar” as ideias gramscianas, Olavo de Carvalho até as menciona pelo nome original, mas o conteúdo das mesmas se altera, ao passo que não se demonstra por meio de citação direta ou indireta onde o marxista italiano supostamente teria afirmado ou dado a entender o que o autor em questão o acusa de ter “planejado”. Trata-se, portanto, de uma falsificação a respeito da *filosofia da práxis*, em última instância, se trata de teoria da conspiração em sentido negacionista.

Ainda no que concerne à citação em análise, quando o autor em questão se refere aos “[...] automatismos mentais adquiridos que uma *longa repetição* torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica [...]”⁶⁶³, o mesmo não se refere à concepção gramsciana, mas da sua própria concepção. Segundo observou João de Castro Rocha, a reiteração é uma técnica elementar de manipulação⁶⁶⁴, e esta é um dos marcos do olavismo, conforme o exemplo a seguir evidencia:

658 Ibidem. p. 46.

659 Não se trata de exagero, este termo é utilizado pelo autor para caracterizar o conceito de hegemonia e a concepção gramsciana em mais de um momento da obra em questão. Acessar as páginas 49, 51, 66, 74.

660 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 45.

661 Tal como Moraes caracterizou o conceito de negacionismo histórico. MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. passim.

662 VIDAL-NAQUET, Pierre. op. cit. p. 11.

663 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 46.

664 ROCHA, João de Castro. op. cit. p. 83.

demonstrando nos últimos tempos pelos irmãos que delatam irmãos, pelas esposas que delatam maridos, é índice de uma nova moralidade, inspirada em valores gramscianos”⁶⁶⁸.

Vejamos a seguir como esse negacionismo se deu a respeito de outros elementos da *filosofia da práxis*. No que diz respeito aos pressupostos formulados por Gramsci de que para a hegemonia ser construída, esta deveria ser organizada através de intelectuais e do partido político, Olavo de Carvalho os reduz a uma mera propaganda política marxista, onde o “fim” (a revolução) seria justificado pelos meios (a lavagem cerebral realizada pelos intelectuais e pelo partido): Os intelectuais desempenham por isso, na estratégia gramsciana, um papel de relevo. Mas isto não quer dizer que suas idéias sejam importantes em si mesmas, pois, para Gramsci, a única importância de uma idéia reside no reforço que ela dá, ou tira, à marcha da revolução⁶⁶⁹.

Com relação à noção gramsciana de que todos os homens seriam filósofos, uma vez que na linguagem estaria contida uma determinada concepção de mundo e que estes deveriam elaborar de forma autônoma, crítica e consciente sua concepção⁶⁷⁰, Olavo de Carvalho a distorce da seguinte forma:

O conceito gramsciano de intelectual funda-se exclusivamente na sociologia das profissões e, por isto, é bem elástico: há lugar nele para os contadores, os meirinhos, os funcionários dos correios, os locutores esportivos e o pessoal do show business. Toda essa gente ajuda a elaborar e difundir a ideologia de classe, e, como elaborar e difundir a ideologia de classe é a única tarefa intelectual que existe, uma *vedette* que sacuda as banhas num espetáculo de protesto pode ser bem mais intelectual do que um filósofo [...] ⁶⁷¹ (grifo nosso).

Ou seja, aqueles que sofreram da lavagem cerebral teriam, de modo consciente ou inconsciente, passado a se infiltrar nos meios de comunicação e em instituições estatais para fazer propaganda política marxista. Para além desse método intelectualmente desonesto de utilizar um determinado termo lhe atribuindo um significado completamente diferente de seu sentido original, nesse trecho ficam expostas outras duas características bastante presentes do “método” olavista, o uso de metáforas sexuais para descrever conceitos gramscianos com o objetivo de deslegitima-los. A esse respeito, observou o historiador Lincoln Secco: “‘sedução’, ‘estupro’, ‘sacudir as banhas’ (sic), ‘sacanagem’, ‘suruba ideológica’, ‘etapa orgiástica’,

668 Ibidem. p. 64.

669 Ibidem. p 46.

670 GRAMSCI, Antonio. 1999. p. 93-94.

671 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 47.

‘Antônio-só-a-cabecinha-Gramsci’ e ‘penetração camuflada’. Para ele, Gramsci estaria para a sedução como Lênin para o estupro”⁶⁷².

Outra falsificação a respeito da concepção gramsciana e de seu conceito de hegemonia realizado por Olavo de Carvalho, se dá quando este último retira a história da epistemologia da *filosofia da práxis* e reduz o conceito em questão a uma forma de dominação que visaria não somente derrotar a ideologia burguesa, mas: “[...] extirpar, junto com ela, todos os valores e princípios herdados de civilizações anteriores, que ela de algum modo incorporou e que se encontram hoje no fundo do senso comum”⁶⁷³.

Em suma, para o autor em questão, a supracitada estratégia adotada pelas esquerdas teria sido tão efetiva, que estas teriam se tornado hegemônicas na cultura da sociedade brasileira, de modo que o país na década de 1990, quando esse autor escreveu a obra em análise, já estava marchando para uma revolução comunista: “Sim, o Brasil está inequivocamente entrando numa atmosfera de revolução comunista”⁶⁷⁴.

Ao tentar explicar como isso teria sido possível, o autor se contradiz. A princípio Olavo de Carvalho afirmaria que: “O número dos adeptos conscientes e declarados do gramscismo é *pequeno*, mas isto não impede que ele seja dominante”⁶⁷⁵ (grifo nosso), pois o “gramscismo” não seria um partido político que necessitasse de militantes inscritos e eleitores fiéis, mas: “[...] um conjunto de atitudes mentais, que pode estar presente em quem jamais ouviu falar de Antonio Gramsci, e que coloca o indivíduo numa posição tal perante o mundo que ele passa a colaborar com a estratégia gramsciana mesmo sem ter disto a menor consciência”⁶⁷⁶.

Todavia, posteriormente o mesmo autor afirmaria que haveriam:

[...] *milhares de intelectuais* – no sentido gramsciano – em setores distintos da vida pública, pode ser facilmente dirigida para onde o deseja a revolução gramsciana, não sendo necessário para isto nem mesmo um oculto Comitê Central de super-cérebros a comandar o conjunto da operação. Basta que uma cumplicidade inicial se estabeleça entre certos grupos, para que, sobretudo na ausência de qualquer confronto crítico com outras correntes, o gramscismo avance como sobre trilhos azeitados, na estrada que leva à conquista da hegemonia. Ele já penetrou fundo, por esse caminho, na mentalidade brasileira⁶⁷⁷.

672 SECCO, Lincoln. Gramscismo: uma ideologia da extrema-direita. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 8 mai. 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismouma-ideologia-da-extrema-direita/>> Acesso em: 28 set. 2021.

673 CARVALHO, Olavo de. op. cit. p. 49.

674 Ibidem. p. 16.

675 Ibidem. p. 59.

676 Ibidem. p. 59.

677 Ibidem. p. 62.

Por fim, de acordo com o autor em questão, na sociedade brasileira o “moderno príncipe” gramsciano seria representado sobretudo pelo Partido dos Trabalhadores (PT):

[...] o PT mostrou sua vocação, para mim surpreendente, de partido manipulador e golpista, capaz de conduzir o país às vias fraudulentas da “revolução passiva” gramsciana, usando para isso dos meios mais covardes e ilícitos – a espionagem política, a chantagem psicológica, a prostituição da cultura, o boicote a medidas saneadoras, a agitação histórica que apela aos sentimentos mais baixos da população [...]”⁶⁷⁸.

Esta análise de como Olavo de Carvalho se apropriou de Gramsci, reitera o que afirmou João de Castro Rocha: “[...] pouco importa se Olavo de Carvalho deslê ou se sequer leu a sério a obra de Gramsci, pois, para reconstruir seu sistema de crenças, o mais importante é sublinhar a óbvia fixação com termos e técnicas associados à noção de lavagem cerebral”⁶⁷⁹.

Também vai ao encontro do que Moraes analisou sobre os negacionistas, isto é, não são suas “pesquisas”/”interpretações” que orientam os seus trabalhos, mas as suas teorias da conspiração⁶⁸⁰.

Tendo sido exposta a apropriação feita por Olavo de Carvalho acerca da concepção gramsciana, vejamos agora a relação do marxismo cultural olavista com a ideologia neoliberal. Para além dos ataques às instituições públicas e do anticomunismo já expostos, há pelo menos outros dois elementos desta ideologia nesta teoria da conspiração.

O primeiro desses elementos seria a crítica à noção de “ideologia” que o supracitado autor associa às filosofias modernas que teriam surgido com o iluminismo⁶⁸¹ – não se restringindo, portanto, aos filósofos marxistas.

Estas seriam, segundo o autor, “filosofias da decadência” por supostamente deixarem de compreender o mundo para apenas transformá-lo: “Filosofias que recuam da especulação teórica para a proposição de ações práticas são filosofias da decadência [...] os homens já não conseguem compreender o mundo e passam a agitar-se para escapar de um mundo incompreensível”⁶⁸². Neste ponto, há uma convergência entre marxismo cultural olavista e a

678 Ibidem. p. 18.

679 ROCHA, João de Castro. op. cit. p. 84.

680 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 3.

681 CARVALHO, Olavo de. p. 10.

682 Ibidem. p. 54.

noção de “fim da história” do neoliberalismo, onde a mudança do *status quo* capitalista, herdeiro da “civilização ocidental”, seria visto como algo impossível ou indesejável.

Todavia, a crítica à noção de ideologia não se restringe apenas a essa questão. Conforme aqui exposto no início da análise acerca de *A nova era e a revolução cultural*, Olavo de Carvalho criticou essas filosofias “ideológicas” por estas desconsiderarem o suposto aspecto “essencialmente individual” da atividade intelectual. Nesse sentido, de acordo com o autor: “[...] somente o pensamento do indivíduo como tal pode ter validade objetiva, pois não há verdade senão para a consciência reflexiva, que só existe no indivíduo”⁶⁸³. Esta afirmação seria uma resposta ao pressuposto “preconceituoso” de que:

[...] não se pode criticar uma ideologia senão em nome de uma outra ideologia, dentre as reconhecidas no catálogo do momento. Esse pressuposto, por sua vez, funda-se num preconceito meio historicista, meio sociologista, segundo o qual todo pensamento individual é apenas “expressão” de algum anseio coletivo, e deve a este sua validade.⁶⁸⁴

Portanto, na crítica às ideologias em defesa de um pensamento puramente individual, em última instância, Olavo de Carvalho vai ao encontro de um dos principais aspectos mencionados do neoliberalismo enquanto ideologia dominante: o de conferir para si uma suposta neutralidade e universalidade, naturalizando sua própria concepção como algo a-histórico – que sabidamente é impossível do ponto de vista epistemológico das ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, ao defender um conhecimento não-ideológico, o autor também faz jus ao negacionismo histórico, uma vez que toda ação humana – e um conhecimento também seria uma ação desta natureza – é produzida social e historicamente, todo conhecimento diz respeito a uma estrutura social e histórica específica, reproduzindo quer queira quer não, as ideologias presentes nessa estrutura.

Um outro elemento do marxismo cultural olavista que converge com o neoliberalismo seria o conservadorismo. Além da defesa de uma moral e dos bons costumes supostamente cristãos implícitos nesta e em outras produções do autor, na capa da obra em questão, há uma gravura produzida por William Blake em 1825, onde estariam representados os demônios bíblicos Behemoth e Leviatã. De acordo com Olavo de Carvalho, a seleção desta gravura não se deu por acaso, mas para defender a “vida espiritual interior”: “Furtando-se ao combate

683 Ibidem. p. 73.

684 Ibidem. p. 73.

espiritual que o amedronta, mas que poderia vencer com a ajuda de Jesus Cristo, o homem se entrega a perigos de ordem material no cenário sangrento da História”⁶⁸⁵.

A despeito de parecer contraditória, essa convergência é coerente com a concepção hayekiana de neoliberalismo pois, conforme já aqui demonstrado: “Por mais paradoxal que possa parecer, provavelmente, uma sociedade livre e bem-sucedida sempre será, em grande parte, uma sociedade ligada às tradições”⁶⁸⁶.

Portanto, esta é a forma do marxismo cultural apropriada pela ideologia dominante neoliberal. Trata-se de um negacionismo histórico específico do neoliberalismo. Específico porque a despeito de terem havido elementos desta teoria da conspiração em outros contextos históricos, a especificidade aqui analisada surgiu quando o neoliberalismo se consolidou como ideologia hegemônica ao redor do mundo e vai ao encontro das ideias e valores defendidos pela mesma conforme foi aqui exposto.

685 Ibidem. p. 10.

686 HAYEK, Friedrich. op. cit. 94.

CAPÍTULO 4.

NEGACIONISMO OU REVISIONISMO? 1964 – O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS.

Nos capítulos anteriores apresentamos parcialmente o objeto de estudos deste trabalho, isto é, o *think tank* Brasil Paralelo e o negacionismo histórico neoliberal. Verificamos, entre outras coisas, que esta forma específica de negacionismo se apropriou, a seu modo, da teoria da conspiração do marxismo cultural.

Nesse sentido, o atual capítulo analisa uma das produções da Brasil Paralelo, o filme-documentário *1964 – O Brasil entre armas e livros*, com o objetivo de verificar de modo mais aprofundado as constatações expostas anteriormente.

Após o lançamento dessa produção, as análises na historiografia e na imprensa ficaram divididas entre classifica-la como revisionista ou negacionista. Essa dicotomia de interpretações não se deu por acaso, como veremos mais adiante.

Conforme já sustentamos, as produções da Brasil Paralelo são negacionistas. Tendo a fonte em questão como objeto de análise, demonstraremos porquê o são.

4.1. 1964: Memórias em disputa sob à luz da Guerra Cultural Olavista.

1964 – O Brasil entre armas e livros veio a público no dia 31 de março de 2019. Sua pré-estreia ocorreu em salas de cinema da rede *Cinemark* em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Curitiba⁶⁸⁷. No dia 2 de abril a produção foi publicada no canal da Brasil Paralelo no *YouTube*. Essas datas são bastante simbólicas uma vez que remetem a data do fato que o filme narra, o golpe civil-militar de 1964. Também é simbólico a produtora ter optado por publicar o documentário em seu canal somente um dia após o primeiro de abril, popularmente conhecido como dia da mentira.

Tamanho seria este simbolismo em torno da data do golpe, que na pré-estreia do filme em questão, ocorreram manifestações favoráveis e contrárias a ditadura militar pelas ruas de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, em virtude do aniversário de 55 anos deste fato. É bem verdade que essas manifestações também foram impulsionadas após as declarações do presidente Jair Messias Bolsonaro, notadamente conhecido por sua apologia ao golpe e ao

687 GENESTRERI, Guilherme. Filme pró-golpe militar foi exibido por erro, informa Cinemark. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/filme-pro-golpe-militar-foi-exibido-por-erro-informa-cinemark.shtml>> Acesso em: 1 jan. 2022.

torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, que no dia 25 daquele mês, por meio de seu então porta-voz da Presidência da República, Otávio Rêgo Barros, determinou que o Ministério da Defesa realizasse comemorações relativas ao 31 de março de 1964⁶⁸⁸.

De acordo com a reportagem realizada pelos jornalistas Rodrigo Borges Delfim, Nicola Pamplona e José Marques da *Folha de S. Paulo*, as maiores manifestações foram aquelas contrárias a ditadura, marcadas por recordar à memória das pessoas que foram assassinadas e tiveram seus corpos desaparecidos no período militar, bem como críticas direcionadas ao presidente Bolsonaro. Em São Paulo as manifestações ocorreram no Parque do Ibirapuera e na Avenida Paulista. No Rio, na Cinelândia. Ao final do ato na Paulista, houve um confronto entre os manifestantes favoráveis e contrários ao golpe em frente ao prédio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp): “[...] resultando em trocas de insultos e em agressões. No confronto, que envolveu cerca de 50 pessoas, foram usados como armas cabos de madeira e até uma pistola ‘taser’, de eletrochoque”⁶⁸⁹ (grifo nosso).

Figura 4 – Manifestantes pró e contra golpe entram em confronto na Paulista.



Fonte: Jardiel Carvalho do Folhapress (2019).

Fatos e processos históricos traumáticos como golpes políticos e ditaduras não são objetos pertencentes exclusivamente à História e as demais ciências humanas e sociais, mas também ao campo da Memória. Esta última, por seu turno, trata-se, dentre outras coisas, de um

688 ALESSI, Gil. Bolsonaro escancara cadáver insepulto da ditadura com celebração do golpe. *El País*, São Paulo, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/26/politica/1553609505_570456.html> Acesso em: 14 jan. 2022.

689 DELFIM, Rodrigo Borges; PAMPLONA, Nicola; MARQUES, José. Golpe de 1964 é alvo de atos pelo país; Paulista tem confusão com grupos rivais. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/golpe-de-1964-e-alvode-atos-pelo-pais-paulista-tem-confusao-com-grupos-rivais.shtml>> Acesso em: 15 jan. 2022.

campo de estudos e de um conceito complexo, escapando dos limites e objetivos deste trabalho sua abordagem de forma aprofundada. No entanto, para os fins desta seção, se faz pertinente ressaltar alguns aspectos deste conceito.

História e Memória são formas de conhecimento de natureza distinta que recorrentemente são tradados como sinônimos no senso comum. Enquanto a primeira, em conformidade com o que demonstramos no capítulo anterior, se trata de uma ciência, quando nos referimos a segunda, conforme analisou a historiadora Márcia Maria Menéndez Motta: “[...] devemos levar em conta que ela constrói uma linha reta com o passado, alimentando-se de lembranças vagas, contraditórias, sem nenhuma crítica às fontes que – em tese – embasariam esta mesma memória”⁶⁹⁰. Deste modo, a Memória só se explicaria pelo presente:

pode-se afirmar que é deste presente que ela recebe incentivos para se consagrar enquanto um conjunto de lembranças de determinado grupo. São assim, os apelos do presente que nos explicam porquê a memória retira do passado apenas alguns dos elementos que possam lhe dar uma forma ordenada e sem contradições⁶⁹¹.

Nesse sentido, essa autora vai ao encontro do historiador Pierre Nora em sua análise, para quem a Memória é um fenômeno sempre atual, enquanto a História, caracterizada por representar o passado:

A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. *A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada*⁶⁹² (grifo nosso).

Apesar desse caráter anticientífico por natureza que a Memória carrega, esta não deve ser vista como sinônimo de mentira, tampouco com os conceitos já aqui analisados de revisionismo e negacionismo histórico: “Se dissermos que estas retiram do passado alguns fatos e escolhe-os para responder às demandas do presente, isso significa afirmar que elas não são

690 MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. **Revista Cadernos do CEOM**, v. 16, n. 17, p. 179-200, 2003. p. 182.

691 Ibidem. p. 182.

692 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993. p. 9.

meras fantasias. São vividas lembranças, comemoradas como tais, guardam um elo [...] com os tempos de outrora”⁶⁹³.

O caráter múltiplo da Memória assinalado por Nora implica dizer que há várias memórias. Na historiografia, tradicionalmente se distinguem dois tipos, a individual e a coletiva. A primeira, como o nome sugere, diz respeito a memória do indivíduo. Por sua vez, a segunda se refere a memória de um determinado grupo social “assegurando coesão e solidariedade aos seus componentes”⁶⁹⁴. Esta última também possui a multiplicidade como pressuposto, segundo observou o sociólogo Michael Pollak: “Observou-se a existência numa sociedade de memórias coletivas tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade”⁶⁹⁵.

Em diálogo com este sociólogo, Márcia Motta aponta que há pelo menos cinco elementos que constituem a Memória:

a) os acontecimentos vividos pessoalmente; b) os vividos ‘por tabela’, ou seja, as possibilidades abertas pelo fenômeno de projeção ou de identificação tão forte com um passado, que pessoas que não o viveram se sentem co-participantes e sujeitos deste mesmo passado; c) o fato de que a memória é constituída por personagens; d) os lugares da memória, onde são realizados os atos de rememoração/comemoração⁶⁹⁶.

De acordo com esta historiadora, o quinto e talvez o mais importante desses elementos seria a construção da identidade. Esta última “se reproduz em referência e mesmo em oposição a outros grupos”⁶⁹⁷. Nesse sentido, as memórias coletivas se tratam de um fenômeno socialmente construído: “Isso também nos permite afirmar que a memória e a identidade ‘são valores disputados em conflitos sociais’”⁶⁹⁸.

Nesta construção social em disputa não se constroem somente lembranças, mas, de modo intrínseco, esquecimentos também o são. Segundo o historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, a priori, essa indissociabilidade se dá uma vez que sem o esquecimento, a memória

693 MOTTA, Márcia Maria Menéndez. op. cit. p. 193.

694 Ibidem. p. 184.

695 POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio Estudos Históricos de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 11-12.

696 MOTTA, Márcia Maria Menéndez. op. cit. p. 185.

697 Ibidem. p. 185.

698 POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio Históricos de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 204. apud. MOTTA, Márcia Maria Menéndez. op. cit. p. 185.

humana é impossível⁶⁹⁹. Entretanto, Márcia Motta ressalta que quando falamos de grupos sociais: “*devemos estar cientes de que existem projetos de esquecimentos, coisas e fatos não devem ser lembrados*, sob pena de ser ameaçada a unidade do grupo, questionada sua identidade, fragilizando e/ou colocando em questão o interesse comum”⁷⁰⁰ (grifo nosso). A este esquecimento socialmente construído pela memória coletiva, esses historiadores denominam como “amnésia social”.

Como se sabe, o Brasil não foi o único país da América Latina a sofrer um golpe militar na segunda metade do século XX. Nesse período, ocorreria o mesmo em países como Paraguai (1954-1989), Bolívia (1964-1982), Argentina (1966-1973; 1976-1983), Peru (1968-1980), Uruguai (1973-1985), Chile (1973-1990), também culminando em ditaduras. No entanto, ao contrário dos casos argentino, uruguaio e chileno, onde houveram, cada um ao seu modo, efetivamente políticas de reparo contra os crimes cometidos pelo Estado nos seus respectivos contextos, de tal maneira que no primeiro caso por exemplo, mais de 200 militares e civis foram condenados pelos crimes cometidos durante o período ditatorial⁷⁰¹. No caso brasileiro, entretanto, a Lei da Anistia sancionada em 1979⁷⁰², também conhecida como “lei do esquecimento”⁷⁰³ – haja vista que na prática perdoou os crimes cometidos pelos militares e os seus cúmplices, bem como os atos daqueles que resistiram à esses crimes – continua sendo a tônica das nossas (poucas) políticas de reparo referentes ao período militar⁷⁰⁴.

Este esquecimento contribuiu para impregnar no senso comum de boa parte da sociedade brasileira teses revisionistas como a da chamada “ditabranda”, sugerindo que os crimes da nossa ditadura “não haviam sido tudo isso” – como se a perseguição política, a censura, a prisão arbitrária, a tortura, o assassinato e o desaparecimento das vítimas fossem passíveis de relativização –. Sintomático desta amnésia social foi a publicação do editorial de

699 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992. p. 16.

700 MOTTA, Márcia Maria Menéndez. op. cit. p. 186.

701 MARTINS, Andréia. Argentina é modelo na hora de punir crimes da ditadura, diz analista. **UOL**, São Paulo, 15 nov. 2011. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/11/13/crimes-na-ditadura-argentina-e-modelo-na-regiao-paraguai-tenta-superar-fracasso-da-comissao-da-verdade.htm>> Acesso em: 14 jan. 2022.

702 BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 6.683 de 28 de agosto de 1979**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6683.htm> Acesso em: 14 jan. 2022.

703 POTTER, Hyury. A Lei da Anistia e o esquecimento dos crimes da ditadura. **DW Brasil**, São Paulo, 17 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-lei-da-anistia-e-o-esquecimento-dos-crimes-da-ditadura-militar/a-45082182>> Acesso em: 14 jan. 2022.

704 HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (coord.). **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro, FGV, 2007, p. 32-36.

um dos jornais de maior circulação no país, a *Folha de S. Paulo*, intitulado *Limites a Chávez*, que para criticar o governo do então presidente da Venezuela, Hugo Chávez, se prestou ao papel de elogiar a ditadura militar brasileira⁷⁰⁵.

À época este editorial foi bastante criticado pela academia⁷⁰⁶ e por outros jornais⁷⁰⁷. Em resposta às críticas, o então diretor de redação da Folha, Otavio Frias Filho, “admitiria” que errou, mas, ao “admitir”, apenas reforçaria a tese da ditabranda: “Do ponto de vista histórico, porém, é um fato que a ditadura militar brasileira, com toda a sua truculência, foi menos repressiva que as congêneres argentina, uruguaia e chilena -ou que a ditadura cubana, de esquerda”⁷⁰⁸.

Esses embates implicam dizer que a despeito deste esquecimento socialmente construído, a memória referente à ditadura militar brasileira não era e continua não sendo uma “memória compartilhada”⁷⁰⁹, estando antes no terreno das disputas políticas do tempo presente.

Tais disputas se acirrariam nos governos Dilma (2011-2016). Tão logo foi eleita, em seu primeiro ano de mandato, foi sancionada a Lei 12.528 que criou a Comissão Nacional da Verdade (CNV). Esta teve como finalidade investigar os crimes contra os direitos humanos no Brasil entre 1946 e 1988⁷¹⁰, mesmo que sem poder de punição aos criminosos, em virtude de a Lei da Anistia ainda vigorar no país.

Apesar disso, as Forças Armadas reagiram de forma negativa à CNV. Conforme observou a historiadora Luciana Quillet Heymann, os militares: “redigiram um documento, divulgado pela mídia, no qual afirmavam que a instalação da Comissão abria uma ‘ferida na amálgama nacional’ e provoca tensões ‘ao trazer fatos superados à nova discussão’”⁷¹¹. Não

705 LIMITES a Chávez. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1702200901.htm>> Acesso em: 14. jan. 2022.

706 TOLEDO, Caio Navarro de. Crônica política sobre um documento contra a "ditabranda". **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, p. 209-217, 2009; FOLHA reage a críticas e ofende Fábio Konder Comparato e Maria Victoria Benevides. **Migalhas**, Ribeirão Preto, 10 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/79770/folha-reage-a-criticas-e-ofende-fabio-konder-comparato-e-maria-victoria-benevides>> Acesso em: 14 jan. 2022.

707 RECORD TV. **O escândalo da “ditabranda”**. São Paulo: [s. n.], 1 abr. 2009. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Record TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMyFnhV9_vA> Acesso em: 14 jan. 2022; SAKAMOTO, Leonardo. A “Ditabranda” Militar (1964-1985). **UOL**, São Paulo, 22 fev. 2009. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2009/02/22/o-bizarro-caso-da-ditabranda/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

708 FRIAS, Otavio. Folha avalia que errou, mas reitera críticas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200907.htm>> Acesso em: 15 jan. 2022

709 PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. op. cit. p. 865.

710 COMISSÃO Nacional da Verdade. A CNV. **Comissão Nacional da Verdade**, [S.I.], [2014?]. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>> Acesso em: 14 jan. 2022.

711 HEYMANN, Luciana Quillet; ARRUTI, José Maurício. Memória e reconhecimento: notas sobre as disputas contemporâneas pela gestão da memória na França e no Brasil. In: MONTEIRO, Ana Maria et al. **Qual o valor da história hoje?** Editora FGV, 2012. p. 11.

por acaso, no ano seguinte o já aqui citado *Orvil*, que desde o ano 2000 circulava na internet, ganharia uma versão impressa com apresentação escrita pelo torturador Brilhante Ustra.⁷¹²

Esse acirramento, cujo qual o historiador Mateus Henrique de Faria Pereira denominou como “guerras de memória”⁷¹³, se acentuaria após a conjuntura de polarização política provocada pelas jornadas de junho de 2013. As disputas políticas que marcaram este contexto, em conformidade com o que foi observado no primeiro capítulo deste trabalho, foram decisivas – ainda que não exclusivas – para o golpe de 2016 e para a eleição de Bolsonaro em 2018. Em seu voto pelo *impeachment* da então presidente Dilma, o à época deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC) homenageou o supracitado torturador:

Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo. *Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff*. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim⁷¹⁴ (grifo nosso).

É de conhecimento público que Ustra torturou, entre outras pessoas⁷¹⁵, a ex-presidente Dilma, quando esta resistiu na luta armada contra a ditadura no início da década de 1970⁷¹⁶. Dois anos depois da declaração de Bolsonaro, seu filho Eduardo postou em sua conta no *Facebook* um texto homenageando o coronel⁷¹⁷, seguido de uma foto em que aparece vestindo uma camiseta com o rosto deste torturador e a frase “Ustra vive” estampados:

712 ROCHA, João de Castro. op. cit. p. 247.

713 PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. op. cit. passim.

714 ESTADÃO. **Bolsonaro exalta Ustra na votação do *impeachment* em 2016**. São Paulo: [s. n.], 8 ago. 2019. 1 vídeo (48 seg). Publicado pelo canal Estadão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>> Acesso em: 14 jan. 2022.

715 Dentre elas, os pais dos professores Edson Luís de Almeida Teles, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e Janaína de Almeida Teles, que ministra a disciplina História do Brasil na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Os dois foram sequestrados pela Operação Bandeirante (Oban) e assistiram, quando tinham 4 e 5 anos respectivamente, os pais serem torturados no Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) em São Paulo: EDSON e Janaina Teles. **Memórias da Ditadura**, Brasília, [ca. 2014]. Disponível em: <<https://memoriasdeditadura.org.br/biografias-da-resistencia/edson-e-janaina-teles/>> Acesso em: 4 jan. 2021.

716 GOMES, Nilma Lino. Golpe disfarçado de impeachment: uma articulação escusa contra as mulheres. In: RUBIM, Linda Silva Oliveira; ARGOLO, Fernanda. **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Edufba, 2018. p. 157; CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. “Sobre as mulheres, um silêncio que gritava”: duas décadas da primeira obra historiográfica sobre mulheres e Ditadura Militar no Brasil, entrevista com a professora Dra. Ana Maria Colling. **Em Tempo de Histórias**, Distrito Federal, n. 38, p. 213-224, jan./jun. 2021. p. 223.

717 BOLSONARO, Eduardo. **USTRA VIVE**, [S.I.], 8 mai. 2018. Facebook: @bolsonaro.enb. Disponível em: <<https://www.facebook.com/bolsonaro.enb/photos/ustra-vivequando-jair-messias-bolsonaro-votou-no-impeachment-de-dilma-citando-o-870070519852240/>> Acesso em: 4 jan. 2021.

Figura 5 – Eduardo Bolsonaro presta homenagem à torturador da ditadura militar.



Fonte: Perfil de Eduardo Bolsonaro no *Facebook* (2018).

Diante desse cenário, ao ser publicado no aniversário de 55 anos do golpe, a repercussão acerca do filme-documentário *1964 – O Brasil entre armas e livros* fez coro à guerra de memórias relativas à ditadura, mas também à guerra cultural olavista, gerando forte tensão entre esquerdas e direitas. Apesar de a Brasil Paralelo negar que a sua produção seja pró-golpe e à ditadura, se tratando de um produto que visa esclarecer os mal entendidos a respeito do tema, sendo este supostamente neutro, em prol da “verdade histórica”⁷¹⁸, o fato desta produção ser a sétima do *think tank*, que desde 2017 vinha publicando filmes conservadores e anticientíficos a respeito da história do país, fez com que historiadores, jornalistas e o público em geral esperasse um filme apologético ao período antes mesmo deste ser lançado – expectativa essa que, como veremos, se confirmou no longa-metragem.

Não por acaso, para além dos produtores e entrevistados nesta produção, no dia de sua pré-estreia no *Cinemark* do *shopping* Eldorado em São Paulo, estiveram presentes outros representantes das novas direitas, como os *youtubers* Nando Moura e Italo Lorenzon, do hoje extinto canal Terça Livre. Este segundo, quando perguntado sobre a importância do filme em questão, respondeu: “É para você esfregar na cara do seu professor maconheiro, né? É basicamente isso. É basicamente você pegar um filme e dizer olha: tá aqui meu querido, já tem uma narrativa a respeito”⁷¹⁹.

718 BRASIL PARALELO. **Entrevista com Jornalista da Folha de São Paulo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 6 fev. 2019. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/p265bGtPv-4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

719 **1964 Filme COMPLETO para assistir AGORA!** [S.I.]: Nando Moura, 16 mar. 2020. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal Nando Moura Clássicos. Disponível em: <<https://youtu.be/d4aM1Vu3nYc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

Segundo presenciou Zanini, antes da exibição do filme, com a sala já lotada, seu produtor, Henrique Zingano, chegaria a louvar o escritor Olavo de Carvalho, a quem classificou como o “maior produtor de ‘red pills’ do Brasil”. A referência é a uma cena do filme *Matrix* (1999), em que uma pílula vermelha é oferecida ao personagem Neo para despertar nele o conhecimento sobre os duros fatos do mundo real”⁷²⁰ (grifos nossos).

Tamanha foi a repercussão gerada pelo longa, que os setores à esquerda realizaram duras críticas ao *Cinemark* nas redes sociais, em virtude deste último ter concordado em alugar as suas salas de cinema para a exibição desta produção. Em resposta através de sua conta no *Twitter*, a empresa negou saber o teor do filme:

Por padrão, não autorizamos em nossos complexos a divulgação de mídia partidária tampouco eventos de cunho político. Um erro de procedimento em função do desconhecimento prévio do tema do evento de domingo passado acabou permitindo equivocadamente a realização do mesmo⁷²¹.

É no mínimo curioso o *Cinemark* negar conhecer o tema do longa, haja vista que como destacamos no segundo capítulo deste trabalho, a Brasil Paralelo já havia exibido uma de suas produções em salas dessa rede em 2017 na cidade de Porto Alegre⁷²². De qualquer modo, com a pressão popular, a exibição de *1964 – O Brasil entre armas e livros* que também estava prevista para ser exibida no Rio de Janeiro, foi cancelada nesta cidade. Fato este que fez com que a rede de cinemas fosse também criticada pelas direitas sob a acusação de ter realizado “censura”, mesmo após a própria ter alegado que o motivo havia sido um problema técnico nos arquivos digitais do filme, ao passo que a *hashtag* #BoicoteCinemark se tornaria o principal assunto no *Twitter* no dia 1 de abril de 2019.⁷²³

Além do *Cinemark* e do canal da Brasil Paralelo no *YouTube*, este filme também foi exibido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no dia 2 de abril daquele ano. Sua exibição foi organizada pelos grupelhos neoliberais Instituto Tropeiros (2016) e União dos Estudantes Livres. Como esperado, a exibição sofreu resistência pelos estudantes de esquerda que vaiaram

720 ZANINI, Fábio. Exibição de filme sobre golpe 1964 tem tumulto na Paraíba. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 abr. 2019c. Disponível em: <<https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2019/04/02/exibicao-de-documentario-com-visao-da-direita-sobre-golpe-de-1964-causa-embate-nas-redes/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

721 CINEMARK. COMUNICADO. [S.I.], 1 abr. 2019. 13:16. *Twitter*: @cinemarkoficial. Disponível em: <<https://twitter.com/cinemarkoficial/status/1112750544106471425>> Acesso em: 15 jan. 2022.

722 PAULO, Diego Martins Doria. op. cit. p. 104.

723 ZANINI, Fábio. op. cit.

o longa do início ao fim⁷²⁴. Fato semelhante ocorreu na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde a Polícia Militar chegou a ser chamada⁷²⁵. Cogitaram reproduzir o longa nas Universidades Federais da Bahia (UFBA), da Grande Dourados (UFGD), do Maranhão (UFMA), Rural de Pernambuco (UFRPE), e na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), mas nesses casos a reprodução foi cancelada⁷²⁶.

Conforme já assinalado, o objeto em questão foi criticado na historiografia e na imprensa, sobretudo por conta de seu caráter apologético ao golpe e à ditadura, bem como ao seu anticientificismo. Entretanto, parcela significativa desses dois meios classificaram o supracitado filme como sendo revisionista ao invés de negacionista. A próxima seção deste capítulo esclarece porquê discordamos nesse último ponto.

4.2. Análise fílmica: o documentário como objeto.

Retomando ao que foi demonstrado neste trabalho, *1964 – O Brasil entre armas e livros* se refere à sétima produção da série *Brasil: A última cruzada* da Brasil Paralelo. Possui mais de 2 horas de duração, assistido até hoje por mais de 9 milhões de pessoas no *YouTube*. Foi produzido por Henrique Zingano, dirigido pelos sócios-fundadores Filipe Valerim e Lucas Ferrugem, roteirizado igualmente por Zingano e Ferrugem. Trata-se de um documentário que levou dois anos para ser produzido, cujo qual entrevistou 24 “especialistas” sobre a história do golpe civil-militar de 1964 e da ditadura sob o pretexto de realizar uma “revisão” acerca do período em questão. São eles: Percival Puggina (jornalista), Fernão Mesquita (jornalista), Flávio Morgenstern (*youtuber*), Hélio Beltrão (Instituto Mises Brasil), Vladimir Petrilak (escritor), Rafael Nogueira (historiador), William Waack (jornalista), Renor Filho (StB no Brasil), Petr Blazek (historiador), Luiz Felipe Pondé (filósofo), Andrej Wojtas (escritor), Leszek Pawlikowicz (historiador), Laudelino Lima (administrador do site “A verdade sufocada”), Mauro Abranches Kraenski (escritor), Olavo de Carvalho (escritor), Stetlana Ptacnikova (Arquivo de Serviço de Segurança de Praga), Alexandre Borges (Instituto Liberal),

724 Idem. Exibição de filme sobre golpe de 1964 tem tumulto na Paraíba. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2019. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/03/exibicao-de-filme-sobre-golpe-de-1964-tem-tumulto-na-paraiba/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

725 CORDEIRO, Tiago. Duplo padrão: universidades barram filme sobre a ditadura, mas liberam eventos de esquerda. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-barram-filme-ditadura-1964-liberam-eventos-esquerda/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

726 Ibidem.

Lucas Berlanza (Instituto Liberal), Silvio Grimaldo (cientista político), Thomas Giulliano (historiador), Aristóteles Drummond (jornalista), Luiz Ernani Caminha Giorgis (Instituto de História e Tradições), Luiz Philippe de Orléans e Bragança (deputado federal), Bernardo Küster (*youtuber*).

Começamos a análise discutindo a caracterização da fonte, isto é, estamos mesmo diante de um documentário? Segundo Bill Nichols, a definição de “documentário” não pode ser feita como em um verbete de dicionário, se tratando antes de um termo e um gênero do cinema com significados distintos ao longo de sua história. Sua definição, portanto, é necessariamente relativa: “Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda”⁷²⁷.

No entanto, de acordo com este crítico de cinema, ao contrário do que possa parecer, tal como muitas vezes o senso comum compreende, este gênero não é uma reprodução da realidade. Assim como a ficção, se refere a uma representação do mundo em que vivemos: “Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares”⁷²⁸.

Este autor definiu o gênero documentário sob quatro aspectos diferentes: o profissional, o institucional, o textual e o do público. Para os fins que interessam a esta seção, nos deteremos aos três últimos desses aspectos. No que tange ao segundo (institucional), o crítico de cinema afirma que por mais problemático que possa parecer, um documentário pode ser compreendido como tal se assim a produtora que o produz entender. Nesse sentido, Nichols dá o exemplo do *Discovery Channel*. Uma vez que este canal é conhecido por produzir documentários, assim são reconhecidas suas produções, antes mesmo de qualquer mediação prévia do crítico de cinema ou do público em geral: “Apesar da circularidade, essa definição funciona como um primeiro sinal de que determinada obra pode ser considerada um documentário. O contexto dá esse sinal; seria bobagem ignorá-lo, mesmo que a definição não seja exaustiva”⁷²⁹.

O terceiro aspecto diz respeito às linguagens e aos métodos tradicionalmente empregados na produção do gênero em questão. Nesse sentido, para ser compreendido desta maneira, um documentário deve obedecer a algumas dessas características, a saber:

727 NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2010. p. 47.

728 Ibidem. p. 47.

729 Ibidem. p. 50.

o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme⁷³⁰.

A utilização constante de entrevistas ficaria conhecida como *talking heads* (cabeças falantes), se tornando um dos marcos do gênero⁷³¹. Nesse sentido, precisamente a questão das vozes presentes em um documentário se faz crucial para a produção e análise desse tipo de filme. Além das citadas vozes de Deus (ou voz *over*), atribuída ao narrador da produção, e a dos entrevistados, essa fonte é constituída por outras vozes, não necessariamente expressadas verbalmente por meio de palavras, se valendo de sons e imagens, constituindo um discurso retórico cuja finalidade é persuadir o espectador a respeito daquilo que a película quer mostrar, produzindo assim, a chamada voz filmica:

O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer⁷³².

Por fim, o último aspecto que definiria um documentário nos termos do autor em questão, se refere à relação com o público, ou seja, como este último recebe a produção. Nesse sentido, a fonte para ser compreendida de modo condizente a este gênero fílmico precisa ser assim aceita pelos seus espectadores, satisfazendo as expectativas que este cria em torno da produção, no sentido desta ser fidedigna à realidade ao qual se propõe a representar, gerando o que o crítico de cinema Ismail Xavier denomina como “transparência”, isto é, como se a película fosse uma espécie de janela da realidade⁷³³ – ainda que, ao fim e ao cabo, se pressuponha que necessariamente não é esta a proposta, ou seja, um documentário, por mais semelhante à realidade que possa parecer, ainda continua sendo uma representação.

Conforme ficará claro ao longo desta seção, o documentário-objeto deste trabalho pode não ser transparente para nós historiadores e demais profissionais das humanidades, mas para o público ao qual este efetivamente se destina, a transparência é reconhecida como tal. Portanto,

730 Ibidem. p. 54.

731 Ibidem. p. 73.

732 Ibidem. p. 73.

733 REVISTA SIGNIFICAÇÃO. **A opacidade e a transparência no cinema - Ismail Xavier**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 6 jul. 2018. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Revista Significação. Disponível em: <<https://youtu.be/ZLVF94mZZnI>> Acesso em: 14 jan. 2022.

seguindo esses critérios estabelecidos por Nichols, sobretudo o pressuposto de que um documentário necessariamente não é uma reprodução da realidade – a despeito dos cineastas e do público respectivamente venderem e comprarem essa ideia – mas uma representação, não é equivocado interpretar a fonte em questão como tal, por mais problemático que isto seja.

Sem contar sua introdução, *1964 – O Brasil entre armas e livros* se divide em três partes em sua narrativa: o documentário parte da guerra fria (1) de modo a situar o golpe civil-militar e a ditadura neste contexto histórico (2). Em seu desfecho, esta produção expressa a sua versão sobre as consequências que esses fatos trouxeram para o país, sobretudo a partir do período da luta armada (3), explicitando a sua voz fílmica. Examinemos de perto cada uma delas.

Logo de início, o documentário começa com os já conhecidos ataques da Brasil Paralelo sobre os professores, as universidades e a mídia tradicional, por conta desses três elementos supostamente terem censurado esta produção em seus locais de trabalho (no caso dos professores universitários) e por realizarem críticas ao produto em questão, bem como à produtora.

Esses ataques se deram recheadas de dramaticidade e sensacionalismo nas montagens da película. Nessa introdução, há quatro vozes *over*. As três primeiras⁷³⁴, não identificadas, dão a entender que se tratam de supostos estudantes que teriam tentado exibir o filme nas suas universidades, de modo que os mesmos teriam sido censurados e estariam realizando uma espécie de denúncia ao suposto fato: “Eu me manifestei como voluntário para reproduzir esse filme na minha faculdade e eles me disseram que não era possível reproduzir esse filme porque ele não condiz com a diretriz da faculdade. [...] Me disseram que o Brasil Paralelo não ia entrar nessa faculdade”⁷³⁵. Enquanto os supostos estudantes falam, *prints screens* de notícias dos grandes jornais são exibidos com o objetivo de endossar a dita denúncia. No entanto, nenhuma delas diz respeito ao suposto fato narrado, mas sim às críticas que jornalistas fizeram sobre o filme destacando o seu caráter pró-golpe, além daquelas que noticiaram o acontecimento envolvendo a exibição do filme na rede *Cinemark*.

Em seguida, Filipe Valerim, que é, ao mesmo tempo, a principal voz *over* deste documentário, conduzindo-o do início ao fim, além de ser o “rosto” da Brasil Paralelo em suas produções, aparece, reforçando as denúncias e incentivando o público a assinar um dos planos

734 Plano-sequência: 00:05 ao 00:59. BRASIL PARALELO. **1964 – O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2 abr. 2019. 1 vídeo (207 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/yTenWQHRPIg>> Acesso em: 14 jan. 2022.

735 Ibidem.

mensais da BP para ajudar a financiar a mesma: “Esse é o porquê do Brasil Paralelo existir. [...] Nunca esqueça nós não recebemos dinheiro público. Você é quem financia esse projeto. [...] No site do Brasil Paralelo, você pode se tornar um membro assinante e ter acesso imediato a todo o conteúdo exclusivo que já produzimos”⁷³⁶.

Após as falas, a introdução é concluída com a trilha sonora de abertura⁷³⁷, o hino cristão medieval “*Da pacem domine*”, juntamente com o logo da série ao qual o documentário faz parte, em uma clara referência à monarquia, reforçando o seu caráter conservador:

Figura 6 – Logo *Brasil: A última cruzada* (1).



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

Figura 7 – Logo *Brasil: A última cruzada* (2).



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

Figura 8: Logo *Brasil: A última cruzada* (3).



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

4.3. Guerra Fria.

Na primeira parte do documentário, compreendida entre os minutos 04:46 ao 35:55, o mesmo procura contextualizar o processo histórico que teria levado ao golpe civil-militar no Brasil situando-o na conjuntura internacional da guerra fria. Para um documentário que se

736 Plano-sequência: 01:06 ao 02:13. Ibidem.

737 Plano-sequência: 03:24 ao 04: 40. Ibidem.

pretende imparcial – o que sabemos, trata-se de algo impossível –, tal imparcialidade cai por terra imediatamente. A desonestidade intelectual, nos variados sentidos que o termo carrega, compreendendo desde o revisionismo, o negacionismo à outras formas de falsificação, se faz presente sem esconder o seu cinismo. O anticomunismo aqui é escancarado, remetendo à paranoia daqueles que viveram o período em questão. Vejamos como esses elementos são mobilizados pelos produtores da película.

Apesar do documentário ter entrevistado 24 pessoas para a sua produção, algumas delas acabaram “roubando a cena”, aparecendo recorrentemente no decorrer do longa, enquanto as demais acabaram exibidas quase que despercebidas, em planos-sequências de pouquíssimos segundos. Assim foram os casos dos entrevistados Percival Puggina, William Waack, Olavo de Carvalho, Lucas Berlanza, Rafael Nogueira, Renor Filho, Thomas Giulliano e Silvio Grimaldo, em detrimento dos demais. Em sua fala inicial, Puggina se utiliza de uma retórica que nega a História enquanto forma de conhecimento válido em contraste à Memória – no caso, a dele –, sugerindo que para conhecer algum determinado processo histórico, se faz necessário ter o vivenciado. Este jornalista possui 77 anos de idade, sua fala também remete à ideia de que pessoas mais velhas possuem necessariamente uma sabedoria mais elevada – esta noção é retomada no decorrer do filme, conforme veremos adiante:

É praticamente impossível que alguém que não tenha vivido a Guerra Fria tenha condições de avaliar as condições pelas quais foram possíveis os acontecimentos no mês de março de 1964, porque o cenário mundial era completamente diferente do cenário de hoje. O ambiente social era completamente diferente, as tensões sob as quais se vivia naquele período⁷³⁸.

Em sua tentativa de retratar a polarização que marcou a Guerra Fria, o documentário “imparcial” sequer se esforça para esconder o seu posicionamento na medida em que classifica os Estados Unidos como representante dos valores cristãos do ocidente, defensores da democracia liberal e do livre mercado, em contraste à União Soviética, associada ao terror e ao totalitarismo, ambos atribuídos ao comunismo. Nesse sentido, comunismo seria necessariamente sinônimo de criminalidade e ditadura. A trilha sonora de fundo é predominantemente pesada, remetendo à tensão, o que reforça o discurso da voz *over*⁷³⁹.

Nesse momento, não bastasse a sua parcialidade um tanto apologética, aparecem os primeiros silêncios e revisionismos produzidos pelo documentário. A relação estabelecida entre

738 Plano-sequência: 04:46 ao 05:15. Ibidem.

739 Plano-sequência: 06:17 ao 06:55. Ibidem.

URSS e comunismo com terrorismo e totalitarismo, relativiza o fato dos EUA terem utilizado a bomba atômica nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, que vitimou milhares de civis que nada tinham a ver com o conflito, no final da Segunda Guerra Mundial. A relativização também se dá no que tange à dicotomia entre democracia liberal e totalitarismo, desconsiderando, entre outros fatos, como a escravidão, a segregação racial, o genocídio aos povos originários e as políticas imperialistas que marcaram a história estadunidense desde a sua independência.

Este primeiro revisionismo se efetua de forma mais explícita no plano-sequência compreendido entre os minutos 07:06 ao 07:35, quando a película, através de sua voz *over*, confere um maior protagonismo aos Estados Unidos em detrimento da União Soviética e dos demais países aliados na vitória contra os nazistas: “Os Estados Unidos da América construíram uma democracia liberal baseada na sociedade de mercado e dos valores cristãos. A maior indústria, a maior economia do mundo é também o único país a ter armas nucleares. Sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas”⁷⁴⁰.

A suposta imparcialidade vendida pelo documentário, no entanto, não se dá por acaso. Este produto é destinado não aos historiadores e aos demais públicos especializados, familiarizados, portanto, com esse debate, mas ao público leigo, o dito senso comum, onde esse tipo de noção é aceita de forma mais ingênua. Isso se reforça quando se leva em consideração que alguns dos valores defendidos por esta produção (cristianismo, democracia liberal, capitalismo), são os valores dominantes, hegemônicos nas sociedades burguesas contemporâneas. Nesse sentido, quando a película os defende, simplificando processos históricos complexos como o da Guerra Fria, esta o faz como se esses valores fossem naturais, universais, a-históricos e, no limite, inquestionáveis, tal qual a ideologia neoliberal prega, conforme analisado no capítulo anterior deste trabalho. Isto fica bem evidente por exemplo, na fala do jornalista William Waack, quando este narra o processo histórico de alinhamento de determinados países ao bloco comunista: “O comunismo na Europa só existiu onde o exército dele pisou. Não há exemplo de país comunista que tivesse escolhido ser comunista. Foram obrigados a ser comunistas pela conquista do exército vermelho”⁷⁴¹. Seu discurso é reforçado pela voz *over*, no plano-sequência seguinte:

740 Ibidem.

741 Plano-sequência: 09:42 ao 09:56. Ibidem.

O maior símbolo dessa divisão ideológica é construído. O muro de Berlim serve para impedir que os alemães fujam para o lado ocidental. A República Federal da Alemanha segue as políticas do ocidente, que adota o modelo capitalista de economia de mercado. Em contraste, a República Democrática Alemã *cai nas mãos* um regime comunista fechado. Tudo está nas mãos do governo⁷⁴² (grifo nosso).

Na segunda metade desta parte inicial do documentário, o espectador é apresentado ao tema dos serviços de inteligência secretos, como a KGB, vinculado a URSS, e aquele que é um dos “agentes históricos” apresentados na narrativa, a StB, associada à então Tchecoslováquia (hoje República Tcheca), que teria se infiltrado no Brasil no período da Guerra Fria. Tão logo esta temática é exposta, o negacionismo histórico é mobilizado pelos produtores da fonte em análise assumindo a forma de falsificação, quando estes realizam uma citação indireta ao qual atribuem à Lenin:

Lenin afirmava que a única moral que os comunistas reconhecem é aquela que serve aos próprios interesses. Essa visão permitiu que a União Soviética fizesse da mentira sua política pública número um. A mentira ganhou forma na propaganda e na tática da desinformação. A desinformação é uma mentira não contada pelo mentiroso, mas por outra fonte, uma fonte legítima em que a vítima da mentira confia. Essa tática não apenas dificulta o discernimento da realidade, mas também faz com que a mentira tenha uma vida própria, até que, repetida muitas vezes, torna-se parte da história. [...] Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a desinformação soviética é a arma secreta mais efetiva na sua batalha contra a sociedade ocidental⁷⁴³ (grifo nosso).

Bastante impactante, tal citação de fato se refere a um discurso produzido pelo intelectual russo. O mesmo se deu no dia 2 de outubro de 1920 no *III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia*, quando este revolucionário falou, entre outras coisas, sobre a moral e a ética comunista em detrimento da burguesa:

Mas existe uma moral comunista? Existe uma ética comunista? Naturalmente que sim. Apresentam-se freqüentemente as coisas de tal modo que nós não teríamos uma moral própria, e a burguesia acusa-nos freqüentemente de que nós, os comunistas, rejeitamos toda a moral. Isto é um processo de confundir os conceitos e lançar areia aos olhos dos operários e camponeses. Em que sentido rejeitamos nós a moral, rejeitamos a ética? No sentido em que a pregava a burguesia, que deduzia esta ética de mandamentos de deus. A este respeito dizemos, naturalmente, que não acreditamos em deus, e sabemos

742 Plano-sequência: 09:58 ao 10:44. Ibidem.

743 Plano-sequência: 16:20 ao 17:27. Ibidem.

muito bem que em nome de deus falava o clero, falavam os latifundiários, falava a burguesia, para fazer passar os seus interesses de exploradores. Ou então, em vez de deduzir essa moral dos mandamentos da ética, dos mandamentos de deus, deduziam-na de frases idealistas ou semi-idealistas, que sempre se reduziram também a algo de muito parecido com os mandamentos de deus. Nós rejeitamos toda essa ética, tomada de conceitos extra-humanos, fora das classes. Dizemos que isso é enganar, iludir e embrutecer a inteligência dos operários e camponeses no interesse dos latifundiários e capitalistas. Dizemos que a nossa ética está por completo subordinada aos interesses da luta de classe do proletariado⁷⁴⁴.

Como podemos ver na citação direta, o documentário produzido pela Brasil Paralelo, de modo absolutamente cínico e desonesto, distorce o discurso de Lenin, alterando todo o seu significado original. Os produtores da película acusam Lenin de fazer precisamente aquilo que eles fazem de forma recorrente em suas produções audiovisuais. Aqui, além da explícita falsificação, se reitera a universalização da ideologia neoliberal como a única aceitável.

Esta desonestidade intelectual atribuída a Brasil Paralelo, conforme está sendo aqui demonstrado, não se trata de diferença ideológica, mas de uma constatação. Em uma das falas do presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Rafael Nogueira, por exemplo, a prática descrita acima se repete, quando este “reconstitui” uma entrevista dada pelo então senador Luiz Carlos Prestes em 1946:

Ele foi entrevistado por uma jornalista e a jornalista pergunta pra ele: “Só supondo, senador, se houvesse uma guerra entre Brasil e União Soviética, de qual lado o senhor ficaria?” E ele disse: “Olha, eu ficaria do lado da União Soviética, porque a União Soviética representa a classe dos trabalhadores”. Não é já uma questão nacional, é uma questão de união de classes. Beleza, *não importa a explicação*. O que o povo entende? Numa guerra entre Brasil e União Soviética, o cara ficaria contra o Brasil⁷⁴⁵ (grifo nosso).

Vejamos agora a resposta que Prestes deu ao jornal *Tribuna Popular* no ano em questão:

Faríamos como o povo da Resistencia Francesa, o povo italiano, que se ergueram contra o Pétain e Mussolini. Combateríamos uma guerra imperialista contra a URSS e empunharíamos arma para fazer a resistência em nossa pátria contra um governo desses, retrogrado, que quizesse a volta do fascismo. Mas acreditamos que nenhum governo tentará levar o povo brasileiro contra o povo soviético, que luta pelo progresso e bem estar dos

744 LÊNIN, Vladimir Ilitch. As tarefas das Uniões da Juventude (Discurso no III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia, 2 de outubro de 1920). **Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial**, p. 2-4, 2011. p. 5.

745 Plano-sequência: 22:40 ao 23:11. BRASIL PARALELO. op. cit.

povos. Se algum governo cometesse esse crime, nós, comunistas, lutaríamos pela transformação da guerra imperialista em guerra de libertação nacional⁷⁴⁶.

Conforme fica evidente no contraste entre as citações indireta e direta, Nogueira distorce o discurso de Prestes descontextualizando-o, sugerindo que o então senador se voltaria contra os interesses nacionais, quando na verdade, este dizia exatamente o contrário, mesmo com seu apoio à URSS. Esse posicionamento favorável aos soviéticos não era contraditório se levarmos em conta a lógica argumentativa do discurso e a especificidade do contexto histórico em que este foi expressado. Neste caso, do ponto de vista do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o alinhamento com a União Soviética seria equivalente a defender os interesses nacional e de classe ao mesmo tempo. No entanto, para os “especialistas” entrevistados pela Brasil Paralelo, a complexidade de conceitos históricos como nacionalismo, imperialismo e luta de classes “não importa”.

No que se refere efetivamente à StB, esta é exposta pelo documentário como sendo um dos seus momentos mais relevantes. De acordo com o mesmo, o arquivo deste outrora serviço de inteligência secreto, teria sido aberto em 2007 na cidade de Praga na República Tcheca e seria administrado pelo Instituto para o Estudo dos Regimes Totalitários. Através de pesquisa realizada nesse arquivo, os “pesquisadores independentes” Mauro “Abranches” Kraenski e Vladimir Petriák, produziram o livro cujo qual é citado como principal fonte da película, o intitulado *1964: o elo perdido – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista* (2017).

O modo como este primeiro autor é apresentado no filme é um tanto curioso. Kraenski seria um brasileiro residente na Polônia, que teria enviado um *e-mail* para o administrador do site *A verdade sufocada*, Laudelino Lima⁷⁴⁷, relatando o seu trabalho de pesquisa que consistiu em traduzir material de infiltração tcheca no Brasil entre os anos 50 e 80. O leitor mais atento certamente percebeu que esse site⁷⁴⁸ possui o mesmo nome de um dos livros⁷⁴⁹ escritos por ninguém mais ninguém menos do que o torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra. A página funciona como uma espécie de memorial online a respeito deste ex-coronel, mantido por sua viúva, Joseita Brilhante Ustra. Segundo a jornalista Tai Nalon, em matéria publicada no site de checagem de notícias falsas *Aos Fatos*, a página que homenageia a memória do coronel também

746 LUTARIA contra o Brasil, a favor da Rússia. A Ordem, Natal, 21 mar. 1946. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/764051/per764051_1946_03084.pdf> Acesso em: 15 jan. 2022.

747 Plano-sequência: 24:07 ao 25:23. BRASIL PARALELO. op. cit.

748 USTRA, Joseita Brilhante. Home. **A verdade sufocada**, [S.I., 21--?]. Disponível em: <<https://www.averdadesufocada.com/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

749 USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **A verdade sufocada**. Brasília: Editora Ser, 2007.

integra uma cadeia organizada de republicação de conteúdo identificado com a extrema-direita, além de ser “um índice de publicações falsas ou enganosas a respeito não só do regime, mas também do governo Bolsonaro”⁷⁵⁰.

Ora, como um documentário que não só se afirma como “imparcial”, mas que rechaça veementemente quem o classifica como golpista, não só credita uma fonte que foi gerada e circulada em tais circunstâncias, como ajuda a propagar o site que homenageia o principal torturador da ditadura militar brasileira? Conforme já afirmado, a Brasil Paralelo sequer se esforça em esconder a sua posição.

No que se refere ao livro em questão propriamente dito, ao contrário do que o documentário vende, este não traz nenhuma verdade “reveladora”. O mesmo basicamente consiste em narrar supostas infiltrações realizadas pelos agentes da StB no Brasil na conjuntura do golpe e da ditadura militar. No entanto, o fato de ter havido a presença de agentes secretos ligados aos serviços de inteligência do bloco comunista no Brasil nunca foi negado pela historiografia. Inclusive, um dos casos narrados na fonte, o do diplomata tchecoslovaco Zdenek Kvita⁷⁵¹, preso pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) por espionagem em maio de 1964, já havia sido exposto pelo historiador Rodrigo Patto Sá Motta em artigo publicado em 2007, dez anos antes desta obra ter sido publicada⁷⁵². No documentário, Kraenski afirma que antes dele, a única pessoa cuja qual ele havia visto tocar neste tema, teria sido o “professor” Olavo de Carvalho⁷⁵³.

Do ponto de vista metodológico, a fragilidade deste livro é um tanto problemática, não convencendo sequer o mais leigo dos leitores. Ao ressaltar a objetividade de seu método, os autores justificam da seguinte forma:

Será, então, que os arquivos da StB em Praga mentem? *Os documentos não foram feitos para mentir.* A falta de conhecimento do contexto e situação pode nos induzir ao erro, e podemos nos tornar vítimas da própria ignorância ao interpretar os fatos das pastas. [...] Porém, *não há dúvidas quanto à sua qualidade:* estudando as pastas da StB podemos ver que havia um esforço para verificar as informações, que se buscava a verdade e que se tentava, na medida do possível, obter o conhecimento completo. Somente uma abordagem como

750 NALON, Tai. Rede de desinformação do 'Jornal da Cidade Online' irriga site de viúva de Ustra. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/rede-de-desinformacao-do-jornal-da-cidade-online-irrigasite-de-viuvadeustra/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

751 KRAENSKI, Mauro “Abranches”; PERILÁK, Vladimir. **1964: o elo perdido** – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 1. ed. Campinas-SP: Vide Editorial, 2017. p. 254.

752 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. **Locus: revista de história**, v. 13, n. 2, 2007. p. 241.

753 Plano-sequência: 25:24 ao 26:26. BRASIL PARALELO. op. cit.

esta poderia garantir a eficiência no trabalho do serviço de inteligência estrangeiro em solo brasileiro⁷⁵⁴ (grifos nossos).

Nem mesmo a historiografia oitocentista dita positivista era tão ingênua no trato com as fontes. Entretanto, o documentário endossa essa pretenciosa objetividade através da fala do jornalista polonês Andrzej Wojtas: “Em minha opinião, *este é um livro muito importante porque é primeiramente verdadeiro: somente a verdade interessa*. Graças a esse livro, qualquer tipo de mito elaborado torna-se falsificação, e não há nada melhor que o choque das imaginações com a realidade”⁷⁵⁵ (grifo nosso).

Esta exaltação em torno de *1964: o elo perdido*, todavia, não se dá por acaso. Além de utilizar da suposta “revelação” que a obra traz para atacar os historiadores, que teriam supostamente escondido a dita cuja, o objetivo no uso desta fonte é conferir plausibilidade para uma das teses revisionistas defendidas no documentário: a de que o golpe civil-militar de 1964 teria ocorrido para evitar uma revolução comunista no Brasil. Entretanto, o que esse documentário não mostra é que a sua própria fonte contraria esta hipótese, conforme veremos adiante.

4.4. 1964: Golpe ou Revolução?

Adentramos agora em um dos momentos mais controversos de *1964 – O Brasil entre armas e livros*. Essa controversa se dá sob diferentes aspectos: o das especificidades de um documentário enquanto fonte de análise e o da própria historiografia acerca do tema em questão. Nesse sentido, ao narrar o golpe de 64, o filme cita pelo menos três versões diferentes sobre este fato: 1) o golpe civil-militar; 2) a revolução de 1964; e 3) o golpe dentro do golpe. Todas elas, no entanto, seguindo a lógica à qual são expostas na película, convergem em seus fins: relativizar e defender o golpe (ou a “revolução”), uma vez que este teria se dado para impedir um outro suposto golpe iminente, o dos comunistas. Analisemos de perto cada uma delas de modo a esclarecer estas controversas.

Começemos pelas controversas envolvendo a historiografia referente ao golpe. Façamos uma pausa no documentário por um instante. O historiador Marcelo Badaró Mattos realizou um balanço destacando as principais produções historiográficas relacionadas ao tema em questão.

754 KRAENSKI, Mauro “Abranches”; PERILÁK, Vladimir. op. cit. p. 58.

755 Plano-sequência: 34:34 ao 35:49. BRASIL PARALELO. op. cit.

No balanço⁷⁵⁶, este autor buscou listar essas produções, categorizando-as em relação às décadas em que foram produzidas. Grosso modo, em sua leitura, as obras das décadas de 1970 e 1980 realizaram interpretações macro-estruturais a respeito do processo histórico que levou ao golpe, uma vez que estas teriam adotado como pressupostos fenômenos de cunho social, econômico e político, prevalecendo a múltipla causalidade nas explicações. Destacaram-se nesse sentido, os trabalhos dos historiadores Luiz Alberto Moniz Bandeira (1978) e René Armand Dreifuss (1981), que procuraram enfatizar o caráter de classe do golpe e da ditadura⁷⁵⁷. Este segundo, após vasta pesquisa referente ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e ao Instituto Brasileiro e Ação Democrática (IBAD) demonstrou: “que o golpe foi movido pela ação organizada do grande capital nacional e associado, com apoio militar e da política externa dos Estados Unidos”⁷⁵⁸.

Por outro lado, segundo Mattos, a partir da década de 1990, uma nova tendência historiográfica sobre o período emergiu. Esta tendência se baseou na memória dos militares, que prestaram depoimentos a um grupo de pesquisa do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro⁷⁵⁹. Nesse sentido, a historiografia produzida nesse período foi de encontro às produções antecedentes, desconsiderando as especificidades estruturais do capitalismo para enfatizar aspectos mais factuais dos anos anteriores e posteriores ao golpe, privilegiando as relações político-institucionais, isto é, os governos dos presidentes Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart e dos ditadores militares foram o centro dessas análises.

Deste modo, foi precisamente a partir dos anos 90 que surgiram as primeiras teses que procuraram relativizar: 1) o projeto golpista dos militares; e 2) os responsáveis pelo golpe, sugerindo que este fato teria sido uma resposta a um suposto projeto golpista das esquerdas do período.

Com base na hipótese de que haveriam dois grupos entre os militares, os da “Sorbonne” e os da chamada “linha-dura”, a politóloga Maria Celina D’Araujo sustentou a tese de que os presidentes Humberto de Alencar Castello Branco e Artur da Costa e Silva só teriam aderido ao golpe quando este já estava as vias de acontecer: “A opinião militar dominante define o golpe

756 MATTOS, Marcelo Badaró. O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. **Revista Brasileira de História**, v. 28, p. 245-263, 2008.

757 Ibidem. passim.

758 Ibidem. p. 249.

759 Ibidem. p. 248.

como um resultado de ações dispersas e isoladas, embaladas, no entanto, pelo clima de inquietação e incertezas que invadiu a corporação”⁷⁶⁰.

No que tange à segunda relativização, ficou famosa a tese defendida pela politóloga Angelina Cheibub Figueiredo, para quem, tanto os militares, como as esquerdas, por estas apoiarem as chamadas “reformas de base” de João Goulart, estavam dispostos a impor um golpe:

De fato, os grupos esquerdistas e pró-reformas buscavam essas reformas ainda que ao custo da democracia. Para obter as reformas, propunham e estavam dispostos a apoiar soluções não democráticas. Aceitavam o jogo democrático somente enquanto fosse compatível com a reforma radical. A direita, por outro lado, sempre esteve pronta a quebrar as regras democráticas, recorrendo a essas regras apenas quando lhes eram úteis para defender interesses entrincheirados. Aceitavam a democracia apenas como meio que lhes possibilitava a manutenção de privilégios. Ambos os grupos subscreviam a noção de governo democrático apenas no que servisse às suas conveniências⁷⁶¹ (grifo nosso).

A supracitada tese seria reforçada dez anos depois por Jorge Ferreira. Segundo este historiador:

O conflito político entre esquerdas e direitas tomou novos rumos. Não se tratava mais de saber se as reformas seriam ou não implementadas. A questão central era a tomada do poder e a imposição de projetos. Os partidários da direita tentariam impedir as alterações econômicas e sociais, sem preocupações de respeitar as instituições democráticas. Os grupos de esquerda exigiam as reformas, mas também sem valorizar a democracia [...]”⁷⁶² (grifo nosso).

Essa tendência historiográfica em análise não foi recebida sem resistência dentro da historiografia, sofrendo duras críticas. Além de Mattos, que as problematizou em seu citado balanço, o filósofo Caio Navarro de Toledo e os historiadores Demian Bezerra de Melo e Rejane Carolina Hoeveler foram além, classificando-as como revisionistas. Isto se deve ao fato desta tendência: 1) relativizar trabalhos como o de Dreifuss, que comprovou empiricamente a

760 D’ARAUJO, Maria Celina. In: D’ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Visões do golpe**: a memória militar sobre 1964. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p. 16. apud. MATTOS, Marcelo Badaró. op. cit. p. 249.

761 FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. **Democracia ou reformas?** Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 202. apud. MATTOS, Marcelo Badaró. op. cit. p. 250.

762 FERREIRA, Jorge. O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**. volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 35. apud. MATTOS, Marcelo Badaró. op. cit. p. 251.

existência de um projeto golpista empresarial-militar através do complexo IPES/IBAD anterior ao golpe⁷⁶³; 2) atribuir um caráter revolucionário para as reformas de base, sendo que estas não propunham nenhuma mudança estrutural ao capitalismo e à democracia liberal vigente no Brasil naquele período, mas, como o seu próprio nome sugere, *reformá-los* para torna-los menos desiguais⁷⁶⁴. Mesmo porque, conforme observou o sociólogo Marcelo Siqueira Ridenti, o PCB, à época o principal partido e organização de esquerda no país, tinha como projeto político uma “revolução burguesa” para a sociedade brasileira, por compreender que esta possuía ainda características feudais ou semif feudais⁷⁶⁵.

Esses autores também fizeram um alerta: “As interpretações da ‘falta de democracia das esquerdas’ acabaram por ser incorporadas ‘por aqueles que isentam setores significativos da sociedade civil de cumplicidade com a ditadura – e até pelos que chegam a justificá-la’, *ainda que essa não fosse a intenção daqueles estudiosos*”⁷⁶⁶ (grifo nosso).

De fato, não cabe aqui demonizar ou desacreditar esses trabalhos criticados, tampouco questionar os princípios éticos dos pesquisadores que os produziram, todos profissionais sérios em suas respectivas áreas de atuação. Entretanto, conforme ficará evidente ao longo deste capítulo, é inegável a proximidade de certos posicionamentos realizados pelos produtores do documentário em análise com as teses defendidas por alguns desses trabalhos supracitados.

Feita essa síntese de algumas tendências historiográficas a respeito do golpe civil-militar e da ditadura, vejamos agora como *1964 – O Brasil entre armas e livros*, ao realizar sua “revisão” acerca da história do período em questão, em certa medida se aproxima dessas tendências.

A partir do minuto 35:50, a fonte em análise tenta produzir uma narrativa factual a respeito da conjuntura pré-ditadura começando pelo governo JK, sobretudo no que tange à construção de Brasília. Segundo os produtores da película, o projeto de construção da atual capital do país seria um dos indícios de que o Brasil estava sendo cooptado pela esquerda

763 MELO, Demian Bezerra de. 2013. p. 63; Idem; HOEVELER, Rejane Carolina. Muito além da conspiração: Uma reavaliação crítica da obra de René Dreifuss. **Tempos Históricos**, Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 13-43, 2014. *passim*.

764 MELO, Demian Bezerra de. 2013. p. 61-67; TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, v.1, n.19, p.27-48. 2004. *passim*; FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart: entre a memória e a história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 24.

765 RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 2. ed. Editora UNESP, 2010. p. 28.

766 MATTOS, Marcelo Badaró. *op. cit.* p. 252.

comunista. O entrevistado Alexandre Borges, diretor do Instituto Liberal, vai mais além, para ele, o projeto teria sido encabeçado por... stalinistas:

Você tem esse ambiente ideológico muito polarizado, no mundo e no Brasil, e em 1955, a eleição do Juscelino Kubitschek que agrega muitos dos filhos do varguismo e da esquerda. Vai levar, inclusive, à construção de Brasília entregue ao Oscar Niemayer em um projeto muito esquerdista de poder, de tirar a política, por exemplo, do Rio de Janeiro, de tirar de perto da população e você encomenda um projeto urbanístico de esquerdistas, de *stalinistas*, para fazer uma capital totalmente de concreto, sem esquinas, com grandes avenidas, com palácios, onde os políticos podem viver numa redoma, numa ilha, distanciados da população, porque eles são esses iluminados que tem uma visão inacessível à população, população não vai entender⁷⁶⁷ (grifo nosso).

Essa teoria da conspiração é reforçada pela fala do entrevistado Olavo de Carvalho, que repetiu praticamente as mesmas falácias expressadas pelo diretor do IL, enfatizando o suposto plano comunista do arquiteto Oscar Niemayer: “A cidade foi feita pra isto, a concepção dos caras é esta, você não faz isto a não ser que você tenha um plano na cabeça. E, evidentemente, o Niemayer *tinha um plano na cabeça*”⁷⁶⁸ (grifo nosso).

Como se sabe, os planos de deslocamento da capital do Brasil para o centro do território nacional são muito anteriores ao governo JK. Após a Proclamação da República, o artigo 3º da Constituição de 1891 determinava que ficaria: “pertencendo à União, no planalto central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital federal”⁷⁶⁹. Todavia, esse anseio já aparecia em setores da sociedade brasileira desde os tempos da colônia: em 1751, por exemplo, Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, já manifestava a vontade de deslocar a capital da colônia para o interior⁷⁷⁰.

Chama a atenção o modo como este último entrevistado, a grande “estrela” do documentário, é mostrado ao longo desta produção. Olavo de Carvalho aparece à frente de uma estante cheia de livros, segurando um cachimbo, remetendo ao estereótipo que comumente se constrói a respeito da figura do intelectual. Além disso, há de se admitir que a despeito das suas falácias, o autor de livros de teoria da conspiração é um personagem carismático, de boa

767 Plano-sequência: 36:08 ao 37:00. BRASIL PARALELO. op. cit.

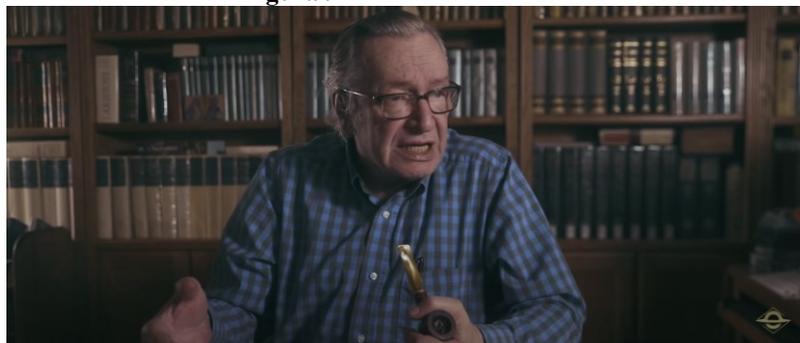
768 Plano-sequência: 37:01 ao 37:30. Ibidem.

769 BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891)**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--?]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm> Acesso em: 26 jan. 2022.

770 CINTRA, Jorge Pimentel; DA COSTA, Graciete Guerra. O mapa de Goiás de Tosi Colombina e o Mapa das Cortes. IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica, 2011, Porto. p. 5.

oratória, conseguindo ser bastante persuasivo. Deste modo, o filme consegue passar uma imagem de maior credibilidade para a narrativa em desenvolvimento:

Figura 9 – Olavo de Carvalho.



Fonte: 1964 – O Brasil entre armas e livros (2019).

Após retratar o ex-presidente Jânio Quadros como político “nem de esquerda, nem de direita”, sugerindo, no entanto, que este estaria mais à esquerda, por ter condecorado Che Guevara com a “Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul” em 1961, em um dos raros momentos onde a trilha sonora do longa foi mais amena, visando debochar da figura caricata de Jânio⁷⁷¹, o documentário finalmente aborda o governo João Goulart.

Em sua primeira menção ao ex-ministro do trabalho de Getúlio Vargas, a voz *over* do documentário ressalta: “*Apesar de não ser ligado ao pensamento marxista, João Goulart tinha ligações com outras ditaduras populistas latino americanas*”⁷⁷² (grifo nosso). Entretanto, mesmo admitindo que Goulart não era, portanto, um comunista, os entrevistados tentam a cada intervenção associá-lo à esta esquerda revolucionária, com o objetivo de dar legitimidade à tese sustentada de que haveria a possibilidade de um golpe imposto pelos comunistas naquele período. Além dos mencionados agentes secretos tchecoslovacos da StB infiltrados no Brasil, a hipótese defendida por eles se baseia nos seguintes argumentos: 1) a proximidade de Jango com os países do bloco comunista; 2) o decreto de Estado de sítio; 3) a tradição golpista do Estado brasileiro; 4) o aumento das greves em 1963; 5) o Comício da Central do Brasil; e 6) as guerrilhas – apresentadas como um fato anterior ao golpe.

O primeiro dos argumentos se deu por meio dos entrevistados Silvio Grimaldo⁷⁷³, Percival Puggina⁷⁷⁴, Renor Filho⁷⁷⁵ e Rafael Nogueira. Nas palavras deste último: “[...] a

771 Plano-sequência: 38:00 ao 42:45. BRASIL PARALELO. op. cit.

772 Plano-sequência: 42:47 ao 43:04. Ibidem.

773 Plano-sequência: 46:19 ao 46:35. Ibidem.

774 Plano-sequência: 46:36 ao 46:54. Ibidem.

775 Plano-sequência: 52:38 ao 53:15. Ibidem.

reaproximação com a União Soviética, essa aproximação com a China, era um indicativo de que a esquerda estava se reinventando e essa reinvenção não tinha nada a ver com democracia”⁷⁷⁶. Conforme afirmado no início desta análise fílmica, o anticomunismo dos envolvidos nesse documentário remete à paranoia daqueles que viveram à Guerra Fria. A política de reaproximação com os países socialistas do período em questão se deu por meio do governo Jânio Quadros, com a chamada “Política Externa Independente”, que foi aprofundada por Jango⁷⁷⁷. No entanto, tal política possuía um caráter nacionalista, visando a independência nacional nas relações diplomáticas com os blocos capitalista e comunista. Em contrapartida, por trás dessa paranoia anticomunista dos colaboradores da *Brasil Paralelo*, se nota um interesse político e ideológico muito claro: a defesa da subordinação do Brasil aos Estados Unidos e ao capital internacional. O viralatismo aqui é evidente.

Com relação ao fato de Jango ter decretado Estado de Sítio por 30 dias em todo o território nacional no dia 4 de outubro de 1963 e depois voltado atrás, segundo Rodrigo Motta e o historiador Carlos Fico, esta medida não tinha caráter golpista, uma vez que o objetivo era pressionar o congresso a votar com o executivo pelas reformas de base⁷⁷⁸. A menção deste decreto foi feita pelo politólogo Silvio Grimaldo⁷⁷⁹, reforçada pela fala seguinte do historiador Thomas Giulliano, que utiliza o argumento de que haveria uma tradição golpista no Estado brasileiro:

João Goulart vai tentado governar por decretos e essa tentativa de governar por decretos é o que vai ser um momento determinante para que a oposição se manifestasse contrária a ele. E como o Brasil já tinha desde 1889 uma tradição de golpes ou tentativas de golpe, João Goulart era mais um que, de fato, tinha essa intenção⁷⁸⁰.

De fato, houve muitos golpes de Estado ao longo da história republicana brasileira –o que, concretamente, não configura em um indício de que um golpe estaria em curso; no entanto, ao utilizar esse argumento para classificar Jango como golpista, Giulliano parece se “esquecer”

776 Plano-sequência: 46:55 ao 47:06. Ibidem.

777 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. op. cit. p. 239.

778 Idem. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. 368 f. 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 317; FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, v. 9, n. 20, p. 5-74, jan./abr. 2017. p. 9.

779 Plano-sequência: 53:46 ao 53:52. BRASIL PARALELO. op. cit.

780 Plano-sequência: 53:53 ao 54:53. Ibidem.

que quem efetivamente impôs um golpe não foram Goulart e os comunistas, mas os militares, com amplo apoio de setores da sociedade civil, entre eles, a classe dos capitalistas.

No que tange ao aumento das greves devido à crise econômica do início dos anos 60, o entrevistado Rafael Nogueira argumenta que isto seria um indicativo de que o Brasil estaria caminhando para uma espécie de república sindicalista, que seria segundo ele, uma “pré-revolução”: “O pessoal começa a ficar com medo dessa república sindicalista e alguns fatos muito especiais acontecem. Ele favorece greves, ele estimula grupos a fazer greves, greves para pressionar o congresso. [...] Isso é democrático?”⁷⁸¹. Nesse momento se evidencia a concepção de “democracia” dos colaboradores da Brasil Paralelo. Para eles, esta deve ser restrita ao voto – ou nem a isso, uma vez que os entrevistados deixam muito claro o seu desgosto ao se referirem à posse de Goulart após o plebiscito que pedia à sua volta em 1963 –. Deste modo, manifestações populares como greves seriam incompatíveis, devendo ser reprimidas. Cabe aqui oportunamente rememorar as palavras do próprio Jango em seu discurso na Central do Brasil no dia 13 de março de 1964:

O que eles querem é uma democracia de um povo emudecido, de um povo abafado nos seus anseios, de um povo abafado nas suas reivindicações. A democracia que eles desejam impingir-nos é a democracia do antissindicato, ou seja, aquela que melhor atenda aos seus interesses ou aos dos grupos que eles representam. A democracia que eles pretendem é a democracia dos privilégios, a democracia da intolerância e do ódio⁷⁸².

Conforme já mencionado, as reformas de base defendidas nesse comício não possuíam caráter revolucionário. A historiadora Marieta de Moraes Ferreira esclarece essa questão:

[...] em essência, as reformas de base propostas eram sintonizadas com a agenda da Aliança para o Progresso. A extensão da legislação trabalhista ao campo, a implementação do Estatuto do trabalhador rural, o direito de voto para os analfabetos, pontos mais polêmicos do programa de Jango, foram posteriormente implementados, tanto no regime militar quanto na fase de abertura política⁷⁸³.

781 Plano-sequência: 47:47 ao 48:24. Ibidem.

782 GOULART, João; MARCELINO, Wanielle Brito. **Discursos selecionados do presidente João Goulart**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2010. p. 80.

783 FERREIRA, Marieta de Moraes. op. cit. p. 24.

Mas, para o entrevistado Lucas Berlanza⁷⁸⁴, que vai ao encontro da concepção de “democracia” de Rafael Nogueira, quem afirma que o discurso de Goulart na Central do Brasil era democrático, está mentindo.

E por falar em mentira, o entrevistado que defende a hipótese revisionista de que o golpe seria uma resposta às guerrilhas, sugerindo que estas últimas seriam anteriores a este fato, é precisamente o notório propagador de teorias da conspiração, Olavo de Carvalho: “[...] em 1963, já tinha guerrilhas no Brasil. Dizer que a guerrilha foi uma resposta ao golpe, não, é ocultar. O golpe foi a resposta às guerrilhas [...]”⁷⁸⁵.

Como mostra a pesquisa realizada pela historiadora Denise Rollemberg, o início da formação de campos de treinamento de guerrilhas no Brasil, organizados por lideranças das Ligas Camponesas como Clodomir Moraes, Carlos Montarroyo e Tarzan Castro, com apoio de Cuba, data do final do governo Jânio Quadros⁷⁸⁶. Entretanto, além de serem muito precários, não havendo “sequer [...] um *jeep* para carregar os suprimentos ou fazer o reconhecimento militar nas áreas da futura operação”⁷⁸⁷ (grifo nosso), em novembro de 1962 o campo de Goiás foi descoberto, desmobilizando os demais⁷⁸⁸. Houveram também outras tentativas de se estabelecer guerrilhas após o golpe, entre 1965 e 1968, antes do ato institucional nº 5 (AI-5), todavia, raras⁷⁸⁹. Aliás, de acordo com Fico, mesmo após o AI-5, quando a luta armada efetivamente se consolidou, se tornando uma das práticas de resistência da esquerda revolucionária, essas foram bastante breves, tendo em vista a repressão exercida pela ditadura⁷⁹⁰.

Sem embargo, conforme já havia sido aqui adiantado, para além das inconsistências dos argumentos expostos, a própria fonte que o documentário apresenta como sua base para sustentar tais hipóteses, o desmente, tanto no que se refere à possibilidade de golpe por parte das esquerdas, como no que tange ao caráter golpista ou revolucionário de Jango. De acordo com Kraenski e Petrilak em *1964: o elo perdido*, na pesquisa realizada por eles no arquivo de Praga, no gabinete do primeiro-secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, existe uma análise elaborada para o Comitê Central com o título: “Motivos da vitória do golpe

784 Plano-sequência: 55:27 ao 56:10. BRASIL PARALELO. op. cit.

785 Plano-sequência: 51:32 ao 52:37. Ibidem.

786 ROLLEMBERG, Denise. **O apoio de Cuba à luta armada no Brasil: o treinamento guerrilheiro**. Mauad Editora Ltda, 2001. p. 18.

787 Ibidem. p. 19.

788 Ibidem. p. 20.

789 NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. Editora Contexto, 2014. p. 69-92.

790 FICO, Carlos. op. cit. p. 41.

brasileiro e a situação atual”. Nas palavras dos autores: “Esta análise foi elaborada por um autor desconhecido, *mas o fato de ter sido enviada à autoridade mais importante na Tchecoslováquia significa que foi o material com mais credibilidade na época*”⁷⁹¹. Segundo esse suposto documento apresentado na obra: “A base da falência da esquerda foi a sua falta de organização. ‘Não se podia sequer falar em derrota, pois a derrota pressupõe uma luta, e no Brasil houve somente uma tomada pacífica de poder pela direita’”⁷⁹². Com relação a Jango:

A “Hesitação típica de Goulart e a sua incapacidade de levar as coisas até o fim”, são seguidas pela descrição da reação da imprensa “(...) Em vez de uma ordem imediata para a luta, em vez de conduzir o povo trabalhador para as ruas e convocar um levante nacional, em vez de armar os trabalhadores imediatamente, a rádio do governo, até quando ali apareceram alguns oficiais e bateram no locutor, transmitia somente juramentos patéticos de lealdade a Goulart, o que não ajudou em nada o confronto contra as bazucas e tanques dos oficiais”. Em vez de irem à luta, os trabalhadores jogavam bola, acreditando que Goulart resolveria tudo por eles. Na opinião do autor da análise, esta imprudência foi uma característica de todos – inclusive dos ativistas partidários⁷⁹³.

De qualquer modo, após tentar justificar a sua supracitada tese, o documentário passa a defender ideia de que o golpe dos militares não só foi uma reação às esquerdas, como estes teriam sido clamados por “todo” o Brasil, sobretudo após a chamada “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”⁷⁹⁴ iniciada no dia 19 de março de 1964, e que as forças armadas, segundo Olavo de Carvalho, teriam “entrado de pouquinho”, contrariando assim, a hipótese sustentada por parte da historiografia que compreende que havia um projeto golpista dos militares anterior ao golpe:

O movimento de 1964 não foi um movimento militar. Ele começa com um movimento civil. Os líderes eram, sobretudo, governadores de Estado. Os militares foram entrando de pouquinho na coisa. Só que no final, quer dizer, eles se precipitaram. Aliás, eles nem queriam dar o golpe, foi o Mourão Filho que se precipitou e obrigou os outros generais a entrar depois. Eles estavam tudo quietinho no canto, daí o Mourão Filho que era um doidão, botou os tanques na rua, começou a ir em direção ao Rio de Janeiro, daí todos tiveram que se mobilizar⁷⁹⁵.

791 KRAENSKI, Mauro “Abranches”; PERILÁK, Vladimir. op. cit. p. 268.

792 Ibidem. p. 269.

793 Ibidem. p. 269.

794 Plano-sequência: 56:31 ao 57:47. BRASIL PARALELO. op. cit.

795 Plano-sequência: 01:05:11 ao 11:05:42. Ibidem.

Nesse momento, nota-se um misto de clima de tensão e entusiasmo no longa. Seja por meio de comentários como o do entrevistado Aristóteles Drummond, para quem o golpe foi uma revolução: “A revolução de 1964 foi feita para deter a nossa caminhada para Havana e para Caracas”⁷⁹⁶; “Não houve a menor reação, porque a revolução já se consolidou naquelas 24 horas”⁷⁹⁷. Seja por meio de gravações de áudios do período, referentes, respectivamente, a uma reportagem apresentada pelo jornalista Cid Moreira e ao discurso do senador Auro de Moura Andrade, quando este decretou a vacância do cargo da Presidência da República:

E o Brasil sofreu uma de suas piores crises, greve sobre greves, ameaça de guerra civil, caos quase incontrolável, deterioração econômica e financeira, indisciplina invadindo os quartéis, inflação galopante, forçando para o alto praticamente a cada semana os preços de tudo. Foram momentos terríveis. O mundo num de seus melhores períodos de prosperidade e o Brasil uma triste presença entre as exceções. Apontado como o devedor difícil, de chapéu na mão, mendigando apoio. Falava-se em matar, em fuzilar, em destruir. A união de pelegos e comunistas afiadas com as armas. E tudo indica que nos próximos dias ou nas próximas horas, brasileiros se lançariam contra brasileiros, no norte e no nordeste, no sul nas cidades, no campo, em toda parte. Foi no último instante, quase no momento derradeiro e quando o país estava à beira da guerra civil, quase em pleno caos, alguma coisa aconteceu e as forças armadas, elas próprias mais do que ameaçadas, foram chamadas, praticamente intimadas, a cumprir a missão que o momento as impunha, estabelecendo a ordem e livrando o país dos trapos vermelhos que ameaçavam sufocá-lo⁷⁹⁸

Atenção! O senhor presidente da república deixou a sede do governo, deixou a nação acéfala. Em uma hora gravíssima da vida brasileira, abandonou o governo e esta comunicação faço ao Congresso Nacional. Esta acefalia, esta acefalia configura a necessidade do Congresso Nacional, como o poder civil, imediatamente tomar a atitude que lhe cabe nos termos da Constituição brasileira. Há sob a nossa responsabilidade, a população do Brasil, o povo, a ordem. Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República!⁷⁹⁹.

Ao passo que são exibidas imagens de jornais do período⁸⁰⁰, que reforçam essa visão positiva que o documentário tenta passar sobre a “revolução” militar de 1964:

796 Plano-sequência: 57:48 ao 58:17. Ibidem.

797 Plano-sequência: 01:02:21 ao 01:02:32. Ibidem.

798 Plano-sequência: 58:26 ao 59:55. Ibidem.

799 Plano-sequência: 01:02:33 ao 01:03:53. Ibidem.

800 Plano-sequência: 01:05:56 ao 01:06:03. Ibidem.

Figura 10 – O Globo noticiando o golpe (1).



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

Figura 11 – O Globo noticiando o golpe (2).



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

Como se sabe, no dia 31 de março de 1964 foi iniciado o golpe civil-militar no Brasil, consolidado no dia 1 de abril daquele ano, após o general Olímpio Mourão Filho ter mobilizado tropas de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. Sabendo disso, João Goulart que estava nesta cidade, viajou a princípio para Brasília, onde o então chefe da casa civil Darcy Ribeiro, sugeriu que ele resistisse. Em seguida foi para o Rio Grande do Sul, onde o seu cunhado Leonel Brizola, também propôs uma resistência ao golpe. Jango optou por não reagir, visando evitar uma guerra civil⁸⁰¹. No dia primeiro de abril, o supracitado senador Alvaro de Moura Andrade declarou a vacância do cargo da presidência, sob a justificativa de o presidente da república supostamente estar ausente da sede do governo sem prestar comunicado oficial. Todavia, Goulart só deixaria o país no dia 4 daquele mês⁸⁰², configurando, portanto, em um golpe.

O próprio documentário admite este fato através da fala de Lucas Berlanza, que ao contrário de Drummond, não nega que houve um golpe, no entanto, no mesmo instante, este o relativiza:

Então, do ponto de vista técnico, houve um golpe parlamentar ali naquela sessão, uma vez que a Constituição não pregava aquilo. *Foi a solução que as forças políticas encontraram naquele momento para equacionar o problema. É muito fácil a gente julgar as coisas do ponto de vista de hoje, mas tecnicamente houve um golpe em primeiro de abril*⁸⁰³ (grifo nosso).

Sobre a falta de resistência de Jango, Luiz Ernani Caminha Giorgis, muito cinicamente questiona: “O Brizola era deputado federal. Por que ele não voltou para Brasília se ele tinha imunidade parlamentar? E o Goulart, por que ele não pegou um avião e não foi para Brasília e

801 FICO, Carlos. **O grande irmão**. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 71.

802 PEREIRA, Mateus. op. cit. p. 874.

803 Plano-sequência: 01:04:49 ao 01:05:10. BRASIL PARALELO. op. cit.

chegou lá e ‘eu tô aqui, ó’. Os dois resolveram fugir”⁸⁰⁴. Ora, o entrevistado parece abrir mão do mais básico exercício lógico ao sequer considerar que naquele contexto, a volta de Jango para Brasília lhe acarretaria possivelmente em sua prisão ou na sua morte. Além do mais, no que tange aos fatos históricos, Giorgis parece se “esquecer” que para além da famosa *Operação Brother Sam*, a qual, se concluída, poderia ter vitimado Jango e seus aliados, este sofreu uma tentativa de atentado em 1961, quando estava para assumir a presidência no lugar de Jânio Quadros. Fato este admitido pelo coronel-aviador da reserva Roberto Baere na Comissão Nacional da Verdade (CNV)⁸⁰⁵. Segundo Baere, ele e mais três colegas se recusaram a cumprir a ordem dada pelo então tenente-coronel Paulo Costa à época.

E por falar em *Brother Sam*, esta operação, segundo Olavo de Carvalho⁸⁰⁶, se trata de uma notícia falsa criada por um suposto agente secreto da StB, chamado Ladislav Bittman, que teria espalhado a mesma para a mídia brasileira. A operação assim sendo, seria uma “ficção”:

Mil vezes eu desafiei essa gente. Se a CIA tramou todo esse negócio, então vocês, por favor, me indiquem o nome de pelo menos um agente da CIA locado no Brasil na época. Nunca apontaram nem um único. *Então toda a história da CIA é de ficção do começo ao fim*. E isto é vendido por professores universitários, por professores de história, pessoas que aparentemente se dizem respeitáveis. *Eles usam provas, no sentido oposto*. Então, está aqui a prova de que eles interferiram. Está lá o telefonema do Lincoln Gordan para o Johnson: presidente, os militares colocaram tanque na rua. O que nós vamos fazer? O presidente responde: “faça alguma coisa”. Isso já no dia 31, você está entendendo? Então isso, quer dizer, claro que o Lincoln Gordan estava informado que eles estavam fazendo alguma coisa, *mas se tivesse participado da preparação do golpe, já estaria agindo antes e não depois*⁸⁰⁷ (grifos nossos).

Entretanto, conforme demonstrou Fico em sua pesquisa baseada em fontes do *National Archives* (Arquivo Nacional) dos Estados Unidos, há registros que comprovam que os Estados Unidos pretendiam no final de 1963, meses antes da concretização do golpe em 64, portanto, através do chamado “plano de contingência”, a deposição de João Goulart do cargo de presidente da república⁸⁰⁸. Esse planejamento resultou na supracitada *Operação Brother Sam*, que consistiu no envio de: “um porta-aviões, um porta-helicópteros, um posto de comando

804 Plano-sequência: 01:06:04 ao 01:06:18. Ibidem.

805 GRELLET, Fábio. Coronel-aviador narra operação para matar Jango em 61. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 4 mai. 2013. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,coronel-aviador-narra-operacao-para-matar-jango-em-61,1028493>> Acesso em: 14 jan. 2022.

806 Plano-sequência: 01:07:46 ao 01:08:28; 01:08:43 ao 01:08:59. BRASIL PARALELO. op. cit.

807 Plano-sequência: 01:09:20 ao 01:11:20. Ibidem. op. cit.

808 FICO, Carlos. op. cit. p. 86.

aerotransportado, seis contratorpedeiros [...] carregados com cerca de 100 toneladas de armas [...] e quatro navios petroleiros [...]”⁸⁰⁹, com o objetivo de apoiar o golpe no Brasil. Todavia, esta operação foi cancelada após este fato ter ocorrido sem ter havido resistência por parte dos seus opositores⁸¹⁰. Este autor sugere que Goulart já sabia dessas intenções golpistas por parte dos estadunidenses, uma vez que o ex-ministro das relações exteriores, San Tiago Dantas, teria o procurado “na manhã do dia 1º de abril e feito a advertência, baseado em informações de Afonso Arinos de Melo Franco, seu amigo, antecessor e sucessor no Itamaraty”⁸¹¹, o que também teria contribuído para que ele não resistisse.

Após apresentar suas “diferentes” versões sobre o golpe, o documentário finalmente aborda a ditadura militar. Antes de adentrarmos no “regime”, se faz necessário retomarmos à discussão inicial desta seção no que tange as controversas envolvendo as especificidades da fonte em análise enquanto um documentário, bem como da historiografia referente ao tema em questão. Também devemos retomar à pergunta que orienta este capítulo, isto é, por que defendemos que este documentário produz um discurso negacionista, e não revisionista, sobre o golpe civil-militar e a ditadura?

Com relação à controversa envolvendo o documentário enquanto fonte, esta se dá no que se refere as diferentes vozes que o constitui, seja por meio: da voz *over*, da voz dos entrevistados ou dos demais recursos audiovisuais empregados pelos produtores da película, que por vezes expressam discursos aparentemente conflitantes, o que, por seu turno, pode confundir o telespectador sobre qual versão o filme realmente defende no que concerne ao fato narrado, uma vez que ora este afirma ter havido um golpe em 64, ora defende que houve uma revolução, ora defenderá, como veremos adiante, que houveram dois golpes no Brasil na década de 1960, o dito golpe dentro do golpe.

Entretanto, tal como já havíamos adiantado, apesar do aparente conflito, a forma como o documentário mobiliza todas essas versões é coerente com o seu fim: relativizar o golpe e a ditadura, prevalecendo, desta maneira, a apologia à ambos.

Além do mais, de acordo com Nichols e o seu referencial teórico aqui adotado no que tange à análise de um documentário enquanto fonte, a “voz” que ao fim e ao cabo interessa é a dita “fílmica”. Assim sendo, entre todas as vozes mobilizadas pelo documentário, em conformidade com o que ficou evidenciado, a que se sobressaiu em relação as demais foi

809 Ibidem. p. 98.

810 Ibidem. p. 98.

811 Ibidem. p. 72.

justamente a que defende que em 64 houve uma revolução, o que, sabidamente, é uma versão negacionista sobre o fato em discussão. Apesar da propaganda “imparcial” construída pela Brasil Paralelo, sua voz *over*, Filipe Valerim, deixa muito claro a posição da produção sobre este último no final do longa:

Que fim teve a Guerra Fria? Se fizemos parte dessa guerra, se impedirmos uma *revolução* foi com a ajuda do quarto poder do Brasil, o exército. Por 21 anos essa justificativa manteve o poder na mão dos militares e foi berço de novas consequências. A *revolução* se transmutou das armas para os livros, transformou um lado da guerra em mártir, fez da história, propaganda, panfletou nas escolas, na mídia, nas universidades⁸¹² (grifos nossos).

A controversa envolvendo a historiografia, por sua vez, segundo foi demonstrado, apesar de todas as contradições, falsificações e desonestidades intelectuais que caracterizam a narrativa deste documentário, no que se refere ao golpe de 64 propriamente dito, guardadas as devidas proporções, há uma inegável aproximação com algumas teses defendidas pelas tendências historiográficas das décadas de 1990 e 2000 relativas ao tema em questão. Entretanto, de acordo com o que analisamos no terceiro capítulo deste trabalho, esta prática é típica dos negacionistas, haja vista que o negacionismo não se trata da negação simples e pura de um determinado fato ou processo histórico, mas antes, dentre outras coisas, de sua relativização, visando ao seu descrédito. Nesse sentido, a historiografia até certo ponto é útil ao negacionismo, de modo que as suas “interpretações” pareçam legítimas.

Esta utilidade, no entanto, não se restringe apenas ao negacionismo histórico “genérico”. Em se tratando de um negacionismo tipicamente neoliberal como é o caso da concepção que orienta a narrativa histórica das produções da Brasil Paralelo, este uso se assemelha à propaganda anti-Estado que o neoliberalismo comumente vende que, sabidamente não se concretiza na prática, tendo em vista que por trás da máxima do “menos Estado”, há uma concreta ocupação do próprio pelos neoliberais em prol dos seus interesses políticos e ideológicos.

O mesmo vale aqui no que tange à historiografia. Ao ataca-la, os negacionistas se utilizam da própria. Mas esse uso não se limita à mera desqualificação do campo em questão. Ao deslegitima-la, os negacionistas têm como fim tornar-se, ao seu modo, “historiografia”, ou seja, uma “historiografia alternativa” e pretensiosamente superior a “oficial”.

812 Plano-sequência: 02:04:24 ao 02:05:24: BRASIL PARALELO. op. cit.

Precisamente por conta dessa apropriação, boa parte das análises referentes à *1964 – O Brasil entre armas e livros*, o classifica como revisionista⁸¹³. O que paradoxalmente, ainda que não seja a intenção dos analistas, contribuí para fomentar a imagem de legitimidade “historiográfica” da produção em questão, isto é, a versão “alternativa” apresentada pelo documentário não seria anticientífica ou negacionista, apenas não seria a versão “oficial” da academia, supostamente dominada pelos marxistas. Conforme nos alerta Moraes: “proclamar-se como uma Escola Revisionista representa a busca por um mecanismo legitimador, pelo fato de que a idéia de revisão é inseparável do processo de construção de conhecimento científico”⁸¹⁴.

Por outro lado, também afirmamos no capítulo anterior que apesar dos revisionistas, assim como os negacionistas, distorcerem o passado para favorecer posições políticas e ideológicas do tempo presente, os primeiros partem de um passado real em suas “interpretações”, enquanto os segundos tem como pressuposto um passado falsificado – uma teoria da conspiração – conscientemente produzido por eles, sendo este o fio condutor de suas obras. Deste modo, seguindo essa linha de raciocínio, o documentário produzido pela Brasil Paralelo estaria mais próximo do revisionismo histórico, tendo em conta que há na historiografia tendências que defendem a tese de que em 64 havia a possibilidade de um golpe comunista no Brasil, a despeito dessa versão não ser consensual e receber fortes críticas dentro do próprio campo historiográfico – o que igualmente explica o porquê de algumas análises classificarem esta produção como revisionista.

Ainda assim, no processo de tomar uma fonte como objeto de análise, esta deve ser feita levando em consideração a sua especificidade como tal. Por isso, em se tratando de um documentário, há que prevalecer a dita voz fílmica – que no caso do nosso objeto, conforme já demonstramos, defende uma tese negacionista, a da supracitada “revolução de 1964”.

Por fim, mas não menos importante, a despeito de não ter sido ainda apresentado, a fonte em análise possui um fio condutor negacionista que orienta o seu discurso. Assim, mais do que defender que em 64 houve uma revolução, a voz fílmica também sustenta uma outra tese, sendo este o principal objetivo desta produção, como ficará aqui evidenciado.

813 Me refiro aos supracitados trabalhos dos colegas Casimiro; Balestro; Pereira; Paulo: Essa classificação também ecoou pela imprensa: TV ESCOLA dá espaço a produção revisionista. **IstoÉ**, São Paulo, 10 dez. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/tv-escola-da-espaco-a-producao-revisionista/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

814 MORAES, Luís Edmundo de Souza. op. cit. p. 6.

4.5. A luta armada e a hegemonia cultural das esquerdas.

Caminhamos nesse momento para o desfecho do documentário, em que os seus produtores explicam o que teria sido o “regime” militar e as consequências que o mesmo supostamente trouxe para a sociedade brasileira. Segundo a narrativa “histórica” da *Brasil Paralelo*, o “regime” deve ser dividido em dois períodos: 1964-1968 e 1968-1985.

O primeiro período compreende a “revolução” ao AI-5. A essa altura, *1964 – O Brasil entre armas e livros* sugere que vai criticar o “regime” instaurado pela “revolução”. Esta “crítica” aparente se deve a tentativa de continuar construindo uma imagem “imparcial” em torno do documentário por parte dos seus produtores. Nesse sentido, o longa reprova o fato dos militares terem se perpetuado no poder, desconsiderando as eleições que estavam previstas para acontecer em 1965. De acordo com Olavo de Carvalho: “No primeiro momento eles salvaram, eles desmantelaram a revolução comunista. Mas começaram a fazer cagada no dia seguinte. Todo mundo tinha expectativa de que haveria novas eleições em seis meses, ninguém pediu para eles tomarem o poder. Aí fizeram o segundo golpe”⁸¹⁵.

Todavia, se por um lado o documentário se opõe à perpetuação do governo dos militares, ao mesmo tempo, a produção procura relativizá-lo, sugerindo que a despeito da ditadura, o “regime” até que era “democrático” – em uma clara referência à concepção da “ditabranda”. Não por acaso, Castelo Branco teria sido escolhido “democraticamente”, segundo os entrevistados Thomas Giulliano: “Ele foi escolhido de maneira democrática, tanto que recebeu votos do próprio Juscelino Kubischek e do próprio Ulisses Guimarães”⁸¹⁶; e Silvio Grimaldo: “Toda a sociedade entende como um governo legítimo porque foi eleito pelo congresso”⁸¹⁷.

Por sua vez, Lucas Berlanza, que anteriormente havia admitido o golpe, pondera. Segundo ele, este fato ocasionou em uma “meio ditadura” apenas: “Não existe uma força, embora ela não tenha o poder total, ela não exerça o poder total, ela se sente no direito de jogar acima da Constituição. Então você pode falar que há uma meio ditadura, uma ditadura abstrata, uma ditadura iminente pairando sobre as regras”⁸¹⁸. Esse entrevistado chega ao ponto de relativizar o chamado bipartidarismo, notoriamente conhecido por ser uma “oposição

815 Plano-sequência: 01:17:26 ao 01:17:41. BRASIL PARALELO. op. cit.

816 Plano-sequência: 01:13:02 ao 01:13:29. Ibidem.

817 Plano-sequência: 01:13:30 ao 01:13:34. Ibidem.

818 Plano-sequência: 01:11:53 ao 01:12:10. Ibidem.

consentida” entre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB): “Mas não era uma oposição consentida, que às vezes as pessoas exageram como se os mdbistas não falassem nada contra o governo, fingia que era uma oposição. Eles falavam no parlamento, atacavam no parlamento o governo militar sim. Havia vitalidade nessa oposição”⁸¹⁹.

Entretanto, o próprio documentário se contradiz nessa tentativa de retratar o governo castelista como “democrático” ou “brando”, uma vez que em adição da mencionada manutenção do “regime”, a película também destaca que todos os atos institucionais anteriores ao AI-5 se deram nesse governo.

De qualquer modo, em contraste à Castelo Branco, na concepção dos produtores do filme e de seus colaboradores, a ditadura só se consolidaria de fato a partir do governo de seu sucessor, Costa e Silva, representante da chamada “linha dura” que decretou o ato institucional nº 5. Nesse momento, o documentário passa a defender a supracitada tese falaciosa do “golpe dentro do golpe”. Segundo Lucas Berlanza: “A partir daí não há como tratar essa situação política, tecnicamente falando, de outra forma que não como uma ditadura. Há uma ditadura militar no Brasil a partir de 1968”⁸²⁰.

Ao retratar o governo Costa e Silva e dos militares da linha dura que o sucederam, o documentário realiza o mesmo procedimento retórico ambíguo que empreendeu ao narrar o governo castelista, isto é, a produção aparenta estar criticando, quando, implicitamente, tece elogios ao mesmo tempo. Esse *modus operandi* se faz evidente quando entrevistados como William Waack, por exemplo, critica os “excessos” do AI-5: “É possível sim. É possível combater o terrorismo militante, covarde e assassino sem que esses países deixem de lado o respeito à lei, à ordem e a democracia”⁸²¹; e Rafael Nogueira, em contraste, sem esconder o seu entusiasmo, elogia o ditador Emílio Médici:

O governo militar tinha aceitação quase total. Se vocês pesquisarem os vídeos que passavam na TV, que é o grande instrumento de difusão, os vídeos todos, falando a música “pra frente Brasil”, a copa de 70 foi vencida com Médici no poder e toda essa propaganda unia o governo com as vitórias. Vitórias esportivas, Fittipaldi na fórmula 1⁸²².

819 Plano-sequência: 01:16:55 ao 01:17:18. Ibidem.

820 Plano-sequência: 01:30:40 ao 01:31:32. Ibidem.

821 Plano-sequência: 01:29:48 ao 01:30:06. Ibidem.

822 Plano-sequência: 01:34:15 ao 01:34:40. Ibidem.

Com relação aos “excessos”, é desta forma vaga que esta produção menciona os crimes da ditadura militar, seja enquanto “regime”, seja no que se refere à chamada luta armada, minimizando os resultados da Comissão Nacional da Verdade⁸²³. Práticas sistemáticas do Estado ditatorial como a tortura, são atribuídas não aos militares, mas aos seus opositores. Mais do que isso, a tortura seria na realidade uma “construção” desses últimos, segundo a voz *over*: “[...] o movimento estudantil [usava] os mortos em combate para construir a ideia de que a tortura era uma política de estado, fazendo dessa bandeira seu instrumento político e sua publicidade. O exagero fez parte dessa instrumentalização”⁸²⁴.

Em contrapartida, a resistência da esquerda revolucionária é pintada como terrorista, de forma bastante sensacionalista, remetendo aos programas policiais da televisão aberta. E por falar nessa mídia, esse momento do documentário é bastante curioso. Isso porque, ao falar da “luta armada” e dos atos “terroristas” das esquerdas como uma “verdade escondida” pelos historiadores e pela imprensa, o longa exibe imagens e discursos de figuras famosas para o grande público, como a ex-presidente Dilma Rousseff⁸²⁵, e Fernando Gabeira, jornalista da Rede Globo, a maior emissora de TV do país, sendo que esses aparecem justamente admitindo os seus respectivos envolvimento na resistência. Nas palavras deste último: “Ninguém no fundo queria democracia estrategicamente, todo mundo queria, na verdade, um socialismo. Buscava-se uma outra ditadura, a ditadura do proletariado”⁸²⁶. Ora, como um fato que é de conhecimento público é um “segredo”?

Ao destacar discursos que falam em nome da “ditadura do proletariado”, a produção reforça a imagem “terrorista” e “autoritária” atrelada às esquerdas que se quer passar. Esse termo em destaque, no entanto, trata-se antes de um conceito, dos mais problemáticos diga-se, sobretudo quando apresentado para o senso comum, cujo qual, via de regra não está ciente das suas implicações, haja vista que o termo sugere ser uma oposição à democracia. Entretanto, de acordo com a tradição marxista, a quem historicamente se apropria deste conceito, este não deve ser compreendido como oposto à democracia, mas a uma outra ditadura, a dos

823 De acordo com o relatório final da Comissão Nacional da Verdade, 434 pessoas foram assassinadas ou desaparecidas durante a ditadura militar, sendo que 377 agentes do Estado brasileiro do período foram responsabilizados por esses crimes que violam os direitos humanos: MONCAU, Gabriela. Comissão da Verdade 10 anos: “Importante lembrar o que é regime de exceção”, diz Dilma Rousseff. **Brasil de Fato**, São Paulo, 18 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.brasiledefato.com.br/2021/11/18/comissao-da-verdade-10-anos-importante-lembrar-o-que-e-regime-de-excecao-diz-dilma-rousseff>> Acesso em: 14 jan. 2022.

824 Plano-sequência: 01:24:22 ao 01:29:06. BRASIL PARALELO. op. cit.

825 Plano-sequência: 01:22:52 ao 01:23:01. Ibidem.

826 Plano-sequência: 01:23:31 ao 01:23:40. Ibidem.

burgueses⁸²⁷. Aliás, o próprio conceito de democracia habitualmente é tomado de forma rasa pelo público leigo, desconsiderando sua historicidade e as suas contradições. Nesse sentido, a desonestidade intelectual da *Brasil Paralelo* se repete do início ao fim do documentário.

Também chama a atenção nesse caso o uso da figura do citado jornalista Fernando Gabeira, notoriamente conhecido por ser um ex-esquerdista “arrepentido” que “tomou juízo” após se “*endireitar*”. Essa ideia sugere que ele “amadureceu”, ou seja, ser de esquerda é “coisa de jovem” – uma concepção que é típica da ideologia neoliberal. A fala de Olavo de Carvalho vai ao encontro dessa perspectiva: “Eu nunca vi eles terem um sentimento humano com as pessoas que eles mataram. Quando tem, o sujeito abandona, como o Gabeira, por exemplo. O Gabeira se tocou e falou: ‘o que nós estamos fazendo, porra?’”⁸²⁸.

O entrevistado Thomas Giulliano vai na mesma linha de pensamento do “professor” da *Brasil Paralelo*:

Acontece que a população brasileira em que o número de jovens estava crescendo de maneira vertiginosa, progressiva, se expandindo de uma maneira intensa. O que a gente tem? A gente tem um caso de um diálogo que os militares tinham seu ponto de vista, publicidade restrita a um tipo de público. Chico Buarque, Gilberto Gil eles conseguiram dialogar muito melhor com o jovem. Os militares apelaram, em certo sentido, para aquela máxima de Nelson Rodrigues: “jovens envelheçam”. Acontece que os jovens queriam maio de 68 aqui, eles não queriam envelhecer⁸²⁹.

A partir dessa retórica que sugere que os jovens eram “massa de manobra” na luta armada relacionando-a com o maio de 68, o documentário prepara o terreno para enfim explicitar o seu fio condutor, isto é, a tese de que as esquerdas ao perderem nas armas, teriam, inspiradas no marxista italiano Antonio Gramsci, vencido nas ideias, tornando-se hegemônicas na cultura brasileira através de uma suposta infiltração na mídia e nas universidades, ao ponto de realizar lavagem cerebral na população com o chamado “marxismo cultural”. O subtítulo “entre armas e livros” agora se mostra autoexplicativo. Chegamos ao clímax do documentário⁸³⁰.

Na década de 60, a sociedade ocidental passava por uma transformação profunda. Crenças, valores e tradições que se acumularam durante os séculos passaram a ser contestadas. O movimento *hippie* dos Estados Unidos e os

827 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

828 Plano-sequência: 02:03:54 ao 2:04:05. BRASIL PARALELO. op. cit.

829 Plano-sequência: 01:34:41 ao 01:35:19. Ibidem.

830 Plano-sequência: 01:35:30 ao 01:36:54. Ibidem.

acontecimentos de maio de 68 na França são reflexos dessa revolução cultural, que ocorria no ocidente, quando jovens e estudantes protestavam e entravam em confronto com a polícia, exigindo mudanças sociais. Usando a máscara de demandas sociais genuínas como a liberalização sexual, movimento por paz mundial, aborto e a quebra da noção tradicional de família, jovens *eram usados como massa de manobra de uma trama que não conseguiam ver*. Percebendo que a classe trabalhadora não havia aderido à revolução como Marx havia previsto, o filósofo comunista Georg Lukács concluiu que o movimento revolucionário não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim das bases da civilização ocidental - a filosofia grega, o direito romano e a religião judaica cristã. *O fundador do partido comunista italiano passa a escrever os cadernos do cárcere, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família. Para isso os comunistas devem ocupar espaço e exercer controle dos meios educacionais, das instituições religiosas, dos meios de comunicação, a fim de pervertê-los e criar um novo modo de pensar*.

Após esse discurso da voz *over*, é exibida uma imagem do professor Paulo Freire⁸³¹, reforçando a ideia de que o patrono da educação brasileira seria um dos principais representantes do marxismo cultural no país:

Figura 12 – Paulo Freire.



Fonte: 1964 – *O Brasil entre armas e livros* (2019).

Portanto, o fio condutor do documentário nada mais é do que a teoria da conspiração do marxismo cultural, a qual analisamos no capítulo anterior. Flávio Morgenstern repete os mesmos chavões de Olavo de Carvalho, falsificando o conceito de hegemonia gramsciano como se fosse sinônimo de lavagem cerebral. De acordo com ele, opressões estruturais como machismo, racismo e homofobia seriam meras invenções das esquerdas:

o Brasil vai virar o país mais gramscista do mundo. Itália e França que são dois países onde o Gramscismo pegou nunca chegaram no nível do gramscismo brasileiro. Qual é a grande questão do gramscismo que ninguém

831 Plano-sequência: 01:37:04 ao 01:37:06. Ibidem.

entende disso no Brasil? A melhor forma de você ser um gramscista ortodoxo é nunca tendo ouvido falar em Gramsci. Ele quer hegemonia, ele não quer revolução, ele não quer coturno. Ele não quer uniforme, ele quer uma cultura onde você sempre vai repetir os mesmos termos. Por que hoje toda esquerda fala sempre os mesmos termos – machismo, racismo, homofobia? Isso é gramscismo⁸³².

Ao falar sobre a sua teoria da conspiração, o “guru”⁸³³ também faz uso de sua também já aqui analisada retórica do ódio, tomando o lumpemproletariado como exemplo, este escritor o associa à “bandidagem”: “[...] o proletariado não era mais a classe revolucionária, [...] Então [a Escola de Frankfurt] admitiu a entrada de novas classes revolucionárias, como os intelectuais, os estudantes, lumpemproletariado: *prostitutas, drogados, bandidos, etc., bandidagem toda evidentemente*”⁸³⁴.

Em suma, do minuto 01:35:20 até o seu fim, o documentário procura “explicar” como o marxismo cultural foi se tornando hegemônico no Brasil. Eis portanto, a sua versão sobre o golpe civil-militar e a ditadura: apesar da “revolução” de 1964 ter salvo o país do comunismo naquele momento, o “erro” dos militares foi não ter conseguido impedir a suposta dominação cultural das esquerdas que se instaurou a partir da derrota na luta armada.

Como já desmistificamos esta teoria da conspiração no capítulo anterior deste trabalho, se faz desnecessário explicar novamente o porquê desta ser uma falsificação da realidade. Todavia, chama a atenção o empenho dos produtores e colaboradores da Brasil Paralelo em defende-la. É no mínimo curioso que figuras cujas quais fizeram a carreira ocupando espaços relevantes na mídia – supostamente dominada pelos esquerdistas –, como o jornalista William Waack, um dos entrevistados que mais aparece nesse documentário, reproduzir uma farsa desse tamanho. Ao que tudo indica, o fato das pautas identitárias terem ganho uma voz significativa – ainda que limitada e com séculos de atraso – na sociedade brasileira após os governos petistas, ameaçando esses espaços de poder privilegiadamente ocupados por homens brancos heterossexuais cisgêneros como os que protagonizam essa produção⁸³⁵, é uma das motivações principais. Em última instância, o que se nota é um sentimento nostálgico de quando a

832 Plano-sequência: 01:38:02 ao 01:38:39. Ibidem.

833 Plano-sequência: 01:38:40 ao 01:38:46; 01:38:52 ao 01:39:21. Ibidem.

834 Plano-sequência: 01:39:35 ao 01:40:07. Ibidem.

835 É pertinente lembrar que o jornalista William Waack foi demitido pela Rede Globo, onde trabalhou por mais de 20 anos, após ter sido flagrado cometendo crime de racismo em novembro de 2017. Aproximadamente um ano e meio depois, foi contratado por outra grande emissora de televisão, a CNN Brasil: DEMITIDO da Globo por comentário racista, William Waack é contratado pela CNN. **Fórum**, [S.I.], 4 jun. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/midia/demitido-da-globo-por-comentario-racista-william-waack-e-contratado-pela-cnn/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

monarquia e a escravidão eram as normas sociais no Brasil, onde ser machista, racista, LGBTQIA+fóbico era algo naturalizado, socialmente aceito.

Deste modo, as lutas históricas das esquerdas devem ser todas classificadas como coisa de comunista, equivalendo a algo que deva ser criminalizado – o que explica a insistência em associar tudo o que representa ser de esquerda com a ideia de “terror” pelo documentário – e por conseguinte, combatido. Mas mais do que isso, tudo aquilo que representa um perigo as ideias e valores defendidas pela Brasil Paralelo deve ser, ao fim e ao cabo, exterminado – tal como os militares o fizeram parcialmente por meio da “revolução de 1964”, embora tenham “falhado” na luta armada.

Além disso, de acordo com a ótica dos produtores do documentário, os ditadores também teriam errado ao terem ampliado o tamanho do Estado brasileiro através de suas políticas intervencionistas na economia, o que supostamente contribuiu para que as esquerdas ampliassem à sua hegemonia cultural. O discurso do entrevistado Thomas Giulliano é bastante elucidativo nesse sentido:

Os militares [...] cometeram equívocos na leitura estratégica de como atuar no ambiente cultural; [...] se equivocam, de fato, de uma maneira bem objetiva, mantendo um aparelho de estado que vem desde o período Vargas [...] Esta estrutura não termina com o fim do período militar⁸³⁶.

Precisamente por isso, a Constituição Federal de 1988, famosa por reconhecer as pautas das minorias como direitos históricos que devem ser reparados e protegidos, é também atacada ao final do longa: “O entusiasmo de colocar as propostas dos movimentos sindicais e da militância organizada de novos partidos como PT, PDT e MDB deu causa a escrita da segunda maior constituição do mundo”⁸³⁷.

A crítica em torno da “constituição cidadã” também se dá no que se refere à questões econômicas de classe. Segundo o presidente do Instituto Mises Brasil, Hélio Beltrão: “quando você promete gratuidade para todos, o que você vai conseguir entregar é mediocridade para todos”⁸³⁸.

Portanto, os objetivos da Brasil Paralelo com este documentário são muito claros: propagar a teoria da conspiração do marxismo cultural como válida em detrimento da historiografia, haja vista que esta teoria supostamente legitima os interesses políticos e

836 Plano-sequência: 01:59:26 ao 00:01:09. BRASIL PARALELO. op. cit.

837 Plano-sequência: 02:01:10 ao 02:02:25. Ibidem.

838 Plano-sequência: 02:02:47 ao 02:02:55. Ibidem.

ideológicos deste *think tank*, cujos quais foram apresentados nos capítulos anteriores deste trabalho, ou seja, uma hegemonia que congregue neoliberalismo e olavismo. Em outras palavras, o que se quer é a radicalização de um projeto de sociedade “liberal na economia e conservador nos costumes”.

4.6. Seção de comentários do documentário no *YouTube*.

Em conclusão, tal como já havíamos adiantado, a despeito do objeto aqui analisado violar princípios éticos enquanto fonte pertencente ao gênero cinematográfico do documentário, bem como à História enquanto ciência, *1964 – O Brasil entre armas e livros* é recebido como um genuíno “documentário de História” pelo seu público consumidor na plataforma do *YouTube*. Vejamos abaixo alguns comentários que ilustram como a “mensagem” produzida pela película foi assimilada.

A ideia de que o longa revela uma verdade “escondida” pelos historiadores é uma das que mais aparecem. Os comentários dos perfis de usuário Débora Nunes, *fabrother MG*, *Canal LR GAMEPLAY*, José Francisco Brito Costa, Helena Márcia Passarelli, respectivamente reforçam essa concepção:

O que você nunca vai aprender na aula e nos livros de história⁸³⁹;

“Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário.”
— George Orwell⁸⁴⁰;

A escuridão nunca vencera a luz, e a luz é a verdade. Ótimo documentário⁸⁴¹;

Uma verdadeira aula de história que os professores nunca lecionam em sala de aula⁸⁴²;

Ótimo registro histórico. Aprendi em duas horas o que não me ensinaram nas escolas durante 14 anos. Parabéns e sucesso⁸⁴³.

Também são comuns os comentários que ressaltam a “imparcialidade” vendida pelo documentário. Caso dos perfis de usuário Márcio Matos e Fabiana Videira:

839 BRASIL PARALELO. op. cit.

840 Ibidem.

841 Ibidem.

842 Ibidem.

843 Ibidem.

Eu antes vi um documentário na visão progressista de 1964. Eu percebi um apelo emocional. Esse documentário foca em informação mais detalhada daquele período inclusive em âmbito global. Fica mais fácil entender⁸⁴⁴;

Parabéns a Brasil Paralelo pelo trabalho ímpar!⁸⁴⁵.

Como esperado, comentários reivindicando a memória daqueles que viveram o período e que possuem um posicionamento favorável à concepção negacionista de que em 64 houve uma “revolução”, também marcam presença. O perfil de usuário Sônia Sérgio Moreira vai ao encontro desta memória em disputa:

Excelente documentário. Eu tinha 15 anos qdo houve a revolução. Lembro de meu pai escutando o rádio apreensivo. Obrigada por falar de nossa história que mtos não conhecem⁸⁴⁶.

Todavia, sem dúvidas, os comentários que mais chamam atenção são os dos perfis de usuários Veronica Silveira e Viviane Pedroso:

Tenho indicado os documentários de vocês para os meus alunos. *Sou professora de história*. É questão de tempo até me cancelarem, eu acho. Mas eu realmente acho as produções ótimas, saem do lugar comum dos livros didáticos, fazem a garotada pensar a partir de outros pontos de vista. Parabéns pelo trabalho, não sei se vocês tem a dimensão do que estão fazendo. Isso está chegando nas escolas, somos poucos professores ainda, mas a nova geração está emergindo. E eles cresceram sem depender do jornal nacional, sem depender de livros enviesados ideologicamente. Não sei se vou assistir isso, mas está nascendo uma nova era⁸⁴⁷ (grifo nosso);

A história sempre tem 2 lados, obrigada Brasil Paralelo. Logo me formarei em história, já sou formada em Pedagogia e quero mostrar a outra face da moeda. Chega desse país ser enganado, chega de recebermos mentiras e desinformação, desde pequenos somos imersos na mentira dessa mídia, mas também de toda informação deturpada pelos livros. Esse documentário deveria passar nas escolas⁸⁴⁸.

Esses últimos comentários mostram que até mesmo professores de história “compram” a teoria da conspiração vendida por essa produção, não só a recebendo como um documentário

844 Ibidem.

845 Ibidem.

846 Ibidem.

847 Ibidem.

848 Ibidem.

válido do ponto de vista historiográfico, como se dispõe a embarcar na guerra cultural olavista propagada pela Brasil Paralelo. O desserviço prestado à ciência e à educação causada pelos seus produtos, não se restringem, portanto, aos perfis de usuários do *YouTube*, atingindo, ainda que de modo possivelmente diminuto até o presente momento, as escolas. Deste modo, os estragos a longo prazo são incalculáveis.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi possível verificar como se deu o processo histórico que constituiu um dos agentes das novas direitas, a Brasil Paralelo. Também foi possível entender os interesses políticos e ideológicos por trás deste *think tank* neoliberal-olavista cujo qual instrumentaliza a História para atingir esses fins; bem como sua relação com a rede de outras organizações desta natureza.

O mesmo também possibilitou esclarecer e contribuir para com o debate atual envolvendo o negacionismo e o revisionismo histórico, passando pela teoria da conspiração do marxismo cultural e a guerra cultural olavista, além da vigente discussão em torno da relação envolvendo redes sociais e História, ou em outras palavras, História Digital e *Public History*.

Conforme foi demonstrado, os supracitados interesses da Brasil Paralelo foram bem sucedidos ao longo desse período de meia década de sua história, tendo em vista a sua intrínseca relação com o governo Bolsonaro, que em grande medida expressa as suas ideias, sobretudo no que tange ao neoliberalismo, ao olavismo e consequentemente ao negacionismo, dado que esse governo tem precisamente a negação da ciência a sua agenda política genocida número um.

Se engana quem pensa que o bolsonarismo e o olavismo se encerram no final do mandato do presidente em questão. O mesmo foi capaz de tirar do esgoto todos aqueles que defendem a ditadura militar e os seus crimes sem o menor pudor, rompendo com o fenômeno da outrora “direita envergonhada”⁸⁴⁹, bem como os que consideram as lutas históricas das esquerdas, entre elas a de classe, a de gênero e a racial como “mimimi”, “vitimismo” e dentre outras adjetivações tão ou mais pejorativas, negando sua legitimidade e o seu caráter científico.

Também contribuiu para dar voz a aqueles que não possuem limites para defender o negacionismo como bandeira política⁸⁵⁰, não se restringindo ao negacionismo histórico, mas aos diversos negacionismos existentes⁸⁵¹.

849 CALDEIRA NETO, Odilon. 2020. p. 128; ROCHA, Camila. op. cit. p. 111.

850 Basta ver os inúmeros movimentos antivacina que emergiram ao longo da pandemia no Brasil e no mundo.

851 Me refiro à perspicaz observação de Turin no *Congresso Acadêmico Unifesp 2021*, quando este historiador destaca as outras formas de negacionismo existentes, como o negacionismo climático, que destrói o nosso planeta dia após dia, bem como o mais famoso dos negacionismos contemporâneos, o da vacina contra a covid-19, que só no Brasil já vitimou mais de 600 mil pessoas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. **Sessão 220 - Negacionismo: Educação sob ataque e a negação da Ciência - Congresso Acadêmico**. São Paulo: Unifesp, 24 jun. 2021. 1 vídeo (147 min). Publicado pelo canal Unifesp – Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<https://youtu.be/GfMkufF1CI>> Acesso em: 26 jan. 2022.

Assim, ainda que Olavo de Carvalho esteja equivocado ao achar que esteja mudando a cultura do Brasil⁸⁵², haja vista que o conceito de cultura é muito mais complexo do que esse escritor é capaz de conceber, é inegável os impactos das suas produções na disputa hegemônica do tempo presente. Sendo a Brasil Paralelo um *think tank* que faz apologia ao neoliberalismo e ao olavismo, não será surpresa se nos próximos anos assistirmos casos cada vez mais comuns de professores de História e de outras disciplinas ministrando aulas com base não na historiografia científica produzida nas universidades, mas nas produções desta produtora e de seu principal teórico. Conforme já afirmado, os estragos a longo prazo são incalculáveis.

Mesmo porque, segundo foi aqui exposto, desde a sua fundação em 2016, a Brasil Paralelo tem crescido exponencialmente a sua audiência e os seus rendimentos, de modo que a empresa tem conseguido investir cada vez mais em publicidade no *ciberespaço*, atingindo esferas sociais muito além do espaço escolar. Dessa forma, a História e o negacionismo se mostram mercados altamente lucrativos para esses falsários.

Cabe a nós como historiadores, mas sobretudo enquanto sociedade, tendo em vista que o negacionismo não é um problema exclusivo de nós cientistas, resistirmos. Nesse sentido, espero que esta monografia se faça útil na compreensão de como chegamos à realidade social e histórica na qual nos encontramos hoje e que tenha se feito ouvir no que concerne à ocupação de espaços fora da universidade, como o *YouTube*.

Em vista disso, concluo destacando exemplos positivos de iniciativas que efetivamente contribuem para com a divulgação científica na internet, especialmente na plataforma em questão. Me refiro aos canais: *História Online* (2006)⁸⁵³, *Canal do Pirulla* (2006)⁸⁵⁴, *Nerdologia* (2010)⁸⁵⁵, *Silvio Almeida* (2010)⁸⁵⁶, *Atila Iamarino* (2012)⁸⁵⁷, *Xadrez Verbal*

852 RETRATO NARRADO. op. cit.

853 HISTÓRIA ONLINE. *YouTube*. História Online, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Hist%C3%B3riaOnlineoficial/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

854 NASCIMENTO, Paulo Miranda. *YouTube*. Canal do Pirulla, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Pirulla25/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

855 NERDOLOGIA. *YouTube*. Nerdologia, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/nerdologia/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

856 ALMEIDA, Silvio. *YouTube*. Silvio Almeida, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/silviovlq1/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

857 IAMARINO, Atila. *YouTube*. Atila Iamarino, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

(2013)⁸⁵⁸, *Café História TV* (2013)⁸⁵⁹, *Anna Gicelle Garcia Alaniz* (2013)⁸⁶⁰, *Jones Manoel* (2013)⁸⁶¹, *Clio: História e Literatura* (2014)⁸⁶², *Leitura Obrigatória* (2015)⁸⁶³, *Tempero Drag* (2015)⁸⁶⁴, *Parabólica* (2015)⁸⁶⁵, *Humberto Matos* (2015)⁸⁶⁶, *Esquerda Diário* (2015)⁸⁶⁷, *Revolushow* (2016)⁸⁶⁸, *História da Ditadura* (2016)⁸⁶⁹, *NORMOSE*⁸⁷⁰ (2016), *Tese Onze* (2017)⁸⁷¹, *Cifra Oculta* (2017)⁸⁷², *Doutora Drag – Dimitra Vulcana* (2018)⁸⁷³, *Profa Anelize* (2018)⁸⁷⁴, *Historiar – Se* (2018)⁸⁷⁵, *Chavoso da USP* (2019)⁸⁷⁶, *Laura Sabino* (2019)⁸⁷⁷, *Canal da América* (2020)⁸⁷⁸.

-
- 858 FIGUEIREDO, Filipe. *YouTube*. Xadrez Verbal, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/xadrezverbal/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 859 CAFÉ HISTÓRIA TV. *YouTube*. Café História TV, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/cafehistoriatv/videos>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 860 ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. *YouTube*. Anna Gicelle Garcia Alaniz, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/AnnaGicelle/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 861 MANOEL, Jones. *YouTube*. Jones Manoel, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/JonesManoel/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 862 CLIO: HISTÓRIA E LITERATURA. *YouTube*. Clio: História e Literatura, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ClioHist%C3%B3riaeLiteratura1/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 863 RODRIGUES, Icles; JALLES, Luanna; PISANI, Mariane. *YouTube*. Leitura Obrigatória, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/obrigahistoria/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 864 HUNTY, Rita von. *YouTube*. Tempero Drag, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/TemperoDrag/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 865 RENNÓ, Pedro. *YouTube*. Parabólica, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Parab%C3%B3lica/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 866 MATOS, Humberto. *YouTube*. Humberto Matos, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/SaiadaMatrixHumberto/about>> Acesso em: 26 jan. 2022.
- 867 ESQUERDA DIÁRIO. *YouTube*. Esquerda Diário, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/EsquerdaDi%C3%A1rio/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 868 *REVOLUSHOW*. *YouTube*. *Revolushow*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/RevolushowTM/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 869 HISTÓRIA DA DITADURA. *YouTube*. História da Ditadura, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Hist%C3%B3riadaDitadura/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 870 NORMOSE. *YouTube*. NORMOSE, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/NORMOSES/about>> Acesso em: 26 jan. 2022.
- 871 FERNANDES, Sabrina. *YouTube*. Tese Onze, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/TeseOnze/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 872 BORGES, Samuel Silva. *YouTube*. Cifra Oculta, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CifraOculta/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 873 VULCANA, Dimitra. *YouTube*. *Doutora Drag – Dimitra Vulcana*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DoutoraDrag/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 874 ANELIZE. *YouTube*. Profa Anelize, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ProfaAnelize/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 875 CARNEIRO, Anita. Natividade; BARZOTTO, Carlos Eduardo. *YouTube*. *Historiar – Se*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/HistoriarSe/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 876 TORRES, Thiago. *YouTube*. *Chavoso da USP*, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ChavosodaUSP/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 877 SABINO, Laura. *YouTube*. Laura Sabino, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCCmh3nJayT-7jEM6hg2vP9Q/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.
- 878 AROUCHE, Hevelly Ferreira. *YouTube*. *Canal da América*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CanaldaAm%C3%A9rica>> Acesso em: 15 jan. 2022.

Esses canais cujos quais o trabalho convido todos a apreciar, se fazem igualmente importantes no combate à despolitização que tem marcado a sociedade brasileira em tempos de hegemonia neoliberal.

Também chamo atenção para o trabalho dos sites especializados em checagem de notícias falsas *E-farsas* (2002)⁸⁷⁹, *Aos Fatos* (2015)⁸⁸⁰ e *Lupa* (2015)⁸⁸¹, primordiais no combate às *fake news*.

Torço para que no futuro iniciativas como essas se tornem cada vez mais comuns e que inspirem projetos coletivos nesse sentido. Não são nem de longe a solução para o problema dos mais variados negacionismos científicos que assolam o mundo contemporâneo. Problema esse que, conforme demonstramos, é mais complexo do que parece, demandando medidas mais estruturadas que escapariam aos limites deste trabalho discutir. Entretanto, nem por isso as citadas páginas são menos necessárias. A disputa nesses (*ciber*)espaços é fundamental no combate ao culto da idiotia coletiva e ao projeto genocida que tem marcado o nosso tempo presente.

879 LOPES, Gilmar. Sobre. *E-farsas*, c2002. Disponível em: <<https://www.e-farsas.com/sobre>> Acesso em: 15 jan. 2022.

880 AOS FATOS. Quem somos. *Aos Fatos*, c2015. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/quem-somos/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

881 LUPA. O que é a Agência Lupa? *Lupa*, c2015. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

1964 Filme COMPLETO para assistir AGORA! [S.I.]: Nando Moura, 16 mar. 2020. 1 vídeo (14 min). Publicado pelo canal Nando Moura Clássicos. Disponível em: <<https://youtu.be/d4aM1Vu3nYc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. **Agência Pública**, São Paulo, 23 jun. 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>> Acesso em: 4 dez. 2021

ANÚNCIOS de vídeo *in-feed*. **Google**, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/google-ads/answer/6227733?hl=pt>> Acesso em: 5 dez. 2021.

ATLAS NETWORK. Global Directory. Internet Archive, San Francisco, 25 mai. 2020. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200525200224/https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean>> Acesso em: 5 nov. de 2021.

ATLAS NETWORK. Over 500 partners in almost 100 countries around the globe. Atlas Network, Washington, [201-]. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/partners>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BARBOSA, Bernardo et al. Pressionados por redes sociais, bolsonaristas levam desinformação ao *Telegram* e quintuplicam audiência no app em um mês. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 4 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/pressionados-por-redes-sociais-bolsonaristas-levam-desinformacao-ao-telegram-e-quintuplicam-audiencia-no-app-em-um-mes/>> Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **1964 – O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2 abr. 2019. 1 vídeo (207 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/yTenWQHRPIg>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. A Brasil Paralelo é uma farsa? A descrição na *Wikipédia* diz que sim. **Brasil Paralelo**, São Paulo, c2021. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/brasil-paralelo>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. A Brasil Paralelo. **Brasil Paralelo**, São Paulo, c2021. Disponível em: <<https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **A Nova Brasil Paralelo | Evento de Lançamento |  CONHEÇA A BP SELECT**. São Paulo: Brasil Paralelo, 27 set. 2021. (119 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/8P7sXXzUmKo>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **A Primeira Arte**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 3 vídeos (372 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em:

<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyTWjQqjR2SRkiU3OnhHl_7l> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **A queda Argentina**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 3 vídeos (112 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyTJjinyHasMWtc0NegBnMAg>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **A Sétima Arte**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 7 vídeos (244 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyR7_nH_0WCN5RQ6p-ryqkQC> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **As grandes minorias**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 4 vídeos (337 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXySSah0KMh2s2MZUtbnhJDjw>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Brasil - A Última Cruzada | Episódios**. Rio Grande do Sul, São Paulo: Brasil Paralelo, 2017-2019. 7 vídeos (782 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **BRASIL PARALELO**. São Paulo, [201-]. Facebook: @brasilparalelo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/brasilparalelo>> Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Capítulo 1 – A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 20 set. 2017. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/TkOIAKE7xqY>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 18 out. 2017. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/svViHH8IBVg>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Capítulo 4 – Independência ou Morte | Brasil - A última Cruzada**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 21 dez. 2017. 1 vídeo (114 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/YpjDmTdsJac>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. Como funciona a Brasil Paralelo? **Brasil Paralelo**, São Paulo, abr. 2021. Disponível em: <<https://brasilparalelo.zendesk.com/hc/pt-br/articles/360048963574-Como-funciona-a-Brasil-Paralelo-#:~:text=Somos%20uma%20iniciativa%20que%20atua,do%20Youtube%20e%20sites%20oficiais.>>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **COMUNISMO, FASCISMO E LIBERALISMO: ADVERSÁRIOS OU IRMÃOS?** São Paulo: Brasil Paralelo, 17 de abr. de 2020. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/IECP2VuGlj4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Congresso Brasil Paralelo | Episódios**. Rio Grande do Sul: Brasil Paralelo, 2016-2017. 6 vídeos (370 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyRjrtVusbyOWxvbm9TW_zPP> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Cortina de fumaça**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2021. 2 vídeos (293 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyTdfJWvC2EySbBP0glsRZ8C>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **CPI DA PANDEMIA - ENTENDA O QUE ESTÁ EM JOGO**. São Paulo: Brasil Paralelo, 11 ago. 2021. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/OHMYBJkxHHI>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Entrevista com Jornalista da Folha de São Paulo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 6 fev. 2019. 1 vídeo (37 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/p265bGtPv-4>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Ernesto Araújo explica quem são os agentes do Globalismo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 1 dez. 2021. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/Qe33n1sIFw>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Fim das nações**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 3 vídeos (144 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXySqaqfCv11GyN8sJk5VjNt>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **O FIM DA HISTÓRIA | PÁTRIA EDUCADORA - CAPÍTULO 1 | FILME COMPLETO**. Brasil Paralelo, São Paulo, 31 mar. 2020. 1 vídeo (51 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtu.be/EU5sAWPKgMc>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **O Teatro das Tesouras | Episódios**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2018. 7 vídeos (163 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXySXVtQEJyqHGNnn_9m7XkEq> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Os donos da verdade**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 12 vídeos (369 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <<https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyTHSvJRZWkThi3kaHoGZh03>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. **Trilogia completa: Pátria Educadora | Produção Brasil Paralelo**. São Paulo: Brasil Paralelo, 2020. 3 vídeos (320 min). Publicado pelo canal Brasil Paralelo. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL3yv1E7liXyT5hrAH4kMyT40RECjOtyN_> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. Uma Brasil Paralelo para cada momento de sua vida. *Internet Archive* San Francisco, 26 out. 2021. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20211026003249/https://www.brasilparalelo.com.br/assine>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL PARALELO. *YouTube*. Brasil Paralelo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BRASIL Paralelo: em entrevista exclusiva. Conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na Internet. **Boletim da Liberdade**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/#>> Acesso em: 17 dez. 2021.

CARVALHO, Olavo de. **A apoteose da coragem nacional: as Forças Armadas em aliança com o Foro de São Paulo em luta heróica contra... o Olavo de Carvalho**. [...]. [S.I.], 7 dez. 2020. Facebook: olavo.decarvalho. Disponível em: <<https://www.facebook.com/olavo.decarvalho>> Acesso em: 17 dez. 2021.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**: Fritjof Capra & Antonio Gramsci. 4. ed. Campinas: Vide Editorial, 2016.

CARVALHO, Olavo. **O USO DO PALAVRÃO**. [S.I.], 25 ago. 2015. Facebook: carvalho.olavo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/carvalho.olavo/posts/535327239952688/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

COMO funciona o *Google AdSense*. **Google**, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/6242051?hl=pt-BR>> Acesso em: 5 dez. 2021.

CORDEIRO, Tiago. Duplo padrão: universidades barram filme sobre a ditadura, mas liberam eventos de esquerda. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidades-barram-filme-ditadura-1964-liberam-eventos-esquerda/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

DIAS, Tatiana. *Facebook* lucrou com anúncio da Brasil Paralelo que associa Simone de Beauvoir à pedofilia. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/12/18/facebook-lucrou-anuncio-brasil-paralelo-associa-simone-de-beauvoir-a-pedofilia/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

DGP Mundo. **A História do Brasil**. [S.I.: s.n.], 6 ago. 2017. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal DGP Mundo. Disponível em: <<https://youtu.be/fq2CtqUXZeI>> Acesso em: 6 dez. 2021.

DIRANI, Claudio. Henrique Viana abre as portas da Brasil Paralelo. **Esmeril**, São Vicente, 21 jan. 2020. Disponível em: <<https://revistaesmeril.com.br/perfil-%E2%94%82-henrique-viana-abre-as-portas-da-brasil-paralelo/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

DIREITO de resposta da Brasil Paralelo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/direito-de-resposta-da-brasil-paralelo/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

FATO. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, c2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=pAxp>> Acesso em: 10 dez. 2021.

GENESTRERI, Guilherme. Filme pró-golpe militar foi exibido por erro, informa Cinemark. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/filme-pro-golpe-militar-foi-exibido-por-erro-informa-cinemark.shtml>> Acesso em: 1 jan. 2022.

GOULART, João; MARCELINO, Wanielle Brito. **Discursos selecionados do presidente João Goulart**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

HAYEK, Friedrich. **Os fundamentos da liberdade**. [S.I.: s.n], [recurso digital], 2014.

INSCREVER-SE em canais. **Google**. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/4489286?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DAndroid&oco=0>> Acesso em: 5 dez. 2021.

KRAENSKI, Mauro “Abranches”; PERILÁK, Vladimir. **1964: o elo perdido** – O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista. 1. ed. Campinas-SP: Vide Editorial, 2017.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. As tarefas das Uniões da Juventude (Discurso no III Congresso de Toda a Rússia da União Comunista da Juventude da Rússia, 2 de outubro de 1920). **Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial**, p. 2-4, 2011.

LUTARIA contra o Brasil, a favor da Rússia. **A Ordem**, Natal, 21 mar. 1946. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/764051/per764051_1946_03084.pdf> Acesso em: 15 jan. 2022.

MOURA, Luis Fernando. **A VERDADE sobre a DITADURA BRASILEIRA**. São Paulo: Nando Moura, 27 nov. 2017. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Nando Moura. Disponível em: <<https://youtu.be/mrnrgVTk9zA>> Acesso em: 5 dez. 2021.

NO seu ritmo: *YouTube* agora permite acelerar vídeos em uma nova velocidade. **Tudo Celular**. [S.I.], 17 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.tudocelular.com/android/noticias/n135128/no-seu-ritmo-youtube-agora-permite-acelerar-videos-em-uma-nova-velocidade.html>> Acesso em: 5 dez. 2021.

OLIVEIRA, Geovana. Professor de história e aluna de mestrado são ameaçados com processo por ‘Netflix da Direita’. **Metro1**, Salvador, 20 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/110877,professor-de-historia-e-aluna-de-mestrado-sao-ameacadas-com-processo-por-netflix-da-direita>> Acesso em: 6 dez. 2021.

REPRODUÇÃO automática de vídeos. *Google*, [S.I.: 201-]. Disponível em: <<https://support.google.com/youtube/answer/6327615?hl=pt-BR>> Acesso em: 5 dez. 2021.

RETRATO NARRADO #Bônus: Como o olavismo explica o bolsonarismo. [Locução de]: Letícia Duarte. [S.I.]: Revista Piauí e *Spotify Studios*, 18 nov. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yeM1KrhNq06y5ck8Z4X4n?si=VU7nzLZ-QDGYK-Rqh3iqqw>. Acesso em: 23 jan. 2021.

SAYURI, Juliana. Justiça Paralela. *The Intercept Brasil*, Rio de Janeiro, 9 dez. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/12/09/brasil-paralelo-lanca-ofensiva-judicial-para-calar-criticos-e-reescrever-a-propria-historia/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

SESTREM, Gabriel. CPI da Covid: Gilmar Mendes reduz extensão de quebras de sigilo da Brasil Paralelo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 3 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cpi-da-covid-gilmar-mendes-restringe-quebras-sigilo-brasil-paralelo/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

THINK Tanks and Civil Societies Program. Global Go To Think Tank Index. Think Tanks and Civil Societies Program, Philadelphia. [21--]. Disponível em: <<https://www.gotothinktank.com/global-goto-think-tank-index>> Acesso em: 4 dez. 2021.

THINK Tanks and Civil Societies Program. Global Go To Think Tank Index Report 2020. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2020.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. **A verdade sufocada**. Brasília: Editora Ser, 2007.

USTRA, Joseita Brilhante. Home. **A verdade sufocada**, [S.I., 21--?]. Disponível em: <<https://www.averdadesufocada.com/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

VAL, Arthur do. **Teatro das Tesouras ASSISTA!!!** São Paulo: Mamaefalei, 14 ago. 2018. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Mamaefalei. Disponível em: <<https://youtu.be/I1PrLTDHQIo>> Acesso em: 12 dez. 2021.

WALACHESKI, Gabriel. **NÃO RESPEITE COMUNISTAS, DESTRUA-OS!!!** [S.I.: s.n.], 8 nov. 2016. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Gabriel Walacheski. Disponível em: <<https://youtu.be/2dIXgHL7NI0>> Acesso em: 5 dez. 2021.

ZANINI, Fábio. Exibição de filme sobre golpe de 1964 tem tumulto na Paraíba. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2019c. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/03/exibicao-de-filme-sobre-golpe-de-1964-tem-tumulto-na-paraiba/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

ZANINI, Fábio. Filme sobre o golpe de 64 diz que militares perderam a batalha das ideias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 abr. 2019b. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/01/filme-sobre-o-golpe-de-64-diz-que-a-direita-perdeu-a-batalha-das-ideias/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

ZANINI, Fábio. Produtora Brasil Paralelo vive crescimento meteórico e quer ser 'Netflix da direita'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2021. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/produtora-brasil-paralelo-vive-crescimento-meteorico-e-quer-ser-netflix-da-direita.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

FONTES SECUNDÁRIAS

“TER filho gay é falta de porrada”, diz Bolsonaro. **Portal Geledés**, 7 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/ter-filho-gay-e-falta-de-porrada-diz-bolsonaro/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

AFP. Suprema Corte encerra investigação por morte de Salvador Allende. **G1**, Rio de Janeiro, 7 jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/suprema-corte-encerra-investigacao-por-morte-de-salvador-allende.html>> Acesso em: 10 dez. 2021.

ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. **YouTube**. Anna Gicelle Garcia Alaniz, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/AnnaGicelle/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

ALESSI, Gil. Bolsonaro escancara cadáver insepulto da ditadura com celebração do golpe. **El País**, São Paulo, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/26/politica/1553609505_570456.html> Acesso em: 14 jan. 2022.

ALEXA. *The top 500 sites on the web*. **Alexa**, c1996-2021. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites>> Acesso em: 4 dez. 2021.

ALEXA. *Top Sites in Brazil*. **Alexa**, c1996-2021. Disponível em: <<https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>> Acesso em: 4 dez. 2021.

ALMEIDA, Silvio. **YouTube**. Silvio Almeida, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/silviovlq1/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

ANELIZE. **YouTube**. Profa Anelize, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ProfaAnelize/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

AO VIVO: assista às palestras do Fórum da Liberdade 2021. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 abr. 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2021/04/ao-vivo-assista-as-palestras-do-forum-da-liberdade-2021-ckneqtmtd1001b0198q0kw85o9.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

AOS FATOS. Em 1066 dias como presidente, Bolsonaro deu 4490 declarações falsas ou distorcidas. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/todas-as-declarações-de-bolsonaro/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

AOS FATOS. Quem somos. **Aos Fatos**, c2015. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/quem-somos/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

AROUCHE, Hevelly Ferreira. **YouTube**. Canal da América, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CanaldaAm%C3%A9rica>> Acesso em: 15 jan. 2022.

AZEREDO, André. Fórum da Liberdade discute política e impostos em Porto Alegre. *Jornal da Globo*, Porto Alegre, 8 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/04/forum-da-liberdade-discute-politica-e-impostos-em-porto-alegre.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. De tontos e vigaristas – hoje e em 2005. Ou: É Gramsci, idiota! *Veja*, São Paulo, 18 dez. 2009. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/de-tontos-e-vigaristas-hoje-e-em-2005-ou-e-gramsci-idiota/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Direito Achado na Rua: gramscianos, “gramsciados” e reclamações. *Veja*, São Paulo, 26 ago. 2008a. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/direito-achado-na-rua-gramscianos-gramsciados-e-reclamacoes/>> Acesso em: 6 dez.

AZEVEDO, Reinaldo. Do Direito Achado na Rua ao Direito jogado no lixo. *Veja*, São Paulo, 28 mar. 2008b. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/do-direito-achado-na-rua-ao-direito-jogado-no-lixo/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

AZEVEDO, Reinaldo. Gramsci e a “ca-as do Pedrrri-nho”. *Veja*, São Paulo, 17 mai. 2007. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/veja-5-gramsci-e-a-8220-ca-sa-do-pe-drrri-nho/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

BARIFOUSE, Rafael. Criadores da 'dança do *impeachment*' rebatem críticas: 'Música une pessoas no combate a comunismo e corrupção'. *BBC News Brasil*, São Paulo, 11 mar. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160311_danca_impeachment_rb> Acesso em: 4 dez. 2021.

BASTAM um soldado e um cabo para fechar STF, disse filho de Bolsonaro em vídeo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BEDINELLI, T; MARTÍN, M. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. *El País*, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html> Acesso em: 4 dez. 2021.

BENITES, Afonso; BEDINELLI, Talita. Senado afasta Dilma Rousseff do poder. *El País*, São Paulo, 12 mai. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463009295_743361.html> Acesso em: 3 dez. 2021.

BOLSONARO inicia doutrinação ideológica com programa de Olavo de Carvalho na TV Escola. *Fórum*, [S.I.], 9 dez. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-inicia-doutrinacao-ideologica-com-programa-de-olavo-de-carvalho-na-tv-escola/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BOLSONARO, Eduardo. **Tenho estudado para a sabatina e isso inclui estudar a história nacional. Assim, tenho revisto episódios do @brasilparalelo sobre a história do Brasil, como o episódio que trata da nossa independência passando por Leopoldina, Bonifácio e Princesa Isabel.** [S.I.], 25 ago. 2019. 11:14. Twitter. @BolsonaroSP. Disponível em: <<https://twitter.com/bolsonarosp/status/1165809702581735424>> Acesso em: 17 dez. 2021.

BOLSONARO, Eduardo. **USTRÁ VIVE**, [S.I.], 8 mai. 2018. Facebook: @bolsonaro.enb. Disponível em: <<https://www.facebook.com/bolsonaro.enb/photos/ustra-vivequando-jair-messias-bolsonaro-votou-no-impeachment-de-dilma-citando-o-/870070519852240/>> Acesso em: 4 jan. 2021.

BOLSONARO, Jair M. **Seguem algumas opções de excelentes canais de informação no youtube!** [S.I.], 12 nov. 2018. 12:33. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896?lang=pt>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BONIN, Robson. Depois de 20 anos no ar, TV Escola vai acabar por obra de Weintraub. **Veja**, São Paulo, 12 dez. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/radar/depois-de-20-anos-no-ar-tv-escola-vai-acabar-por-obra-de-weintraub/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

BORDALO, Júnior Moreira. #Verificamos: PT e Haddad não estão distribuindo mamadeira em formato de pênis para crianças. **Agência Lupa**, Rio de Janeiro, 20 out. 2021. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/10/20/verificamos-haddad-mamadeira-penis/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

BORGES, Samuel Silva. **YouTube**. Cifra Oculta, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/CifraOculta/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 24 de fevereiro de 1891)**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--?]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm> Acesso em: 26 jan. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2017.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--?]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm> Acesso em: 5 dez. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 6.683 de 28 de agosto de 1979**. Brasília: Subchefia para Assuntos Jurídicos, [21--]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6683.htm> Acesso em: 14 jan. 2022.

BUENO, Eduardo. **YouTube**. Buenas Ideias, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/BuenasIdeias/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CAFÉ HISTÓRIA TV. **YouTube**. Café História TV, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/cafehistoriatv/videos>> Acesso em: 15 jan. 2022.

CANAL DO OTARIO. *YouTube*. Canal do Otário, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OtarioAnonymous/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CARBONI, Nivaldo. Bolsonaro diz que vai apresentar projeto para proibir “ideologia de gênero”. **Poder360**, Brasília, 12 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-que-vai-apresentar-projeto-para-proibir-ideologia-de-genero/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

CARNEIRO, Anita. Natividade; BARZOTTO, Carlos Eduardo. *YouTube*. Historiar – Se, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/HistoriarSe/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

CARVALHO, Olavo de. *YouTube*. Olavo de Carvalho, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/olavodeca/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CERN. *The birth of the Web*. CERN, Genebra, [201-]. Disponível em: <<https://home.cern/science/computing/birth-web>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CINEMARK. COMUNICADO. [S.I.], 1 abr. 2019. 13:16. *Twitter*: @cinemarkoficial. Disponível em: <<https://twitter.com/cinemarkoficial/status/1112750544106471425>> Acesso em: 15 jan. 2022.

CINTRA, Jorge Pimentel; DA COSTA, Graciete Guerra. O mapa de Goiás de Tosi Colombina e o Mapa das Cortes. IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica, 2011, Porto.

CLIO: HISTÓRIA E LITERATURA. *YouTube*. Clio: História e Literatura, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ClioHist%C3%B3riaeLiteratura1/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

COMISSÃO Nacional da Verdade. A CNV. **Comissão Nacional da Verdade**, [S.I.], [2014?]. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>> Acesso em: 14 jan. 2022.

CONGRESSO em Foco. *YouTube* ganha na justiça direito a retirar canal “Terça Livre” do ar. **Congresso em Foco**, 15 ago. 2021. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/youtube-retira-canal-do-terca-ivre-do-ar/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. *YouTube*. Rodrigo Constantino, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/RodrigoConstantino1976/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

CRISTALDO, Heloísa. Marcha contra o aborto reúne ativistas e religiosos em Brasília. **Agência Brasil**, Brasília, 7 jun. 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-06/marcha-contra-o-aborto-reune-ativistas-e-religiosos-em-brasilia>> Acesso em: 4 dez. 2021.

DELFIM, Rodrigo Borges; PAMPLONA, Nicola; MARQUES, José. Golpe de 1964 é alvo de atos pelo país; Paulista tem confusão com grupos rivais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 abr.

2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/golpe-de-1964-e-alvo-de-atos-pelo-pais-paulista-tem-confusao-com-grupos-rivais.shtml>> Acesso em: 15 jan. 2022.

DEMITIDO da Globo por comentário racista, William Waack é contratado pela CNN. **Fórum**, [S.I.], 4 jun. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/midia/demitido-da-globo-por-comentario-racista-william-waack-e-contratado-pela-cnn/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

DIAS, Tatiana. *Youtube* pagou R\$ 6,9 milhões em dois anos a canais bolsonaristas investigados no STF. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2021. Disponível em: <<https://theintercept.com/2021/06/08/youtube-paga-milhoes-canais-bolsonaristas-stf/>> Acesso em: 9 jun. 2021.

DIP, Andrea. Guilherme Boulos: “A unidade da esquerda é importante mas sozinha não garante a vitória. É preciso se reconectar com o povo”. **Agência Pública**, São Paulo, 10 dez. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/12/guilherme-boulos-a-unidade-da-esquerda-e-importante-mas-sozinha-nao-garante-a-vitoria-e-preciso-se-reconectar-com-o-povo/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

DOLAN, Kerry; KROLL, Luisa. 20 maiores bilionários do mundo em 2018. **Forbes**, São Paulo, 6 mar. 2018. Disponível em: <<https://forbes.com.br/escolhas-do-editor/2018/03/cresce-numero-de-bilionarios-no-mundo-mas-ainda-ha-poucas-mulheres/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. **G1**, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

EDSON e Janaína Teles. **Memórias da Ditadura**, Brasília, [ca. 2014]. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/edson-e-janaina-teles/>> Acesso em: 4 jan. 2021.

EM ENTREVISTA a Pedro Bial, Olavo de Carvalho sugere que Bolsonaro dê um ministério para cada filho. **Gshow**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2019. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/noticia/em-entrevista-a-pedro-bial-olavo-de-carvalho-sugere-que-bolsonaro-de-um-ministerio-para-cada-filho.ghtml>> Acesso em: 7 nov. 2021.

ENTENDA o uso do *WhatsApp* nas eleições e o que aconteceu desde que a Folha revelou o caso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/entenda-o-uso-do-whatsapp-nas-eleicoes-e-o-que-aconteceu-desde-que-a-folha-revelou-o-caso.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

ERNESTO, Marcelo. Entenda a briga entre olavistas e militares no governo Bolsonaro. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 7 mai. 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/07/interna_politica,1051683/entenda-a-briga-entre-olavistas-e-militares-no-governo-bolsonaro.shtml> Acesso em: 6 dez. 2021.

ESQUERDA DIÁRIO. **YouTube**. Esquerda Diário, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/EsquerdaDi%C3%A1rio/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

ESTADÃO. **Bolsonaro exalta Ustra na votação do impeachment em 2016**. São Paulo: [s. n.], 8 ago. 2019. 1 vídeo (48 seg). Publicado pelo canal Estadão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>> Acesso em: 14 jan. 2022.

FERNANDES, Sabrina. **YouTube**. Tese Onze, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/TeseOnze/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

FIGUEIREDO, Filipe. **YouTube**. Xadrez Verbal, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/xadrezverbal/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

FILHO, João; ANDRADA, Alexandre. Até Anarcocapitalistas ganham espaço no governo Bolsonaro. E na Folha de S. Paulo também. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 5 mai. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/05/05/anarcocapitalismo-bolsonaro-folha-ancaps/>> Acesso em: 17 dez. 2021.

FILIFE Martins, assessor de Bolsonaro, vira réu por racismo após gesto supremacista. **Brasil de Fato**, São Paulo, 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/23/filife-martins-assessor-de-bolsonaro-vira-reu-por-racismo-apos-gesto-supremacista>> Acesso em: 3 dez. 2021.

FOLHA POLÍTICA. **YouTube**. Folha Política, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FolhaPolíticaNotícias/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

FOLHA reage a críticas e ofende Fábio Konder Comparato e Maria Victoria Benevides. **Migalhas**, Ribeirão Preto, 10 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/79770/folha-reage-a-criticas-e-ofende-fabio-konder-comparato-e-maria-victoria-benevides>> Acesso em: 14 jan. 2022.

FÓRUM DA LIBERDADE. **#ForumEmCasa: Liberdade em tempos de crise com Pedro Bial, Fernando Schuler e João Pereira Coutinho**. Porto Alegre: Fórum da Liberdade, 15 abr. 2020. 1 vídeo (60 min). Publicado pelo canal forumdaliberdade. Disponível em: <<https://youtu.be/VbUdIUWauM>> Acesso em: 4 dez. 2021.

FRAGA, Daniel. **YouTube**. Daniel Fraga, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DanielFragaBR/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

FRANCISCO, Gilberto da Silva; ARAGÃO, Rodrigo Nagem de; SALVIATTI, Ana Paula; ALMEIDA, Dennis. Negacionismo da casa-grande. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 out. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2021/10/negacionismo-da-casa-grande.shtml>> Acesso em: 4 out. 2021.

FRIAS, Otavio. Folha avalia que errou, mas reitera críticas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 mar. 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0803200907.htm>> Acesso em: 15 jan. 2022.

GALHARDO, Ricardo. Lula: crise é tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será ‘marolinha’. **O Globo**, São Bernardo do Campo, 4 out. 2008. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/lula-crise-tsunami-nos-eua-se-chegar-ao-brasil-sera-marolinha-3827410>> Acesso em: 10 dez. 2021.

GHEDIN, Rodrigo. Cinco dos dez canais que explodiram no *ranking* do *youtube* durante as eleições são de extrema direita. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/08/28/ranking-youtube-extrema-direita/?fbclid=IwAR3lnGE43mruScLF4O-K9fRsWfGmi9PuKpIEb81lqcdzyisMrEEeWRZ6Kkg>> Acesso em: 24 jan. 2021.

GÓES, B. ARAGÃO, H; SOARES, J. Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa onda de indignação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jan. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>> Acesso em: 3 dez. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Golpe disfarçado de impeachment: uma articulação escusa contra as mulheres. In: RUBIM, Linda Silva Oliveira; ARGOLLO, Fernanda. **O Golpe na perspectiva de Gênero**. Edufba, 2018.

GOVERNO Bolsonaro recusou vacina a 50% do valor pago por EUA e Europa. **Poder360**, Brasília, 7 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/governo-bolsonaro-recusou-vacina-a-50-do-valor-pago-por-eua-e-europa/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

GRELLET, Fábio. Coronel-aviador narra operação para matar Jango em 61. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 4 mai. 2013. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,coronel-aviador-narra-operacao-para-matar-jango-em-61,1028493>> Acesso em: 14 jan. 2022.

GUARALDO, Luciano. Após irritar historiadores, Guia Politicamente Incorreto volta de cara nova. **Notícias da TV**, São Paulo, 6 nov. 2020. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-irritar-historiadores-guia-politicamente-incorreto-volta-de-cara-nova-45258>> Acesso em: 17 dez. 2021.

GUEDES, Octavio. CPI da Covid: Governo Bolsonaro recusou 11 vezes ofertas para compras de vacina. **Blog do Octavio Guedes**, Rio de Janeiro, 27 abr. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>> Acesso em: 5 dez. 2021;

HASSELMANN, Joice. **YouTube**. Joice Hasselmann, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/JoiceHasselmann/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

HISTÓRIA DA DITADURA. **YouTube**. História da Ditadura, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Hist%C3%B3riadaDitadura/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

HISTÓRIA ONLINE. **YouTube**. História Online, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Hist%C3%B3riaOnlineoficial/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

HOLIDAY, Fernando. **YouTube**. Fernando Holiday, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FernandoHoliday/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

HUNTY, Rita von. **YouTube**. Tempero Drag, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/TemperoDrag/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

IAMARINO, Atila. *YouTube*. Atila Iamarino, 2012. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

INSTITUTO Olavo de Carvalho. Disponível em:
<<http://www.institutoolavodecarvalho.com/>> Acesso em: 4 dez. 2021

IPEC: Lula aparece na liderança nos dois cenários e corrida eleitoral para Presidência permanece estável. **G1**, Rio de Janeiro, 22 set. 2021. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/22/ipecc-lula-aparece-na-lideranca-nos-dois-cenarios-e-corrida-eleitoral-para-presidencia-permanece-estavel.ghtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

JORNAL DA GAZETA. **Bolsonaro diz que quer ministro “terrivelmente evangélico” no Supremo**. São Paulo: [s.n.], 10 jul. 2019. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Jornal da Gazeta. Disponível em: <<https://youtu.be/HhkPCLTs57c>> Acesso em: 3 dez. 2021.

KATAGUIRI, Kim. *YouTube*. Kim Kataguir, 2009. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/c/kimkataguir/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

KOGOS, Paulo. *YouTube*. Ocidente em Fúria - com Paulo Kogos, 2010. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/c/paulokogos/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

KÜSTER, Bernardo. *YouTube*. Bernardo P Küster, 2006. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/user/starkerbar/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

LA MONEDA bombardeada. **Museo de La Memoria y los Derechos Humanos**, Santiago, set. 2017. Disponível em: <<https://web.museodelamemoria.cl/sobre-las-colecciones/pieza-del-mes/la-moneda-bombardeada/>> Acesso em: 10 dez. 2021.

LEÓN, Lucas. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. **Agência Brasil**, Brasília, 23 ago. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet#:~:text=Pesquisa%20promovida%20pelo%20Comit%C3%AA%20Gestor,anos%20%C3%AAm%20internet%20em%20casa.>> Acesso em: 4 dez. 2021.

LILOVLOG. *YouTube*. LiloVLOG, 2010. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/c/LiloVLOG/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

LIMA, Raphaël. *YouTube*. Ideias Radicais, 2014.
<<https://www.youtube.com/c/ideiasradicais/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

LIMITES a Chávez. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2009. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1702200901.htm>> Acesso em: 14. jan. 2022.

LIVRES. O que é o Livres? **Livres**, São Paulo. Disponível em:
<<https://www.eusoulivres.org/sobre-o-livres/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

LOPES, Gilmar. Sobre. **E-farsas**, c2002. Disponível em: <<https://www.e-farsas.com/sobre>> Acesso em: 15 jan. 2022.

LUPA. O que é a Agência Lupa? **Lupa**, c2015. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

MAGNOLI, Demétrio. ‘Essa coisa de sociedade não existe’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opinio/essa-coisa-de-sociedade-nao-existe-8080595>> Acesso em: 10 dez. 2021.

MANOEL, Jones. **YouTube**. Jones Manoel, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/JonesManoel/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

MARIZ, A. Maioria vota a favor da decisão que considerou Moro suspeito para julgar Lula. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/maioria-vota-favor-da-decisao-que-considerou-moro-suspeito-para-julgar-lula-24983037>> Acesso em: 3 dez. 2021.

MATOS, Humberto. **YouTube**. Humberto Matos, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/SaiadaMatrixHumberto/about>> Acesso em: 26 jan. 2022.

MAZUI, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. **G1**, Brasília, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleitopresidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

MBL. **YouTube**. MBL – Movimento Brasil Livre, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MBLIVRE/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MELLO, João. A onda dos *podcasts*: Por que o formato tem feito tanto sucesso? **Uai E+**, Belo Horizonte, 12 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/comportamento/2021/02/12/interna-comportamento,268167/a-onda-dos-podcasts-por-que-o-formato-tem-feito-tanto-sucesso.shtml>> Acesso em: 6 dez. 2021

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MÍDIA SEM MÁSCARA. **Mídia Sem Máscara ENTREVISTA Guilherme Afif Domingos**. [S.I.]: Mídia Sem Máscara. 2 dez. 2007. 1 vídeo (7 min). Publicado pelo canal Mídia Sem Máscara. Disponível em: <<https://youtu.be/GwGpTy-qpAw>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MÍDIA SEM MÁSCARA. **YouTube**. Mídia Sem Máscara, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/CanalMSM/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MINISTÉRIO da Educação. Paulo Freire é declarado o patrono da educação brasileira. **Ministério da Educação**, Brasília, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/17681-paulo-freire-e-declarado-o-patrono-da-educacao-brasileira>> Acesso em: 5 dez. 2021.

MINISTRO da educação: “Pode estudar Filosofia? Pode. Com dinheiro próprio”. **Fórum**, [S.I.], 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/ministro-da-educacao-pode-estudar-filosofia-pode-com-dinheiro-proprio/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

MONCAU, Gabriela. Comissão da Verdade 10 anos: “Importante lembrar o que é regime de exceção”, diz Dilma Rousseff. **Brasil de Fato**, São Paulo, 18 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/18/comissao-da-verdade-10-anos-importante-lembrar-o-que-e-regime-de-excecao-diz-dilma-rousseff>> Acesso em: 14 jan. 2022.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO, Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

MORGENSTERN, Flavio. **YouTube**. Senso Incomum, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/SensoIncomumOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MORRE aos 79 anos o bilionário David Koch. **Forbes**, São Paulo, 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://forbes.com.br/colunas/2019/08/morre-aos-79-anos-o-bilionario-david-koch/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MOURA BRASIL, Felipe. **YouTube**. Felipe Moura Brasil, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/FelipeMouraBrasil/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MOURA, Luis Fernando. **YouTube**. Nando Moura, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

MURPHY, Andrea. As 25 maiores empresas privadas dos Estados Unidos em 2020. **Forbes**, São Paulo, 23 nov. 2020. Disponível em: <<https://forbes.com.br/listas/2020/11/as-25-maiores-empresas-privadas-dos-estados-unidos-em-2020/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

NARLOCH, Leandro. Luxo e riqueza das 'sinhas pretas' precisam inspirar o movimento negro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 set. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>> Acesso em 5 dez. 2021;

NASCIMENTO, Paulo Miranda. **YouTube**. Canal do Pirulla, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/Pirulla25/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

NERDOLOGIA. **YouTube**. Nerdologia, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/nerdologia/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

NORMOSE. **YouTube**. NORMOSE, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/NORMOSES/about>> Acesso em: 26 jan. 2022.

O ANTAGONISTA. **YouTube**. O Antagonista, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OAntagonista/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

ODILLA, Fernanda. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? **BBC News Brasil**, Londres, 9 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>> Acesso em: 3 dez. 2021.

OLIVEIRA, R. Fachin anula condenações de Lula na Lava Jato de Curitiba e ex-presidente recupera direitos políticos. **El País**, São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-08/fachin-anula-condenacoes-de-lula-na-13-vara-federal-de-curitiba-e-ex-presidente-recupera-direitos-politicos.html>> Acesso em: 3 dez. 2021.

OPERA MUNDI. **Afrodescendentes de quilombos 'não servem nem para procriar', diz Bolsonaro na Hebraica do Rio**. São Paulo: [s. n.], 5 abr. 2017. 1 vídeo (53 seg). Publicado pelo canal Opera Mundi. Disponível em: <<https://youtu.be/lcXJNGhUQy8>> Acesso em: 3 dez. 2021.

OS PINGOS NOS IS. **YouTube**. Os Pingos nos Is, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ospingosnosis/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

OSTERMANN, Fábio. **YouTube**. Fabio Ostermann, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/FabioOstermann30/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PEDRO Bial entrevista Olavo de Carvalho (Década de 90). **Sapientiam autem non vincit malitia**, [S.I.: 21--]. Disponível em: <<https://olavodecarvalho.org/pedro-bial-entrevista-olavo-de-carvalho-decada-de-90/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

PEREIRA, Felipe. Após R\$ 3 bilhões em aditivos, nove estádios da Copa caíram na Lava Jato. **UOL**, São Paulo, 26 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/05/26/10-estadios-da-copa-cairam-lava-jato-politicos-e-empreiteiras-sob-suspeita.htm>> Acesso em: 5 dez. 2021.

PETROPAR passa a se chamar Évora. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/04/petropar-passa-a-se-chamar-evora-4122703.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PODER360. **No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela - 1º.set.2018**. Brasília: [s. n.], 3 set. 2018. 1 vídeo (37 seg). Publicado pelo canal Poder360. Disponível em: <<https://youtu.be/p0eMLhCcbyQ>> Acesso em: 3 dez. 2021.

PODER360. YouTube derruba canal de Sara Winter. **Poder360**, Brasília, 18 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/youtube-derruba-canal-de-sara-winter/>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. **YouTube**. Luiz Felipe Pondé, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/LuizFelipePond%C3%A9Oficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PORTO, Alexandre. **YouTube**. Alexandre Porto, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/AlexandrePorto/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PROTESTOS contra governo e corrupção reúnem 2 milhões pelo Brasil, dizem PMs. **UOL**, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas->

noticias/2015/03/15/protestos-contr-governo-e-corrupcao-reunem-mais-de-2-milhoes-pelo-brasil-dizem-pms.htm> Acesso em: 4 dez. 2021.

PROTESTOS de domingo (13) foram o maior ato político da história do Brasil. **Bom dia Brasil**, São Paulo, 14 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/03/protestos-de-domingo-13-foram-o-maior-ato-politico-da-historia-do-brasil.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.

PROTESTOS de junho de 2013 atraíram 1 milhão no auge. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

RECORD TV. **O escândalo da “ditabranda”**. São Paulo: [s. n.], 1 abr. 2009. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Record TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ymyFnhV9_vA> Acesso em: 14 jan. 2022.

RENNÓ, Pedro. **YouTube**. Parabólica, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Parab%C3%B3lica/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

REVISTAISTOÉ. **"Não estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário**. São Paulo: [s.n.], 9 dez. 2014. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal revistaISTOE. Disponível em: <<https://youtu.be/LD8-b4wvIjc>> Acesso em: 3 dez. 2021.

REVOLUSHOW. **YouTube**. *Revolushow*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/RevolushowTM/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

RIBEIRO, Márcio M; ORTELLADO, Pablo. Perfil digital dos manifestantes: o abismo aberto pela polarização. **El País**, São Paulo, 1 abr. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271_535467.html> Acesso em: 4 dez. 2021.

RODRIGUES, Icles; JALLES, Luanna; PISANI, Mariane. **YouTube**. *Leitura Obrigatória*, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/obrigahistoria/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

ROX, Diego. **YouTube**. *Diego Rox Oficial*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DiegoRoxOficial/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

RUFFATO, Luiz. O golpe contra Dilma Rousseff. **El País**, São Paulo, 1 set. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html> Acesso em: 3 dez. 2021.

SABINO, Laura. **YouTube**. *Laura Sabino*, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCCmh3nJayT-7jEM6hg2vP9Q/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

SAKAMOTO, Leonardo. A “Ditabranda” Militar (1964-1985). **UOL**, São Paulo, 22 fev. 2009. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2009/02/22/o-bizarro-caso-da-ditabranda/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

SAMPAIO, Dida. Novo ministro critica "marxismo cultural" nas escolas: "faz mal à saúde". **UOL**, São Paulo, 2 jan. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/01/02/ministro-da-educacao-cita-deus-e-critica-marxismo-cultural-nas-escolas.htm>> Acesso em: 5 dez. 2021.

SCHWEDER, Maro. **YouTube**. *Maro Schweder - espiritualidade e autoconhecimento*, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/MaroSchwederespiritualidadeeautoconhecimento/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

SEM Lula, Bolsonaro lidera e disputa por vaga no segundo turno se acirra. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 jan. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/01/1954606-sem-lula-disputa-por-vaga-no-segundo-turno-se-acirra.shtml>> Acesso em: 6 dez. 2021.

SENRA, Ricardo. 'República está com dias contados', dizem monarquistas após protestos. **BBC News Brasil**, São Paulo, 17 ago. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150816_salasocial_monarquia_protestos_rs> Acesso em: 4 dez. 2021.

SILVA, Camila Rodrigues et al. Brasil atinge 600 mil mortes por Covid com pandemia em desaceleração. **G1**, 8 out. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/08/brasil-atinge-600-mil-mortes-por-covid-com-pandemia-em-desaceleracao.ghtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

SILVA, Mateus Fernandes Brum da. **O Globalismo e o papel do Exército Brasileiro**. 2019. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro no Maranhão: "Vamos mandar embora o comunismo do Brasil". **Correio Braziliense**, Brasília, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4885472-bolsonaro-no-maranhao-vamos-mandar-embora-o-comunismo-do-brasil.html>> Acesso em: 3 dez. 2021.

SOBRINHO, Wanderley Preite. *YouTube* pagou R\$ 15 mi a canais acusados de *fake news*, estima levantamento. **UOL**, São Paulo, 05 set. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/05/fake-news-canais-bolsonaristas-tse-policia-federal-monetizacao-youtube.htm>> Acesso em: 2 nov. 2021.

TAVARES, Flávia. Olavo de Carvalho, o guru da direita que rejeita o que dizem seus fãs. **Época**, Rio de Janeiro, 23 nov. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/olavo-de-carvalho-guru-da-direita-que-rejeita-que-dizem-seus-fas-23254692>> Acesso em: 4 dez. 2021.

TORRES, Thiago. **YouTube**. *Chavoso da USP*, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ChavosodaUSP/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

TREINTA, Alexandre Borges Villa. **O globalismo e seu aparato Ideológico: impactos na sociedade brasileira**. 2019. 113 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

TRUE OUTSPEAK. [Locução de]: Olavo de Carvalho. [S.I.]: *True Outspeak*, dez. 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/3nsMmbKanv0lsk7npi8Rvb>> Acesso em: 4 dez. 2021.

TV ESCOLA dá espaço a produção revisionista. **IstoÉ**, São Paulo, 10 dez. 2019. Disponível em: <<https://istoe.com.br/tv-escola-da-espaco-a-producao-revisionista/>> Acesso em: 14 jan. 2022.

TWITTER suspende nova conta do bolsonarista Allan dos Santos. **CartaCapital**, São Paulo, 5 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/twitter-suspende-nova-conta-do-bolsonarista-allan-dos-santos/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. **Sessão 220 - Negacionismo: Educação sob ataque e a negação da Ciência - Congresso Acadêmico**. São Paulo: Unifesp, 24 jun. 2021. 1 vídeo (147 min). Publicado pelo canal Unifesp – Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <<https://youtu.be/GfMkuf1F1CI>> Acesso em: 26 jan. 2022.

UOL. **DEPUTADOS PARTEM PARA AGRESSÃO, E SESSÃO TERMINA EM CONFUSÃO EM SP**. São Paulo: UOL, 4 dez. 2019. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVU1ij-SITE>> Acesso em: 4 dez. 2021.

VAL, Arthur do. **YouTube**. Mamaefalei, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Mamaefalei/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

VEJA 10 frases polêmicas de Bolsonaro sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/veja-10-frases-polemicasde-bolsonaro-sobre-o-golpe-de-1964-e-a-ditadura-militar.shtml>> Acesso em: 3 dez. 2021.

VIANA, Natalia. A direita abraça a rede. **Agência Pública**, São Paulo, 22 jun. de 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>> Acesso em: 26 out. 2021.

VÍDEO mostra Bial dizendo que não ocorreu golpe em 64 e a invertida que tomou de Jô Soares. **Brasil 247**, São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/tanostrends/video-mostra-bial-dizendo-que-nao-ocorreu-golpe-em-64-e-a-invertida-que-tomou-de-jo-soares-video>> Acesso em: 7 nov. 2021.

VIEIRA, Isabela. Manifestação contra “ideologia de gênero” termina em agressão a estudante no Rio. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 1 out. 2016. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-10/manifestacao-contra-ideologia-de-genero-termina-em-agressao-estudante-no-rio>> Acesso em: 4 dez. 2021.

VIZEU, Rodrigo. Família imperial quer usar clima de divisão para restaurar monarquia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 abr. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1764271-familia-imperial-quer-usar-clima-de-divisao-para-restaurar-monarquia.shtml>> Acesso em: 4 dez. 2021.

VULCANA, Dimitra. *YouTube. Doutora Drag – Dimitra Vulcana*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DoutoraDrag/about>> Acesso em: 15 jan. 2022.

WOERDENBAG FILHO, João Luiz. **Estréia do novo programa mensal: Lobão e Olavo, Olavo e Lobão**. Rio de Janeiro: Lobão Entrevista, 21 nov. 2013. 1 vídeo (128 min). Publicado pelo canal Lobão Entrevista. Disponível em: <<https://youtu.be/7UWSwla8yag>> Acesso em: 5 dez. 2021.

WOERDENBAG FILHO, João Luiz. *YouTube*. Lobão Entrevista, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Jo%C3%A3oLuizWoerdenbagFilho/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

WOERDENBAG FILHO, João Luiz. *YouTube*. Lobão Oficial, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/Lob%C3%A3oOficialChannel/about>> Acesso em: 4 dez. 2021.

YOUTUBE vê explosão da produção de conteúdo. **IstoÉ**, São Paulo, 22 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/youtube-ve-explosao-da-producao-de-conteudo-2/>> Acesso em: 5 dez. 2021.

ZANINI, Fábio. Datafolha: Lula lidera corrida eleitoral de 2022 e marca 55% contra 32% de Bolsonaro no 2º turno. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mai. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/datafolha-lula-lidera-corrida-eleitoral-de-2022-e-marca-55-contra-32-de-bolsonaro-no-2o-turno.shtml>> Acesso em: 5 dez. 2021.

ZANINI, Fábio. Onde está Dâniel Fraga, o Belchior ultraliberal que peitou o Estado e virou lenda? **Folha de S. Paulo**, São Paulo. 9 ago. 2019a. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/08/09/onde-esta-daniel-fraga-o-belchior-liberal-que-peitou-o-estado/>> Acesso em: 6 dez. 2021.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALBERTI, Verena. “A ética no trabalho do historiador”. Trabalho apresentado à mesa redonda durante a “Jornada da Anpuh: história e ética”, 2014, Rio de Janeiro, RJ.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n. 8, 2011.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 80, p. 71-96, 2010.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [recurso digital], 1995.

ANDERSON, Perry. **Brasil à parte: 1964-2019**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

ANPUH-Brasil. **História e negacionismo: e agora ANPUH?** Brasil: ANPUH-Brasil, 2 jul. 2020. 1 vídeo (133 min). Publicado pelo canal Associação Nacional de História - Anpuh Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/f2bB6aiGaEY>> Acesso em: 26 jan. 2021.

ATKINS, Stephen E. *Holocaust denial as an international movement*. Westport: Praeger Publishers, 2009.

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**, v. 42, p. 161-184, 2021. p. 167.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latinoamericanas. **Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC**, p. 1-26, 2016.

BALESTRO, Mayara; PEREIRA, Eduardo. In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil**. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, vol. I: Princípios e conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2013a.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, vol. II: Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Petrópolis: Vozes, 2013b.

BIANCHI, Alvaro. Revolução passiva e crise de hegemonia no Brasil contemporâneo. **Outubro**, v. 28, p. 27-35, 2017.

BRESCIANO, Juan Andrés. *Clio en red. El acontecer histórico en contextos virtuales*. Montevideo: Ediciones Cruz del Sur, 2015.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise da América Latina: Consenso de Washington ou crise fiscal? **Pesquisa e planejamento econômico**, v. 21, n. 1, p. 3-23, 1991.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CALDEIRA NETO, Odilon. Memória e justiça: o negacionismo e a falsificação da história. **Antíteses**, Londrina, v. 2, n. 4, p. 1097-1123. jul./dez. 2009.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, Ceará, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CARVALHO, Ana Amélia. A *World Wide Web* e o Ensino da História. In: BARCA, Isabel (Orgs.). **Para uma educação histórica de qualidade**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2004.

CARVALHO, Guilherme Paiva de. Uma reflexão sobre a rede mundial de computadores. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 2, p. 549-554, 2006.

CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira**: do boom ao caos econômico. São Paulo: Editora Todavia SA, 2018.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A tragédia e a farsa**: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo. Expressão Popular, 2020a.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. Fórum da Liberdade: o grande palco das direitas e do movimento reacionário no Brasil. In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo**: reflexões sobre o Brasil. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020b.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. “Sobre as mulheres, um silêncio que gritava”: duas décadas da primeira obra historiográfica sobre mulheres e Ditadura Militar no Brasil, entrevista com a professora Dra. Ana Maria Colling. **Em Tempo de Histórias**, Distrito Federal, n. 38, p. 213-224, jan./jun. 2021

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [recurso digital], 1982.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. 39º Encontro Anual da ANPOCS, 2015, São Paulo.

CÓRDOVA, Yasodara. Como o *youtube* se tornou um celeiro da nova direita radical. **The Intercept Brasil**, Rio de Janeiro, 10 jan. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/01/09/youtube-direita/>> Acesso em: 24 jan. 2021.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**: um estudo sobre seu pensamento político. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

DIAS, Edmundo Fernandes et al. **O outro Gramsci**. São Paulo: Xamã, 1996.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Ação Política, Poder e Golpe de Classe. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Boitempo Editorial, 1997.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart: entre a memória e a história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, v. 9, n. 20, p. 5-74, jan./abr. 2017.

FICO, Carlos. **O grande irmão**. Da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FIRMINO, Karine Rodrigues. Brasil Paralelo: um empreendimento de disputa política e simbólica da (s) direita (s) recente (s). In: Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil**. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020.

FONTANA, Josep. **La Historia de los Hombres**. 1. ed. Barcelona: Crítica, 2001.

FONTES, Virgínia. Capitalismo, crises e conjuntura. **Serviço Social & Sociedade**, p. 409-425, 2017.

FONTES, Virgínia. História e verdade. **Revista Ciências & Letras**, Porto Alegre, v. 2, n. 18, p. 167-189, 1997.

FUCHS, Christian. *Web 2.0, prosumption, and surveillance*. **Surveillance & Society**, v. 8, n. 3, 2011, p. 288-309.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos liberais e neoliberalismo no Brasil da Nova República**. 2003. p. 127. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Porto Alegre, 2003.

HABERMAS, Jürgen. Tendências Apologéticas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 25, p. 16-27, 1989.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Angela de Castro (coord.). **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro, FGV, 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet; ARRUTI, José Maurício. Memória e reconhecimento: notas sobre as disputas contemporâneas pela gestão da memória na França e no Brasil. In: MONTEIRO, Ana Maria et al. **Qual o valor da história hoje?** Editora FGV, 2012.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

LEPCOM. **Live com Marcos Napolitano: o negacionismo na História**. Brasil: LEPCOM, 2021. 1 vídeo (59 min). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLppU_AnUhE/> Acesso em: 31 ago. 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Rômulo André. A lei geral de acumulação capitalista e as crises cíclicas. XXXVII Encontro Nacional de Economia da ANPEC, Foz do Iguaçu, 2009.

LOIOLA, Daniel Felipe Emergente. **Recomendado Para Você: o impacto do algoritmo do YouTube na formação de bolhas**. 2018. 165 p. (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos 24 debates sobre *Public History*. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 7, n. 15, p. 27-50, mai. 2014.

MARTINS, Andréia. Argentina é modelo na hora de punir crimes da ditadura, diz analista. **UOL**, São Paulo, 15 nov. 2011. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2011/11/13/crimes-na-ditadura-argentina-e-modelo-na-regiao-paraguai-tenta-superar-fracasso-da-comissao-da-verdade.htm>> Acesso em: 14 jan. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo Editorial. 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro 3: O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo Editorial. 2017.

MATTOS, Marcelo Badaró. Junho e nós: das jornadas de 2013 ao quadro atual. **Blog Junho**, 2015. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br/tag/revolucaoedeoutubro/>> Acesso em: 3 dez. 2021.

MATTOS, Marcelo Badaró. O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. **Revista Brasileira de História**, v. 28, p. 245-263, 2008.

MELO, Demian Bezerra de; HOEVELER, Rejane Carolina. Muito além da conspiração: Uma reavaliação crítica da obra de René Dreifuss. **Tempos Históricos**, Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 13-43, 2014.

MELO, Demian Bezerra de. **A Miséria da Historiografia: O revisionismo historiográfico 40 anos depois do golpe de 1964.** 2005. 98 p. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MELO, Demian Bezerra de. As reflexões de Gramsci sobre o fascismo e o estudo da direita contemporânea: notas de pesquisa. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E O MARXISMO 2017 – DE O CAPITAL À REVOLUÇÃO DE OUTUBRO (1867-1917), 2017, Niterói, RJ. **Anais**, Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense: NIEP-Marx, 2017.

Disponível em:

<<https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC45/mc454.pdf>>

Acesso em: 4 dez. 2021.

MELO, Demian Bezerra de. Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. **Marx e o Marxismo**, Niterói, v. 1, n. 1, jul./dez. 2013.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.

MIRANDA, João Elter Borges. Existe uma nova direita no Brasil contemporâneo? In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil.** Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020.

MONTEIRO, Tiago Francisco. As divisões políticas da primeira elite castrense da ditadura chilena (1973-1978): grupos políticos, alternativas institucionais e formação profissional. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n.10, p. 397-429, jul./dez. 2013.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, 2011.

MOTA, Leonardo de Araújo e. Capitalismo contemporâneo, desigualdades sociais e a crise de 2008. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 1, n. 1, p. 051-064, 2013.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e memória. **Revista Cadernos do CEOM**, v. 16, n. 17, p. 179-200, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** 2000. 368 f. 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. **Locus: revista de história**, v. 13, n. 2, 2007.

NALON, Tai. Rede de desinformação do 'Jornal da Cidade Online' irriga site de viúva de Ustra. **Aos Fatos**, Rio de Janeiro, 22 abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/rede-de-desinformacao-do-jornal-da-cidade-online-irriga-site-de-viuva-de-ustra/>> Acesso em: 15 jan. 2022.

- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. Editora Contexto, 2014.
- NASCIMENTO, Rodnei. Apresentação. In: LÖWY, Michael. **A teoria da revolução no jovem Marx**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papius, 2010
- NICOLAZZI, Fernando. 2019 – O Brasil Paralelo entre o passado histórico e a picanha de papelão (por Fernando Nicolazzi). **Sul21**, Porto Alegre, 7 abr. 2019. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opiniao/2019/04/2019-o-brasil-paralelo-entre-o-passado-historico-e-a-picanha-de-papelao-por-fernando-nicolazzi/>> Acesso em: 5 dez. 2021.
- NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. **Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia**. 2021.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- O'REILLY, Tim. Harnessing Collective Intelligence. **O'Reilly Radar**, Sebastopol, 10 nov. 2006. Disponível em: <<http://radar.oreilly.com/archives/2006/11/harnessing-coll.html>> Acesso em: 4 dez. 2021.
- OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. **Revista Brasileira de História**, v. 39, p. 37-59, 2019.
- PARRA, Henrique et al. Infraestruturas, economia e política informacional: o caso do Google Suite for Education. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 63-99, jan./jun. 2018.
- PATSCHIKI, Lucas. Olavo de Carvalho: uma biografia. In: BALESTRO, Mayara; MIRANDA, João Elter Borges (Orgs.). **Nova Direita, bolsonarismo e fascismo: reflexões sobre o Brasil**. Ponta Grossa: Textos e Contexto, 2020.
- PAULO, Diego Martins Doria. Os mitos da Brasil Paralelo - uma face da extrema-direita brasileira (2016- 2020). **Rebela**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan./abr. 2020.
- PENA, Lara. “Globalismo”: o discurso em política internacional sob a ideologia da nova extrema direita brasileira. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 18, n. 36, p. 371-386, 2019.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 863-902, set./dez. 2015.
- PIERUCCI, Antonio Flávio. As bases da Nova Direita. **Novos Estudos (CEBRAP)**, São Paulo, vol. 3, n. 19, dez. 1987.
- PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (Ed.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. Expressão Popular, 2019.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio Estudos Históricos de Janeiro, v. 2 , n. 3, 1989.

POTTER, Hyury. A Lei da Anistia e o esquecimento dos crimes da ditadura. **DW Brasil**, São Paulo, 17 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-lei-da-anistia-e-o-esquecimento-dos-crimes-da-ditadura-militar/a-45082182>> Acesso em: 14 jan. 2022.

PUGLIA, Leonardo Seabra. Gramsci e os intelectuais de Direita no Brasil Contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 12, p. 40-54, dez. 2018.

REVISTA SIGNIFICAÇÃO. **A opacidade e a transparência no cinema - Ismail Xavier**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 6 jul. 2018. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Revista Significação. Disponível em: <<https://youtu.be/ZLVF94mZZnI>> Acesso em: 14 jan. 2022.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. 2. ed. Editora UNESP, 2010.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: *think tanks* de direita na América Latina. In: CRUZ; KAYSEL; CODAS (Org.). **Direita, Volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: Uma Gênese da Nova Direita Brasileira (2006-2018). 2018. 232 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminho, 2021.

ROLLEMBERG, Denise. **O apoio de Cuba à luta armada no Brasil**: o treinamento guerrilheiro. Mauad Editora Ltda, 2001.

ROSA, Pablo Ornelas; REZENDE, Rafael Alves; DE VARGAS MARTINS, Victória Mariani. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 164- 203, dez. 2018.

SAAD FILHO, Alfredo. Neoliberalismo: Uma análise marxista. **Marx e o Marxismo**, Niterói, v. 3, n. 4, p. 58- 72, jan./jun. 2015.

SEBRAE. Entenda o que é crowdfunding. **Sebrae**, Maceió, 17 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/artigoshome/entenda-o-que-e-crowdfunding,8a733374edc2f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 4 dez. 2021.

SECCO, Lincoln. Gramscismo: uma ideologia da extrema-direita. **Blog da Boitempo**, São Paulo, 8 mai. 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/08/gramscismo-uma-ideologia-da-extrema-direita/>> Acesso em: 28 set. 2021.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SILVA, Michel Goulart da. Reflexões sobre o “Marxismo Cultural”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 3, p. 77-82, 2020.

SILVA, Rodrigo Oliveira. **Um mapa da “direita” no *You Tube* do Brasil através dos métodos digitais. 2018.** 157 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

SOUTELO, Luciana de Castro. **A memória do 25 de Abril nos anos do cavaquismo: o desenvolvimento do revisionismo histórico através da imprensa (1985-1995).** Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Universidade do Porto, Porto, 2009.

TOITIO, Rafael. “Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 80-108, abr./jun. 2020.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: Golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. **Crítica Marxista**, São Paulo, v.1, n.19, p.27-48. 2004.

TOLEDO, Caio Navarro de. Crônica política sobre um documento contra a "ditabranda". **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, p. 209-217, 2009.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar.** História, memória e política. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

TURIN, Rodrigo. Os tempos da Independência: entre a História disciplinar e a História como serviço. **Almanack**, Guarulhos, n. 25, p. 1-39. 2020.

UFSC. **UFSC Explica - Liberdade de Cátedra.** Florianópolis: UFSC, 1 nov. 2018. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal UFSC. Disponível em: <<https://youtu.be/UpjoY6cWL8s>> Acesso em: 5 dez. 2021.

VARGAS, Neide César. Negacionismo histórico e neoliberalismo à brasileira. **Sociedade Brasileira de Economia Política.** Rio de Janeiro, [2021?].

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória:** um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.